

CAMILLE FLAMMARION

O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS
PSÍQUICOS

VOLUME 1



INTRODUÇÃO

I
OS INCREDULOS

II
OS CREDULOS

III
AS MANIFESTAÇÕES TELEPATICAS DE
AGONIZANTE E AS APARIÇÕES

IV
ADMISSÃO DOS FATOS

V
DAS ALUCINAÇÕES PRÓPRIAMENTE DITAS



INTRODUÇÃO

As constantes e universais aspirações da humanidade pensante, a lembrança e o respeito dos mortos, a idéia inata de uma justiça imanente, o sentimento de nossa consciência e de nossas faculdades intelectuais, a miserável incoerência dos destinos terrestres, comparada à ordem matemática que rege o Universo, a imensa vertigem do infinito e da eternidade que nos vem das alturas da noite constelada e, no fundo de todas as nossas concepções, a identidade

permanente do nosso eu, apesar das variações e das transformações perpétuas da substancia cerebral - tudo concorre para nos dar a convicção da existência de nossa alma como entidade individual, da sua sobrevivência destruição do nosso organismo corporal e da sua imortalidade

A demonstração científica, entretanto, não está ainda feita, e os fisiologistas ensinam, ao contrário, que o pensamento é uma função do cérebro, que sem este não há pensamento e que tudo em nós se extingue com a morte do corpo. Há flagrante contradição entre as superiores aspirações da Humanidade e as conclusões da chamada ciência positiva

Por outro lado, não se pode saber, nem se pode afirmar, senão aquilo que se conseguiu aprender, e ninguém saberão jamais senão o que lhe for dado aprender. Somente a Ciência progride na história atual da humanidade. Ainda que bem raramente se lhe faça a justiça e se lhe testemunhe o reconhecimento a que, faz jus, a verdade é que a Ciência transformou o mundo. Estão firmados sobre ela, na época presente, os alicerces da nossa vida intelectual e mesmo da nossa vida material. Somente a Ciência nos pôde esclarecer e conduzir .

Esta obra é um ensaio de análise científica de fatos considerados, geralmente, como estranhos da Ciência e até mesmo como incertos, fabulosos e mais ou menos imaginários.

Mostrarei que tais fatos existem.

Tentara aplicar os métodos das ciências de observação da constatação e da análise de fenômenos relegados, até agora, em regra, ao domínio dos contos, do maravilhoso ou do sobrenatural e procurarei demonstrar que eles são produzidos

por forças ainda desconhecidas e pertencentes a um mundo invisível, natural, diferente do que é abrangido pelos nossos sentidos.

E racional esse tentame E lógico Poderá conduzir-nos a resultados apreciáveis! Ignoro Contudo, não há negar que seja ele interessante.

E se puder indicar-nos o caminho a seguir para chegarmos ao conhecimento da natureza da alma humana e da demonstração científica da sua sobrevivência, conduzirá certamente a Humanidade a um progresso superior a todos os que lhe têm sido trazidos, até aqui pela evolução gradual de todas as outras ciências reunidas.

A razão humana não pode admitir, como certo, senão o que se acha demonstrado. Mas, por outro lado, não temos o direito de negar coisa alguma a priori pois que o testemunho dos nossos sentidos é incompleto.

E' nosso dever encetarmos o estudo de qualquer questão, sem nenhuma idéia preconcebida e nos dispormos a admitir o que ficar provado, negando-nos, pelo contrário, a admitir o que não tiver essa comprovação necessária.

Geralmente, em todas as questões que se referem à telepatia, as aparições, a vista a distancia, a sugestão mental, aos sonhos premonitórios, ao magnetismo, as manifestações psíquicas, ao hipnotismo, ao Espiritismo e a certas crenças religiosas, o que surpreende é o descaso que se tem feito do senso critico no exame dos assuntos em discussão, em contraste com a profusão incoerente de tolices que se tem acolhido como verdades.

E' aplicável, porém, o método de observação científica a todas essas pesquisas Eis o que nos cumpre desde logo apreciar, através mesmo dessas pesquisas.

Em principio, não devemos dar crédito à coisa alguma provas. Dois métodos apenas existem, nesse terreno: o da antiga escolástica, que afirmava certas verdades à priori as quais deviam os fatos adaptar-se, e o da ciência moderna proposto por Bacon, que parte da observação dos fatos e somente estabelece a teoria mediante a constatação dos mesmos.

Excusado seria acrescentar que o segundo desses métodos é o aplicado nestes estudos.

O programa da presente obra é essencialmente científico, Deixarei de lado, por principio, as coisas que não me parecem estar confirmadas, seja pela observação, seja pela experiência.

Muitos há que objetam: Que adianta pesquisar? Nada podereis encontrar nesse domínio, pois se acham segredos cujo conhecimento Deus a si próprio reserva. Sempre existiram pessoas que preferem a ignorância ao saber. Com esta maneira de raciocinar e de agir jamais ai chegaria a saber coisa alguma, e mais de uma vez foi ela aplicada também da pesquisas astronômicas. E' o modo de raciocinar dos que tem o hábito de não pensar por si mesmos e que entregam a pretensos mentores o cuidado de conservar em paz sua consciência confiando sempre a direção de outro.

Fingem outros objetar que esses capítulos das ciências ocultas fazem recuar o nosso saber para a Idade Média, em Lugar de impelir para o futuro luminoso, preparado pelo progresso moderno.

Ora, o estudo raciocinado desses fatos tem tanto poder para levar aos tempos dos sortilégios como o estudo dos fenômenos astronômicos o de conduzir-nos ao tempo da astrologia.

Ao começar esta obra, os meus olhos acabam de passar sobre o prefácio do livro do Conde Agenor de Gaspararin o que se segue:

Há uma expressão, pesada e agressiva, que importa ser esclarecida: o objetivo de meu trabalho não é sério. Em outros termos, não queremos saber se tendes ou não tendes razão; bastamos saber que a verdade, cuja defesa pretendeis tomar, não se acha em o número das verdades catalogadas e autorizadas, desfias de que a gente pode tratar sem comprometer verdades confessa eis, verdades sérias. Existem verdades ridículas; tanto pior para elas! Sua oportunidade chegar talvez e então as pessoas que se respeitam dignar a tomar sob a sua proteção; mas, esperando essa oportunidade, por todo o tempo em que existam pessoas que pisquem os olhos ao ouvir falar de tais verdades ou que a respeito das mesmas haja murmúrios de zombaria nos salões, ser de mau gosto afrontar o clamor da opinião assentada. Não nos faleis da verdade! Trata-se de guardar as conveniências, de ter compostura, de não se afastar da trilha por onde marcham enfileirados os homens sérios.

Estas palavras, escritas há quase meio século, são sempre verdadeiras. A nossa pobre espécie humana, tão ignorante de tudo, para a qual as horas se passam, em geral, tão estupidamente, compreende em suas fileiras indivíduos que tem por si mesmos uma admiração muito séria, e se consideram, por isso, capazes de julgar os homens e as coisas. Só ha um partido a tomar quando se estuda uma questão qualquer: não se preocupar com esses indivíduos, ruem com as suas opiniões públicas ou particulares e ir direito, de frente deles, na pesquisa da verdade. Três quartas partes da Humanidade são constituídas de seres ainda

incapazes de compreender essa pesquisa e que vivem sem pensar por si mesmos. Deixemo-los com os seus julgamentos superficiais e desprovidos de valor real.

Há muito tempo que me ocupo destas questões, nas horas de lazer, que me restam dos meus trabalhos astronômicos. Meu antigo diploma de associado livre da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, assinados por Allan Kardec, acaba de passar sob os meus olhos: é datado de 15 de Novembro de 1861. (Eu tinha então 19 anos e já estava há três anos como aluno astrônomo do Observatório de Paris.) Há mais de um terço de século tenho estado ao corrente da maior parte dos fenômenos observados no conjunto do nosso Globo e tenho examinado a maior parte dos médiuns. Sempre me pareceu que esses fenômenos mereciam estudados com um critério de livre exame e acreditei, em varias circunstancias, que devia insistir neste ponto (*) . E, sem dúvida alguma, por causa desta longa experiência pessoal, que tão insistentemente se me tem reclamado a redação desta obra.

(*) Vede meu opúsculo Forças Naturais Desconhecidas (1865) (e Discurso pronunciado nos funerais de Allan Kardec 1869).

Do mesmo modo a prática habitual dos métodos experimentais e das ciências de observação, assegura um controle mais digno de confiança do que as vagas aproximações com que nos satisfazemos habitualmente na vida ordinária.

Eu, porém, continuava hesitante. Ter realmente, chegado o tempo de ser esse estudo iniciado? Estaremos suficientemente preparados para isso? Terá o fruto chegado o fruto da maturidade

Pode-se, entretanto, começar (e assim se procede razoavelmente). Os séculos se encarregarão de desenvolver o gérmen lançado na terra.

E este pois, um livro de estudos, concebido e executado com o exclusivo propósito de conhecer a realidade, sem preocupação das idéias geralmente admitidas até este momento, com a mais completa independência de espírito e o mais absoluto desinteresse para a opinião pública.

Necessário é, por outro lado, confessar que se este trabalho é interessante e por si mesmo pode-o apaixonar, do ponto de vista da pesquisa de verdades ainda não conhecidas, bastante ingratas é ele sob o ponto de vista da opinião pública. - Todo mundo ou, pelo menos, quase todo mundo desaprova os que lhe consagram algum tempo.

Pensam os homens de ciência que não constitui ele um assunto científico e que é sempre lamentável perder uma pessoa o seu tempo. Os que, pelo contrário, crêem cegamente nas comunicações espíritas, nos sonhos, nos pressentimentos as aparições, acham que é inútil introduzir nesses estudos um espírito crítico de análise e de exame.

Não podemos, de modo algum, desconhecer que o assunto permanece impreciso e obscuro e que teremos muita dificuldade em esclarecê-lo convenientemente.

Não servisse, porém, este trabalho senão para levar uma pequena pedra ao edifício dos Conhecimentos humanos, e eu já me considerava feliz em havê-lo empreendido.

O mais difícil para o homem é, quer me parecer, conservar absolutamente independente e livre de toda ambição pessoal; dizer o que pensa, o que sabe, sem receio algum da opinião que possam fazer a seu respeito, permanecendo alheio a tudo isso. Por em prática á divisa de

Jean Jacques, é acarretar inimigos sem conta. A Humanidade é, antes de tudo, uma raça egoísta, grosseira, bárbara, ignorante, covarde e hipócrita. Os seres que vivem pelo espírito e pelo coração, constituem exceção.

O mais curioso; talvez, é que a livre pesquisa da verdade desagrada a todo mundo, isso porque cada cérebro tem seus pequenos prejuízos, de que não se quer desapegar:

Se eu disser, por exemplo, que a imortalidade da alma, já ensinada pela Filosofia, será brevemente demonstrada experimentalmente pelas ciências psíquicas, mais de um céptico sorrirá da minha afirmativa.

Se, pelo contrário, eu afirmar que o espírita que evoca Sócrates ou Newton, Arquimedes ou Santo Agostinho, por meio da sua mesa, e que supõe conversar com eles, é vítima de uma ilusão, eis que todo um partido lançará mão de enormes pedras para lapidar-me.

Mas, ainda uma vez, não nos preocupemos com essas diversas opiniões.

E comum perguntar: - A que podem conduzir esses estudos sobre os problemas psíquicos.

- A mostrar que a alma existe e que não são quimeras as esperanças de imortalidade.

O materialismo é uma hipótese que não pode mais ser sustentada, desde que melhor conhecemos a matéria. Esta não oferece mais o sólido ponto de apoio que se lhe atribui.

Os corpos são constituídos de milhares de átomos invisíveis móveis, que não se tocam e se acham em perpétuo movimento uns ao redor dos outros; esses átomos, infinitamente pequenos, são presentemente considerados em si mesmos como centros de força. Onde está a matéria! Eia desaparece sob o influxo do dinamismo.

Uma lei intelectual rege o Universo, no organismo do qual o nosso planeta não é mais do que humilde órgão: é a lei do progresso. Mostrei em minha obra - O mundo antes da criação do homem - que o transformismo de Lamarck e de Darwin é apenas uma constatação de fatos e tudo uma causa (o produto não pode ser jamais superior a sua fonte produtora), e em minha obra - O Fim do Mundo- que nada pode acabar, pois que desde toda a eternidade tudo o que existiu, existe ainda.

O estudo do Universo faz-nos entrever a existência de um plano e de um fim, que não tem por objeto especial o habitante do nosso planeta e que são, aliás, indevassáveis pela nossa pequenez .

A lei do progresso, que rege a vida, a organização física dessa mesma vida, a atração dos sexos, a inconsciente providência das plantas, dos insetos, das aves, etc., para se assegurarem a ator progenitor; o exame dos principais fatos da História Natural estabeleceu, como escreveu Oersted, que á um princípio espiritual na Natureza (*) .

Os atos da vida habitual não nos mostram o pensamento senão no cérebro do homem e dos animais. Dessa observação concluíram os fisiologistas que o pensamento é uma propriedade, um produto do cérebro. Afirma-se, dizemos nós, que não há pensamento sem cérebro.

Ora, nada nos autoriza a admitir que a esfera de nossas abservações seja universal, que ela compreenda. todas as possibilidades da Natureza, em todos os mundos.

Ninguém tem o direito de afirmar que sem cérebro não possa existir pensamento.

Se um ou outro dos milhões de micróbios que habitam nosso corpo, procurasse generalizar suas impressões, poderia

conjeturar, navegando no sangue de nossas artérias ou de nossas veias, devorando nossos músculos, furando-nos os ossos, viajando pelos diversos órgãos do nosso corpo, desde a cabeça até os pés, que este corpo, como o seu, é regido por uma unidade orgânica ?

Estamos precisamente no mesmo caso relativamente ao Universo astral.

O Sol coração gigantesco do seu sistema, fonte de vida, resplandece no centro das órbitas planetárias, gravitando, por sua vez, em um organismo sideral mais vasto ainda.

(*) De acordo com o original Francês Há Espírito na Natureza: em outros termos: além da parte material, há uma parte espiritual na Natureza.

Não temos o direito de negar que uma idéia possa residir no espaço e dirigir seus movimentos como nós dirigimos os movimentos de nossos braços ou de nossas pernas.

A potencia instintiva que rege os seres vivos, as forças que entretêm as pulsações de nossos corações, a circulação de nosso sangue, a respiração de nossos pulmões, o funcionamento de nossos órgãos, têm uma existência tão positiva, como outras, no universo material, que regem condições de existência incomparavelmente mais importantes que as de um ser humano, pois que, por exemplo, se o Sol se extinguisse ou se o movimento da Terra fosse deslocado, não seria apenas um ente humano que viria a morrer, mas a população inteira do Globo, sem falar dos outros planetas.

Existe no cosmos um elemento dinâmico, invisível e imponderável, espalhado através do Universo, independente da matéria visível e ponderável e que age sobre ela. E neste elemento dinâmico ha uma inteligência superior a nossa (*).

Sim, sem dúvida alguma, nós pensamos pelo cérebro, do mesmo modo que vemos pelos olhos e ouvimos pelo sentido do ouvido; mas não é o nosso cérebro que pensa, da mesma forma que não são os nossos olhos que vêem. Que se diria de alguém que felicitasse uma luneta por ver nitidamente os canais de Marte? O olho é um órgão, como igualmente o é o cérebro.

(•) O grande químico Humphry Davy, o primeiro que experimentou o protóxido de azoto (em 1799), havia respirado, por ocasião de suas primeiras experiências, uma forte dose desse gás e perdido, por essa causa, os sentidos. Durante esse minuto de inconsciência aparente, percebeu ele impressões cerebrais extraordinárias, de que se recordou ao despertar, pelo menos no que diziam respeito a suas conseqüências metafísicas. Suas idéias, reconstituídas com energia, explodiram de repente nesta exclamação pronunciada no tom de um inspirado Nada mais existe do que o pensamento; o Universo compõe-se de impressões, de idéias, de alegrias e sofrimentos. (Sir Humphry Davy - *Lea Derniers Jours d'un Philosophe*, edição Yrancesa, prefácio, página XXI.)

Os problemas psíquicos não são, como parece por vezes, tão estranho assim aos problemas astronômicos. Se a alma é imortal, se o céu é a sua futura pátria, o conhecimento da alma não pode permanecer estranho ao conhecimento do céu. O espaço infinito não é o domínio da eternidade? Que há, portanto, de estranhável em que astrônomos tenham sido pensadores e pesquisadores, ansiosos de se esclarecerem sobre a natureza real do Homem, como a da Criação ? Não exprobrems a Schiaparelli, diretor do Observatório de Milão, observador assíduo do planeta Marte; ao Professor

Zoellner, do Observatório de Leipzig, autor de pesquisas importantes sobre os planetas a Crookes, que foi astrônomo antes de ser químico; o astrônomo-físico Huggins, e a tantos outros sábios como o Professor Richet, Wallace, Lombroso, etc., o terem procurado saber o que há de verdade em tais manifestações. A verdade é uma só e tudo se contém na Natureza.

Eu ousaria mesmo acrescentar que não haveria grande para nós em estudarmos o universo sideral, se estivéssemos certos de que ele nos é ficará eternamente estranho, se jamais pudéssemos em coisa alguma conhecê-lo pessoalmente. A imortalidade através das esferas siderais parece-me ser o complemento lógico da astronomia.

Em que nos pode o céu interessar, se não vivemos mais do que um dia sobre a Terra?

As ciências psíquicas acham-se muito retardadas relativamente, às ciências físicas.

A Astronomia teve seu Newton, a Biologia tem apenas o seu Copérnico, a Psicologia ainda dispõe somente dos seus Hipparchos e dos seus Ptolomeu. Tudo o que podemos fazer atualmente é recolher observações, coordenar e ajudar o desenvolvimento da nova ciência.

Pressente-se e pode-se prever que a religião do futuro será científica, será fundada no conhecimento dos fatos psíquicos. Esta religião da Ciência terá sobre todas as outras anteriores uma vantagem considerável: a unidade. Hoje, um judeu ou um protestante não admite o culto da Virgem e dos santos, um muçulmano abomina o cão do cristão, um budista repudia os dogmas do Ocidente. Nenhuma destas divisões poderia existir em uma religião fundada sobre a solução científica geral dos problemas psíquicos.

Estamos, porém, longe de chegar às questões de teorias ou de dogmas. O que importa, antes de tudo, é saber se em verdade os fenômenos de que se trata existem e de se evitar a perda de tempo e o ridículo de procurar a causa do que não existe! Constatemos desde logo os fatos (*). As teorias virão mais tarde. Esta obra será sobretudo composta de observações, de exemplos, de constatações, de testemunhos. O mínimo de frases possível.

Trata-se de acumular provas de tal sorte que a certeza resulte do acúmulo das mesmas.

Ensairemos uma classificação metódica dos fenômenos, reunindo em grupos aqueles que entre si oferecem maior analogia e procurando em seguida explicá-los.

Este livro não é um romance, mas um repositório de documentos, uma tese de estudo científico. Desejei, na sua confecção, seguir a máxima do astrônomo Laplace: Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da Natureza - escrevia ele, precisamente a propósito do magnetismo humano - que não seria próprio de um filósofo negar os fenômenos unicamente porque são eles inexplicáveis no estado atual de nossos conhecimentos. O que nos cumpre, apenas, é examiná-los com uma atenção escrupulosa e determinar até que ponto é preciso multiplicar as observações ou as experiências, a fim de obter uma probabilidade superior as razões que se pode invocar, por outro lado, para não admiti-las. A

Esta conhecido o nosso programa: Aqueles que estiverem dispostos a seguir-nos, verão que, se este trabalho tem um mérito, é o da sinceridade. Desejamos saber se pode chegar d afirmativa de que os fenômenos misteriosos de que a Humanidade parece ter sido testemunha, desde a mais

remota antiguidade, existem realmente. Não temos outro objetivo senão a pesquisa da verdade.

Paris, Março de 1900.

(*) Foi este o único mérito de alguns sábios que não quiseram render-se a evidencia do fenómeno espírita, entre eles figurando em primeiro plano o admirável Richet.

I

OS INCREDULOS

Crer que tudo se sabe é um erro profundo: O horizonte tomar por limites do mundo.

LEMIERRE.

Uns grandes números de homens sofrem de verdadeira , miopia intelectual e, segundo a imagem precisa de Lemierre, tomam o seu horizonte pelos limites do mundo. Os fatos novos, as idéias novas os ofuscam, os horripilam. Não querem ver mudança alguma na marcha costumeira das coisas. A história do progresso dos conhecimentos humanos é para eles letra morta.

A audácia dos pesquisadores, dos inventores, dos revolucionários, parece-lhes criminosa. Afigura-se-lhes, aos

seus olhos, que a humanidade tenha sido sempre o que é hoje, e eles não se lembram nem da idade da Pedra, nem da invenção do fogo ou das casas, das carruagens e dos caminhos de ferro, nem das conquistas do espírito nem das descobertas da Ciência. Neles ainda se encontram alguns traços da herança dos peixes e quiçá dos moluscos.

Comodamente assentados, de resto, em suas largas poltronas, esses admiráveis burgueses aí conservam imperturbável satisfeitos. São absolutamente incapazes de admitir o que não comprEendem e nem sequer desconfiam de que nem tudo compreendem.

Ignoram que no fundo da explicação de todos os fenômenos da natureza está o desconhecido, e contentam-se com simples mudanças de palavras. Por que razão cai uma pedra? Porque a Terra a atrai. Uma resposta assim tão clara. basta à sua ambição. Acreditam eles compreender. Uma fraseologia clássica os seduz como no tempo de Molière: *ossabandus, nequeis, nequer, potarinum quipsa milus. . .*, eis aí justamente o que faz com que vossa filha seja muda, dizia Sganarelo.

Em todos os séculos, quaisquer que sejam os graus de civilização, encontram-se desses homens simples, tranquilos, nem sempre desprovidos de vaidade, que negam candidamente as coisas inexplicáveis e que pretendem julgar a insondável organização do Universo . Tais como duas formigas, em um jardim, entretendo-se a trocar idéias sobre a história da França ou sobre a distância a que nos encontramos do Sol.

Percorramos a História e edifiquemo-nos com alguns desses exemplos .

A escola de Pitágoras, libertando-se das idéias comuns sobre a natureza, elevava-se até à noção do movimento diurno do nosso planeta, que poupa ao céu imenso e sem limites a obrigação absurda de girar em vinte e quatro horas em torno de um ponto insignificante. Que o sufrágio universal se revolte contra esta idéia genial, ainda se tolera: não se pode pedir a um elefante que voe até o ninho das águias. Mas a força dos prejuízos vulgares é tal que, mesmo espíritos superiores como o próprio Platão e Arquimedes, essas duas brilhantes inteligências, sentiram-se na impossibilidade de elevar-se a esta concepção, recusada até pelos astrônomos Hipparcho e Ptolomeu. Este não pôde conter-se de rir a bandeiras despregadas de uma tal chocarrice. Qualifica ele a teoria do movimento da Terra de completamente ridícula .

A expressão é sobremodo pitoresca. Como que se vê o ventre de um bom monge, a sacudir-se e rebolar-se todo, diante de um gracejo desta força, pano guéloïotaton! Deus do céu, como isto é divertido ! A Terra a girar. Estão doidos os pitagóricos: a cabeça deles é que gira.

Sócrates bebe a cicuta por se ter libertado das superstições de seu tempo. Anaxágoras é perseguido por ter ousado ensinar que o Sol é maior que o Peloponeso .

Dois mil anos mais tarde, Galileu é perseguido, a seu turno, por afirmar a grandeza do sistema do mundo a insignificância do nosso planeta.

A passos lentos avança a pesquisa da verdade, mas as paixões humanas e os cegos interesses dominadores permanecem inalteráveis .

E a dúvida ainda perdura, apesar das provas acumuladas por toda a moderna astronomia. Não possuímos nós, em

nossas bibliotecas, uma obra publicada em 1806 expressamente contra o movimento da Terra e na qual seu autor declara que jamais poderá admitir esteja ela a girar como um capão assado ao espeto?

Esse intrépido capão era um homem, aliás, de bastante espírito (o que não exclui a ignorância); era um membro do Instituto, ostentando o nome de Mercier, mais conhecido por seu Tableau de Paris e que se poderia supor dotado de um critério mais elevado e mais firme.

Assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia das Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Édison à douta assembléia . Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu respectivo cilindro . Viu-se então um acadêmico de idade madura, de espírito penetrado, saturado mesmo das tradições de sua cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Édison e agarrá-lo pelo pescoço, gritando Miserável ! nós não seremos ludibriados por um ventríloquo! Senhor Bouillaud chamava-se este membro do Instituto . Foi isso a 11 de Março de 1878 . Mais curioso ainda, é que seis meses após, a 30 de Setembro, em uma sessão análoga, sentiu-se ele muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constataria no caso mais do que simples ventríloqua, mesmo porque não se pode admitir que um vil metal possa substituir o sobre aparelho da fonação humana . Segundo esse acadêmico, o fonógrafo não era mais do que uma ilusão de acústica.

Quando Lavoisier procedeu à análise do ar e descobriu que o mesmo se compõe principalmente de dois gases, o

oxigênio e o azoto, esta descoberta desconcertou mais de um espírito positivo e equilibrado.

Um membro da Academia das Ciências, o químico Baumé (inventor do areômetro), acreditando firmemente nos quatro elementos da ciência antiga, escrevia doutoralmente: Os elementos ou princípios dos corpos têm sido reconhecidos e confirmados pelos físicos de todos os séculos e de todas as nações. Não é presumível que esses elementos, considerados como tais durante um lapso de dois mil anos, sejam postos, em nossos dias, em o número das substâncias compostas, e que se possa dar como certos tais processos para decompor a água e o ar e tais raciocínios absurdos, para não dizer coisa pior, com que se pretende negar a existência do fogo e da terra.

As propriedades reconhecidas nos elementos correspondem a todos os conhecimentos físicos e químicos adquiridos até o presente; têm elas servido de base a uma infinidade de descobertas e de teorias, cada qual mais luminosa, às quais seria preciso retirar toda confiança, se o fogo, o ar, a água e a terra não fossem mais reconhecidos como elementos.

Todo o mundo sabe hoje em dia que esses quatro elementos, tão religiosamente defendidos, não existem e que a razão está do lado dos químicos modernos que conseguiram decompor o ar e a água. Quanto ao fogo ou flogístico que, segundo Baumé e seus contemporâneos, era o deus ex machina da natureza e da vida, ele jamais existiu senão na imaginação dos professores.

O próprio Lavoisier, esse grande químico, não está indene da mesma acusação contra os que supõem tudo descoberto, pois que ele dirigiu um sábio relatório à

Academia para demonstrar que , não podem cair pedras do céu. Ora, a queda de aerólitos, a propósito da qual ele escreveu esse relatório oficial, tinham sido observados todos os seus detalhes: tinha-se visto e ouvido o bólido explodir, bem como o aerólito cair, tendo sido levantado do chão ainda ardente, para ser em seguida submetido ao exame da Academia. E esta Academia declarou, pelo órgão do seu relator, que a coisa era inacreditável e inadmissível. Assinalemos também que há milhares de anos caem pedras do céu diante de centenas de testemunhas, que tem sido apanhado grande número dessas pedras, tendo sido conservadas diversas nas igrejas, nos museus, nas coleções. Mas faltava ainda, no fim do último século, um homem independente para afirmar que de fato caem essas pedras do céu: tal homem foi Chladui.

Não atiro pedras em Lavoisier nem noutra qualquer pessoa, entenda-se bem, mas na tirania dos prejuízos. Não se acreditava, não se queria acreditar que pudessem cair pedras do céu. Isso parecia contrário ao bom senso. Por exemplo, Gassendi é um dos espíritos mais independentes e mais esclarecidos do XVII século. Um aerólito que pesava trinta quilogramas caiu na Provença, em 162?, em um dia de sol muito claro: Gassendi viu-o, tocou-o, examinou-o - e o atribuiu a qualquer erupção vulcânica terrestre desconhecida.

Os professores peripatéticos do tempo de Galileu afirmaram doutoralmente que o Sol não podia ter manchas.

O espectro de Brocken, a fato Morgana, a miragem foram negados por grande número de pessoas sensatas, enquanto não puderam ser explicados.

Não há muito tempo ainda (1890) que a faísca elétrica era posta em dúvida em plena Academia das Ciências de

Paris, por aquele mesmo dos membros do Instituto, que melhor devia conhecê-la.

A história dos progressos da Ciência mostra-nos, a cada instante, que de observações simples e quase vulgares podem provir grandes e fecundos resultados.

No domínio do estudo científico não se deve desdenhar de coisa alguma. Que maravilhosa transformação da vida moderna foi produzida pela eletricidade! Telégrafo, telefone, luz elétrica, motores ligeiros e rápidos, etc., etc. Sem a eletricidade, as nações, as cidades, os costumes seriam bem outros. Sem ela, por exemplo, a locomotiva a vapor não teria experimentado tantos melhoramentos, porque se as estações não pudessem comunicar-se instantaneamente umas com as outras, os trens não poderiam circular com segurança em suas linhas. Ora, o berço desta admirável fada está humildemente velado nos primeiros albores, apenas sensíveis, da nascente aurora. Não se distinguem aí mais do que elementos muito vagos, que olhares perspicazes tiveram a glória de assinalar e de apontar à atenção do mundo.

E digno de rememoração o caldo de rãs de Mme. Galvâni, em 1791. Galvani desposara a encantadora filha de seu antigo professor, Lúcia Galeózzī e amava-a enternecidamente . Estava ela doente dos pulmões em Boulogne. O médico recomendara um caldo de rãs, alimento aliás excelente. O próprio Galvani se dispôs a prepará-lo.

Assentado na varanda de sua casa, conta-se, o esfolara um certo número desses pequenos animais, pendurando os membros inferiores, separados do tronco, no gradil de ferro, por meio de pequenos grampos de cobre que serviam às suas experiências, quando notou, com admiração justificada pela estranheza do fenômeno, que as pernas das rãs agitavam-se

convulsivamente, todas as vezes que tocavam acidentalmente o ferro do gradil. Galvani, que era professor de física na universidade de Bolonha, estudou o fato com rara sagacidade e descobriu logo as condições necessárias para reproduzi-lo.

Tomemos os membros inferiores de uma rã esfolada; observemos os nervos lombares, os filamentos brancos. Se tomarmos esses nervos e os envolvermos em uma folha de estanho e se colocarmos as pernas, em estado de flexão, sobre uma lâmina de cobre, então, fazendo a pequena lâmina de estanho tocar a lâmina de cobre, veremos imediatamente os músculos contraírem-se, sendo repelido com bastante força qualquer pequeno obstáculo contra o qual esteja apoiada a extremidade das patas da rã. Tala experiência a que Galvani foi conduzido fortuitamente; deve-lhe ele a descoberta que tem o seu nome: o galvanismo e que deu origem, logo em seguida, à pilha de Volta, à galvanoplastia e a tantas outras aplicações da eletricidade.

A observação do físico de Bolonha foi recebida com imensa explosão de riso, à exceção de alguns sábios circunspeto que lhe deram a merecida atenção. Entristeceu-se muito com isso o pobre inventor. Sou atacado, escrevia ele em 1792, por duas seitas perfeitamente opostas: a dos sábios e a dos ignorantes. Uns e outros se riem de mim e me chamam mestre de dança das rãs. Entretanto eu sei que descobri uma das forças da Natureza.

Não fora, pela mesma época, em absoluto negado o magnetismo humano, em Paris, pela Academia das Ciências e pela Faculdade de Medicina? Esperou-se para o acreditar (e demos graças a Deus !) que Jules Cloquet operasse de um

câncer no seio, sem dor, uma mulher previamente magnetizada (1) .

O mesmo aconteceu com a descoberta da circulação do sangue: Guy - Patin e a Faculdade não acicataram Harvey com os seus sarcasmos ?

Conheci em Turim, em 1873, um descendente, muito pobre, do marquês de Jouffroy, meu compatriota do Alto-Marne, o inventor dos barcos a vapor, em 1776. Sabe-se que este engenheiro inventor esgotara todos os seus recursos em demonstrar a possibilidade de aplicar o vapor à navegação . Um primeiro barco deslizou sobre o rio Doubs, em Baumeles-Dames . Um outro subiu o Saôna, em Lião, até à ilha de Barbe . Para a exploração do seu invento, Jouffroy tentou fundar uma companhia: tornava-se-lhe necessário, porém, um privilégio. Submetida pelo governo a questão à Academia das Ciências, esta, sob a inspiração de Perier (o autor da bomba de incêndio de Chaillot), respondeu com um parecer .desfavorável. Todo o mundo, ainda por cima, assediava o pobre marquês com zombarias por causa de sua pretensão de querer conciliar o fogo com a água e saudavam-no com o apelido de Jouffroy da Bomba . O infeliz inventor acabou por perder a coragem, emigrando em seguida por ocasião da Revolução, para retornar à França durante o Consulado, constatando então que Fulton, por sua vez, não era mais feliz com o primeiro cônsul do que ele mesmo tinha sido com o antigo regime. Por outro lado, Fulton não pôde convencer, de forma alguma, a Inglaterra, em 1804, e foi somente em 1807 que seu primeiro barco a vapor pôde ser lançado vitoriosamente no Hudson, em sua própria pátria que acabou por lhe fazer justiça, um pouco tardiamente.

Quase todos os inventores têm sido assim tratados. Um outro de meus compatriotas do Alto-Mame, Philippe Lebon, que inventou a iluminação a gás em 1797, morreu em 1804 (assassinado, segundo se diz, nos Campos Elíseos, em Paris) no dia da cerimônia do coroamento do imperador, sem ter visto sua idéia adotada pela Pátria. Sobretudo objetava-se que uma lâmpada sem mecha não podia acender-se! A iluminação a gás foi aplicada, em 1805, pela Inglaterra, em Birmingham; em 1813, em Londres; em 1818, em Paris.

Na época da criação dos trens de ferro, houve engenheiros que demonstraram que esses trens não caminhariam e que as rodas das locomotivas rodariam sempre sobre o mesmo lugar.

Na Câmara dos Deputados, em 1838, Arago arrefeceu o entusiasmo dos partidários da nova invenção, falando da inércia da matéria, da tenacidade dos metais e da resistência do ar. As velocidades, dizia ele, serão grandes, muito grandes, mas não tanto quanto se tinha esperado. Não nos percamos em palavras. Fala-se do acréscimo do trânsito. Em 1836, o montante total das despesas de transportes, em França, elevou-se a 2.803.000 francos. Se todos os caminhos de ferro projetados fossem construídos, se todo o trânsito se efetuasse pelos trilhos e pelas locomotivas, esses 2.803.000 francos se reduziriam a 1.052.000. Importaria isso em uma diminuição anual de 1.751.000 francos. Perderia, portanto, o país cerca de dois terços do custo total do transporte pelas estradas de rodagem. Precatemo-nos da imaginação, essa loucura do conhecimento. Dois trilhos ferro paralelos não darão uma fase nova aos brejos Gasconha. E todo o discurso continua nesse tom! Bem se vê que, quando

ai trata de idéias novas, podem os maiores espíritos a enganar-se.

E o Senhor Thiers: Admito, dizia ele, que os caminhos de ferro apresentarão algumas vantagens para o transporte dos viajantes, se o respectivo uso for limitado a algumas linhas muito curtas, terminando em grandes cidades como Paris. Não se deve pensar em grandes E. Proudhon: É uma opinião banal e ridícula essa de pretender que os caminhos de ferro podem servir à circulação das idéias.

Na Baviera, o Colégio Real de Medicina, consultado, declarou que os caminhos de ferro causariam, se fossem construídos, os mais graves danos à saúde pública, porque um movimento, assim tão rápido, provocaria nos viajantes abalos cerebrais e vertigens no público exterior; em consequência recomendou o encerramento das linhas entre duas cercas de madeira à altura dos vagões.

Quando foi proposto, em 1853, o estabelecimento de um cabo submarino entre a Europa e a América, uma de nossas grandes autoridades em física, Babinet, do Instituto, examinador na Escola Politécnica, escreveu na *Revue des Deux Mondes*: Não posso considerar como sérias essas idéias; a teoria das correntes poderia dar provas insofismáveis da impossibilidade de uma tal transmissão, ainda mesmo que não se tivesse em conta as correntes que por si mesmas se estabelecem em um longo fio elétrico e que são muito sensíveis no pequeno trajeto de Douvres a Calais. O único meio de ligar o antigo ao novo mundo, é franquear o estreito de Bering, a menos que se tome a resolução de passar pelas ilhas Féroe, pela Islândia, pela Groenlândia e pelo Labrador (!!)

O geólogo Elie de Besumont, secretário perpétuo da Academia das Ciências, morto em 1874, jamais cessou ! negar, em toda a sua vida, a existência do homem

Pode-se ler nos Relatórios (Comptes Rendus) da Academia das Ciências, com a data de 13 de Julho de 1873, que, tendo o Instituto de nomear um correspondente, Darwin foi recusado, para dar lugar a um senhor Loven.

Na Inglaterra, a Sociedade Real recusou em 1841 a inserção, em seus anais, da mais importante memória do célebre Joule, fundador, com Mayer, da termodinâmica; e Thomas Young, fundador, com Fresnel, da teoria ondulatória da luz, foi ridicularizado por lord Broughan. Por outro lado, vendo Mayer, na Alemanha, o cepticismo astuto com que sua imortal descoberta era acolhida pelos sábios oficiais, começou a duvidar de si mesmo e precipitou-se de uma janela abaixo !Um pouco mais tarde as academias estendiam-lhe os braços .O grande electricista Ohm foi tratado como louco por seus compatriotas alemães.

Quando Franklin comunicou à Sociedade Real de Londres suas experiências sobre o poder condutor das hastes de ferro para a electricidade atmosférica, não obteve mais do que uma explosão de hilaridade, e a ilustre companhia recusou terminantemente imprimir seu memorial

E como deixar de recordar-nos do que sucedeu por ocasião do invento do óculo de alcance! Ninguém lhe compreendeu a importância, e meio século mais tarde o eminente astrônomo Hévélius recusou-se a adaptar vidros aos seus instrumentos para seu Catálogo de estrelas, porque supunha que eles prejudicariam a precisão das determinações de posição.

Exemplos como estes poderiam ser multiplicados até o fim do mundo . . . São eles suficientes para edificar-nos a respeito de um dos aspectos do espírito humano, e de uma das características, que não devem ficar à margem, da nossa pesquisa da verdade.

Um amigo de trinta anos de afetuosa camaradagem e de doce afinidade intelectual, Eugène Nus, dedicou uma de suas obras - Chores de l'Autre Monde:

“Aos manes dos sábios, brevetados, patenteados, enfeitados, condecorados e enterrados, que repeliram A rotação da terra, Os meteoritos, O galvanismo, A circulação do sangue, A vacina, A ondulação da luz, O pára-raios, A daguerreotipo, O vapor, A hélice, Os paquetes, Os caminhos de ferro, A iluminação a gás, o magnetismo, e o resto; aos que, vivos e por nascer, fazem o mesmo, no presente e o mesmo no futuro hão de fazer.”

Eu acho que seria muita irreverência de minha parte o imitá-lo e por isso me absterei de escrever a mesma dedicatória no alto deste livro . Lembro-a, entretanto, e a faço imprimir, porque não a deixa de ter seu valor filosófico e acrescentarei, com um historiador desses fenômenos, que tais retardatários, por toda parte encontrados, nas ciências, nas artes, na indústria, na política, na administração, etc., têm sua utilidade: Passados ao estado de marcos, baliram a estrada do progresso.

Augusto Comte e Littré como que traçaram à Ciência seus rumos definitivos, seus rumos <positivos> . Não admitir senão o que se vê, o que se toca, o que se ouve, o que fica subordinado ao testemunho direto dos sentidos, e não

procurar conhecer o incognoscível - eis, há meio século, a regra de conduta da Ciência.

Vejam, porém. Analisando os testemunhos de nossos sentidos, verificamos que eles nos enganam de um modo absoluto. Vemos o sol, a lua e as estrelas girarem em torno de nós : é falso . Sentimos a terra imóvel : é falso. Vemos o Sol levantar-se acima do horizonte ele está abaixo do horizonte . Tocamos corpos sólidos : não há corpos sólidos. Ouvimos sons harmoniosos: o ar não transporta mais do que ondas. em ai mesmo silencioso. Admiramos os efeitos da luz e das cores que fazem viver aos nossos olhos o esplêndido espetáculo da natureza: em realidade não há nem luz, nem cores, mas somente movimentos etéreos obscuros que, influenciando nosso nervo ótico, dão-nos as sensações luminosas. Queimamos o nosso pé ao fogo: é, sem o sabermos, em nosso cérebro somente que reside à sensação da queimadura . Falamos de calor e de frio: não há no Universo nem calor nem frio, mas somente movimento. Como se vêem, os nossos sentidos nos enganam a respeito da realidade. Sensação e realidade são coisas distintas .

Não é tudo. Além disso nossos pobres cinco sentidos são insuficientes. Não nos deixam eles sentir mais do que pequeno número dos movimentos que constituem a vida do Universo. Para dar uma idéia do que venho de afirmar, repetirei aqui o que escrevia em Lúmen, há um terço de século : Desde a última sensação acústica percebida por nosso ouvido, resultante de 36.850 vibrações por segundo, até a primeira sensação ótica percebida por nossos olhos e que é devida a 400.000.000.000.000 de vibrações na mesma unidade de tempo, nada mais podemos perceber. Existe entre esses dois extremos um intervalo enorme, com o qual

nenhum de nossos sentidos se põe em relação . Se tivéssemos outras cordas em nossa lira, dez, cem, mil, a harmonia da natureza se traduziria mais completamente, fazendo-as entrar em vibração. De um lado, somos enganados pelos sentidos; de outro, incompleto é o seu testemunho .

Não há, portanto, motivo para sermos tão orgulhosos de nossos sentidos, nem para erigirmos em princípio uma pretensa filosofia. positiva.

Sem dúvida, é necessário utilizarmo-nos do que possuímos. A fé religiosa diz à razão: Amiguinha, não tens mais do que um candeeiro para te conduzir: apaga-o e deixa-te guiar por mim. Não é assim que pensamos.

Não temos senão um candeeiro, e mesmo assim um mau candeeiro; mas apagá-lo seria o cúmulo da cegueira. Reconhecemos, pelo contrário, em princípio, que a razão, ou, se preferem, o raciocínio, deve sempre e em tudo per o nosso guia. Fora disso nada mais existe. Mas circunscrevamos a Ciência em um círculo estreito. Volto ainda a Augusto Coorte, porque é ele o fundador da escola moderna e representa um dos maiores espíritos do nosso século. Limita ele a esfera da astronomia que era conhecido em seu tempo . E' simplesmente absurdo Concebemos, diz ele, a possibilidade de estudar a forma dos astros, suas distâncias, seus movimentos, passo que jamais poderemos estudar, qualquer que seja o meio posto em prática, sua composição química. Este célebre filósofo morreu em 1857. Cinco anos mais tarde, a análise espectral fazia precisamente conhecer a composição química dos astros e classificava as estrelas segundo a ordem de sua natureza química.

Tal qual como os astrônomos do XVII século, que afirmavam não poderem existir mais do que sete planetas.

O desconhecido de ontem é a verdade de amanhã . Estaríamos em erro, entretanto, supondo que os sábios (certos sábios) e os homens mencionados sejam os únicos responsáveis por esses atos de inércia. Dá-se o mesmo com a maioria da humanidade e o grande público está no mesmo caso. A massa do cérebro humano é pouco mais ou menos a mesma, tanto no sábio, como no literato, no artista, no magistrado, no político, no operário, no agricultor, como igualmente no ocioso.

As, censuras que podem ser feitas aos homens cujo espírito é fechado às novas concepções; a esses que, como Napoleão, por exemplo (a quem a invenção teria assegurado a ruína de sua mais poderosa inimiga, a Inglaterra), não compreenderam a invenção do vapor, aplicam-se por assim dizer a todo o mundo . Um homem, aliás, pode ser muito superior com relação a certas faculdades e muito inferior quanto a outras. Os deploráveis exemplos que precedem, não levam, pois, à condenação dos sábios em particular e ainda menos à da Ciência. Somente o que se desejaria era não ver os espíritos esclarecidos caírem na falência comum da vulgaridade, e é por causa da estima que eles nos inspiram, que mais assinalamos as suas fraquezas.

E justo lembrarmo-nos, entretanto, que há uma excusa a essas obstruções, a esses obstáculos, a essas resistências. Em geral, ninguém está seguro da realidade nem do valor das coisas novas. Os primeiros barcos a vapor caminhavam mal e não valiam os navios à vela . Os primeiros bicos de gás iluminavam pouco e exalavam mal cheiro . A Terra, na verdade, parece bem fixa e bem estável. A água e o ar

parecem, de fato, elementos primários da natureza. Não parece natural que caiam pedras do céu . As primeiras manifestações da eletricidade eram incoerentes. Os caminhos de ferro desarranjavam tudo (2).

E depois, se o gênio se avantajava à vulgaridade, uma nova descoberta também se adianta ao seu tempo. E portanto, natural que haja retardatários e incapazes de compreender certas coisas.

Muito freqüentemente, além disso, os fatos novos, pouco conhecidos, inexplicados, são vagos, complicados, de análise difícil, mal esclarecidos pelos que os apresentam. Quantas dificuldades não tiveram o magnetismo humano a atravessar, antes de atingir o estado de experimentação científica em que se acha atualmente sob outros nomes ! E quanto não foi ela explorada por charlatães que abusavam da credulidade pública! E, nos fenômenos magnéticos, do mesmo modo que nos do Espiritismo, quantas fraudes, superstições, infames mentiras, serei contar as pessoas estúpidas que enganam para se divertirem! E de que maravilhosas habilidades não são capazes os prestidigitadores ! Pode-se, pois, em parte, desculpar as reservas dos homens de ciência.

A recente descoberta dos raios Rontgen, tão estranha e inacreditável em sua origem, deveria esclarecer-nos sobre a exigüidade do campo de nossas observações habituais. Ver através dos objetos opacos! no interior de um cofre fechado! distinguir a ossatura de um braço, de uma perna, de um corpo, através da carne e da vestimenta! Uma tal descoberta é, sem contradição, inteiramente contrária às nossas habituais certezas. Este exemplo é seguramente um dos mais eloqüentes em favor do axioma: é anticientífico afirmar que

as realidades detêm-se no limite dos nossos conhecimentos e das nossas observações.

E que dizer do telefone, que transmite a palavra, não por meio de ondas sonoras, mas por um movimento elétrico ! Se pudéssemos falar, com o auxílio de um tubo, entre Paris e Marselha, nossa voz empregaria três minutos e meio para chegar a seu destino e passar-se-ia o mesmo com a do nosso interlocutor, de sorte que a resposta a uma palavra emitida: alô! alô! não nos chegaria senão ao cabo de sete minutos.

Ninguém pensa nisso; entretanto, o telefone é tão absurdo como os raios X, sob o ponto de vista da nossa concepção das coisas anteriores a estas descobertas.

Falamos das cinco portas dos nossos conhecimentos a .vista, o ouvido, o olfato, o gosto e o tato. Estas cinco portas dão-nos ainda pouco acesso para o mundo exterior, sobretudo as três últimas . O olho e o ouvido vão bem mais longe, mas, de fato, é quase somente a luz que põem o nosso espírito em comunicação com o Universo. Ora, que é a luz? Uma modalidade de vibração do éter excessivamente rápida. A sensação de luz é produzida sobre a nossa retina por vibrações que se prolongam desde 400 trilhões por segundo (extremidade vermelha do espectro luminoso) até 756 trilhões (extremidade violeta) . Há muito tempo que foram essas vibrações medidas com precisão. Tanto abaixo como acima desses números, há outras vibrações do éter, não perceptíveis pelos nossos olhos. Para lá do vermelho estão vibrações caloríficas obscuras. Depois do violeta acham-se vibrações químicas actínicas, suscetíveis de serem fotografadas, igualmente obscuras. Muitas outras existem que permanecem para nós desconhecidas. A estas observações acrescentarei hoje, modificando-as e

desenvolvendo-as, uma comparação feita recentemente por sir William Crookes, a propósito da conexão provável dos fenômenos do Universo e das lacunas que a nossa organização terrestre apresenta em meio dessa conexão de fenômenos. Tomemos um pêndulo que oscile no ar de segundo em segundo. Dobrando as oscilações desse pêndulo, obteremos a série seguinte:

No quinto tempo depois da unidade, a 32 vibrações por segundo, entramos na região em que a vibração da atmosfera nos é revelada sob a forma de som. Aí encontramos a nota musical mais baixa. Se, entre os sons musicais, procurarmos um muito grave, por exemplo, a oitava inferior do órgão, perceberemos que as sensações elementares, ainda que formando um todo contínuo, o que é necessário para que o som seja musical, permanecem não obstante distintas, até um certo grau. Quanto mais baixo é o som, diz Helmholtz, tanto melhor distinguem nele o ouvido as ondulações sucessivas do ar.

Nos dez graus seguintes, as vibrações por segundo elevam-se de 32 a 32.768; cada duplicação reproduz a mesma nota, em sua oitava superior. O diapasão normal que dá o lá, vibra 435 vezes por segundo, ou sejam 870 vibrações duplas. O som mais agudo é produzido por cerca de 36.000 vibrações e si termina a região do som para um ouvido humano comum. Provavelmente, Porém, certos animais, a esse respeito mais bem dotados que nós, percebem sons demasiado agudos para os nossos órgãos, isto é, sons cuja rapidez de vibrações passa além desse limite .

Em seguida chegamos a uma região em que a rapidez das vibrações aumenta celeremente, e o meio vibratório não é mais a grosseira atmosfera, mas um meio infinitamente sutil,

um ar mais divino, chamado éter. Produzem-se aí vibrações de natureza desconhecida mais longe ainda, penetramos na esfera das irradiações elétricas. (4)

Depois vem a região que se estende do 35° ao 45.º grau, de 34 bilhões 359 milhões a 35 trilhões 184 bilhões de vibrações por segundo. Ela nos é desconhecida: ignoramos as funções dessas vibrações, mas que elas existam e se achem em ação no Universo, é difícil de não admiti-lo .

Aproximamo-nos, agora, da região da luz, onde se encontram as velocidades compreendidas entre a 48.º e 50.º ordem. A sensação de luz, isto é, as vibrações que transmitem impressões visíveis, está compreendida entre os estreitos limites de cerca de 400 trilhões (luz vermelha) a 756 trilhões (luz violeta) o que não chega a completar um grau .

Os fenômenos da Natureza que se passam constantemente ao redor de nós, realizam-se, ao demais, sob a ação de forças invisíveis. O vapor d'água, cuja ação é assaz considerável na climatologia, é invisível. O calor é invisível. A eletricidade é invisível. Os raios químicos são invisíveis. O espectro solar, representando o conjunto dos raios luminosos sensíveis à retina humana, (os raios visíveis) é hoje conhecido de todo o mundo. Se fizermos passar um raio de Sol através de um prisma, obteremos, à saída desse prisma, uma faixa colorida estendendo-se do vermelho ao violeta. Uns grandes números de raios o atravessam, sendo as principais indicadas pelas letras de A á H: são linhas de absorção produzidas pelas substâncias que ardem na atmosfera solar e pelo vapor d'água da atmosfera terrestre. Conhecem-se atualmente milhares dessas raias.

Verde		
Limite do Verde e do Azul	492	596
Limite do Azul e do Índigo	456	675
Limite do Índigo e do Violeta	424	700
Violeta Extremo	397	756

-Porção infravermelha invisível, calorífica. Comprimento de onda: de 1940 a 734.

-Porção ultravioleta invisível, química. Comprimento de onda: de 397 a 295.

O primeiro desses dois espectros invisíveis foi determinado com grande precisão pelo astrônomo americano Langley, com o auxílio do aparelho de sua invenção, chamado bolômetro. (5) E' nesta região invisível que se exerce a maior parte da energia solar. À parte deste espectro, já explorada, é 16 vezes mais extensa que o espectro visível!

Por outro lado, o físico francês Edmond Becquerel, há muito que fotografou o espectro químico (6) . Este espectro, cujo estudo foi continuado depois, é cerca de duas vezes mais extenso que o espectro visível.

Deixando a região do espectro solar estudado, chegamos à que é para os nossos sentidos e meios de pesquisa uma outra região desconhecida e a funções de que apenas começamos a suspeitar. E provável que se chegue a encontrar os raios Rontgen entre o 58.º e o 61.º graus, lá aonde as vibrações vão de 288.230.376.151.711.744 a 2.305.843.009.213.693.952. por segundo, ou mesmo mais.

Vê-se que, nesta série, há diversas grandes :acenas ou regiões desconhecidas, sobre as quais nada absolutamente sabemos. Quem poderia dizer que estas vibrações não desempenham um papel importante na economia geral do Universo ?

Afinal, não existem vibrações ainda mais rápidas do que essas em que se deteve a série precedente?

Vivemos em um espaço a três dimensões. Seres que vivessem em um espaço a duas dimensões, na superfície de um círculo, por exemplo, em um plano, não conhecer senão a geometria a duas dimensões, não poderiam passar por cima da linha que limita um círculo ou um quadrado, seriam aprisionados por uma circunferência, sem possibilidade de saírem dela. Dai-lhes uma terceira dimensão, com a faculdade de se moverem na mesma: eles passarão muito simplesmente por cima da linha, sem romper sem mesmo precisarem tocá-la. As seis superfícies de uma Peça fechada (4 paredes, assoalho e teto) nos aprisionam ; suponhamos, porém, uma quarta dimensão e sejamos dotados da faculdade de viver nela: sairemos de nossa prisão tão facilmente como um homem passa acima de uma linha traçada sobre o solo.

Do mesmo modo que um ser organizado para mover-se unicamente em um plano (nº 2), não poderia conceber o espaço cúbico (nº. 3) também não podemos conceber esse hiperespaço (nº. 4), a que nos acabamos de referir; mas, nem por isso, entretanto, estamos autorizados a declarar que ele não existe.

Há, mesmo na vida terrestre, certas faculdades inexplicadas para o homem, certos sentidos ignorados .

De que modos conseguem os pombos viajares e as andorinhas de novo encontrar os seus ninhos? De que

maneira pode o cão voltar a sua casa, a muitas centenas de quilômetros de distância, por um caminho que jamais percorreu? Como pode a víbora conseguir a descida de um pássaro à sua goela e de que modo procede ao lagarto para atrair a si a borboleta, fascinada? etc., etc. Mostrei, noutra lugar, que os habitantes dos outros mundos devem ser dotados de sentidos muito diversos dos nossos.

Nada conhecemos de absoluto. Todos os nossos juízos são relativos, por conseguinte imperfeitos e incompletos.

A sabedoria científica consiste, pois, em sermos muito reservados em nossas negativas . Temos o direito de ser modesto. A dúvida é uma prova de modéstia, diremos com Arago, e raramente ela tem criado obstáculos aos progressos das ciências. Não se poderia dizer a mesmo da incredulidade.

Há ainda grande número de fatos inexplicados, que pertencem ao domínio do desconhecido. Os fenômenos de que nos vamos ocupar, são deste número. A telepatia, ou sensação à distância; as aparições ou manifestações de moribundos; a transmissão do pensamento; a visão em sonho, em estado sonambúlico, sem o concurso dos olhos, de paisagens, cidades, monumentos; a presciência ou premonição de um acontecimento próximo; a previsão do futuro, os avisos, os pressentimentos; certos casos magnéticos extraordinários; os ditados inconscientes por meio de pancadas nas mesas; certos ruídos inexplicados, as casas mal assombradas; os levantamentos ou levitações contrarias às da gravidade; os movimentos e transportes de objetos sem contacto; certos fatos que lembram materializações de forças (o que parece absurdo) ; as manifestações, aparentes ou reais, de almas desencarnadas ou de espíritos de toda ordem; e muitos outros fenômenos

estranhos e atualmente inexplicáveis, merecem nossa curiosidade e nossa atenção científica.

Convençamo-nos, ao demais, que tudo aquilo que podemos observar e estudar, é natural, e que devemos examinar todos os fatos tranqüilamente, cientificamente, sem preocupação de mistério, sem precipitações nem misticismos, como se tratasse de astronomia, de física ou de fisiologia. Tudo está na natureza, tanto o desconhecido como o conhecido, e o sobrenatural não existe. Esta é uma palavra vazia de sentido (7) . Os eclipses, os cometas, as estrelas temporárias eram vistos como sobrenaturais, como manifestações da cólera divina, antes de se ter o conhecimento das leis que os regem. Qualifica-se muitas vezes de sobrenatural o que é maravilhoso, extraordinário, inexplicados. Cumpre dizer, muito simplesmente, desconhecido.

Os críticos que quisessem ver nesta obra um retorno aos tempos da superstição, seriam vítimas de um erro grosseiro. Trata-se, pelo contrário, de análise e de exame.

Aqueles que dizem: Eu, crer nesses impossíveis, jamais! não creio senão nas leis da Natureza, e estas leis são conhecidas, parecem-se com os antigos geógrafos simplórios que escreviam sobre seus mapas-múndi, no local das colunas de Hércules (estreito de Gibraltar) Hic Deficit Orbis, aqui acaba o mundo, sem desconfiarem de que neste espaço ocidental, desconhecido e vazio, há duas vezes mais terras do que as que esses hábeis geógrafos conheciam.

Todos os nossos conhecimentos humanos poderiam ser representados simbolicamente por uma pequena ilha, uma ilha minúscula, rodeada por um oceano sem limites.

Resta-nos ainda muito, muito a aprender.

II

OS CREDULOS

Ide lavar-vos e comer erva.

Palavras da Imaculada Conceição em Londres.

Nosso primeiro capítulo, Os Incrédulos, nos mostrou quanto o espírito humano é, em geral, pouco inclinada a aceitar os fatos inexplicados e as idéias novas, e quanto esta inércia tem sido nociva ao avanço dos nossos conhecimentos sobre a natureza e sobre o homem . Mas, por imensa felicidade nossa, há os Copérnico, os Galileu, os Kepler, os Newton, os Herschel, os Papin, os Fulton, os Galvani, os Volta, os Palissy, os Ampere, os Arago, os Niepce, os Daguerre, os Fraunhofer, os Kirchoff, os Fresnel, os Le Verrier, os pesquisadores e os independentes. A Ciência é chamada, pela eterna lei da honra, a olhar de frente e sem temor todo problema que se lhe pode apresentar francamente, dizia recentemente sir William Thomson, um dos mais eminentes físicos de nossa época: eis aí uma proposição que poderíamos inscrever coma epígrafe a este livro.

Mas, nas questões difíceis, obscuras, incertas, um novo dever impõe-se-nos, qual seja o de examinar, de analisar as coisas com a mais severa circunspeção e não admitir, nisto como em tudo, aliás, senão o que é certo. Não conviria, a pretexto de progresso, substituir uma incredulidade sistemática por uma credulidade desprovida de todo senso crítico, e talvez não seja inútil, antes de entrar no âmago do nosso estudo, mostrar igualmente, por alguns exemplos, quanto é necessário mantermo-nos em guarda contra este excesso contrário, não menos censurável, não menos perigoso que o primeiro .

A espécie humana forma, aliás, uma ordem composta, de uma diversidade realmente digna de nota. Do mesmo modo que há criaturas que não crêem em nada, encontram-se outras, não menos numerosas, que em tudo acreditam. A credulidade dos homens e das mulheres é verdadeiramente sem limites. As mais abracadabrantes asneiras têm sido acolhidas, aceitas, defendidas. E, observação assaz singular, são quase sempre os espíritos mais cépticos os que têm sido vítimas das mentiras mais audaciosas e que têm sustentado as maiores sandices. Um olhar de investigação, lançado sobre a humanidade, mostra-nos que, tanto os crédulos como os incrédulos, têm sido vítimas de sua maneira de pensar .

Ainda aqui, o que temos não é senão o embaraço da escolha, e tão inumeráveis são os exemplos, que o nosso trabalho consiste apenas em abaixar-nos para apanhá-lo .

Não vos recordais da história do dente de ouro, de que fala Fontenelle em sua História dos Oráculos ? Nem por ser antiga, a deixa de ser menos típica. Em 1593, correu o rumor de que haviam caído os dentes a uma criança de sete anos, na Silésia, e que lhe nascera um dente de ouro em lugar de um

dos seus grossos molares. Hortius, professor de Medicina, da Universidade de Helmstoedt, escrevendo em 1595 a história deste dente, assegurou que ela era em parte natural e em parte . miraculosa e que esse dente fora por Deus enviado, àquela criança para consolar os cristãos atormentados pelos turcos . Não se percebia bem a relação que Poderia existir entre esse dente e os turcos, mas a explicação foi tomada, do mesmo modo, a sério. No mesmo ano, Rullandus escrevia a propósito uma segunda história e, dois anos após, Ingoslsterus, outro sábio, publicou uma terceira memória em contradição às duas primeiras. Um outro grande homem, chamado Libávius, acrescenta Fontenelle, reuniu tudo o que tinha sido dito a respeito do dente e juntou-lhe seu modo de ver particular. Nada mais faltava a tantas obras preciosas do que demonstrar que o dente era, de fato, de ouro. Chamado um ourives para examiná-lo, constatou-se que tudo se resumia em uma folha de ouro aplicada ao dente com bastante arte. Tinham-se, porém, escrito livros sobre o caso, antes de consultar o ourives.

Há mais de um dente de ouro na história da credulidade antiga e moderna.

Não vos lembrais também dos ratos de tromba de que foi vítima, há meio século, um sapientíssimo naturalista?

Certo zuavo, para dar utilidade aos lazeres que o governo fazia-o ter na África, distraía-se em praticar o enxerto animal nos ratos. Inseria ele uma ponta da cauda no focinho e a junção operava-se tão bem como a reconstituição do nariz com um fragmento de pele. Um sábio do Museu de Paris pagou muito caro pelo primeiro rato, que lhe foi enviado como espécime de uma espécie de roedores até então

desconhecida. Levaram-lhe outros, que ele igualmente comprou com grande generosidade. Parece-me que somente com o cruzamento foi ele desenganado, pois as uniões entre ratos e ratas de tromba não produziram senão camundongos da mais vulgar espécie.

Assinalemos, a este propósito, que sendo o homem de ciência, por sua própria natureza, profundamente honesto (por isso que não haveria ciência sem honestidade) e não estando acostumado a desconfiar dos objetos com os quais trabalha, é mais fácil de ser enganado que muitos outros. Em astronomia, em química, em física, em geologia, em história natural não há mentiras. Para um matemático, para um geômetra, 2 e 2 são 4 e os três ângulos de um triângulo são iguais a dois ângulos retos. Este testemunho de retidão e de natural franqueza não parece desgraçadamente aplicável nem aos negócios, nem à política, nem às ocupações habituais dos seres humanos em geral.

Conheci um eminente geômetra, um dos nossos mais sábios professores da Escola politécnica, membro do Instituto, dos mais distintos e dos mais acatados, homem de altas qualidades intelectuais e morais. Não foi ele vítima do embuste mais audacioso que se possa imaginar e não se apresenta ele à nossa lembrança como o tipo mais consumado do homem crédulo - e de uma credulidade sem limites? Um hábil falsário, Vrain - Lucas, lisonjeando seu gosto imoderado pelos autógrafos, não lhe vendeu, a preço de ouro, falsos autógrafos de Pascal, de Newton, de Galileu, de Henrique IV, de Francisco I? E em seguida cartas de Carlos Magno, depois de Vercingetórix!... de Pitágoras!... de Arquimedes... de Cleópatra ! . . . e, melhor ainda, de Lázaro, o ressuscitado ! de Maria Madalena! e, creio mesmo que de

Jesus-Cristo! O Sr. Michel Charles comprou, em sete anos (1862-1869), 27.000 desses autógrafos pela soma redondinha de 140.000 francos! Não obstante a habilidade do falsário, podia-se entretanto assinalar, desde as origens, certas nuances suscetíveis de fazer suspeitar da autenticidade das peças em questão . Recordo-me, entre outras, de uma carta de Galileu, na qual ele dizia que se poderia encontrar um planeta longínquo fazendo observações nas circunvizinhanças de Saturno. O mistificador tivera a audácia de fazer predizer por Galileu, em 1640, a descoberta de Urânio, realizada por Herschel em 1781, e, confundindo a órbita com o corpo celeste que a percorre, fazia dizer ao astrônomo italiana que o planeta estava por detrás de Saturno. Perdi meu tempo a calcular a posição de Urano pela época da suposta carta: o planeta não se encontrava absolutamente na região do céu em que brilhava Saturno. Tracei o respectivo diagrama (V. Astronomia Popular, liv. IV, cap. I) e fui mostrar ao sábio geômetra que tolice estava sendo atribuída a Galileu.

Com estupefação da minha parte, M. Charles respondeu-me que isso não queria dizer nada e que estava seguro da autenticidade da carta. Mostrou-me. Estava escrita com uma letra semelhante à de Galileu, em antiga folha de papel filigrana amarelecido, dobrada e revestida dos carimbos postais da época. A ilusão era verdadeiramente completa. Mas, dizer que se pode encontrar Urânio por detrás de Saturno, é uma frase de menino de escola.

Tão cego, porém, já se achava o amador de autógrafos que, poucos meses depois, estava totalmente disposto a aceitar, com incrível facilidade, um salvo-conduto escrito

por Vercingetórix em francês (!) para a imperador Júlio César.

Não sei se haverá exemplos de credulidade mais fortes do que esse!

Confessemos que se trata, em todos esses casos, de rudes lições de que todos nós devemos recordar.

Estou ouvindo daqui espíritos menos sábios, que ai julgam muito mais fortes, dizerem com seguridade: Não seria a mim que tal coisa sucederia!

Parece difícil, sem dúvida, descer inteiramente por semelhante declive . Mas, tenho-me apercebido, mais de uma vez, de que, mesmo aqueles que se julgavam superiores, tinham certas fraquezas assaz curiosas: jantavam mal, por exemplo, se estavam treze à mesa, batiam em qualquer metal ao terem conhecimento de uma desgraça, receavam ficar doentes se quebravam um espelho, tremiam diante de um saleiro virado ou de duas facas colocadas em cruz, etc., etc,

Cidadãos muito sérios afirmavam-me ontem que as fases da Lua têm influência sobre os ovos, as mulheres, o vinho em garrafas, o crescimento dos cabelos e o corte das árvores.

Não sejamos demasiado altivos!

Quantas pessoas ainda há que hesitam em encetar viagem em sexta-feira ou em dias 13? Consultai as estatísticas da arrecadação dos caminhos de ferro, dos tramways e dos ônibus e ficareis estupefatos com as diferenças observadas. Visitai Paris e perdei vosso tempo em verificar os números 13 das avenidas, dos boulevards e das ruas; vereis com os vossos próprios olhos quanto eles fazem falta nesses lugares, substituídos por 12 bis.

Isso nos lembra a origem dos anos bissextos : tendo os Romanos dobrado um dia, intercalaram-no sub-repticiamente

no fim de Fevereiro, sem designação alguma, que os deuses não o queriam. E porventura nunca encontrastes pessoas que consultam algumas vezes os sonâmbulos extralúcidos das feiras de porcos?

Nossos antepassados, da idade da pedra e do bronze, tremendo diante de todas as forças da natureza, que tinham a combater, divisaram essas forças e povoaram os campos, os bosques, as fontes, os vales, as cavernas, as cabanas, de seres imaginários cuja lembrança não desapareceu totalmente, conservada como herança do passado pelas atuais gerações. As superstições populares estão por toda parte espalhadas e os mais estranhos prejuízos acham-se ainda associados às ações de uma parte da humanidade.

Há pessoas que continuam a crer, como no tempo dos Romanos, que se podem conjurar os furacões e as tempestades. A este propósito existia, pelo ano de 1870, em uma aldeia das cercanias de Issoire (Puy-de-Dôme), um padre que gozava da reputação de garantir a sua paróquia mediante o poder de que dispunha de deslocar para as regiões vizinhas o vento e o granizo prestes a desabarem sobre a mesma. Havia mesmo quem o visse, à janela do campanário, fazer esconjuros. Por sua morte, foi ele substituído por um pároco que teve a pouca sorte de assistir a uma violenta tempestade pouco depois de haver entrado em suas funções. Tinham ido os camponeses pedir-lhe que os garantisse, mas ele não o conseguiu e a partir desse momento o epíteto de saraivoso (grêleroux) foi-lhe aplicado e a população lhe votou uma tal antipatia que o bispo se viu obrigado a transferi-lo.

Um velho marujo, morador de Toulon, gozava da reputação, pelo ano de 1885, de fazer sobrevir à tempestade

justamente no dia das peregrinações a Nossa Senhora de Maio, na montanha de Sicié . Acreditava-se nessa crendice tão sinceramente, que se lhe ocultavam, com o maior cuidado, todos os projetos da aludida peregrinação.

Poderíamos citar outros exemplos análogos . Santo Eutrópio, patrono de Vieux - Beausset, perto de Toulon, passa por ter a faculdade de provocar a chuva, quando ele o quer. Há alguns anos, em um dia de Maio, o guarda da ermida em que se acha a velha imagem do santo, desceu-a de seu pedestal, levou-a para a porta e se pôs a moê-la a pancadas. Um transeunte, admirado de semelhante tratamento, perguntou-lhe a razão daquilo Oh! meu caro senhor, replicou o sacristão, se eu não a tratasse deste modo, nada poderia fazer!. (8) Pouco depois a chuva começou a cair e as colheitas foram salvas.

A 13 de Julho de 1899, perto de Albertville (Sabóia), o cura de Thénésol benzeu uma nova cruz, a cruz da Bela-Estrela, erigida com grande cerimonia a uma altitude 1836 metros, no lugar da antiga, queimada pelos habitantes da comuna de Scythenex, sob o pretexto de que ela preservava das chuvas de pedra, em detrimento seu, a comuna vizinha de Mercury-Gémilly. Trezentas pessoas realizaram, sob uma horrível soalheira, a peregrinarem desta reconstituição.

Narra o Sr . Bérenger - Féraud, em sua interessante compilação, Superstições e Sobrevivências, que em certos lugares da Provença as mulheres do povo têm uma receita infalível para curar as crianças da coqueluche : é fazer a criança passar sete vezes em seguida sob o ventre de um jumento, indo da direita para a esquerda, tendo o cuidado de jamais fazê-lo da esquerda para a direita. Há jumentos de maior ou menor reputação, conforme sua virtude curativa.

Conhecia-se um excelente, na aldeia de Luc, alguns anos atrás e sua reputação era tão grande, que se lhe levavam as crianças de Draguignan e até de Carnes, isto é, de mais de sessenta quilômetros .

Conta o mesmo autor que, tendo ido, em 1887, a uma casa religiosa de certa cidade importante da Provença, notou um de seus amigos que a imagem de São José, que ornava o parlatório da comunidade, tinha o rosto voltado contra a parede. Supôs, a princípio, que se tratasse de inadvertência de qualquer doméstico; Informando-se, porém, veio a saber que o santo fora posto em penitência por não haver atendido às súplicas que lhe tinham sido dirigidas. O inquérito foi levado um pouco mais longe e revelou que se lhe suplicara inspirar a um vizinho muito piedoso a idéia de deixar em testamento à comunidade um pedaço de terreno, de que ela necessitava. Fizera-se mesmo saber a esse vizinho muito piedoso que, se São José continuasse a permanecer surdo às súplicas, seria posto no porão e talvez até se lhe aplicasse uma surra. O autor acrescenta: Eu não queria dar crédito ao que ouvia e, entretanto, forçoso foi render-me à evidência, diante das afirmativas de mais de vinte pessoas que tinham tido conhecimento desta punição . Mais do que isso, veio a saber que em certas cidades das Bocas de Ródano, do Lionês, até em Paris, tal prática está em uso na comunidade a que me refiro . Estas precisas indicações não permitem pôr em dúvida a punição do santo, por mais estapafúrdia que ela pareça.

No ano de 1850 . , em Toulon, tendo certa mãe um filho doente, dirigiu suas súplicas a um soberbo cristo de marfim que ela possuía e pelo qual tinha particular devoção. Este cristo provinha, sem dúvida, da pilhagem de uma casa nobre

em 1793, porquanto era de grande valor artístico . Ora, a criança morreu, mal grado às preces, às novenas e aos círios queimados. Em um movimento de desespero, a mulher agarrou o crucifixo e lhe disse: Patife! é assim que respondes às minhas preces. Pois bem ! toma ! . . . Depois, juntando o gesto à palavra, atirou-o pela janela a fora.

Narra Saint-Simon, em suas Memórias, que, durante o assédio de Namur, em 1692, estando a chover a cântaros no dia de Saint-Médard, os soldados, furiosos com este acontecimento que lhes pressagiava ainda quarenta dias de chuva, encolerizaram-se contra o santo e quebraram com raiva todas as imagens, que caíram em suas mãos.

Por vezes consideram-se as coisas mais alegremente, mesmo quando uma novena - ou mesmo duas - não obtêm a cessação das chuvas.

No tempo em que, em Paris, o relicário de Santa Genoveva tinha certa influência, levaram-no em procissão de Sannt-Etienne-du-Mont a Notre Dame. Um dia, apenas a procissão saíra à rua, pôs-se a chuva a cair. A santa se engana, diz ao seu vizinho o bispo de Castres: ela supõe que lhe estamos pedindo chuva.

Relata o barão d'Hausser, em sua Viagem à Itália, a conversação seguinte ouvida por ele em Nápoles:

- Como passa vosso filho?
- Continua com febre.
- Convém acender uma vela a santa Gertrudes.
- Isso não deu bom resultado.
- Em que capela fostes?
- Da rua de Toledo .

- Ah! pobre mulher! esta santa Gertrudes é a pior de toda Nápoles. Nada se consegue com ela. Ide, portanto, à igreja

da praça do Carmo; vereis que a Santa Gertrudes de lá é muito mais piedosa para com os pobres.

Nessa mesma cidade de Nápoles, os que têm assistido ao milagre anual da liquefação do sangue de São Januário, sabem quanto os espectadores, os fiéis, ficam nervosos, impacientes, quando ela tarda a produzir-se. Em 1872, tomei um péssimo partido adotando a resolução de olhar de muito perto o famoso relicário exposto à adoração da multidão. - Todo o mundo conhece a história do General Championnet, em 1799, (sucedida, sem dúvida, não a ele próprio, mas a um dos seus lugar-tenentes.)

Há alguns anos, visitando a cripta da Virgem negra, em Chartres, entabulei ligeira conversação com um camponês, ao sair da igreja. Oh! senhor, disse-me ele, não é ela tão grande dama como Nossa Senhora das Vitórias, de Paris, e ela nos entende bem melhor. Lembrou-me esta opinião a de Luís XI, retirando de seu chapéu a imagem de Nossa Senhora d'Embrun, para substituí-la pela de Nossa Senhora de Cléri, e endereçando em seguida, com mais confiança, a sua real oração.

Incontestavelmente, as superstições populares acham aí tão espalhadas que por toda a parte as encontramos. Atravessava eu recentemente uma velha aldeia da Ida de Média, inclinada como um ninho de águia sobre uma montanha escarpada do departamento dos Alpes Marítimos e, como estivesse em visita à igreja, o médico da localidade, sábio arqueólogo, que me acompanhava, chamou-me a atenção para um tronco no qual os fiéis lançam pequenos bilhetes, acompanhados de uma oferenda, endereçados a Santo Antônio de Pádua, para recuperarem objetos perdidos.

A resposta chega, muito freqüentemente, no mesmo bilhete, por um pequeno nicho vizinho.

Revestem a credulidade todas as formas. A dos usos e dos costumes, mais ou menos extravagante, relativos ao casamento, não é a das menos admiráveis, e não será sem interesse recordar alguns exemplos dessa credulidade.

Na aldeia de Bauduen, na Provença, há um rochedo formando plano inclinado . No dia da festa do padroeiro, as moças desejosas de se casarem vêm, desde tempos imemoriais, escorregar por este rochedo, o que o tornou polido como mármore.

Na aldeia de Sannt-Ours, nos Baixos Alpes, vê-se também um pedra sobre a qual as moças vão escorregar para encontrar marido e as recém-casadas, para se tornarem mães

Em Loches, as mulheres sem filhos vão escorregar sobre uma mó de Sannt-Uurs como as de Bauduen e dos Baixos Alpes. Esta crença não data de hoje, pois a encontramos já na Grécia antiga. Acha-se ela muito em voga na Tunísia.

A peregrinação a Sannt-Baume, entre Marselha e Toulon, passa, desde mais de mil anos, por asseverar o casamento e a progenitura, e é objeto de um culto muito fervoroso da parte dos camponeses da Provença.

Em grande número de regiões da França, as moças pressurosas por se casarem, vão jogar folhas de salgueiro ou pedaços de pau nas fontes. Se a folha segue diretamente a corrente, ou se a madeira sobrenada, sexo, a moça pedida em casamento antes do fim do ano.

Perto de Guérande, na Bretanha, as moças vão colocar nas fendas de um dólmen pedaços de lã cor de rosa, a fim de se casarem durante o ano.

Em Sannt-Junieu-les Courbes, na Alta Viena, elas evocam Santo Eutrópio, suspendendo ao mesmo tempo a uma cruz a liga da perna esquerda.

Na povoação de Oisans, no Isère, dirigem-se elas, no mês de Junho, à capela da montanha de Brandes, perto da qual se encontra uma pedra vertical em forma de cone, de encontro à qual põem-se elas de joelhos, tocando-a devotamente com suas pernas.

Em Laval, na igreja de Avesmères, há uma grande estátua de S. Cristóvão, nas pernas da qual as moças e os rapazes que desejam casar-se, durante o ano, vão pregar alfinetes.

Perto de Perros (Côtes-du-Nord), as raparigas vão a romaria à capela de Sannt-Guiriez, para se casarem e pregam alfinetes no nariz do santo para que se lhes torne ele particularmente favorável.

No vale de Lumain (Sene e Marne) , existe um menhir, chamado Pedra frígida, no qual os jovens dispostos ao casamento vão enterrar pregos ou alfinetes.

Perto de Troyes, as moças que querem casar-se vão atirar um alfinete sobre um cômoro chamado Cruz de Beigue .(9)

Nas cercanias de Verdun, as mulheres que desejam filhos vão sentar-se sobre um rochedo, onde se vê a impressão suscetível de ser deixada por uma mulher que estivesse sentada em um bloco plástico, e que nessa localidade se denomina a cadeira de Santa Lúcia. Acreditam elas que este ato é favorável a seus desejos e parece que Ana Áustria aí se assentou antes do nascimento de Luís XIV. O mesmo acontece em Sampiques (Meuse).

Nas Ardennes é a proteção de Santa Filomena que tem mais eficácia no sentido de impedir que as moças penteiem Santa Catarina “.(*)”.

Via-se em Burgos, não há ainda muito tempo, na rua Chevrière, do arrabalde do Castelo, uma estátua do bom São Greluchon, colocada na parede de uma casa, e que as mulheres desejosas da maternidade raspavam, fazendo com o pó, assim obtido, uma beberagem fecundante. Em Poligny, no Jura, as jovens desposadas vão, com o mesmo fim, abraçar uma pedra ali erguida que é, diz a lenda, a petrificação de um gigante como castigo de haver querido violentar uma rapariga.

Em Dourgues, no Tarn, perto da Capela de Sannt Ferreol, vêem-se rochedos partidos, pelos quais vão passar, para obterem cura, os paralíticos e os coxos. Na cripta da igreja de Kimperlé, há uma pedra vertical contendo um buraco, pelo qual passam os que sofrem de dor de cabeça. Nas charnecas de Sannt-Siméon, na Orne, os doentes atravessam um dólmen que passa por ter a virtude de curar grande número de doenças.

Na Provença, departamento de Berry, há a crença nas fontes miraculosas, nos sortilégios, nos condutores de lobos, nos lobisomens.

Certas regiões desse departamento são objeto dos mais supersticiosos terrores; suas florestas são povoadas de Lavadeiras noturnas, seus brejos, de fogosfátuos. Desde o cair da noite, as profundezas misteriosas dos bosques enchem-se de rumores sinistros; lúgubres fantasmas deslizam ao longo das árvores sacudidas por invisíveis forças. Infeliz daquele que se embrenhasse nesses retiros sombrios ! Ele não voltaria jamais.

(*) Pentear Santa Catarina deve ser uma expressão análoga a de ficar para titia, isto é perder a esperança de casar.

Os moradores das aldeias e das cabanas de uma parte do Bas-Berry, continuam a admitir a existência de gigantes que outrora habitaram o país e que formaram as eminências naturais ou artificiais, tão numerosas nesta região. São esses gigantes personificados por Gargântua, cuja lenda, sempre popular, não somente na parte do Indre, que confina com Creuse, mas em todo o oeste da França, é muito anterior ao herói de Rabelais. Rabelais, segundo todas as probabilidades, foi buscar esse mito às crenças de Saintonge, do Poltou e do BasBerry, onde ele residia durante algum tempo.

A tradição alusiva às fadas está ainda vivaz em inúmeras localidades da região de Berry; foram elas que, quase por toda parte, edificaram os dolmens e os menires que transportavam em seus aventais de gaze, não obstante o enorme peso desses materiais. São conhecidas geralmente sob os nomes de Fadas, Martas e outras denominações; em algumas regiões, entretanto, chamam-nas Dormes, Demoiselles, como no Meio-dia.

São vistas de noite, a vagar e a celebrar seus misteriosos ritos, em cada caverna, sobre cada rochedo, em torno de numerosos dolmens e menires, espalhados na região vizinha das margens pitorescas dos pequenos rios Creuse, Bouzanne, Anglin e Portefeuille.

As Martas são enormes mulheres medonhas, magras, mal vestidas, de longos cabelos negros e eriçados. Do alto da mesa de um dólmen ou do topo de um menir, elas por vezes chamam, ao cair da noite, os pastores e os lavradores, e se estes não se apressam em responder às suas primeiras

perguntas, elas os perseguem. Desgraçado daquele que não foge precipitadamente e que elas constringem a suportar seus beijos impudicos.

As Fadas são muito mais meigas e muito menos turbulentas do que as Martas; elas geralmente consagram seu tempo aos rebanhos. São as encarregadas de velar pelos numerosos tesouros escondidos em maravilhosos subterrâneos, cuja entrada é fechada pelas enormes pedras dos menires e dos dolmens. Entretanto, o seu poder se extingue, todos os anos, no domingo de Ramos.

Em Vertolaye, no Auvergne, vê-se uma pedra oscilante à qual as mães levam os seus filhos, para que sejam sólidos como a pedra e conservem sempre o uso de seus membros.

Perto de Sannt-Valery-en-Caux, sobre os penhascos, avistam-se as ruínas da antiga capela de Sannt-Léger, da qual nada mais subsiste do que a torre quadrada. As crianças retardatárias são para aí levadas, fazendo-se lhes dar cinco voltas às ruínas, a fim de que andem mais depressa.

Santo Huberto protege os caçadores, São Roque cura a raiva, São Cornélio salva o gado, São Cláudio cura os cravos, Santo Anão, a tinha, etc,

Essas crendices são muito antigas . Conta Pausanias que existia em Hyette, na Beócia, um templo de Hércules com uma pedra bruta que curava os doentes; em Alpenes, uma pedra consagrada a Netuno, possuía a mesma propriedade, etc.

Assisti algumas vezes, mesmo nas cercanias de Paris, em Morsang-sur-Orge, pouco distante de Juvisy, nas festas do solstício do verão, à fogueira de São João, outrora pagã, hoje cristianizada, mas conservando sempre o cunho da supersticiosa credulidade antiga. O Sol, deus da vida, acaba

de deitar-se no Ocidente luminoso, o crepúsculo envolve a natureza; na praça da igreja fora preparada uma fogueira com um belo pinheiro cortado na floresta próxima; sai um padre da igreja, acompanhado pelos meninos do coro e pelos cantores e vem benzer a fogueira; põe-se fogo à lenha e as chamas crepitam refulgentes. Toda a aldeia está presente; os rapazes e as moças aproximam-se, esperam que fique apenas o braseiro final; as moças devem saltar sem queimar-se e a mais audaciosa é a que fica mais em destaque: ela se casará com toda certeza antes do fim do ano. Depois os tições devem ser retirados antes de serem consumidos : eles preservarão as casas, com a mesma virtude das palmas do domingo de Ramos, contra os incêndios e o raio. Muitos depositam ainda hoje a mais ingênua confiança nesse uso tradicional, que remonta ao Galo-Romanos de há quinze ou dezoito séculos e sem dúvida há tempos mais remotos. De resto, as fogueiras de S. João subsistem ainda em nossos dias, na maior parte da França - ia eu escrever da Gália.

Quem não conhece igualmente os crepes da Candelária? São ela felicidade na agricultura, no comércio, em todos os empreendimentos; é preciso que sejam feitos nesse dia (2 de Fevereiro) e sobretudo não perdê-los. Napoleão, antes de partir para a Rússia, fazia alguns desses crepes e dizia rindo : Se eu virar este, ganharei a primeira batalha! e aquele, a segunda! Conseguiu ele virar um, dois, três, mas o quarto caiu ao fogo, pressagiando - diz um historiador - o incêndio de Moscou .

Em Berry, na Châtelette, o santo Guinholet torna as mulheres fecundas; em Bourges é o santo Greluchon; em Bourg Dieu é são Guerlichon; em Vendres, no Allier, é são Phoutin ; em Sampigny, no Meuse, é o santo Foutin; em

Auxerre, é são Faustino, etc. Não obstante a vigilância dos párocos, as mulheres raspavam certa parte do corpo desses santos e bebiam esse pó em um copo d'água .

Em Gargillesse, no Creuse, tendo o cura feito desaparecer da Igreja O Santo Greluchon, vão atualmente as mulheres, que sonham com a maternidade, raspar uma estátua de mármore do túmulo de Guilherme de Naillac que, o quanto parece, já está sobremodo gasta.

Em Rocamadour, no Rouergue, as mulheres que não estão satisfeitas com seus maridos vão beijar e dar voltas ao ferrolho da porta da igreja, ou então tocar em uma barra de ferro que se chama o alfange de Rolando .

Em muitas províncias acredita-se ainda em diversos gêneros de feiticeiros. Na Provença, por exemplo, acredita-se nos mandingueiros que impedem a consumação dos casamentos, como se acredita na Itália em maus olhados, na Alsácia em lobisomens. Mas acreditam-se também nos meios de anular a,s feitiçarias. Notadamente em Toulon, as costureiras põem, ainda hoje, um pouco de sal na orela dos vestidos de noiva, pois o sal tem a propriedade de assegurar a perfeita felicidade das recém-casadas .

Em Paris, como em Roma no tempo de - Tibério, não desapareceu o hábito de consultar os que tiram horóscopos predizendo o futuro pelas regras astrológicas da posição das estrelas e dos planetas no dia do nascimento. Ainda há astrólogos! Ora, como se pode crer no valor de um horóscopo, quando se sabe que nasce em média uma criança por segundo no conjunto da população do globo, ou sejam sessenta por ; minuto, cerca de 3.600 por hora ou 86,400 por dia e que, por conseguinte, se as estrelas e os planetas tivessem uma influência real nos destinos, dez crianças

nascidas no mesmo momento deveriam ter o mesmo destino; uma rainha e uma aldeã que se tornam mães no mesmo tempo, deveriam dar à luz a dois seres regidos pelas mesmas leis, etc., etc .

A crença nos amuletos, nos talismãs, nas medalhas, nos escapulários, é tão vivaz entre os povos civilizados como entre os selvagens; na França, como no Sudão e no Congo. Basta para que fiquemos, a respeito do assunto, bem edificados, ler certas obras, tais como os livros do Senhor de Ségur, de Dom Guéranger, ou do abade de Saint-Paul sobre a medalha de São Benedito . Constata-se, por exemplo, de tais leituras, que essa medalha de São Benedito, aprovada pelo papa Benedito XIV, cura todas as moléstias: as dores de dentes, de garganta, de cabeça; purifica a água dos poços, promove o crescimento das árvores, apaga os incêndios, protegem os cavalos, as vacas, os gatos, as galinhas, as árvores, os vinhedos, os vidros de lampião, etc . , etc .

Eu nada invento. Eis aí algumas citações Certa vaca tossia de uma forma violenta, escreve Dom Guéranger (Cruz de São Benedito, pág. 72), não comia absolutamente nada e não dava mais leite. O visitador traçou sobre a fronte do animal o sinal da cruz, empregando a fórmula inscrita sobre a medalha; recomendou que mergulhassem esta em um pouco de água e de farelo, que se daria a beber todos os dias à vaca (boa precaução) até perfeita cura, e pendurou uma medalha no estábulo. Algumas semanas mais tarde, o tiveram a satisfação de constatar que a vaca se achava completamente restabelecida.

A mesma medalha atua sobre as árvores. Cortei todos os galhos grandes, deixando apenas o tronco, escreveram ao autor da obra - Origem e efeitos admiráveis da cruz de São

Benedito, o abade de São Paulo, Demonstrando-me o corte de serra que os ramos estavam realmente mortos, coloquei imediatamente sob a casca uma medalha de São Benedito, suplicando ao grande santo que fizesse reviver aquela árvore tão bela que fazia o encanto da região. Na primavera ela readquiriu sua luxuriante folhagem.

Durante a Comuna de Paris medalhas introduzidas na barricada da rua de Rivoli, preservaram o ministério da Marinha, assim como o depósito das cartas e plantas (10).

Quem não se lembra igualmente da história da santa lágrima de Vendôme, derramada por Jesus-Cristo sobre o túmulo de Lázaro, recolhida por um anjo e conservada em um cofrezinho de ouro ? Tem sido ela durante séculos, em Vendôme, a fonte de numerosos milagres e de grandes proventos. E os cabelos da Virgem Maria, que nos são mostrados em Nápoles ! E a túnica inconsútil de Jesus, oferecida à veneração dos crédulos, na igreja de Argenteuil e em Trèves. E o santo Sudário de Jesus-Cristo, objeto de veneração em Turim e em Cadouin (Dordogne) ainda que esta peça antiga mais ou menos apócrifa tenha sido queimada durante a vida de Rabelais. E as ossadas dos reis magos, que são mostradas em Colônia e em Milão ! . . .

Lê-se no Grande Dicionário Larousse, geralmente bem informado: O prepúcio de Jesus-Cristo figura brilhantemente entre as relíquias célebres. Contam-se nada menos de sete prepúcios entregues à piedosa e grotesca veneração dos fiéis. Um dos que gozam da maior reputação é o do convento das Ursulinas de Charroux. Teve ele enorme destaque, em 1863, nos jornais em que tiveram lugar, a este respeito, freqüentes controvérsias, nas quais tomou parte o bispo de Poitiers. Existe uma confraria especial ara esse

culto da circuncisão, festa que, muito ilògicamente -aliás, abre os nossos calendários cristãos. (11)

A credulidade está por toda à parte. Vede, nas igrejas, os círios que são acesos diante das imagens e das estátuas dos santos, para obter do céu a cura de uma doença, o bom êxito de um negócio, de um exame, etc. Estes círios que representam, ardendo, preces elevadas ao céu, não recordam os moinhos de orações que os Tibetanos fazem mover-se, supondo que atraem as benções divinas ?

Todo o mundo conhece a história de Nossa Senhora de Loreto, da casa, da Virgem Maria, Santa Casa, que teria feito uma viagem aérea de Nazaré a Loreto, no ano de 1294, detendo-se na Dalmácia.

Ainda recentemente, não era de bom gosto duvidar da autenticidade dessa casa e do seu transporte miraculoso através dos ares.

Hoje, Nossa Senhora de Loreto está substituída por Nossa Senhora de Lourdes. Os administradores desta exploração, em regra, nem mesmo dão ao trabalho de disfarçar o desprezo que professam pela credulidade dos fiéis. Basta ler, para julgá-lo, a inscrição que eles gravaram em letras de ouro sobre uma placa de mármore, na qual faz-se dizer à mãe de Deus, dirigindo-se à pequena Bernadette: Fane-me a graça de voltar aqui, ou Desejo que venha muita gente, ou ainda Lavai-vos nesta água e comei desta erva. (12)

Não ataco aqui o sentimento religioso em si mesmo (do mesmo modo que não ataquei a Ciência no capítulo precedente), pois o tenho por infinitamente respeitável; mas penso que todos devemos repelir as superstições, as

puerilidades, os erros e as mentiras a que ele serve de pretexto.

Não é raro encontrar pessoas que negam imperturbavelmente as questões de que nos ocupamos neste livro e que aceitam decididamente as absurdidades mais colossais, por exemplo, a anedota do dilúvio universal narrada na Bíblia, na qual está escrito que tendo sido abertas as comportas do reservatório das águas superiores, a água despenhou-se do céu em cataratas durante quarenta dias e quarenta noites, elevou-se quinze polegadas acima das mais altas montanhas em toda a terra e levou durante cento e cinquenta dias a arca na qual Noé fizera entrar um macho e uma fêmea de todas as espécies de animais existentes sobre o globo. Nenhum conto das Mil e uma noites chega à primeira cavilha desta arca; mas a credulidade religiosa é tão cega que a aceita sem comentários, do mesmo modo que afirma o milagre de Josué, fazendo parar o Sol! e as palavras da mula de Balaão !

E com relação aos assuntos de que nos deveremos ocupar neste livro: relatos de aparições, de manifestações, de experiências de Hipnotismo e de Espiritismo, quanto não se tem soltado as rédeas à credulidade? Conheci um oficial de grande valor que não duvidava um só instante da identidade dos nomes dados por sua mesa e que se entretinha com Leibnitz e Spinoza todos os domingos, depois de almoçar. Deste gênero conheci um outro que discutia filosofia social com Jean Valjean, sem ter jamais sonhado sequer com a origem puramente romanesca desta personagem imaginária. Uma grande e nobre senhora, já de idade madura, muito inteligente, que outrora conhecera muito intimamente lord Byron, evocava-o todos os sábados à noite, para consultá-lo

sobre suas operações financeiras. Certo doutor em medicina da Faculdade de Paris, escolhera por amigos do outro mundo o Dente e Beatriz, que vinham regularmente conversar com ele, mas não juntos, dizia ele, porque lhes é defeso aproximarem-se um do outro. Uma devota do Espiritismo vivia gravemente ocupada em fazer casamentos póstumos no outro mundo. Um médium extravagante, que tivera doze filhos e perdera sete deles, perguntava a estes, todos os meses, pelo seu estado de saúde e por suas ocupações, do que tomava nota regularmente. Um outro chamava a alma da Terra, que lhe respondia e que dirigiam todas as suas idéias, etc., etc.

O Espiritismo tem sido empregado, como a religião,, em proveito de usos que não têm senão vaga relação com ele. Tem servido para fazer casamentos, sérios ou passageiros, para explorar caracteres fracos, para conseguir testamentos. Uma senhora do meu conhecimento tornou-se princesa, fazendo dizer, por uma mesa, àquele a quem ela cobiçava, o nome que sua primeira esposa lhe designava, ela própria, para sucedê-la. Conheci uma viúva cujo filho recém-nascido foi anunciado e aceito como a reencarnação de uma criança ternamente amada e laço providencial perfeitamente indicado para um novo casamento. Também conheço uma outra desta espécie que, a pretexto de Espiritismo, vende anéis cabalísticos por meio dos quais obtém a cura de todas as moléstias, etc., etc.

Uma boa história, igualmente, é a do Diabo no décimo-nono Século, do franco-maçonaria luciferiana e de Diana Vaughan que mistificou uma parte notável do clero francês, vários bispos, dois cardeais e o próprio papa Leão XIII, ainda que fosse forjada, em todas as suas peças, por Léo

Taxil, como ele mesmo o confessou cinicamente em 1897. As aparições de diabos e de diabas, nas cerimônias ímpias e obscenas, tinham sido tomadas a sério por graves teólogos.

Pode-se confessar, de resto, que a credulidade política é ainda mais extravagante do que a credulidade religiosa. Quando se pensa que na hora atual os franceses, os alemães, os russos, os ingleses, os italianos, os austríacos, etc., etc., acreditam ainda que devem ser soldados e habitar casernas nauseabundas, fazendo exercícios grotescos, e que todos os cidadãos da Europa despendem, para a glória de pretensas fronteiras traçadas sobre o papel 22 milhões por dia, empregados em impedir que os homens fiquem em suas casas, cada um cuidando de seu trabalho e de seus deveres, sente-se verdadeiramente que a idade da razão ainda não soou para o nosso pobre pequenino planeta, e que a servidão voluntária faz parte do patrimônio da humanidade.

Sim, a nossa espécie é muito imperfeita e a credulidade humana oferece-nos objetos tão dignos de atenção como a incredulidade de partī pris.

Quanto é, por isso, difícil conservar a gente justo meio termo e seguir tranqüilamente os preceitos da razão!

Sim, a credulidade existe sempre, em perpétuo equilíbrio com a incredulidade. Desconfiemos tanto de uma como de outra. Os augures não morreram, o progresso nem matou os arúspices, nem aboliu os presságios e não avança depressa em inteligência a espécie humana. Acrescentarei, entretanto, com Humboldt, que um presunçoso cepticismo que rejeita os fatos sem exame, é, a certos aspectos, mais censurável que urna credulidade irrefletida .

Seria fácil multiplicar esses exemplos. Quis simplesmente mostrar, neste segundo capítulo, que devemos

estar em guarda contra a credulidade, do mesmo modo que contra a incredulidade. Aí estão dois excessos contrários, a igual distância dos quais nos devemos esforçar para nos mantermos, na aceitação e no exame dos fatos extraordinários de que nos vamos ocupar.

Nada negamos; nada afirmamos: observamos imparcialmente. E talvez a posição mais difícil de manter nesta ordem de coisas. Da minha parte, suplico àqueles que fossem tentados a me acusar, seja de credulidade, seja de incredulidade, que não o façam levianamente e que não percam de vista que me conservo constantemente em guarda: Eu investigo.

III

AS MANIFESTAÇÕES TELEPATICAS DE AGONIZANTE E AS APARIÇÕES

Fatos! Não palavras.

Acabamos de nos pôr em guarda contra duas disposições intelectuais contrárias à livre pesquisa da verdade: a incredulidade e a credulidade, e tomamos o maior cuidado no sentido de conservar sempre nosso espírito nessa completa independência, mais indispensável que nunca na ordem de estudos de que nos vamos ocupar. A cada instante

seremos feridos em nossas idéias científicas habituais, e conduzidos a rejeitar os fatos e a negá-los sem maior exame. Também a cada instante, uma vez engranzados na corrente, nós nos sentiremos deslizar um pouco mais rapidamente para a aceitação de fenômenos insuficientemente observados e ficaremos expostos ao ridículo de procurar a causa do que não existe.

Que o espírito positivo do método experimental, a que a nossa espécie humana, ainda tão inferior e tão bárbara, deve o pouco de progresso que tem feito, não nos abandone jamais nestas pesquisas!

Sei perfeitamente que ilustres campeões do método experimental professam um estranho cepticismo a respeito de todas as coisas e asseguram que de tudo duvidam. Desconfiemos, porém, do prazer dos paradoxos. É um exercício muito agradável, seguramente, e que nos eleva acima do grosseiro bom senso vulgar; Alexandre Dumas filho nos mostrou, por seu próprio exemplo, que esse espírito não é totalmente destituído de perigo e torna-se, por vezes, de remarcada falsidade.

Esforcemo-nos por nos conservar prudentes.

Para que nos reconheçamos no mundo misterioso que vamos examinar e para que tiremos dessas observações resultados instrutivos, começaremos por fazer classificação metódica, dos fenômenos, reunindo em grupos os que se assemelham e procurando deduzir as conclusões a que tais fenômenos conduzirem e que nos pareçam mais solidamente fundadas. Vale a pena fazer-se essa tentativa. Trata-se de nós mesmos, de nossa natureza, de nossa existência ou de nosso aniquilamento. A questão nos interessa. Oh! sem dúvida, lá

estão uns senhores que sacodem a cabeça. sorrindo e que demonstram um solene desprezo pela nossa tentativa:

Bem sabeis, dizem eles, que esses pretensos horizontes do Além são imaginários, pois, que para nós tudo acaba com a morte .

Mas, de modo algum! Nós não o sabemos. Nem vós também. A respeito disso vós nada sabeis, absolutamente nada, e vossas afirmativas, com vossas negativas nada mais são do que palavras, palavras ocas. Todas as aspirações da Humanidade protestam contra esse nada. O ideal, o sonho, a esperança, a justiça, talvez não sejam puras ilusões, tanto quanto os corpos de que acabamos de falar. Do mesmo modo que a razão, não é fato que o sentimento existe? Em todos esses casos há um problema real e grave a resolver. A imortalidade da alma é uma coisa tão importante, escrevia Pascal, que é preciso ter perdido todo sentimento para ficar na indiferença de saber o que seja ela realmente. Porque desesperaríamos de jamais chegar a conhecer a natureza do princípio pensante que nos anima e de saber, sim ou não, se ele sobrevive à destruição do corpo? Dar-nos-ão as pesquisas que vamos empreender algumas noções certas sobre este ponto? Talvez.

Como quer que seja, peço aos leitores, se é possível, que não sejam, lendo estas linhas, nem intransigentes, nem intolerantes, nem radicais, nem ateus, nem materialistas, nem israelitas, nem protestantes, nem católicos, nem muçulmanos, mas muito simplesmente, livres.

Esta é uma tentativa de instrução. Nada mais. Que não se procure, nela, qualquer outra coisa e assegurem excelentes amigos que compromete o entrar assim desassombadamente nesta via, praticando um ato de imprudência, de audaciosa

coragem e .de grande temeridade . Peço, aos meus melhores amigos, que pensem bem que não sou nada - absolutamente nada mais que um pesquisador e que a tudo o que se pode escrever, dizer ou pensar de mim, eu sou em absoluto indiferente. Interesse algum, de qualquer ordem que seja, guiou jamais um só de meus passos .

Também objetam: há muitos séculos que se procura e jamais se encontrou coisa alguma: logo, jamais se encontrará o quer que seja . Com raciocínios como esse, nunca se teria aprendido nada.

Vistam impendera vero: Consagrar sua vida a verdade! era a divisa de Jean-Jacques. Existirá alguma outra mais nobre para todo o filósofo, para todo o pensador?

Tentativa de instrução, dizemos nós, que se parecerá por vezes às inquirições dos juízes de instrução, nos processos criminais, pois que ai juntar-se-ão elementos humanos que devem ser tomados em consideração, e esses fenômenos não têm a simplicidade de uma observação astronômica. ou de uma experiência de física. Para nós o primeiro dever é seguir um método de estudo e fazer uma primeira classificação dos fatos a examinar.

Começaremos pelas manifestações telepáticas de moribundos. Digo manifestações e não somente aparições, para generalizar um conjunto de fatos, do qual as aparições visuais apenas representam uma parte.

A palavra telepatia já é, desde alguns anos, conhecida do público. Foi ela construída etimologicamente, como se haviam formado as palavras telescópio, telegrafia, telefone. Simpatias, antipatia têm a mesma origem etimológica. Telepatia significa, portanto, muito simplesmente ser

advertido, por uma sensação qualquer, de uma coisa que se passa ao longe (13).

Na ordem de fatos de que nos vamos ocupar, encontram-se, a cada passo, relatos incertos ou exagerados, narrações duvidosas, observações desprovidas de valor por causa da ausência de todo espírito crítico.

Não devemos acolher estes relatos senão com a mais extrema prudência - eu ia escrever desconfiança - e eliminar desde logo todos os que nos pareçam suspeitos. Mais do que nunca, importa-nos aqui ter muito em consideração o discernimento, o saber, o valor moral e intelectual das pessoas que no-los trazem. A paixão do maravilhoso ou do extraordinário pode transformar em acontecimentos fantásticos coisas inteiramente corriqueiras e que se explicam de um modo absolutamente simples. Certas pessoas poderiam contar-me histórias durante um ano inteiro, com o maior luxo de provas aparentes e de denominações eloqüentes, sem que eu lhes desse maior crédito à primeira palavra, do que às promessas de certos deputados e de certos ministros . Outras, pelo contrário, nos inspiram, por seu caráter, uma confiança sempre justificada. Em minha investigação de tais fatos a estudar, esses princípios de prudência elementar têm-me sempre instintivamente guiado, e eu nutro a esperança de não haver admitido nenhuma narrativa sem que sua autenticidade fosse garantida pelo espírito científico esclarecido dos autores que tiveram a bondade de mais confiar, ou pelo menos por um claro discernimento e uma inteira boa fé.

Primeiro que tudo, exporá aos olhos do leitor uma seleção de observações muito variadas, para as quais tentaremos, como dissemos, uma classificação metódica.

Importa, para nossa instrução, ter um grande número de fatos autênticos diante dos olhos. As explicações e as teorias virão em seguida. Somos os obreiros do método experimental.

Iniciaremos estes estudos por certas manifestações inexplicáveis e estranhas de moribundos, não de mortos, deve ser assinalada a distinção .

Manifestações de moribundos, observadas no estado normal, achando-se os observadores perfeitamente acordados, e não durante o sono, através de sonhos. Há entre elas certo número de tais manifestações percebidas em sonhos, que não devem ser consideradas como nulas; serão, porém, inscritas em um outro capítulo.

O meu excelente amigo General Parmentier, um dos nossos mais distintos e mais estimadas sábios, afirmou-me os dois fatos que se seguem, sucedidos em sua família (14).

I. - Diversas pessoas estavam reunidas em um almoço, em Andlan, na Alsácia. Esperavam o dono da casa, que estava na caça e, passando já da hora, acabaram por sentar-se à mesa sem ele, declarando a dona da casa que não tardaria o mesmo a chegar.

Começaram a almoçar, conversando sobre coisas alegres e esperavam de um instante para outro, ver chegar o retardatário, zeloso discípulo de Santo Huberto.

Mas o tempo ia passando e todos se admiravam da grande demora, quando, de repente, com o tempo mais calmo e o céu mais belo que se possa imaginar, a janela da sala de jantar, que estava amplamente aberta, fechou-se violentamente com um grande ruído e reabriu-se logo, instantaneamente. Os convivas ficaram tanto mais surpresos, estupefato, porquanto este movimento da janela não se teria

podido produzir sem derrubar uma garrafa de água colocada sobre uma mesa diante da janela, tendo essa garrafa, entretanto, conservado sua posição. Todos os que viram e ouviram o movimento não compreenderam absolutamente nada do que se passou.

- Acaba de acontecer uma desgraça! - gritou, levantando-se, aflita, a dona da casa.

Foi suspenso no almoço. Três quartos de hora depois, era trazido em uma padiola o corpo do caçador que havia recebido uma carga de chumbo em pleno peito. Morrera ele quase instantaneamente, não tendo pronunciado senão estas palavras:

- Minha mulher! meus pobres filhos!

Eis ai um fato, um fato de coincidência a explicar.

Parece-nos ele, à primeira vista, vulgar e absurdo. Que significa. esse bizarro movimento de janela e com o que pode relacionar-se? Não é perder a gente o seu tempo tomar a sério um incidente tão insignificante? As rãs de Galvani também eram muito insignificantes, assim como a marmita de Papin. Entretanto, a eletricidade e o vapor não o são, de modo algum.

Outro dia, o raio atingiu um homem em pleno campo, mas não lhe fez maior mal do que lhe arrancar os sapatos e atirá-los a uns vinte passos de distância, tirando-lhes todos os pregos, sem exceção.

De outra feita, ele despiu uma jovem camponesa, pondo-a completamente nua e deixando-a sobre a relva. Foram encontradas as suas vestes penduradas em uma árvore.

Uma outra vez, o fulminou de um golpe a um lavrador, no momento em que levava à boca um pedaço de pão, na hora do almoço . O homem ficou imóvel . Aproximaram-se

dele, tocaram-no e o corpo caiu em cinzas. Mas as suas roupas estavam intactas.

As extravagâncias da Natureza não devem impedir-nos de estudar os fenômenos; pelo contrário.

Sem dúvida, ouvindo-se contar o incidente do caçador de Andlan, a primeira idéia que nos ocorre é a de negar, pura e simplesmente. Não, de certo, que se possa supor tenha sido a história inventada em todos os seus detalhes e que seja ela inteiramente mentirosa, pois que as circunstâncias em que se verificou e o caráter do narrador, não o permitem.

Mas pode-se dizer que o que se deu foi um pequeno movimento da janela, produzido por uma causa vulgar, como um golpe de vento, uma pancada, a passagem de um gato, - que sei eu? - e que sua coincidência com um acontecimento trágico amplificou-o depois da ocorrência. Suposição difícil de admitir, entretanto, pois que a dona da casa e seus convivas ficaram vivamente impressionados com o fato.

Eis o que parece ter-se produzido: A janela não se moveu; é prova disso a garrafa e o contraste foi assinalado. Antes de entrar na análise desses fatos, podemos pensar, desde logo, que aquela senhora e uma ou várias outras pessoas tiveram uma ilusão da vista e do ouvido, a sensação de um fenômeno irreal, e que o seu cérebro foi impressionado vivamente por uma causa exterior.

Podemos também pensar que essa causa era a força psíquica do moribundo, daquele que se estava esperando, que, àquela hora, devia estar àquela mesa, que para aí se transportou pelo pensamento, que projetou naquela direção sua última energia. Telegrafia sem fio... Porque se manifestou ela desse modo ?

Como a impressão cerebral pôde ser coletiva?

Porquê?... Porquê?...

Os teus porquês, di-lo Deus, jamais acabariam.

Estamos em pleno domínio do mistério e não podemos senão formular hipóteses. Oh!. sem dúvida,. fosse esta história a única em seu gênero e poderia ela passar despercebida, mas é a menor entre grande número de outras que temos para relatar nesta obra. Não insistamos, por agora, sobre o modo. de explicá-la, e continuemos .

Eis aqui um segundo exemplo de transmissão telepática no momento da morte, não menos singular, mais notável ainda, que também devo à gentileza do Senhor General Parmentier que lhe garantiu a autenticidade:

II. - Estávamos em Schlestadt, Departamento do Baixo-Reno. Era por uma noite de verão. Tinham deixado aberta a porta de comunicação entre o quarto de dormir e o salão e, no salão, as duas janelas grandes abertas e assim mantidas pelos encostos de cadeiras que as tocavam. O pai e a mãe do Senhor Parmentier dormiam.

De súbito, a senhora Parmentier é despertada por um brusco movimento do leito, de baixo para cima. Surpresa, um pouco atemorizada, acorda seu marido e comunica-lhe o que acaba de experimentar.

De repente, um segundo abalo se produz, muito violento. O pai do General Parmentier atribui a um tremor de terra, ainda que sejam estes bem raros na Alsácia; levanta-se, acende uma vela, não constata nada de insólito e torna a deitar-se . Mas, imediatamente após, novo abalo muito forte do leito, depois rumores e estrépitos na sala vizinha, como se as janelas fossem fechadas com violência, com todos os vidros postos em pedaços. O tremor de terra parece ter-se acentuado de um modo ainda mais formidável; o Senhor e a

Senhora Parmentier levantam-se e vão examinar os estragos do salão: nada, as janelas permanecem totalmente abertas, as cadeiras não mudaram de lugar, o ar está calmo, o céu puro e estrelado. Não houvera nem tremor de terra, nem desencadear de vento; o barulho ouvido era fictício.

O Senhor e a Senhora Parmentier moravam no primeiro andar e havia, no andar térreo, uma mulher de certa idade possuidora de um armário que rangia de uma forma irritante toda vez que o abriam ou fechavam. Este rangido desagradável fora ouvido e perguntava-se que necessidade teria tido a aludida senhora de abrir e fechar assim seu armário a uma semelhante hora.

Constatando que nada havia de desarranjado no salão, nem no estado das janelas, nem na posição dos menores objetos, a Sra. Parmentier ficou com medo. Acreditou que uma desgraça qualquer tivesse acontecido aos seus a seu pai, a sua mãe, que ela, recentemente casada, havia deixado havia pouco tempo em Estrasburgo e que julgava, entretanto, estarem de perfeita saúde.

Não tardou muito, porém, que viesse a saber que sua antiga governante, a quem não tornara a ver desde o seu casamento e que se retirara para Viena d'Austria, com sua família, morrera naquela noite e que, antes de morrer, externara diversas vezes o pesar de ter sido separada de sua querida discípula, pela qual conservara viva afeição.

Eis aí um segundo fato que não é destituído de analogia para com o primeiro e que parece indicar as mesmas correlações. Uma impressão partida do cérebro de um moribundo teria ido ferir um outro cérebro, a 650 quilômetros de distância e dar-lhe a sensação de um ruído tão extraordinário? Pôde essa impressão tocar, seja

diretamente, seja por afinidade, dois cérebros em relação com o primeiro?

Quando, pela manhã, a Senhora Parmentier perguntara a sua vizinha do andar térreo se ela não abrira o seu rangedor armário, àquela hora tardia da noite, se ela não fora sacudida em seu leito, se não escutara uma algazarra fora do costume, esta respondeu negativamente, observando que dormia pouco em sua idade e que, se alguma coisa de insólito se tivesse produzido, ela o teria certamente notado. A manifestação psíquica, não havia, portanto, emocionado senão os dois seres em relação com a causa.

Sem dúvida, podemos sempre ficar surpreso com a materialidade, com a banalidade, com a vulgaridade da manifestação, para depois sempre dizer: Erro dos sentidos, alucinação sem causa, acaso e coincidência. Mas estamos aqui para examinar as coisas sem parti-pris e para encontrar, se possível, as leis que as regem.

Continuemos, porque o valor dos fatos cresce na razão do seu número, visto tratar-se de coincidências.

Meu caro Mestre .

Estávamos em Junho de 1896. Durante os dois últimos meses de minha permanência na Itália, minha mãe veio juntar-se-me em Roma e residia bem perto da Academia de França, em uma pensão familiar da via Gregoriana, onde vós mesmos residistes.

Como, nessa época, eu tivesse ainda um trabalho a terminar, antes de regressar à França, minha mãe, para não me embaraçar, visitava a cidade sozinha e não vinha procurar-me, a Vila Médicis, senão ao meio-dia, para

almoçarmos. Ora, um dia eu a vi chegar, toda transtornada, pelas oito horas da manhã. Como a interrogasse, respondeu-me ela que, estando a fazer sua toailete, viu de repente, ao seu lado, seu sobrinho René Klaemer que a contemplava e que lhe disse, rindo

- Na verdade, eu estou bem morto!

Muito amedrontada com esta aparição, apressou-se, ela em vir procurar-me. Tranqüilize-a do melhor modo que pude, depois entabulamos conversação sobre outros assuntos.

Quinze dias após, regressávamos ambos a Paris, depois de termos visitado parte da Itália, e soubemos, então, da morte de meu primo René, ocorrida sexta-feira, 12 de Julho de 1896, no apartamento que seus pais ocupavam, à rua de Moscou, 31. Tinha ele catorze anos.

Graças a certo trabalho que eu fazia em Roma, na época da viagem de minha mãe pude controlar as datas, e mesmo as horas, nas quais esse fenômeno se produziu. Ora, naquele dia, o meu priminho, acometido de uma peritonite desde alguns dias antes, entrava em agonia pelas seis horas da manhã e morria ao meio-dia, depois de ter exprimido, por diversas vezes, o desejo de ver sua tia Berta, minha mãe.

Note-se que jamais, em nenhuma das numerosas cartas que recebíamos de Paris, nos haviam dito uma palavra a respeito da moléstia de meu primo. Sabia-se muito bem que minha mãe tinha uma afeição muito particular por esse menino e que regressaria a Paris por uma simples arranhadura que soubesse ter-se produzido nele. Nem mesmo nos telegrafaram comunicando sua morte.

Acrescentarei que, quando são seis horas da manhã em Paris, os relógios de Roma, devido à diferença de longitude,

marcam sete horas, e que foi precisamente nesse momento que minha mãe teve a citada visão.

ANDRÉ BLOCH

Praça Malesherbes, 11, Paris .

O fato observado por Mme. Bloch é do mesmo gênero dos dois precedentes. A hora em que perdia o conhecimento das coisas terrestres, seu sobrinho pensava ardentemente nela, a quem ele amava com uma ternura filial, correspondido também por sua tia que o amava como a seu próprio filho. A força, psíquica do moribundo não se pôde manifestar de outro modo, isto é, sem sair do caráter de um menino de catorze anos, que poderia dizer, com efeito, rindo:

- Muito bem, sim, eu morri!

Pode-se negar, pode-se negar sempre. Mas o que prova uma negação? Não é melhor usar de franqueza, confessar que aí estão coincidências notáveis, ainda que incompreensíveis no estado atual de nossos conhecimentos? A hipótese de uma alucinação sem causa é verdadeiramente pouco séria. Não nos percamos em palavras. Pesquisemos .

M. V, de Kerkhove escrevia-me em Fevereiro de 1889:

IV . - Em 25 de Agosto de 1874, estando eu no Texas (Estados Unidos), à hora do pôr do Sol, depois do jantar, alentara-me, fumando meu cachimbo, na varanda da casa que ocupava em frente ao mar, com uma porta que abria para o Noroeste, à minha direita.

De repente, no vão dessa porta, vi distintamente meu velho avó. Achava-me em um estado de semi-inconsciência, de doce bem-estar e de quietude, como homem que tem bom

estomago e que acabou de jantar bem. Não experimentei admiração alguma em ver naquele lugar . De fato, eu vivia vegetativamente e estava mesmo sem pensar, nesse momento. Fiz, entretanto, comigo mesmo, esta reflexão: E' extraordinário! Como estes raios do sol poente põem labores de ouro e de púrpura por toda parte, nas menores dobras das vestes e do rosto de meu avô.

Com efeito, nesse instante o Sol descia no horizonte, muito vermelho e projetava os seus últimos raios diagonalmente pela porta da sala. Meu avô tinha sua bondade; sorria, parecia feliz. De súbito desapareceu com o Sol poente e eu despertei, como de um sonho, convictos da que se tratava de uma aparição. Seis semanas após soube, por carta, que meu avô morrera na noite de 25 para 26 de Agosto,. entre uma e duas horas da manhã. Ora, há entre a Bélgica, onde morreu meu avô e, a longitude do Texas, onde eu me encontrava, uma diferença de cinco horas e meia. Hora do pôr-do-sol, pelas sete horas.

Poder-se-ia objetar que no ocorrido houve simples ilusão produzida pelos raios do sol poente. E pouco provável, pois o Senhor de Kerkhove reconhecer perfeitamente seu avô . O que devemos assinalar, sobretudo, são essas coincidências com as datas de morte.

A 10 de Novembro de 1890, foi-me endereçada s seguinte carta, de Cristiânia.

V - Meu caro Mestre .

Vossa obra Urânia sugere-me a idéia de vos fazer conhecedor de um acontecimento de que fui informado pela própria pessoa com quem o fato sucedeu. E o Senhor Vogler,

médico dinamarquês, morador em Gudum, perto de Aiborg (Jutlandia) . O Senhor Vogler é um homem de excelente saúde, tanto do corpo como do espírito, uma natureza equilibrada e positiva, sem a menor disposição neurastênica ou imaginativa, muito pelo contrário.

Jovem estudante de Medicina, viajou ele na Alemanha com o Conde de Schimmuelmann, muito conhecido entre a nobreza do Holstein. Eram ambos mais ou menos da mesma idade. Em uma das cidades universitárias da Alemanha, onde haviam resolvido permanecer algum tempo, alugaram uma pequena casa. O conde ocupava o andar térreo e o Senhor Vogler instalou-se no primeiro andar; a porta que dava para a rua, bem como a escada, pertenciam somente a eles.

Uma noite ,o Senhor Vogler, tendo-se deitado, ainda lia. De repente ouviu ele a porta, em baixo da escada, abrir-se e fechar-se; de nada, porém, desconfiou, supondo que era seu amigo que entrava. Entretanto, ao cabo de pouco tempo, ouviu passos claudicantes e quase fatigados subirem a escada e se deterem diante da porta de seu quarto. Viu a porta abrir-se, mas ninguém apareceu; os passos, entretanto, continuaram e ele ouviu-os sobre o assoalho aproximarem-se do leito. Não viu absolutamente nada, não obstante a luz aclarar bem o quarto. Quando o ruído dos passos se fez ouvir bem próximo do leito, escutou ele um profundo suspiro que reconheceu imediatamente provir de sua avó que deixara, em bom estado de saúde, na Dinamarca ao mesmo tempo reconheceu também os passos : eram bem os passos vacilantes e cansados de sua avó.

Tomou ele nota, deixando-a escrita, da hora exata em que se deu essa revelação,, pois lhe veio instantaneamente à intuição de que sua avó morria no mesmo instante. Mais

tarde, uma carta da casa paterna anunciou-lhe a morte súbita da avó que o havia particularmente querido dentre os outros netos. Constatou-se que a morte se deu justamente na hora indicada. Dessa maneira a avó despediu-se de seu neto que nem mesmo sabia estivesse ela enferma.

EDOUARD HAMBR.

O Licenciado em Direito, Secretário da repartição dos trabalhos públicos da cidade de Cristiânia.

Esse moço foi, portanto, advertido da morte de sua avó por essa impressão de passos e de um suspiro. Eis o que é preciso admitir.

A Senhora Féret, em Juvisy, mãe da agente dos Correios dessa cidade, escrevia-me recentemente (Dezembro de 1898):

VI. - O fato de que se trata passou-se há bastante tempo; lembro-me, porém, dele como se fosse de ontem, pois me impressionou tão fortemente que, vivesse eu cem anos, e jamais poderia esquecê-lo.

Foi pelo tempo da Guerra da Crimeia, em 1855. Morava eu então na rua da Torre, em Passy.

Um dia, à hora do almoço, pelo meio-dia, descii à adega. Um raio de sol penetrava pelo respiradouro e ia iluminar o chão. Essa parte iluminada pareceu-me de súbito uma praia de areia, à beira mar e, estendido morto sobre a areia, jazia um dos meus primos, comandante de batalhão.

Aterrorizada, não pude mais seguir para frente e subi com dificuldade os degraus da escada.

Minha família, reparando em minha palidez e em minha perturbação, assediou-me com perguntas. E quando lhes narrei a minha visão, todos se riram de mim.

Quinze dias após, recebíamos a triste notícia da morte do Comandante Solier. Morrera ao desembarcar em Varna, e a data de sua morte correspondia ao dia em que eu o vira estendido sobre a areia da adega.

Tão difícil de explicar é este fato quanto os precedentes, no estado atual de nossos conhecimentos. Sem dúvida, pode-se dizer que também neste caso está em jogo um raio de sol, que essa. moça. pensava algumas vezes em seu primo, que sua partida para a guerra a havia acabrunhado, que se tinha falado diante dela, com ela, do número dos mortos, da cólera, dos feridos, dos doentes, dos inumeráveis perigos dessa, guerra ainda mais estúpida que todas as outras, e que não existia em tudo isso mais do que simples ilusão. E fácil dizer!

A Senhora Féret está absolutamente, segura de ter visto muito distintamente o oficial ; ela viu, com os seus próprios olhos, seu primo estendido na praia, e foi precisamente em uma praia que ele tombou, morto pela cólera, ao desembarcar em Varna. Registre-se também a coincidência das datas. Não podemos, racionalmente, pensar que o oficial, sentindo-se assim ferido sobre as praias da terra estrangeira, tenha pensado naquela França. que ele não devia tornar a ver, naquela Paris, em seus pais, nessa prima cuja imagem fugitiva terá encantado os seus últimos instantes? Não admito, de forma alguma, que a narradora tenha visto, de Paris, a praia de Varna; admito, pelo contrário, que a causa da visão lá estivesse e que houve comunicação telepática. entre o moribundo e seu parente.

Continuemos a passar em revista essas manifestações curiosas e a examinar fatos! As teorias e as explicações virão em seguida. Quanto maior número de fatos tivermos, tanto mais progredirão os nossos conhecimentos.

Recebi, alguns dias atrás, a seguinte carta de um amputado, poeta bem conhecido e estimado de todos pela sinceridade de suas convicções e pela sua vida desinteressada:

VII. - Caro Mestre e amigo,

Era em 1871. Estava eu na idade em que se colhem flores nos campos como vós colheis estrelas no infinito; soas, em um momento em que esquecera de fazer a minha costumeira colheita, escrevi um artigo que me valeu certo número de anos de prisão : tudo isso acontece a quem não sabe esperar. Ora, estava eu na prisão Saint-Pierre, de Marselha. Lá se encontrava também Gastão Crémieux, condenado à morte . Eu o queria muito, porque nos embaláramos com os mesmos sonhos e tombáramos na mesma realidade. Na prisão, as horas de passeio, aconteciam-nos tratar, em nossas conversas amistosas, da questão de Deus e da alma imortal. Um dia, como alguns camaradas se declarassem ateus e materialistas com uma veemência pouco comum, fiz-lhes notar, a um sinal de Crémieux, que era pouco delicado de nossa parte proclamar tais negações diante de um condenado à morte, que acreditava em Deus e na imortalidade da alma. Disse-me o condenado, sorrindo

- Obrigado, meu amigo. Quando me fuzilarem, irei dar-vos uma, prova, manifestando-me em vossa cela.

Na manhã de 30 de Novembro, ao despontar do dia, fui subitamente despertado por um ruído de pequenas pancadas secas dadas em minha mesa. Voltei-me, o ruído cessou e tornei a dormir. Alguns instantes depois, recomeçaram o mesmo ruído. Saltei então da cama e coloquei-me, bem desperto, diante da mesa: o ruído continuou. Reproduziu-se isso ainda uma ou duas vezes, sempre nas mesmas condições.

Ao saltar da cama, todas as manhãs, eu tinha o costume de dirigir-me, com a cumplicidade de um bom guarda, à cela de Gaston Crémieux, onde me esperava uma xícara de café. Nesse dia, como nos precedentes, fui fiel ao nosso amistoso. Ai de mim! havia selos sobre a porta e eu constatei, olhando pelo buraco da fechadura, que o prisioneiro não mais estava lá. Apenas acabara de fazer essa constatação e o bom guarda atirava-se em meus braços, banhado em lágrimas.

- Eles o fuzilaram esta manhã, ao despontar do dia; mas ele morreu muito corajosamente.

Grande foi à emoção entre os prisioneiros. No pátio onde permutávamos nossas impressões, lembrei-me, de repente, dos ruídos que ouvira. Não sei que temor pueril de ser desmentido, impedia-me de contar aos meus companheiros de infortúnio o que se passou em minha cela, precisamente no instante em que Crémieux tombava com doze balas no peito. Contudo, fiz a confidencia do ocorrido a um deles, Francisco Roustan, que por um momento se perguntou a si mesmo se a dor não me havia enlouquecido.

Tal é o meu relato, escrito uma destas tardes. Eu vo-lo remeto tal como me saiu da pena. Faça dele o uso que vos parecer útil às vossas pesquisas; não façais, porém, sobre o meu estado d'alma, o juízo feito pelo meu amigo Roustan,

pois que a dor não podia ter-me tornado louco, em um momento em que ainda não tinha podido provocá-la o conhecimento do fato. Eu estava em meu estado normal, não desconfiava da execução, e ouvi perfeitamente aquela espécie de advertência. Eis a pura verdade.

CLOVIS HUGUES.

Segundo este relato, parece que no instante mesmo em que Gastão Crémieux era fuzilado (sua condenação remontava aos dias da Comuna de Marselha: 28 de Junho), seu espírito atuou sobre o cérebro de seu amigo e deu-lhe uma sensação, um eco, uma repercussão do drama de que ele foi vítima. A fuzilaria não podia ser ouvida da prisão (ela se deu em Pharo) e o ruído foi por diversas vezes repetido . Este fato é tão estranho como todos os precedentes; mas é seguramente difícil de ser negado.

Nós nos ocuparemos mais adiante das teorias explicativas . Continuemos nossa exposição comparativa, aliás tão variada e tão curiosa em si mesma.

Um eminente sábio, o Sr. Alphonse Berget, doutor em ciências, preparador do laboratório de Física, da Sorbona, examinador na Faculdade de Ciências de Paris, teve a bondade de comunicar-me o seguinte:

VIII. - Minha mãe era moça e noiva de meu pai, então capitão de Infantaria, quando o fato ocorreu; residia ela em Schlestadt, na casa de seus pais.

Minha mãe tinha tido, como amiga de infância, uma jovem chamada Amélia M.; esta moça, cega, era neta de um velho coronel de Dragões do Primeiro Império. Tendo ficado órfã ela vivia com seus avós. Era eximia cultora da música e muitas vezes cantava como minha mãe.

Na idade de dezoito anos despertou-se-lhe uma vocação religiosa muito pronunciada e tomou o hábito em um convento de Strasbourg. Nos primeiros tempos escrevia freqüentemente a minha mãe; depois suas cartas se foram espaçando e afinal, como acontece quase sempre em semelhantes casos, ela cessou completamente de se corresponder com sua velha amiga.

Haveria três anos que ela tomara o hábito de religiosa, quando, certo dia, minha mãe subiu ao celeiro, para procurar qualquer coisa velha de que necessitou em um momento de apuro. De súbito, ela desce a sala de visitas, dando gritos estridentes e cai sem sentidos . Precipitam-se todos, levantam-na, elas volta a si e grita soluçando

- E horrível! Amélia está morrendo, ela morreu, pois eu acabo de ouvi-la cantar, como só uma morta pode cantar!

E, de novo, uma crise de nervos fez perder os sentidos. Ora, meia hora depois, o Coronel M. entrava, como um louco, em casa de meu avo tendo na mão um telegrama. Esse telegrama era da superiora do convento de Strasbourg e continha estas únicas palavras : Vinde, vossa neta está passando mal . O coronel toma o primeiro trem, chega ao convento, e é cientificado de que a irmã morrera precisamente há três horas, hora exata da súbita crise de minha mãe. O fato foi-me contado muitas vezes por minha mãe, por minha avó, por meu pai que assistira à cena, assim como por meu tio e minha tia, testemunhas oculares desse estranho incidente.

Este fato não é menos digno de atenção do que os precedentes . O nome do narrador é uma segura garantia de sua autenticidade . Não há, no que acaba de ser escrito, nem imaginação nem romance. E parece a mesma a hipótese

explicativa. A amiga da Senhora Berget, ao morrer, afigure-se-nos, pensou, com uma grande intensidade, ama cara lembrança, uma imensa saudade, talvez, em sua amiga de infância, e, de Strasbourg a Schlestadt, a emoção da alma da moça veio impressionar instantaneamente o cérebro da Sra Berget, dando-lhe a ilusão de timos voz celestial cantando uma pura melodia. Como De que modo? Nada sabemos a esse respeito. Mas seria anticientífico negai uma coincidência real, uma relação de causa e efeito, um fenômeno de ordem psíquica, pela simples razão de que não sabemos explicá-lo .

- O acaso é tão amplo! - ouve-se dizer.

Sim, sem dúvida; mas tomemos cuidado, não tenhamos parti pris. Pode a acaso explicar essas coincidências mediante o cálculo das probabilidades ? E' o que haveremos de examinar.

Não percamos tempo, entretanto ; são abundantes os documentos .

A Senhora Ulric de Fouvielle contou-me, em 17 de Janeiro último (1899), as observações seguintes, feitas por ela própria, e conhecidas de toda sua família:

IX. - Morava ela em Rotterdam. Certa noite, por volta das 11 horas, a família, segundo um antigo hábito, fez as preces em alta voz e cada qual se retirou para seu quarto. A Senhora de Fouvielle estava há alguns minutos deitados, e ainda desperta, quando viu diante de si, ao pé do leito provido de cortinado, em que ela dormia, abrir-se o cortinado e uma de suas amigas de infância, que ela não via havia mais de três anos, por causa de uma indelicadeza de que se tornara culpada para com a família e de quem não se pronunciava mais o nome, aparecer-lhe com uma nitidez tão

perfeita como se tratasse de uma pessoa viva. Vestia um grande peignoir branco, tinha seus cabelos negros caindo sobre as espáduas e olhou-a fixamente com seus grandes olhos negros, estendendo-lhe a mão e lhe dizendo em holandês:

- Senhora, vou neste momento partir. Podeis perdoar-me ?

A Senhora de Fouvielle sentou-se na cama e estendeu a mão, a seu turno, para responder-lhe; mas a visão desapareceu subitamente .

O quarto achava-se iluminado por uma lamparina, e todos os objetos eram visíveis. Logo depois, o relógio bateu as doze pancadas da meia-noite.

No dia seguinte pela manhã, a Senhora de Fouvielle contava à sua sobrinha esta singular aparição, quando bateram à porta. Era um telegrama de Haia trazendo estas palavras: Maria faleceu ontem às 11 horas e três quartos da noite.

O Senhor Ulric de Fouville afirmou-me, por seu lado, que o fato da, aparição e da coincidência não é contestável. Quanto à explicação, como nós, ele a procura.

A 20 de Março último (1899) eu recebia a seguinte carta:

X. - Meu caro Mestre:

Pedis que eu vos escreva a respeito do fato de pressentimento, vista dupla, sugestão ou aparição, de que vos falei. Eu estava para entrar na Escola Naval. Esperava esse momento em Paris, à rua da Ville-Eveque onde morava minha mãe. Tínhamos nessa época um mordomo piemontês muito inteligente, muito devotado, mas tão céptico como pouco crédulo. Para empregar a expressão popular, ele não acreditava nem em Deus nem no diabo.

Uma tarde, seriam 6 horas, entra ele na sala de visitas, de fisionomia convulsionada:

- Senhora! - grita ele - Senhora! vem de acontecer-me uma grande desgraça! minha mãe acaba de morrer... Neste instante, eu estava em meu quarto, um pouco fatigado, e repousava, quando a porta se abriu... minha mãe, de pé, pálida e desfeita, achava-se no limiar fazendo-me um gesto de adeus. Esfreguei os olhos, supondo-me vítima de uma alucinação, mas não, eu a via bem! Precipitei-me para segurá-la... ela desapareceu!... Ela está morta.

Chorava o pobre rapaz. O que posso afirmar é que alguns dias após chegava à notícia a Paris. Sua mãe estava, de fato, morta no dia e na hora em que ele a viu!

BARON DESLANDES

Antigo oficial de Marinha. Rua de Larochefoucauld, 20,
Paris.

A Senhora Baronesa Staffe, cujas obras encantadoras andam em todas as mãos, deu-me a conhecer os dois casos seguintes:

XI. - A Sra . M . que, por seu casamento, se tornou francesa e pertence a grande classe médica, era a encarnação da veracidade. Ela preferiria morrer a proferir uma mentira. Ora, eis o que me contou a Sra. M.:

Em sua adolescência vivia ela na Inglaterra, ainda que não fosse de nacionalidade britânica; aos dezesseis anos tornara-se noiva de um jovem oficial do Exército das Índias.

Por um dia de primavera, no porto inglês em que residia, achava-se ela debruçada ao balcão da casa de seu pai e pensava naturalmente em seu noivo. De repente ela o vê no

jardim, em sua frente, mas muito pálido e como extenuado. Contudo, feliz e alegre, ela grita: Harry! Harry! e desce aos saltos a escada da casa. Abre precipitadamente a porta, supondo encontrar o bem-amado no limiar; ninguém. Entra no jardim, examina o lugar onde o viu, percorre as moitas, observa por toda parte: nada de Harry!

Os que a seguiram, procuram consolá-la, persuadi-la de que se trata de uma ilusão; ela repete: Eu o vi, eu o vi! E permanece entristecida e inquieta.

Algum tempo depois, a moça é informada de que seu noivo sucumbira em pleno mar, de um mal súbito, no dia e hora em que o tinha visto no jardim.

XII. - Bernardina era uma velha criada, sem instrução, sem sombra de idéia espiritualista, e a quem se acusava de dar-se algumas vezes ã bebida.

Uma tarde ela desce ã adega para ir buscar cerveja, e sobe imediatamente, com o púcaro vazio na mão, pálida e desfigurada. Comprimem-se todos em torno dela:

- Que tens Bernardina?

- Acabo de ver minha filha, minha filha que reside na América. Estava toda de branco, tinha o aspecto de doente e me disse : Adeus, mamãe .

- Estás louca! Como querias ter visto tua filha, que reside em Nova York ?

- Eu a vi! eu a vi! Ah! o que quererá isso dizer? Ela morreu!

Dizia-se em casa: Bernardina sem dúvida bebeu um pouco mais do que o razoável.

Ela, porém, continuou desolada. E o correio que se seguiu a este incidente trouxe a noticia da morte da filha de

Bernardina: finara-se no dia e na hora em que sua mãe a tinha visto e reconhecido o timbre de sua voz.

O Sr. Binet, tipógrafo em Soissons, assinalou-me, por seu lado, a visão seguinte, de que ele próprio fora o ator:

XIII. - Mézières, minha terra, foi abalada por um bombardeio que durou trinta e seis horas somente, mas que bastou para fazerem numerosas vítimas. Entre estas últimas, a neta de nosso patrão foi cruelmente ferida: estava com 11 ou 12 anos de idade. Nessa época, tinha eu 15 e brincava quase sempre com Leontina (era este o seu nome) .

Pelo começo de Março, fui passar alguns dias em Douchéry. Antes de partir, eu sabia que esta pobre pequena estava condenada. A mudança de lugar e também a despreocupação fizeram com que eu esquecesse um pouco as misérias que vínhamos de atravessar.

Eu dormia sozinho em um quarto comprido e estreito, com uma janela que dava para o campo. Uma noite, tendo-me deitado, como de costume, às 9 horas, não pude dormir, coisa para mim extraordinária, pois que, logo depois do jantar, seria capaz de dormir em pé. A Lua brilhava em toda plenitude, aclarando o jardim e projetando uma luz bastante forte no quarto.

Não me tomando o sono, escutava bater as horas, que me pareciam bem longas. Eu meditava, olhando pela janela que se achava justamente defronte do meu leito, quando, cerca de meia-noite e meia, me pareceu ver um raio da Lua caminhar, depois esta sombra luminosa, que flutuava como um grande vestido, tomou a forma de um corpo e, avançando para o meu leito, deteve-se muito perto dele. Um rosto descarnado sorria-me... Soltei um grito... Leontine! Depois a sombra luminosa, deslizando sempre, desapareceu ao pé do leito

Alguns dias mais tarde, voltei para casa de meus pais, e antes que a respeito me falassem (da morte de Leontina), contei-lhes minha visão: era exatamente à noite e a hora em que aquela criança morrera.

O Senhor Castex Dégrange, diretor-adjunto da Escola das Belas Artes em Lião, transmitir-me a fato seguinte

XIV. - Meu padrasto, o Senhor Clermont, doutor em Medicina, tio do Doutor Clermont (discípulo e amigo do Doutor Potain, que acaba de morrer em Paris) tinha entre os seus irmãos, um que residia na Argélia e era o pai do citado doutor.

Certa manhã, meu padrasto, que não tinha aliás nenhuma inquietação a respeito de seu irmão, pois o sabia estar passando bem, achava-se ainda no leito.

Antes de levantar para ir ver seus doentes, tinha ele o hábito de tomar na cama uma xícara de café com leite. Procedia a este primeiro repasto conversando com sua esposa sentada perto dele, quando é levantado violentamente e de novo atirado ao leito, e isso tão subitamente que derramou todo o liquido contido na xícara.

Há mesma hora, soube ele mais tarde, seu irmão morria na Argélia fora se banhar no mar e, tendo sido mordido ou ferido no tendão de Aquiles, contraíra o tétano e morrera após trinta horas de sofrimentos.

O Senhor Chabaud, antigo diretor de colégio, em Paris, professor muito estimado, a quem numerosos discípulos são devedores de excelente instrução, referiu-me a observação seguinte, por ele mesmo feita:

XV . - Uma parte da minha infância passou-se em Limoges, na casa de um velho tio que me amimava muito e a que eu chamava bom paizinho. Morávamos no primeiro

andar de uma casa, no rés-do-chão da qual havia um restaurante.

Confesso-o, para vergonha minha, que muitas vezes me divertia à, custa do patrão do estabelecimento. Entre outras brincadeiras de mau gosto, entrava eu como uma tromba d'água na cozinha, gritando: Pai Garat, venha depressa, meu paizinho vos chama.

O bom homem deixava precipitadamente suas caçarolas e subia ao primeiro andar, onde eu lhe ria na cara. Naturalmente, não o gostava da brincadeira e maldizia descendo a escada; mas as suas ameaças não me amedrontavam em absoluto. Aliás, eu tinha o cuidado de me conservar prudentemente a distancia .

Na primavera, íamos quase sempre a passeio para os lados da Ponte Nova, na estrada de Toloza.

Uma tarde de Maio de 1851 tinha dez anos, entre 8 e 7 horas (posso precisar porque as minhas recordações são muito nítidas ainda), nós nos dispúnhamos a sair, como de costume, quando meu tio, vendo a Sra. Ravel, filha do dono do restaurante, entabulou com ela o seguinte diálogo:

- Como passa o Senhor Garat? - Muito mal, Sr . Chabrol

- Devo ir visitá-lo? (Meu tio era médico) -

- E inútil, Senhor Chabrol, meu pobre pai está morrendo. A vista disso, passamos adiante, meu velho tio perplexo e eu muito feliz por me ver fora de casa.

Uma vez na rua, ou antes, no bulevarde de la Corderie, lanço o meu arco e corra atrás do mesmo. Dou estes detalhes que nada testemunham em meu favor, para mostrar perfeitamente bem o meu estado dalma: meu coração e meu cérebro estavam igualmente livres de preocupações, pois

que, humildemente o reconheço, longe de me apiedar da sorte do pobre hoteleiro, nem mesmo nisso pensava. E' triste dizer mas é a verdade.

Não longe de Pont-Neuf, a estrada de Tolosa bifurca-se: uma das ramificações conduz à praça da Municipalidade, outra à praça da Cidade.

Chegado lá, detenho-me bruscamente, porque acabo de perceber o Senhor Garat que se aproxima tranqüilamente pelo meio da calçada. Em três saltos fugi para perto de meu tio.

- Bom paizinho - perguntei-lhe - o Senhor Garat levantou-se? Vós o estais vendo, ali, a poucos passos de nós?
- Que me dizes?! - retrucou meu tio, branco como uma folha de papel.

- A verdade, bom paizinho. E' bem o Senhor Garat. Vinde, vêde-o com o seu boné de algodão, sua blusa azul e seu bastão. Bom! ei-lo agora que se põe a tossir. Aproxima-se!

Caminhei o mais depressa que me foi possível, para não ficar ao alcance da mão do dono do restaurante, que à minha vista pareceu esboçar um gesto muito pouco tranqüilizador. Fiz uma retirada em ordem para junto de meu tio que me disse

- Voltemos para casa.

Tomei a dianteira. Quando cheguei, havia cinco minutos que o Senhor Garat estava morto, exatamente o tempo que eu gastara para percorrer o caminho.

Voltei correndo para dar a sinistra noticia a meu tio, que tremia sem dizer palavra.

Ainda que eu esteja seguro de ter visto e bem visto, há cerca de cinquenta anos eu não era mais de que uma criança,

e pode-se objetar que fui enganado por uma semelhança ou ainda que meus sentidos foram joguete de uma ilusão; mas como admitir que um velho cirurgião da Marinha, tão pouco crédulo por natureza como pela profissão, tenha tido também uma ilusão dessas em pleno dia?

Enquanto me ocupava especialmente com o exame dessas enigmáticas manifestações e aparições de moribundos, durante os primeiros meses desse ano de 1899, acontecia-me conversar sobre as mesmas, muito freqüentemente, com diversas pessoas, quer em minha casa, quer na rua, não tardando a constatar que, se a maioria era de um cepticismo quase completo e não tinha jamais visto coisa alguma que se parecesse, uma parte notável, entretanto, sabia que tais coisas existem. Pode-se calcular que há, em média, para vinte pessoas, uma que por si mesma observou fatos análogos, ou que ouviu falar deles no círculo imediato de suas relações e pode fornecer igualmente observações de primeira mão.

Acabo de citar quinze casos que me foram narrados por pessoas em relação direta comigo. Ouvira a narração de uma vintena de outras da mesma ordem (15), quando me veio à idéia de tentar em França uma investigação análoga à que foi feita na Inglaterra, há alguns anos, sobre essa espécie de fenômenos. Pareceu-me à ocasião excelente, sob o ponto de vista da segurança, da autenticidade, do valor dos testemunhos. Publiquei os primeiros capítulos desta obra, no jornal hebdomadário de meu erudito e excelente amigo Adolfo Brissou, Anais Políticos e Literários, cujos assinantes formam como que uma imensa família em correspondência freqüente com a redação.

Existe ali uma, espécie de intimidade que jamais observei senão entre os leitores do Boletim Mensal da Sociedade Astronômica de França e, outrora, entre os da Revista Pitoresca . Esse laço de família não existe mais entre os leitores dos jornais cotidianos ou mesmo das revistas mais sérias. Uma comunidade de idéias reúne os leitores aos redatores, não que seja isso uma igreja em que todos os fiéis pensam do mesmo modo, mas porque se sente aí uma comunidade, uma boa vontade, um desejo comum de se unirem, de se ajudarem nas mesmas pesquisas, se tal coisa tem lugar. Tal é, pelo menos, a impressão que recebi das cartas que por um grande número de leitores me foram endereçadas desde os meus primeiros artigos .

Não digo que entre os 80.000 assinantes dos Anais, não haja, como em toda parte, farsistas, impostores, crédulos, maníacos, tudo o que se deseje. São, porém, exceção. A imensa maioria representa uma honesta média de perfeito bom senso, estendendo-se a todas as classes da sociedade, desde as posições mais elevadas até as alais humildes, e sem distinção de crenças .

Há também aí, como aliás em quase toda parte, uma classe inteira de falsos beatos e de pequeninas consciências, forradas de escrúpulos, que têm medo da própria sombra e são absolutamente incapazes de pensar por si mesmos. Essas pessoas declararam-me imediatamente que permaneceriam mudas como carpas, que eu me ocupava de coisas que não tinham nada a ver comigo, que eu lançava a confusão no espírito dos primeiros comungastes e que essas questões diabólicas são reservadas à Igreja, cujo catecismo resolve todos os mistérios.

Os mesmo raciocínios apresentavam a Sócrates os devotos do templo de Júpiter. Onde está hoje esse templo? Onde está Júpiter? Entretanto continuamos sempre a ler os diálogos de Sócrates.

Pareceu-me, pois, dizia eu, que seria uma boa e frutuosa indicação sobre o número, a variedade e a natureza de tais fatos, abrir uma enquête entre os numerosos e simpáticos leitores dos Anais e pedir-lhes o obséquo de trazerem ao meu conhecimento aqueles de que tivessem podido ser testemunhas, ou de que pudessem afirmar a autenticidade, segundo as narrativas de pessoas de suas imediatas relações.

O seguinte apelo apareceu em o número de 25 de Março de 1899:

Estes misteriosos casos de aparição de moribundos ou de mortos, de pressentimentos nitidamente definidos, são tão importantes como interessantes para o nosso conhecimento da natureza do ser humano, corpo e alma, e por isso que nos levou a empreender esta série de estudos e de pesquisas especiais, que escapam seguramente ao quadro ordinário da Ciência e da Literatura.

Poderíamos ir, desde hoje, um pouco mais longe, precisamente com o simpático concurso de todos os leitores dos Anais, se eles a isso quisessem prestar-se nesta circunstancia talvez única.

Trata-se sobretudo, no caso, de uma demonstração estatística, de tomarmos conhecimento da proporção real desses fenômenos psíquicos: teríamos, aqui mesmo, essa demonstração em oito dias, se os nossos leitores, todos os nossos leitores, tivessem a, extrema gentileza de se prestarem a isso . Ser-lhes-ia possível enviar-nos muito

simplesmente uma carta postal, respondendo sim ou não às duas questões seguintes

1.-Tem-vos acontecido, em qualquer época, experimentar, estando acordado, a nítida impressão de ver um ser humano, ou de ouvi-lo, ou de ser tocado por ele, sem que pudésseis relacionar essa impressão a alguma coisa conhecida !

2. - Coincidiu essa impressão com alguma morte?

No caso em que jamais tenha experimentado um fato dessa ordem, escrever simplesmente não e assinar. (Simples iniciais, se assim o preferir.)

No caso em que tenha observado um fato desse gênero, pede-se responder as duas questões por sim ou por não e acrescentar algumas palavras indicando o gênero de fenômeno constatado, e, se coincidir ele com uma morte, o intervalo de tempo que tenha podido separar a morte do fenômeno observado.

No caso em que fatos desse gênero tenham sido experimentados em sonho, seria bom deixá-lo assinalados, se houve coincidência de morte.

Enfim, no caso em que, sem o ter observado por si mesmo, se conheça um fato certo e autentico, seria igualmente muito interessante relatá-lo abreviadamente .

Este inquérito terá um grande valor científico, se todos os nossos leitores se dispuseram a enviar-nos sua resposta. Apresentamos-lhes antecipadamente os nossos melhores agradecimentos .

Não há nisso nenhuma questão de interesse pessoal; trata-se, pelo contrário, de um grave e curioso assunto de interesse geral.

Como se poderia esperar, nem todos os leitores responderam . Para escrever uma carta com o único intuito de ser útil à elucidação de um problema, é necessário certo devotamento impessoal à causa da verdade. Estes belos caracteres não se encontram com frequência. Roubar alguns instantes à sua. vida, habitual, às suas ocupa aos seus prazeres, ou simplesmente à sua preguiça., é um esforço, uma espécie de virtude, por muito simples que seja isso. Depois, nesta ordem de idéias, muitos temem o ridículo! Sou, portanto, sincera e profundamente reconhecido a todas as pessoas que se dispuseram a responder-me, e lamento que o tempo material me tenha em absoluto faltado para exprimir a cada uma delas, pessoalmente, os meus mais vivos agradecimentos.

Seria injusto, por outro lado, atribuir todos os casos de silêncio à indiferença, à preguiça ou ao medo do ridículo . Exemplo : uma das cartas, a que traz o n . 24, começa assim:

Desde que empreendestes a série de estudos sobre os problemas psíquicos, tão palpitantes em si, estou possuído do ardente desejo de vos endereçar uma narrativa que me toca de muito perto, sem ter a coragem de fazê-lo. Porquê? Por timidez? Não. Por um sentimento para o qual não encontro explicação, mas que é certamente comum o grande número de vossos leitores e que consiste em se dizer: Para que servirá? Senhor Flammarion tem certamente recebido e possui centenas de narrativas; uma de mais ou de menos não quer dizer nada, e depois... será mesmo lida?

Por outro lado, tive ocasião de constatar que um certo número - não pequeno - de pessoas que têm sido testemunhas deste gênero de fatos, conservam-nos em silêncio e se recusam mesmo a contá-los quando

interrogadas a respeito, seja isso por um respeito exagerado talvez para com dolorosas recordações, seja para não imiscuir nenhum estranho em negócios íntimos, seja simplesmente para não oferecer margem a qualquer discussão, a qualquer crítica da parte dos cépticos.

Nos meses de Junho e Julho seguintes, prolonguei a mesma enquête no Petit Marseillais e na Revue des Revues, um pouco também no desejo de conhecer a opinião pública geral.

Recebi 4.280 respostas, compostas de 2.456 não e de 1.824 sim. Entre estas últimas, havia 1.758 cartas mais ou menos detalhadas, grande número das quais eram insuficientes como documentos a discutir. Delas, porém, eu pude reservar 786 importantes que foram classificadas, transcritas quanto aos fatos essenciais e resumidas. O que impressiona em todos esses relatos, é a lealdade, a consciência, a franqueza, a delicadeza dos narradores que assumem o compromisso de somente dizerem o que sabem e como o sabem, sem nada ajuntar nem diminuir. Nisso, cada um se constitui servo da verdade.

Essas 786 cartas transcritas, classificadas e numeradas (16), referiam 1.130 fatos diferentes.

As observações expostas nessas cartas apresentam ao nosso exame diversas classes de fenômenos, que podem ser classificados como segue:

Manifestações e aparições de moribundos.

Manifestações e aparições de vivos não doentes.

Manifestações e aparições de mortos.

Visão de fatos passados ao longe.

Sonhos premonitórios.

Previsão do futuro.

Sonhos reveladores de mortos.

Encontros pressentidos. Pressentimentos realizados.

Duplos de vivos.

Movimentos de objetos sem causa aparente.

Transmissão de pensamentos à distância.

Impressões recebidas por animais.

Chamados ouvidos a grandes distâncias.

Portas fechadas a ferrolho, que se abrem por si mesmas .

Casas mal-assombradas. Experiências de Espiritismo.

Inúmeros desses fatos são subjetivos, passam-se no cérebro das testemunhas, conquanto sejam determinados por uma causa exterior. Um grande número refere-se às alucinações puras e simples . Teremos de examiná-los e de discuti-los. O que eles nos demonstram, desde logo, é que ainda há muitas coisas que nós não conhecemos; é que existem, na Natureza, forças desconhecidas, cujo estudo nos interessa.

Vou primeiro extrair, das cartas recebidas, aquelas que têm por objeto as manifestações de moribundos a pessoas acordadas e em estado de espírito normal, eliminando tudo o que concerne aos sonhos. Estas observações constituem a seqüência das precedentes. Não as farei acompanhar de comentário algum: a discussão virá depois; tudo o que peço é que sejam lidas com cuidado.

Suprimo todas as fórmulas de polidez. Suprimo igualmente todos os protestos de sinceridade e de segurança moral. Cada correspondente afirma sob palavra de honra que relata os fatos tais qual o conhece. Que seja dito isto uma vez por todas.

XVI. - A 29 de Julho de 1865, Nephtali André estava no mar, entre a França e a Inglaterra, para onde se dirigia após o

encerramento dos cursos acadêmicos. De repente teve a impressão de ,estar sendo chamado, muito distintamente: Nephtali! Voltou-se, olhou em torno de si não viu ninguém. Como essa voz parecia-se, inequivocamente, com a de seu pai que ele sabia achar-se doente, e como, por outro lado, ouvira falar de fenômenos de telepatia, teve, instantaneamente, a idéia de uma correlação qualquer entre esse apelo misterioso e o estado de seu pai, o Sr. Gabriel André. Puxou o relógio para fixar o momento. Ora, chegando ao seu destino, o mancebo soube da morte de seu pai, sobrevinda d mesma hora em que este nome Nephtali lhe ressoara aos ouvidos, como um apelo supremo.

Meu avô, Gabriel André, desposara a Senhorita de Saulees Larivière, parente do Senhor de Saulses-Freycinet, Ministro da Guerra.

(Carta 5 .)

TONY ANDRE
Pastor em Florença.

XVII. - Respondo diante de vós, como o faria uma testemunha.

A. - Na quinta-feira, 1? de Dezembro de 1898, depois de haver passado a tarde com minha mãe, tomei o candeeiro e entrei em meu quarto para deitar-me. Imediatamente senti uma espécie de apreensão, de aperto do coração, pressentindo que alguém estava nesse quarto, alguém que eu não via e que, entretanto, ai se achava ou, antes, devia achar-se.

Contendo o meu quarto poucos móveis e tapeçarias, seria impossível alguém nele esconder-se; eu logo o percorri em

um só golpe de vista e constatei que nele não havia ninguém

Persistindo essa apreensão, sai para o vestíbulo, examinei a escada e não vi nada. Tive então o pressentimento de que ia acontecer-me nessa noite alguma coisa, que eu ia ser roubado, que um incêndio ia irromper, que um gendarme viria acordar-me para comunicar-me que algum crime, necessitando minha remoção, vinha de ser praticado, enfim, uma série de coisas que não sei explicar.

Coloquei meu relógio sobre uma pequena mesa de cabeceira, verificando que eram 9 horas e meia e deitei-me.

No dia seguinte pela manhã, eu recebia um telegrama anunciando-me que um tio bastante idoso e enfermo desde muito tempo, acabava de morrer; esse telegrama não continha nenhuma indicação da hora, dizia somente que meu tio falecera na véspera, isto é, quinta-feira, 1.p de Dezembro. Comuniquei essa notícia à minha mãe, dizendo-lhe: Ele morreu às 9 horas e meia da noite. Declarei também essa hora diante de diversas pessoas amigas, a fim de poder invocar seu testemunho se alguma vez fosse contestado o que eu disse sobre o caso .

Tomei o primeiro trem para transportar-me a Janville onde morava esse parente, a cerca de 40 quilômetros de Malesherbes. Depois de haver trocado com minha tia algumas palavras, perguntei-lhe a que horas morrera seu marido. Ela me respondeu simultaneamente com uma mulher que guardava o morto e que assistira à sua agonia: - Às 9 horas e meia da noite.

B - No mês de Outubro de 1897, achando-se minha mãe em um quarto que dava para a sala de jantar, por uma porta,

então aberta, ouviu um como suspiro prolongado e sentiu como que um sopro que tivesse passado no seu rosto.

Tinha eu saído. Supondo que eu houvesse entrado na sala de jantar, sem que ouvisse abrir a porta, disse em voz alta: - Es tu, Jorge? Ninguém respondendo, entrou na sala de jantar e viu que ai não havia ninguém. Quando voltou, narrou-me ela o que acabava de sentir.

Na manhã seguinte recebia um telegrama anunciando a morte de uma prima que residia na Chambon (Loiret), a cerca de 25 quilômetros daqui.

Minha mãe foi a Chambon e soube que esta sua prima morrera, em consequência de uma queda, algumas horas após o acidente. A manifestação que se produzira, coincidia exatamente com a hora em que esta parenta expirava.

(Carta 6 .)

GEORGE MERLET

Juiz de Paz em Malesherbes (Loiret).

XIX. - A 4 de Dezembro de 1884, às 3 horas e meia da manhã, estando eu perfeitamente desperto, acabava de levantar-me. Tive a visão nítida da aparição de meu irmão, Joseph Bonnet, 2º tenente de spahis, 2.9 Regimento, na guarnição de Batna, província de Constantine (Argélia) . Nessa época ele estava em manobras, e nós não sabíamos precisamente onde se encontrava. Meu irmão tomou-me a cabeça. entre as mãos; senti um arrepio de frio e ele me disse muito distintamente

- Adeus, Ângela, estou morto (17) .

Profundamente emocionada e transtornada, acordei imediatamente meu marido, dizendo-lhe

- José morreu; ele acaba de me dizer.

Como esse dia, 4 de Dezembro, era o dia do nascimento de meu irmão (completava ele seus trinta e três anos) e como tivéssemos falado na véspera a propósito desse aniversário, meu marido assegurou-me que se tratava de uma conseqüência de meus pensamentos e acoimou-me mesmo de visionária e de exaltada.

Durante toda essa noite de quinta-feira estive muito agoniada. As 9 da noite, recebemos um telegrama; antes de abri-lo, já eu sabia o que continha. Meu irmão falecera em Benchela (Argélia), às 3 horas da manhã.

(Carta 9.)

ANGELA ESPERON,
nascida Bonnet.

Atesto a exatidão absoluta da narrativa acima, de minha esposa.

OSMAN ESPERON
Capitão reformado, Cavalheiro da Legião de Honra, em
Bordéus.

XX. - Estava-se em 1845, a 28 de Outubro. Meu pai, então com a idade de catorze anos, acabava de trazer um balde de água de um poço situado a 80 metros da casa de seus pais. Ora, pela manhã, ele vira entrar em sua casa, enfermo, o Senhor Lenoir, homem de cinquenta anos, empregado como pastor, na propriedade do Senhor Bouteville, agricultor em Nanteau-sur-Lunain (Sene e Marne).

Para ir ao poço, seria necessário passar a cerca de 20 metros da habitação do Senhor Lenoir. Eram então 4 horas da tarde. Tendo parado para descansar, ele voltou-se e viu muito distintamente, a cerca de 10 metros, o Senhor Lenoir, com um pacote no ombro, vindo do seu lado. Pensando que ele regressava ao trabalho, meu pai retomou o balde e entrou em casa. Seu irmão Carlos, que se achava no pátio, também entrou, dizendo:

- Não sei o que há em casa da mãe Lenoir; ela está gritando: Ai de mim! ele morreu!

- Não é certamente o pai Lenoir - respondeu então meu pai - pois acabo de vê-lo partir para a casa de seu patrão.

Sem perda de tempo, minha avó se transportou para a casa dos esposos Lenoir e constatou que o marido acabava de morrer no instante mesmo em que a aparição se manifestou a meu pai (18).

(Carta 11.)

A BERTRAND

Professor em Vilbert (Sene e Marne).

XXI. - Estávamos no campo. Minha mãe ocupava uma peça vizinha daquela em que nós dormíamos, minha mulher e eu. Minha mãe era velha, mas bem conservada, e nada, na véspera de sua morte, fazia-nos presumir seu próximo fim, quando ela se retirou, à noite, para o seu quarto.

Na manhã seguinte, pelas 5 horas e meia, fui despertado em sobressalto por um ruído que tomei pelo de uma campainha. Saltei da cama a baixo, dizendo a minha mulher:
- E' minha mãe que está ai.

Minha mulher fez notar que isso não podia ser, pois tainha mãe, tanto como nós, não tinha campainha na casa de campo, e que o ruído que me despertara era o rangido polia de uM poço situado sob as nossas janelas, rangido que de ordinário não me acordava.

Admiti a possibilidade desta explicação e não liguei maior importância ao meu brusco despertar. Dirigi-me Lião. Algumas horas depois, minha mulher mandou-me prevenir, por um expresso, de que acabava de encontrar minha mãe morta em seu leito, e que tudo fazia supor ter-se dado sua morte entre 5 e 6 horas da manhã, isto é, pouco mais ou menos à hora em que uma inexplicável sensação me havia feito crer que ela chamava.

(Carta 13.)

E . GERIN
Advogado no Tribunal Civil (Lião)

XXII. - Tinha eu em minha casa, há alguns anos, uma velha aia, Sofia, que educara minha mãe, a mim mesmo e ajudara a educar meu filho. Possuía ela, em minha casa, o seu compartimento próprio e, por causa de sua avançada idade, não podia mais, de forma alguma, ocupar-se, como passa-tempo, senão com a criação das aves.

Sofia não era para mim uma mãe, uma velha aia, uma mulher; não, era simplesmente Sofia, eu a amava de todo meu coração, como nos primeiros tempos de minha infância. Para ela, eu era tudo, seu deus, seu único bem.

Vamos agora ao fato. Voltava eu, sozinho, à noite, de carro, de uma longa viagem, quando ouvi meu nome pronunciado em voz abafada, muito perto de mim. Detive

bruscamente meu cavalo e desci do carro. Nada vi. Ia embarcar novamente, crendo em uma ilusão dos meus sentidos, quando ouvi uma segunda vez meu nome pronunciado no carro, com uma voz que cortava o coração, como alguém que chama por socorro. Reconheci a voz da minha pobre Sofia. Não era possível que ali estivesse ela, pois que eu a sabia muito doente desde alguns dias. Subi para o carro, perplexo com o que sucedera.

Apenas assentado, ouvi chamar-me uma terceira vez, com uma voz muito doce, a voz com que ela cantava, quando eu era criança, para fazer-me dormir. Experimentei então uma emoção indefinível. Ainda hoje, reconstituindo essa lembrança, fico inteiramente comovido.

A algumas centenas de metros, vi a luz de uma taberna, desci e anotei em minha carteira a coisa extraordinária que acabava de suceder-me.

Enfim, uma hora depois chegava a casa: a primeira coisa que soube foi que a minha pobre velha Sofia acabava de falecer, após cerca de uma hora de agonia.

(Carta 20.)

GEORGES PARENT
Prefeito em Wiège, Faty (Aisne) .

XXIII. - Na tarde de 8 de Maio de 1896, cerca de 9 horas e meia, ia deitar-me, quando senti como que um choque elétrico que me sacudiu da cabeça aos pés. Minha mãe estava há alguns meses doentes, devo dizer-vos; nada, porém, fazia prever que seu estado pudesse agravar-se subitamente. A comoção havia sido tão estranha, tão nova,

que eu imediatamente a atribuí, sem reflexão, à morte de minha mãe . Sob o abalo desta emoção, não pude dormir, senão muito tarde, e com a convicção de que receberia, no dia seguinte, um telegrama anunciando-me a desgraça. Morava minha mãe a 60 quilômetros de Moulins.

Na manhã do dia seguinte, um telegrama chamava-me com a máxima urgência. Parto e encontro minha mãe quase sem sentidos. Morreu no outro dia, isto é, cerca de trinta horas após o aviso.

As pessoas que a assistiam, disseram-me que a hemorragia interna (foi essa a causa da sua morte) abatera-a as nove e meia do dia 8 de Maio, isto é, exatamente à hora em que fui tão estranhamente avisado.

(Carta 23.)

ABADE L. FORESTIER
Vigário em S. Pedro (Moulins) .

XXIV . - Vossa solicitação impõem o dever de vos contar um fato que aqui se passou e que emocionou vivamente a maior parte dos habitantes do povoado. Ei-lo em toda sua simplicidade:

Um jovem de 15 anos, empregado em casa de M.Y.M., já há bastante tempo, fora encarregado por este de levar os animais ao bebedouro. Devo aqui dizer-vos que o pai desse menino achava-se há dois dias gravemente enfermo, tendo contraído uma congestão pulmonar, na feira próxima de Chamberet, e que esta moléstia fora ocultada ao filho.

Ora a cerca de trinta passos do estábulo, o menino, ou melhor o rapazinho, chegando perto do bebedouro, avistou de repente dois braços erguidos para o ar, depois uma forma de

espectro e ouviu gritos dolorosos acompanhados de gemidos. O abalo foi tão forte que ele desmaiou: acreditou, disse, haver reconhecido seu pai. Foi isso entre 6 e meia e 7 horas da noite.

Na manhã seguinte, às 4 horas e meia, seu pai estava morto e de tarde chamara diversas vezes o filho, em meio dos seus mais vivos sofrimentos.

Este fato pode ser-vos confirmado por cem pessoas - das mais honradas de Chamberet .

(Carta 25.)

C. DUFAURE

Farmacêutico em Chamberet (Corrèze) .

XXV. - O fato seguinte pode merecer o destaque de ser-vos apontado. O Senhor Destrubé, regente da banda musical do 114.º, homem muito digno de fé, foi, há alguns anos, despertado em sobressalto por uma voz que chamava Narciso. A este chamado de seu prenome, Destrubé, que havia positivamente acreditado ouvir a voz de seu pai, respondeu sentando-se no leito.

Passou-se isso entre a meia-noite e 1 hora da manhã. Algumas horas depois, Destrubé recebia um telegrama anunciando-lhe a morte de seu pai, sobrevinda na mesma noite e na hora em que acreditara ter ouvido chamarem.

Destrubé, da guarnição de Saint-Maixent, dirigiu-se a (Mosa) para assistir aos funerais: soube, então, que a última palavra de seu pai moribundo, tinha sido: Narciso. Se esse fato pode ter qualquer utilidade para os vossos interessantes trabalhos, sentir-me-ei, caro mestre, muito feliz em o ter levado ao vosso conhecimento, e meu amigo Destrubé, em

caso de necessidade, está pronto a cumprir o dever de confirmá-lo.

(Carta 27.)

SORLET
Capitão do 137º. de Linha, em Fontenay-le-Comte
(Vendeia) .

XXVI. - Em Junho de 1879, um de meus primos fazia sett voluntariado em Bayonne; seus pais habitavam o norte 4 do Charente Inferior, a cerca de 400 quilômetros de distancia. Um dia, sua mãe, entrando no quarto, ordinariamente ocupado por seu filho, viu-o muito distintamente estendido imóvel em seu leito, com o que muito ficou ela, impressionada.

Algumas horas mais tarde, um amigo da família veio a casa e conversou em particular com o marido, pai do jovem soldado. Esta conversação se efetuou no meio de um pátio muito espaçoso, e a mãe, colocada em uma porta a 40 ou 50 metros, ouviu esse amigo, que, entretanto, conversava baixinho, dizer a seu marido: Não faleis a este respeito à vossa mulher.

Com efeito, nessa mesma manhã, voltando de uma marcha militar, ele fora se banhar em Biarritz e se afogara cerca da hora da aparição; um camarada havia telegrafado ao amigo da família para encarregá-lo de dar a notícia.

(Carta 29.)

CLERMAUX
Direção do Registro em Juvigny
(Orne).

XXVII. - Sentindo-se morrer (foi isso a 21 de Abril de 1807), minha tia-avó, a Senhora Thiriet, mostrou-se, quatro ou cinco horas antes de sua morte, inteiramente entregue a íntimos pensares.

- Estais pior? - perguntou-lhe a pessoa que me forneceu esta informação.

- Não, minha querida, mas acabo de chamar Midon para o meu enterro.

Midon era uma pessoa que a tinha servido e que morava em Eulmont, aldeia situada a 10 quilômetros de Nancy, onde se encontrava a Senhora Thiriet. A pessoa que assistia aos últimos momentos desta, supôs que ela sonhasse; duas horas, porém, depois, ficou muito admirada de ver chegar Midon, trazendo suas vestes negras nos braços e dizendo que tinha ouvido a senhora chamá-la para a ver morrer e prestar-lhe os últimos serviços.

(Carta 30.)

A. D'ARBOIS DE JUBAINVILLE Conservador
aposentado das águas e florestas, Cavalleiro da Legião de
Honra, em Nancy .

XXVIII. - Em 1875, um primo irmão de minha mãe, Senhor Claudius Périchon, então guarda-livros chefe na usina metalúrgica de l'Horme, comuna de Saint-Julien-en-Jarret (Loira), entrando na sala de fumar, viu nitidamente na vidraça minha mãe. No dia seguinte recebia a noticia de sua morte.

Teria minha mãe pensado em seu primo nos seus últimos momentos? Não poderia dizer-vos. Em todo caso, a veracidade deste relato não pode ser posta em dúvida; meu primo o relatou diversas vezes aos seus filhos de quem eu ouvi a narração, e é um homem de alguma instrução, pouco expansivo, muito sério, cheio de bom senso e por conseguinte digno de fé.

(Carta 39.)

BERGER Professor em Roanne.

XXIX. - O pai de minha mãe residia em Huningue, de que era prefeito municipal (maire) . Pouco tempo depois do assédio desta cidade, recebeu a noticia de que seu pai, que morava em Rixheim, situado a cerca de 20 quilômetros de Huaíngue, estava perigosamente enfermo. Mandar encilhar seu cavalo e partir a toda brida, foi coisa de um instante. A meio caminho, seu pai apareceu-lhe na frente do cavalo que ai empinou. Seu primeiro pensamento foi que seu pai morrera, e com efeito, chegado a Rixheim três quartos de hora depois, constatou ele que seu pai soltara o último suspiro no momento exato da aparição.

Minha mãe, Madalena Saltzmann, então anda moça, desposou, alguns anos depois, Antônio Rothéa, meu pai, notário em Altkirch onde ocupou essa função durante 30 anos; eu o sucedi, e, após a guerra de 1870, deixei a Alsácia para instalara-me em França, e em último lugar em Orquevaux (Alto Marne), vosso departamento.

(Carta 40.)

E. ROTHÉA.

XXX - Minha querida mãe morreu em um sábado, 8 de Abril de 1893. Recebera eu, na quarta-feira precedente um carta sua, em que me dizia não estar mais sofrendo de sua moléstia do coração, e falava-me de um passeio que havia feito, sábado, 1 de Abril, perto do lugar em que moramos, em Wasselonne.

Estava em meus projetos sair esse sábado, 8 de Abril e jantei tranqüilamente ao meio-dia, mas pelas 2 horas tomou-se uma agonia terrível. Subi ao meu quarto e atirei-me em uma poltrona onde desatei em soluços: eu via minha mãe deitada em sua cama, com a cabeça coberta por uma touca de musselina guarnecida de fofos, com a qual jamais eu a tinha visto, e morta.

Minha velha ama, inquieta por não me ouvir caminhar, veio juntar e ficou surpresa de me ver tão desesperada. Disse-lhe o que tinha visto, a agonia que experimentava . Atribuiu ela tudo isso a uma excitação nervosa e obrigou-me a terminar minha toalete. Sai de casa como uma pessoa inconsciente. Cinco minutos depois ouvi atrás de mim o passo rápido de meu marido, trazendo-me um telegrama: Mamãe desenganada, não passará desta noite .

- Ela morreu - disse-o - eu o sabia, eu a vi .

Voltei para casa e preparamo-nos para seguir pelo primeiro trem. Eram 2 horas e meia, hora de Paris, quando vi minha mãe em seu leito de morte, e três horas mais tarde soubemos por telegrama que ela morrera subitamente, às 3 horas e meia, hora de Estrasburgo. Não tinha estado doente, só se deitara duas horas antes de sua morte, queixando-se de frio e de grande sonolência e não esperava morrer, pois que fizera ler uma carta por meu pai, que se conservava ao pé do

leito. Como não pedira ela para ver seus filhos, creio que pensou, entretanto, em mim ao expirar. Tendo chegado somente segunda-feira, pelas 11 horas, em Estrasburgo, já minha mãe estava encerrada em seu ataúde, mas, os que a vestiram, descreveram-me, tal qual eu a vira, a touca de musselina, com que foi enterrada.

(Carta 42)

A . HESS, em Alby .

XXXI. - Um jovem estudante de Medicina, interno do hospital, foi acometido de uma angina, ao que se supunha, sem gravidade. Uma noite, entra ele para o seu quarto, sem dar mostras de doente, deita-se e dorme, ao quanto parece . Pela madrugada da mesma noite, cerca de 3 horas, uma religiosa do hospital foi acordada por pancadas em sua porta; levanta-se no mesmo instante; continuando as pancadas mais insistentes, corre à porta e não vê ninguém. Procura informar-se: ninguém ouvira coisa alguma. Ora, pela manhã, à hora de levantar, o vizinho de quarto do jovem estudante doente, inquieto por não ouvir nenhum ruído no quarto do seu amigo, entra nesse quarto e o encontra morto, com as mãos crispadas em torno do pescoço. Sucumbira a uma hemorragia .

Teve a religiosa, então, a explicação das pancadas que ouvira em sua porta o pobre moribundo pensara provavelmente nela, a quem conhecia particularmente. Se estivesse aos pé dele, té-lo-ia, talvez, impedido de morrer.

Se publicardes esta narrativa, peço-vos mudar o nome da cidade e o meu próprio, pois aqui todos são fim de século e motejam de tudo.

(Carta 43.)

A. C.

XXXII - Em 1887, meus pais trouxeram, para morar Conosco, minha avó, então com a idade de 80 anos. Nessa época tinha eu 12 anos e freqüentava, em companhia de um dos meus amigos, dois anos mais velho que eu, a escola comunal da rua Boulard, em Paris. Minha avó estava doente; nada, porém, fazia pressagiar para breve um desfecho fatal. Acrescentarei que meu amigo vinha muito freqüentemente em nossa casa e que nossas residências distavam uma da outra dez minutos de caminho, pouco mais ou menos.

Levantando-me, uma bela manhã, pelas 7 horas, minha mãe me informou do falecimento de minha avó, ocorrido uma hora antes. Ficou decidido, naturalmente, que eu não iria a escola nesse dia. Dirigindo-se meu pai, às 9 horas, à Prefeitura Municipal, onde era empregado, passou pela escola a fim de informar o diretor da desgraça que se abatera sobre nós. Este lhe respondeu que já o sabia, que meu amigo, chegando à escola, disse o informara, dizendo-lhe que minha avô morrera exatamente às 6 horas da manhã. Nenhuma comunicação tivera lugar, de uma parte, entre a minha casa e a do meu amigo, de outra parte, entre minha casa e a escola. Eis o fato indiscutível e que eu vos afirmo da maneira mais formal.

Agora a explicação que o respeito nos foi dada, na manhã seguinte ou no dia subsequente, pelo meu amigo. Tendo-se levantado à noite, vira sua irmãzinha, morta há alguns anos, penetrar em meu quarto, conduzindo pela mão minha avó, tendo-lhe esta dito: Amanhã de manhã, às 6

horas, são mais farei parte do mundo dos vivos . Ora, ouviu ele, de fato, esta frase? Fora ele sincero e exato em suas afirmações? Não o sei. E sempre certo, contudo, que, firmado nessa visão, anunciou ele, ao diretor da escola, do modo mais precisa, um fato que coisa alguma o levava a pressagiar nem a conhecer.

(Carta 44.)

E . Mine

6° Secção da Administração Militar . Chalons-sur-Marne

XXXIII. - No dia 22 de Janeiro de 1893, fui chamado por telegrama para junto de minha tia, de 82 anos de idade e doente já há alguns dias.

Encontrei, à chegada, minha cara tia agonizante e quase não falando mais; instalei-me ao seu lado para não mais deixá-la. Pelas 10 horas da noite, eu velava assentado em uma, poltrona perto dela, quando a ouvi chamar com uma admirável força: - Lúcia! Lúcio! Lúcia!

Ergui-me precipitadamente e vi minha tia completamente inconsciente e estertorante. Dez minutos depois, exalava o último suspiro .

Lúcia era uma outra sobrinha e afilhada de minha tia, que não vinha vê-la tão amiúdo quanto o desejava sua tia, pois que disto aí queixara esta muitas vezes à enfermeira . No outro dia eu disse a minha prima Lúcia

- Deveis ter ficado muito surpresa ao receber o telegrama anunciando a morte de nossa tia.

Ela me respondeu:

- De forma alguma; eu já o esperava até certo ponto. Imagine que a noite passada, pelas 10 horas, quando eu dormia profundamente, fui acordada bruscamente, ouvindo-me chamar por minha tia: Lúcia! Lúcia! Lúcia! Não dormi o resto da noite.

Eis o fato, cuja exatidão vos asseguro, rogando-vos não citardes mais do que as minhas iniciais, no caso de o publicardes, pois a cidade em que moro é constituída apenas de gente fútil, ignorante ou de carolas hipócritas.

(Carta 47 .)

P.L.B.

XXXIV . - Tinha eu um tio que servira no corpo de zuavos. Dedicava-lhe muito afeto o seu comandante; entretanto, com o correr do tempo, cessaram todas as relações entre eles. Muitos anos depois, certa manhã, na cama, bem acordado, teve meu tio a impressão muito nítida de ver seu capitão entrar, caminhar para junto da cama, contemplá-lo um instante sem nada dizer, voltar-se e desaparecer. Meu tio levanta-se, interroga todos de casa: ninguém tinha visto sala. Alguns dias depois, sabe da morte de seu capitão, ocorria naquele dia.

Verificou ele a concordância da hora? Não o sei.

(Carta 49 .)

EUGENE ROYER
Farmacêutico Da 1º Classe da Escola Superior de Paris.
La Ferté-Milon.
(Aisne.)

XXXV. - lenho para contar-vos um fato autêntico, de que tive conhecimento por uma das próprias testemunhas. Ei-lo:

Achavam-se reunidos em conferencia, em uma sala de Na casa, dez ou doze religiosos; em dado momento, um doa postigos da janela se fecha bruscamente com lúgubre rangido; no mesmo instante um (ou mais de um, não me recordo) dos religiosos levanta-se e grita:

- Acaba de acontecer uma desgraça; morreu o nosso superior.

Este Se achava em outra casa, distante dez quilômetros. No dia seguinte os religiosos recebem a noticia fatal: seu superior morrera precisamente 8 horas em que o postigo bateu. Tem-me sempre intrigada muito esta história (19) .

(Carta 52 .)

JOANNIS JAUVIER Auzy-le-Duc, por Naccigny.
(Saone-et-Loire.)

XXXVI. - Há cerca de ano e meio, conversavam na sala de jantar, meu pai, uma prima que morava conosco e minha irmã. Eram essas três pessoas as únicas que se achavam no compartimento, quando, de súbito, ouviram tocar plano na sala de visitas. Muito intrigada, minha irmã toma s luz, vai à sala e vê perfeitamente algumas teclas baixarem em um só movimento, produzirem as notas correspondentes e levantarem-se em seguida (20) .

Volta e conta o que acabava de ver. Riram-se, no primeiro momento, de sua história, atribuindo o caso a

passagem de algum rato pelo teclado. Como, porém, tratava-se de pessoa dotada de excelente vista e nada absolutamente supersticiosa, acharam a coisa estranhável.

Ora, oito dias depois, uma carta procedente de Nova York, anunciava-nos a morte de um velho tio que morava nessa cidade. Mas, coisa ainda mais extraordinária, três dias após a chegada desta carta, o piano voltava a tocar. Como da primeira vez, uma noticia de morte nos chegava oito dias depois, desta vez a de minha tia.

Meu tio e minha tia formavam um casal perfeitamente unido; conservavam uma grande afeição aos parentes e ao seu Jura, lugar onde nasceram.

Nunca, mais, depois disso, o piano se fez ouvir por ai mesmo. As testemunhas desta cena estão prontas a atestar o caso, se o quiserdes; moramos no campo, nas vizinhanças de Neuchâtel, e asseguro-vos que não somos pessoas nervosas.

(Carta 54 .)

EDOUARD PARIS
Artista pintor, perto de Neuchatel
(Suíça) .

XXXVII. - Terminava eu, em 1885, meu último ano de serviço no Arsenal de Tarbes, onde trabalhava como ferreiro. Muito tarde da noite de 20 de Maio, fui despertado pela sensação de uma luz (21) a passar diante dos meus olhos . Olhei e vi perto da minha cama, à esquerda, um disco luminoso cuja claridade discreta lembrava a de uma lamparina. Sem ver ninguém, sem ouvir nada, veio-me à idéia precisa de que tinha diante de mim um dos meus primos, residente em Langon e que se achava acometido de

grave enfermidade. Passados alguns segundos, a visão esvaeceu-se; achei-me sentado na cama. Disse de mim para mim, tornando a deitar-me : Imbecil, é um pesadelo .

No dia seguinte, como de costume, dirigi-me à oficina e lá, cerca de 8 horas e meia, recebi um telegrama anunciando a morte desse primo, sobrevinda à uma hora da madrugada. Pedi e obtive uma licença de três dias para ir abraçá-lo pela última vez. Criados como irmãos, nós nos amávamos fraternalmente.

Ao chegar, contei o que vos escrevo a meu tio Lapaye e a minha madrinha, pai e mãe do defunto. Eles vivem ainda e podem, se houver necessidade, testemunhar sobre a veracidade do fato que vos transmito, sem nenhum exagero do detalhes, como a alguns tendes censurado.

(Carta 56.)

ELOI DESCAMPS

XXXVIII. - Alguns dias antes de 24 de Julho de 1895, acabavam eu de despir-me e me conservava de pé junto ao meu leito; nesse momento meu marido estava em seu vestuário. Achando-me perfeitamente acordada, vi o rosto de minha avó, todo enrugado, mais cheio de pregas do que em realidade e pálido como se tivesse à palidez da morte. Não durou a visão mais do que um relâmpago, mas perturbou-me profundamente. Nada disse no momento, parecendo-me essas coisas sempre ridículas para serem contadas, e no dia seguinte, de manhã, minha mãe cientificava-me de que minha avó achava-se acometida de paralisia completa que a tornava inconsciente. Morreu, com efeito, alguns dias

depois. Não verifiquei se a hora em que a vi, correspondia ao momento em que se tornara inconsciente.

Católica fervorosa, com 35 anos, esposa de advogado, tudo o que tem relação com o Além, interessa-me em extremo. Peço-vos, porém, não mencionar o meu nome, pois a população desta cidade compõe-se de pessoas muito levianas e sobretudo ocupadas com tolices .

(Carta 63.)

L. M., em A.

XXXIX. - No mês de Janeiro de 1888, perdi minha avó; ela mandara chamar os seus filhos, em seus últimos momentos, para lhes dar um supremo adeus. Estavam, pois, todos presentes no momento de sua morte, exceto uma de aninhas tias que era, e que ainda é religiosa no Brasil. Minha avó manifestou o pesar que sentia de não poder vê-la . Mamãe foi encarregada de dar a minha tia a triste nova. E dois meses depois, recebia carta de minha tia, em que esta Contava que uma noite, no momento de se deitar, ouvira passos em volta de seu leito; volta-se, mas não vê ninguém; 'de repente seu cortinado se abre bruscamente e ela experimenta a impressão como que de uma mão pousando sobre a cama. Estava a sós em seu quarto, achando-se este iluminado. Sua primeira idéia foi a de que algum dos seus parentes morrera, e pôs-se a rezar pela sua alma. Tomou nota da data e da hora: pois bem, foi precisamente no dia da morte de minha avó que ela tivera essa impressão.

(Carta 68.)

M . ODEON Professor em Saint-Genix-sur-Guiers

(Sabóia) .

XL - Meu pai tinha, outrora, como empregado, um indivíduo chamado Fantrac, natural de Agneaiix, perto de Saint Lô, excelente temperamento, jovial, gostando de pregar partidas engraçadas aos rapazes da aldeia; alguns lembram cindas as formidáveis peças que lhes pregou ele.

Mal grado isso, todo mundo o procurava, exatamente por causa do seu bom humor, e o queria bem. O infeliz, que servira sete anos na Infantaria de Marinha, no Senegal, contra as febres, de que nunca mais pôde curar-se. A anemia, sobreveio à tuberculose.

Meu pai, que gostava muito dele, tratou-o durante vários meses em nossa casa. Continuando o mal a fazer progressos, Fantrac viu-se forçado a permanecer no leito, pelo que meu pai conseguiu sua admissão no hospital de Granville. Lá, esteve ele ainda três meses em tratamento, antes de morrer. Regularmente, meu pai ia vê-lo todos os domingos, para confortá-lo e levar-lhe alguns doces .

Uma segunda-feira, no dia seguinte da visita ao seu doente, que encontrou bem melhor, meu pai foi bruscamente acordado, assim como minha mãe, por uma violenta pancada na cabeceira da cama.

- Que é isto? - gritou minha mãe, presa do maior pavor. - Ouviste a pancada que acaba de ser dada na cama? Meu pai, não querendo parecer que tinha medo, nem que tinha sido acordado pelo mesmo barulho, nada respondeu, levantou-se, acendeu a lâmpada e consultou o relógio.

- Olha - disse ele - tenho um pressentimento: aposto que o pobre Fantrac faleceu. Ele sempre me dizia que me avisaria.

Mal amanheceu o dia, partiu meu pai para Granville. Apenas chegado ao hospital, pede para ver, apesar da hora matinal, o doente Fantrac. Respondem-lhe que morrera, no correr da noite, às 2 horas da madrugada, exatamente a hora em que meu pai fora tão bruscamente acordado.

Contei esta história muitas vezes, não tendo encontrado senão incrédulos, pessoas dispostas a me tratarem de supersticioso. De resto, eu mesmo disse a meus pais: Seria talvez uma coincidência, um pesadelo, que sei eu?

Sempre meu pai teve como resposta

- Não, eu não sonhava, nem tua mãe tão-pouco.

O fato é incontestável. Ah! se pudésseis, com o vosso inquérito, lançar um pouco de luz sobre esses formidáveis problemas!

(Carta 71.)

P. BOUCHABD

Funcionário dos Correios em Granville
(Manche).

XLI. - Meu pai, então com a idade de 20 anos, achava-se a sós em uma casa, quando, depois da meia-noite, produziu-se terrível abalo, depois abriu-se à porta de entrada com muito barulho. Meu pai, que dormia no primeiro andar, despertou em sobressalto e ao mesmo tempo seu pai, do andar térreo, chamou-o para perguntar se estava ele em seu quarto ou ai tinha saído para o pátio e porque fizera tanta algazarra.

Apressou-se meu pai em descer, manifestando sua surpresa por essa estranha aventura. Nada compreendendo o que se passara, pai e filho tornaram a fechar a porta,

passando-lhe o ferrolho e cada qual voltou ao seu leito. Ao cabo, porém, de muito pouco tempo, a mesma cena se reproduziu e meu pai e meu avô se encontraram, de novo, amedrontados, diante da porta aberta. Novamente é fechada com cuidado e eles voltam ao leito quando, pela terceira vez, reabre-se a porta com estrondo. Amarram-na então com uma 8tossa corda. O resto da noite passou-se tranqüilamente.

Algum tempo depois chegou uma carta, anunciando a Morte do irmão de meu avo, estabelecido na América a data de sua morte coincidia com a dos acontecimentos relatados mais acima com a diferença de que esse irmão morrera cerca de 1 hora da tarde. Soube-se depois que ele tivera grande desejo de ver ainda uma vez seu irmão na Alsácia, e num dado momento, quando já o supunha morto, reabriu olhos, dizendo

- Acabo de fazer uma grande viagem; fui à casa de meu irmão em Brumath.

Em seguida expirou .

(Carta 72.)

CAROLINA BAESCHLY
(Sáverne).

XLII. - Pessoalmente, não tenho nenhum fenômeno de telepatia para vos contar. Mas, anteontem, falava-se em minha casa de vossas sábias pesquisas. Uma pessoa absolutamente digna de fé contou que, assistindo aos últimos instantes de sua mãe, espalhou, no momento da morte desta, uma grande quantidade de água de Colônia ao redor da morta. Na mesma hora, a irmã do narrador, a mais de trinta léguas do lugar, teve como que a certeza da morte de sua

mãe e sentiu muito distintamente um cheiro de água de Colônia, sendo que na ocasião nenhum frasco desta água estava ao seu alcance. Esta senhora sabia que sua mãe achava-se muito doente.

(Carta 80.)

OTÁVIO MARAIS
Antigo bastonário,
em Rouen.

XLIII - Sucedeu-me em 19 de Dezembro de 1898, um caso bem curioso. Eis o fato, que pode ser confirmado por todos de minha família, pois me causou ele impressão profunda:

Tendo meu marido partido para uma pequena viagem, fie passar para o meu quarto o primogênito de meus três filhos, de 7 anos de idade. Os ferrolhos de todas as portas estavam puxados : eu sou medrosa e nossa casa é um pouco isolada. Tendo-me levantado, às 3 horas da manhã, bem como meu filho, ouvimos passos ligeiros, mas distintos, que se dirigiam para a porta do quarto das crianças, depois para a do meu quarto; ao mesmo tempo a tranca da porta das crianças foi levantada, mas essa porta estava fechada à chave . Saltei da cama e, sem abrir a porta, perguntei

- Ana (o nome da criada) é você ?

Nada de resposta. Tornei a deitar-me, persuadida de que Ana se tivesse levantado . Grande foi o meu terror ao saber, na hora do almoço, que hei não safra de seu dormitório.

Dois dias mais tarde, vim a saber da morte de uma parenta dos antigos locatários da nossa casa. Falecera ela no dia 19, às 11 horas da noite.

(Carta 88.)

JOANA BANAUD

XLIV. - Eis o que ouvi contar a Senhora Marquesa de há cerca de cinco anos, quando eu era preceptor de seu filho.

A marquesa jantava certa noite em casa de um de seus amigos, em Paris. Eram numerosos os convivas e muito joviais. Desse modo à emoção foi grande quando uma senhorita da assistência, dando um grito, virou-se para trás em Sua cadeira, presa de uma crise de lágrimas. Todos se precipitaram em seu socorro .

- Lá! Lá! - dizia ela, indicando a porta envidraçada, por onde se entrava para a sala de jantar - minha mãe apareceu! minha mãe acaba de morrer!

Em vão procuraram acalmar a moça e tirar de seu espírito esta idéia sinistra.

Uma espécie de indisposição apoderou-se logo dos próprios assistentes. Vinte minutos depois alguém fazia soar a campainha e pedia para levar imediatamente a Srta. X., dando a entender que uma grande desgraça sucedera. A mãe dessa moça morrera subitamente.

(Carta 94 .)

E. LEMOISSON

Professor no Colégio de Vire.

XLV . - Tendo ido ao campo a negócios, constatou uma pessoa de minhas relações que, na primeira noite que dormia em seu quarto, sua cama sacudia-se, levantava-se, como abalada por uma causa desconhecida . Eram 11 horas da

noite. Acendeu essa pessoa à vela e viram no meio do quarto um enorme cão (22), olhos fixos nela. Após alguns instantes, desapareceu por um dos vidros da janela, sem deixar vestígio de sua passagem.

Partiu ela precipitadamente, no dia seguinte pela manhã, pressentindo qualquer desgraça em sua casa e, lá chegando, Coube que o Sr. X., oficial do Exército, atacado de uma moléstia incurável, suicidara-se na véspera, às 11 horas da noite. Este senhor havia-lhe pedida hospedagem, a fim de ser tratado em sua casa, e, diante da sua recusa, fizera esta reflexão

- Agora não me resta mais do que acabar com a vida. A pessoa a quem me refiro vê uma relação direta entre essa estranha manifestação e a morte sobrevinda no mesmo dia e na, mesma hora.

(Carta 98 .)

CIENCIAU

Rua da Paz, 10 (Cherburgo) .

XLVI. - Meu pai, nascido em 1805 em Saint-Le-d'Ourville, perto de Port-Baíl, na Mancha, era pensionista no Seminário de Saint-Sauveur-le-Vicomte, a 12 quilômetros daquela localidade. Era o preferido de seu pai que, de resto, lhe deixou um quarto a mais da herança, felizmente, pois o segundo filho teria depressa dissipado os bens de seus pais.

Não é, portanto, para admirar que esse pai, tendo morrido quase de repente (como se morre em minha família), tenha pensado nesse bom filho, a quem ele amava ternamente e que não estava lá para receber o seu último suspiro. Ora, esta idéia do moribundo deve ter percorrido à noite o espaço de

12 quilômetros que o separava de seu filho, porquanto este, às 2 horas da noite, viu seu pai que o chamava para morrer. Ele correu a acordar o superior do seminário e lhe pediu que o deixasse partir;

O superior recusou, dizendo a esse jovem de 15 anos que a região, cheia de florestas a atravessar, não oferecia segurança para se viajar a noite, mas que o deixaria seguir logo que amanhecesse.

Pois bem! era muito tarde; o pobre rapaz chegou quando seu pai já estava morto, o que sucedeu justamente d hora da noite em que o chamara .

(Carta 102).

ANGELINE DESOLLE
Residente em La Trouche
(Isère) .

XLVII. - Na noite de 19 para 20 de Maio, um pouco antes de 11 horas, ainda eu não dormia; minha mulher, ao meu lado, já dormia, quando ouvi muito distintamente como que um pesado corpo cair sobre o assoalho do andar superior. Minha mulher ergueu-se então disse:

- Que há ?

- Deve ser um pão que caiu - respondi.

Esse quarto superior continha os pães da íntima fornada. Enquanto eu falava, um outro ruído semelhante ao primeiro, depois um terceiro, mais forte, reboaram. Então me levantei, acendi á luz, e, subindo a escada de madeira que conduzia ao celeiro, pude constatar que tudo ai se achava em perfeita ordem, estando os pães em seu lugar. Um funesto

pressentimento relacionado com meu irmão João, doente assaltou-me nesse instante, mas não deixei transparecer nada, e quando minha mulher me perguntou o que havia ã, causado aqueles rumores insólitos, respondi, para não amedrontá-la, pois eu a sabia muito medrosa:

- Foram alguns pães que escorregaram.

No dia seguinte, qual não foi a minha estupefação vendo minha irmã, que morava então em Nimes, chegar com a fisionomia toda transtornada, assegurando-me ter ouvido, pelas 11 horas, um rumor em sua mesa e, apenas acordada, um abalo formidável no grande armário. Eu levei-a então até à cozinha e lhe disse:

- João morreu!

- Sim - respondeu ela - era ele!

Um mês depois, soubemos que nosso querido João falecera no hospital de Birkaden (Argélia), na noite de 19 para 20 de Maio (23).

(Carta 104.)

MARIUS MARIOGE
Em Bemoulin
(Gard) .

XLVIII. - Minha mãe tinha dois tios clérigos: um era missionário na China, o outro, cura na Bretanha; tinham uma irmã, já de idade avançada, residente nos Vosges.

Um dia esta pessoa estava acupada em sua cozinha a preparar o repasto da família, quando se abriu à porta, e ela viu no limiar seu irmão missionário de que estava há longos anos separados:

- E o irmão Francisco! - gritou ela e correu para ele, a afim de abraçá-lo; mas, no instante em que chegava perto dele, não o viu mais, o que lhe causou um grande medo.

No mesmo dia, à mesma hora, o segundo irmão, que era Cura na Bretanha, lia seu breviário, quando ouviu a voz do Irmão Francisco que lhe dizia:

- Meu irmão, vou morrer. Depois, ao cabo de um momento

- Meu irmão, eu morro.

E enfim, alguns minutos depois:

- Meu irmão, morri.

Alguns meses mais tarde, os receberam a notícia da morte do missionário, verificada no mesmo dia em que tinham recebido tão estranhos avisos (24).

Se me permito dirigir-vos este relato, é que tal acontecimento parece-me apresentar todas as garantias de autenticidade. Foi-me ele contado por minha mãe e por uma de minhas tias, separadamente: elas o ouviram das personagens em causa, seu tio, um sacerdote respeitável e sua tia, uma resoluta e digna mulher, as quais não teriam inventado este conto pelo prazer de causar admiração ao público. Quanto à circunstância de crer em uma alucinação, seria inverossímil que todos dois a tivessem ao mesmo tempo, a muitas centenas de léguas de distância.

Posso afirmar-vos igualmente, sob palavra de honra, minha perfeita sinceridade; de resto, que vantagem teria eu em enganar-vos?

(Carta 108 .)

MARIE LARDET Champ-le-Duc
(Vosges).

XLIX. - O valor dos fatos cresce em razão do seu número, dizeis vós, em um artigo sobre as manifestações telepáticas: é o que me abalança a submeter-vos um desses fatos extraordinários. Não data de ontem, nem me diz pessoalmente respeito; não obstante, posso garantir-lhe a autenticidade, a vista do caráter verídico, do bom senso, do espírito positivo e equilibrado da pessoa com quem ele ocorreu .

Em 1822 ou 1823, o primogênito de meus avós fazia seus estudos em Estrasburgo. As últimas notícias dele recebidas eram boas e nada havia que se pudesse prestar a qualquer inquietação a seu respeito. E' verdade que nessa época, em que 50 quilômetros constituíam uma viagem de longo curso, as comunicações com Estrasburgo não eram muito freqüentes e, por conseguinte, nem tão-pouco as notícias.

Um dia em que minha mãe contemplava um retrato a óleo de seu filho ausente, teve a impressão de que a tela caminhava para seu lado, ao mesmo tempo em que ouvia distintamente a voz de seu filho dizer: Mamãe, mamãe!

Foi tão nítida a visão, que ela estendeu os braços e gritou com desespero: Eduardo!

Meu avô fez tudo para convencê-la de que Eduardo ia bem; que, se estivesse doente, seus pais seriam avisados; que ela tinha tido uma alucinação, sonhara acordada, etc . ; minha avó permaneceu sob a impressão de uma desgraça. No dia seguinte, um mensageiro chegava de Estrasburgo para anunciar a morte do rapaz.

Que enfermidade o aniquilara em algumas horas? Não me lembro mais. Sei somente que ele morreu na hora em que

sua mãe contemplava o retrato e que, morrendo, chamara por duas vezes: Mamãe, mamãe!

Confesso-vos que sou muito incrédulo; mas rendo-me, neste caso, à evidência. Entretanto, não assino senão para vós, por que vós sabeis que não se trata de um conto.

(Carta 121.)

S. S. Vosges anexados.

L. - Um fato absolutamente autêntico passou-se em minha família. Não pude saber o ano em que se produziu, mas enfim ei-lo aqui tal qual a narrativa que dele me fizeram minha avó e minha mãe .

Quando minha avó era moça, morava no porto d'Envaux (pequena cidade nas cercanias de Saintes) e tinha um irmão, Leopoldo Drouillard, marítimo.

Um outro de seus irmãos, que também residia no porto d'Envaux, vaia um celeiro, nos fundos de um pátio, procurar feno para o gado. Quase no mesmo instante ele volta correndo, a tremer de medo, e diz à sua mãe

- Mamãe, acabo de ver meu irmão Leopoldo no celeiro. Riram todos a custa dele no momento e ninguém mais pensou nisso, quando, no mês de Dezembro do mesmo ano, soube-se da morte, em Havana, no mês de Junho, de Leopoldo Drouillard. Fora precisamente no mês de Junho que seu irmão tivera a visão.

Eis o fato tal qual me foi contado por minha mãe e por minha avó. Esta última tem ainda vivos um de seus irmãos e uma de suas irmãs. Podem-os dar seu testemunho a respeito do fato.

(Carta 128 .)

FERNANDO ORTICE
Tonny-Charente
(Charente Inferior).

LI. - A - Em 1880, meu cunhado, J. B. Thesillot, achava-se na Argélia onde fora chamado por seus negócios. Certa noite levantou-se ele em sobressalto, sem causa aparente; subindo os olhos, viu, à luz da lamparina que clareava o quarto, um de seus amigos, chamado Morillon, residente na cidade de Creil (Oise) aparecer muito distintamente ao pé da sua cama, olhando-o com tristeza... A aparição durou alguns instantes. Ao mesmo tempo recebeu ele a intuição muito precisa de que seu íntimo amigo, não obstante achar-se em bom estado de saúde, antes de sua recente separação, acabava de morrer. Escreveu para casa e não tardou a saber que seu amigo Morillon morrera nessa mesma noite, a hora exata daquela aparição.

B - Tive ocasião de encontrar-me, em Maio de 1896, em casa de um amigo comum, com um Senhor Contamine, farmacêutico em Commentry (Allier), que em minha presença narrou o fato seguinte, de que ele garantia a absoluta autenticidade e que não podia contar sem uma visível emoção:

Achando-se um dia sentado em seu quarto, diante de um armário de espelho, ocupado em calçar as botinas, percebeu muito nitidamente, por esse espelho, que a porta de trás se abria, vendo um de seus amigos entrar no quarto; estava em trajes de baile e vestido com todo esmero. O Senhor Contamine voltou-se para estender as mãos ao seu amigo. Qual não foi a sua estupefação, verificando que não havia

ninguém no seu quarto! Precipita-se imediatamente para fora do quarto e interpela o criado que estava precisamente na escada:

- Acabais de encontrar o Sr . X . , que saiu do meu quarto; onde está ele ?

- Não vi absolutamente ninguém, afirmo-vos.

- Ora essa! ele saiu do meu quarto neste instante! - Estou absolutamente certo de que ninguém entrou nem saiu.

O Senhor Contamine, muito intrigado e muito impressionado, teve, também ele, o pressentimento de uma desgraça. Procurou logo se informar e veio a saber que o seu amigo, tendo cometido um homicídio por imprudência, e querendo furtar-se ao processo judiciário desse acidente, suicidara a hora exata em que se verificou a aparição e com o próprio traje com que fora visto refletido no espelho.

(Carta 134.)

BOULNOIS

Professor em Pont-Saint-Maxence.

LIII. - No dia 23 de Outubro de 1870, às 5 horas da manhã, eu dormia tranqüilamente, sem sonhar, quando senti bruscamente, sobre minha face esquerda, um beijo ternamente aplicado. Dei um grito: Mamãe!

A tarde desse mesmo dia recebíamos um telegrama anunciando a morte, às 5 horas da manhã, de minha bem-amada mãe. Conservei tal impressão do fato, que jamais a sua recordação foi esquecida.

Se a grande veracidade deste fato pode ser, de qualquer modo, útil, serei muita feliz de ter podido contribuir em mínima parte para pesquisas cujo alto valor sei apreciar.

P.S. – Minha mãe morreu em Gien e eu estava Rochefort.

(Carta 140.)

Senhorita Maria Durand
Rochefort-Sur-Mer
(Charente Inferior) .

LIV . - A . Há cinquenta anos, minha tia, irmã de Caridade, então com a idade de 20 anos, e achando-se no dormitório comum onde eu a vi ainda este ano, foi surpreendida por um grande rumor de tonel que rola no pátio. Ela abriu rapidamente a janela e não viu nada.

Tendo-a fechado, para ir deitar-se, o barulho continuou tão forte, que ela tornou ainda a abrir a janela, com grande espanto de suas companheiras que nada ouviam. Oito dias depois, vinha-lhe a notícia da morte de sua mãe e fora precisamente às 8 horas da noite que ela expirara, chamando por suas duas filhas ausentes. Fato curioso, achando-se lá a outra filha, nada ouvira, entretanto.

B. Esta mesma tia foi despertada, muito tempo depois, por pancadas semelhantes às de um pequeno martelo sobre uma tábua, perto de seu leito. O medo impediu-a logo de falar, mas as oito irmãs que partilhavam o seu dormitório foram todas despertadas com o barulho. Levantaram-se e por três vezes constataram durante a noite que era sempre na mesa de minha tia que o ruído se produzia. Três irmãs, antigas companheiras de minha tia, afirmaram-me terem sido testemunhas do fenômeno.

Nenhuma coincidência de morte se verificou neste caso.

(Carta 141.)

C . COURTES MARMANDE

LVI. - A. Meu tio José, irmão de meu pai, estando passear em seu jardim, pelas 10 horas da manhã, viu, por cima de uma sebe de espinhos, seu cunhado que vinha, pela estrada, a cavalo.

José volve a casa, anuncia à esposa a chegada do marido de sua irmã e vai ao encontro do mesmo. E em vão que ele procura-o, mas pela tarde um expresso traz uma carta comunicando a morte súbita desse homem, na mesma manhã acometido de apoplexia, a 45 quilômetros, o que motivou a sua queda do cavalo.

B. Há quarenta anos estávamos com 30 anos de idade, éramos recebedor das contribuições no Morbihan. Certa vez tomávamos café com dois amigos, após o jantar, cerca de 7 horas, quando todos três ouvimos o ruído característico de moedas de 5 francos rolando em uma gaveta. Precipitando-me à minha secretária, separada por simples tabique do nosso apartamento, não pude achar a causa desse ruído.

Na mesma noite, um de meus irmãos morria em Paris.

(Carta 142 .)

DU QUILLION

Prefeito de Lanhelin (Ilie-et-Vilaine).

LVIII. - Meu pai, compositor musical, morava então em Lião, sua cidade natal, com sua jovem esposa e sua filhinha;

meus avós paternos residiam também em Lião, à meia hora de distancia, mais ou menos, de seu filho.

Estava-se em 28 de Agosto, às 8 horas da manhã. Fazia meu pai sua toaleta (ele barbeava-se diante de uma janela) quando o ouviu chamarem (25) fortemente por duas vezes: - André, André!

Ele volta-se, não vê ninguém, vai ao quarto contíguo, cuja porta estava aberta e encontra minha mãe tranqüilamente sentada. Perguntou-lhe meu pai:

- Foste tu que me chamaste?

- Não

- respondeu minha mãe;

- mas porque estás tão emocionado?

Conta-lhe meu pai como ouvira chamarem-no fortemente e quanto este chamado reiterado o perturbara.

Termina ele sua toaleta, e alguns minutos depois é informado de que seu pai acabava de morrer quase subitamente, sem que se tivesse tempo de mandar procurá-lo para receber seu último suspiro. Ele o chamara antes de morrer, mas ninguém o supunha em perigo, pelo que não se julgou necessário prevenir o filho.

Morrera às 8 horas da manhã, exatamente no instante em que meu pai ouvira chamarem-no de uma forma tão urgente. Notai bem que meu pai não tinha nenhum cuidado relativamente à saúde de seu pai, pois que na véspera, à tarde, ele ainda se achava bem.

Minha mãe, que fora testemunha da inquietação de meu pai, mas que não escutara o chamado, acaba ainda agora de me fazer, pela centésima vez, a narração do caso, e é sob o seu ditado que vos escrevo; mas peço-vos não dar os nossos nomes à publicidade.

M. B., nascida S. Em R. (Isère) .

LIX - Meu amigo Ferdinando S . , com perto de 16 anos de idade, fazia em Paris seus estudos musicais, sob a direção do compositor Hipólito Moupon. Um dia, em seu quarto de estudante, achando-se perfeitamente desperto, aconteceu-lhe de súbito ter a visão clara de seu pai, absolutamente como se estivesse ele aí. Durou apenas um instante essa visão.

Longe estava então o meu amigo de pensar na morte de seu pai. Este, entretanto, que tinha a profissão de afinador em Tours, havia sido vítima de terrível acidente. Ao fazer subir um piano por uma escada, caiu-lhe o instrumento sobre o corpo, ocasionando-lhe a morte.

Ora, segundo a informação recebida, pôde Ferdinando constatar que o momento da aparição devia coincidir com o da morte de seu pai.

(Carta 156.)

E. LEP

Praça da Catedral, 9, Tours .

LX. - Sucedeu, não a mim, mas a meu pai, ver um ser humano no meio do seu quarto, entre 11 horas e meia-noite; era seu filho, meu irmão, que nesse momento acabava de morrer.

Não conhecia meu pai o acidente que havia produzido morte a seu filho . De mais, valoroso oficial de Marinha, não era ele um sonhador dotado de imaginação propícia à crença em fantasmas; era antes um pouco sanguíneo e gozava de perfeita saúde.

(Carta 159 .)

MARIA ESMENAHD
Proprietária em Billom (Puy-de-Dome) .

LXI. - Um de meus irmãos, há esse tempo aluno de Retórica em um colégio congreganista, não pôde fechar os olhos durante a noite toda e, logo pela manhã, foi procurar o superior do colégio, dizendo-lhe, banhado em lágrimas

- Não sei o que há, mas tenho certeza de que uma desgraça aconteceu em nossa casa.

O superior tratou isso de infantilidade, etc. Duas horas depois, nosso cavalo estava à porta do colégio para trazer meu irmão : é que meu pai morrera subitamente nessa mesma noite .

Ora, um fato certíssimo é que meu irmão, pensionista, não sabia e nem podia saber absolutamente nada. O colégio em que ele se achava era distante uns quinze quilômetros da casa paterna (26).

(Carta 154.)

GASTON SAVOYF. (Norte) .

LXII. - Uma das minhas tias era professora em uma comuna da Alsácia e via mui freqüentemente a irmã do Senhor Cura.

Ora, uma noite, dispondo-se minha tia a ir deitar-se, ouviu ela soar a campainha uma ou duas vezes. Desce e pergunta quem é. Nada de resposta. Abre a porta: ninguém. Não podia ter sido um transeunte, pois que, para puxar o

cordão da campainha, era preciso entrar em um corredor e subir alguns degraus da escada.

No dia seguinte pela manhã, ela soube que a irmã do Senhor Cura tinha morrido quase subitamente, pouco mais ou menos no momento em que ela ouvira soar a campainha.

(Carta 169.)

E. DAUL
Neuves-Maisons .

LXIII. - Contava-me, há dois anos, um de meus amigos, o pavor de que fora tomado certa noite, em que lia, na cama, antes de dormir.

De repente é o cortinado violentamente sacudido, ouvindo ele, ao mesmo tempo, um longo gemido e o ruído de passos no assoalho. Sua mulher, que estava acordada, confirmou-me ter ouvido o mesmo ruído. Ao dia seguinte eram eles informados da morte de um de seus amigos, residente s quatro quilômetros do lugar .

(Carta 171.)

A. MORISOT
41, rua do Castelo, Lião.

LXIV . - Era a nossa família relacionada com a do General Bertrand, o companheiro de exílio de Napoleão. Minha mãe, desde a infância, dava-se muito com a filha. do general, Hortência Bertrand, que desposara o Senhor Amédée Thayer, morto creio que em 1866, como senador do Segundo Império .

Em 1844, a Senhora Thayer, achando-se enferma, fora enviada para a Madeira. Seu pai, o General Bertrand, estava em Chateaux-roux; veio por alguns dias a Paris, no mês de Janeiro de 1844. Regressou no fim do mês pela diligência postal. Fazia muito frio. Chegando a Châtesux-roux, foi acometido de uma congestão pulmonar e morreu em 29 de Janeiro .

Nesse mesmo dia 29 de Janeiro, sua filha, a Senhora Thayer, rodeada de seu marido e das pessoas que a tinham acompanhado à Madeira, conversava tranqüilamente, não experimentando inquietação alguma a respeito daqueles a quem amava e que haviam ficado em França. De súbito ela empalidece, solta um grito, cai em pranto, dizendo : Meu pai morreu! Procuram acalmá-la, fazem-lhe ver que as últimas Cartas eram muito recentes e não continham senão boas noticia, que não havia nada que fizesse prever uma desgraça; ela persiste em sua afirmação e toma nota da hora e do dia. Nessa época não havia telégrafo e poucos eram os caminhos de ferro; levavam um mês para chegar à Madeira as cartas procedentes de França. O primeiro correio que chegou trazia a noticia da morte do General Bertrand, ocorrida a 29 de Janeiro, a hora exata em que sua filha tivera a revelação desse fato.

Todas as testemunhas desta cena, e a própria Senhora Thayer, estão hoje mortas, mas o fato tomou-se conhecido de toda a nossa família e da família do Senhor Thayer; eu o ouvi muitas vezes narrado por um primo, íntimo amigo . Talvez mesmo lhe pudesse verificar a exatidão, consultando o padre Ludovico, capuchinho em Paria, que era o confessor da Senhora Thayer desde muitos anos e que deve ter

conhecido este fato. Desejo que meu nome não seja publicado.

(Carta 172.)

Fabianne Kurll (Paris)

LXV. - Há dois anos, meu irmão partira, na qualidade de desenhista para uma viagem de exploração na África, com a missão do Senhor de Bonchamps. Já havia muito tempo eu não tinha notícias dele, quando certa noite, acordando em sobressalto, vi distintamente meu irmão ser morto pela lança de um selvagem.

O fato impressionou-me tão vivamente que permaneci acordado até de manhã e fui ainda perseguido várias semanas por essa visão.

Algumas semanas mais tarde, recebia eu a notícia da morte de meu irmão na Abissínia, a 14 de Novembro, morto pela lança de um selvagem. O fato deve ter coincidido com a visão; infelizmente, no momento esqueci-me de registrar a data exata em que esta se produziu. Posso, entretanto, assegurar que isso me sucedeu em Novembro.

(Carta 175.)

Antonio Maurietti (Paris)

LXVI. - Posso atestar-vos o seguinte fato que se passou em uma pequena cidade do Departamento do Var.

Minha mãe estava sentada na sala do andar térreo de sua casa e ocupada em um trabalho de costura ou de tricô, quando, subitamente, viu diante de si o irmão mais velho,

que residia em uma aldeia do Distrito de Toulon, situada a uns cinquenta quilômetros de distância . Seu irmão, que ela reconheceu perfeitamente, lhe disse: Adeus... e desapareceu.

Minha mãe, muito perturbada, foi procurar meu pai e lhe disse: Meu irmão acaba de morrer. Ela sabia que o irmão estava doente .

No dia seguinte ou dois dias depois, recebeu-se em casa o aviso do falecimento de meu tio, ocorrido precisamente à tarde, por volta da hora da aparição. Não existindo telégrafo nessa época, fora à notícia enviada a Aix, por meio de carta.

(Carta 186.)

Maurice Caandar (Paris)

LXVII – Eis um fato cuja absoluta exatidão posso garantir: A 21 de Dezembro, de 1891, recebi uma carta dizendo que meu pai estava muito doente e desejava ver-me. Como a carta não me parecesse muito alarmante, não me deixei ficar, por outro lado, muito perturbado e dirigi-me à gare de Redon, para tomar o trem de 4 horas e 44 da tarde.

Fui um pouco antes da hora e passeava na sala de espera, sem quase pensar em nada, quando, de repente, fui tomado de mal estar, de uma espécie de atordoamento: eu não via nada mais e tinha violentos zumbidos nos ouvidos; fora tão súbito o mal-estar, que eu ficara de pé, imóvel, no meio da sala. Isso não deve ter durado mais do que um ou dois minutos, no máximo, pois que as pessoas presentes apenas começavam a dar-se conta do que me sucedia, quando voltei a mim .

E o que é extraordinário é que, no momento exato em que eu recuperava a vista e de alguma forma a razão, antes de vislumbrar pessoa alguma na sala, apareceu-me o vulto de meu pai e em seguida logo se desvaneceu; ao mesmo tempo um só pensamento me assaltou, impor e eu não pude deixar de formulá-lo assim: Meu pai vai morrer.

Permaneci com essa idéia fixa durante toda à noite e foi em vão que procurei firmar-me noutra convicção. Cheguei à casa de minha família, que, reside no Departamento de Charente, cerca das 6 horas da manhã. Fui então informado de que meu pai morrera na véspera, às 6 horas da tarde. Uma hora mais ou menos antes de morrer, chamara-me ele diversas vezes, e minha ausência o havia feito Chorar. Esse instante coincidia justamente com o da aparição que me veio na gare de Redon. O fato impressionou-me de tal modo, que jamais o pude esquecer.

(Carta 235.)

P. BUSSEROLLE

Professor em La Dominelais, por Fougeray (Ille-et-Vilaine) .

LXVIII. - Sucedeu-me por duas vezes experimentar a impressão nítida de ouvir perto de mim uma pessoa ausente, tendo eu marcado a hora exata dessa alucinação. E das duas vezes verificou-se coincidir a impressão recebida, tem maior diferença do que cinco minutos, com a morte da pessoa que eu sabia achar-se doente, mas que não supunha tão perto do seu fim.

Esses dois casos, muito impressionantes de telepatia, foram na época publicados no Jornal da Sociedade Psíquica de Londres, da qual tinha eu a honra de ser membro associado.

(Carta 237.)

AUG. GLARDON Homem de letras, em Tour

LXIX. - No dia 29 de Outubro de 1869, estávamos reunidos na sala de jantar, depois da ceia (passava-se isso no castelo de Vieux, perto de Caen, em casa de meus pais) . Pelas 9 horas da noite, ouvimos barulho em uma peça vizinha, assemelhando-se em absoluto esse barulho ao que faria um quadro caindo (foi essa a primeira impressão) . Verificamos todos os quadros de todos os compartimentos; tudo se achava em seu lugar. Minha mãe imediatamente tomou nota da hora.

Alguns dias após, recebíamos a certidão de óbito do irmão de minha mãe, falecida no hospital militar de Calais, em consequência de febre tifóide, a 29 de Outubro de 1869, às 9 horas da noite.

(Carta 243.)

ANATOLE DE JACKSON

Recebedor dos impostos diretos, em Cheux (Calvados) .

LXX. - Uma dama de minhas relações, bem equilibrada, séria e sensata, afirmou-me, sob juramento, a veracidade do fato seguinte: órfã, tornara-se noiva de um estrangeiro, M. S., que ela amava muito. Não o pode obter o consentimento de sua família para esse casamento. Esperaram muito tempo;

de pois, seja por prudência, seja por despeito, ela desposou um homem idoso que havia igualmente solicitado sua mão. (Omito explicações inúteis).

Ela foi sempre fiel, nunca mais tornou a ver seu noivo que retornou para seus pais. Entretanto, pensava sem cesses nele.

Passados alguns anos, entrando, certo dia, em seu quarto, julgou vê-lo estendido no chão, como morto e todo ensangüentado. Ela soltou um grito de pavor, ao mesmo tempo em que se aproximava, constatando que não era vítima de uma Ilusão. Ao cabo de um instante, tudo desapareceu, e seu marido, que acorrera ao seu grito, nada viu.

Ela supôs que M. S. devia ter sido vítima de um acidente, mas não pode informar-se, por não conhecer sua residência. Após alguns dias, encontrou-se em presença de um correspondente de M . S . , o qual lhe informou que seu amigo, desiludido da vida, suicidara-se.

Confrontando a data da aparição com a da morte, chegou ela a certeza da coincidência.

(Carta 244.)

M . GAUTHIEB, Lião .

LXXI. - Uma senhora achava-se presente a um grande jantar de cerimônia, oferecido por certa personagem. No meio do jantar, a senhora em questão salta um grande grito e, com os olhos fixos na parede fronteira, braços estendidos para frente, grita: Meu filho, meu filho! e cai com uma síncope.

Levam-na para um outro compartimento e, ao voltar si, soluçando, ela conta que, de repente, a sala de jantar com suas luzes e seus convivas havia desaparecido, para mostrar-lhe o mar enfurecido e seu filho a debater-se nas ondas, estendendo os braços. Mais tarde, recebeu ela a notícia da morte de seu filho, oficial de Marinha, que havia sido arrastado por uma vaga, quando navegava no mar das Índias, fato esse ocorrido no mesmo dia da citada visão.

Posso, se o julgardes necessário, dar os nomes, os lugares e as datas.

(Carta 247.)

HERVOCHES DU QUILLION
(Ile-et-Vilaine) .

LXXII. - Uma de minhas amigas, esposa de um capitulo, experimentou por duas vezes a impressão nítida de ver um ser humano. Uma vez, foi seu primo, que ela chamou pelo nome em um passeio, ficando muito admirada de o encontrar; noutra ocasião, seu criado, que ela deixara de saúde em Tolosa, na época em que encetara viagem, abriu a porta ele seu quarto e ela lhe perguntou, muito admirada, o que viera fazer.

As duas aparições não duraram muito tempo e coincidiram ambas com a hora da morte dessas duas pessoas.

(Carta 252.)

J. DEBAT POUSAM (Tolosa).

LXXIII. - Uma senhora de minhas relações, digna de fé, contou-me que, achando-se de viagem no Vaiais, há alguns

anos, ouviu, logo depois de se haver deitado, três fortes pancadas em seu leito. Estava absolutamente sozinha em seu quarto. Sua companheira de viagem, que dormia no quarto contíguo, ouviu também as pancadas e veio ver se a senhora, de quem se trata, estava passando mal e por isso a chamara. Dois dias mais tarde, a minha amiga recebeu a notícia da morte, quase súbita, de uma de suas melhores conhecidas, falecida em Fribourg. A hora e o dia coincidiam exatamente com os em que ouvira as pancadas.

(Carta 272.)

F. MOSARD

LXXIV . - Uma noite, acabava eu de deitar-me, quando ouvi um grande barulho que vinha do fogão, como se alguém o sacudisse violentamente; fiquei tão aterrada, que toquei a campainha chamando a minha empregada. Nada nos pode explicar esse barulho e tive grande dificuldade em acalmar-me, de tal modo havia-me ele impressionado . No dia seguinte, pela manhã, recebi a notícia da morte de uma amiga íntima, ocorrida durante a noite antecedente (não tive a idéia de perguntar a hora).

Instantaneamente, o barulho da véspera veio-me ao pensamento e associou-se a essa morte em uma correlação muito nítida; eis porque me sinto no dever de submeter-vos esse caso. O que contribuiu para esta idéia de correlação entre o barulho misterioso e esta morte, é que existia entre essa amiga e eu um segredo que se relacionava com a doença causadora de sua morte.

(Carta 274.)

M. CLEMENTE Tours.

LXXV . - Há perto de doze anos residia eu em Auch; uma certa noite, minha mulher, que dormia em um quarto contíguo ao meu e separado por um simples tabique, despertou-me dizendo:

- Estais me chamando?

- Não

- respondi-lhe.

- Ora essa! eu vos afirmo que ouvi, muito distintamente, o chamado, duas vezes repetido, de meu nome : Maria, Maria.

- Foi, sem dúvida, sonhando - lhe disse eu - que acreditastes ouvir alguém vos chamar; quanto a mim, eu dormia profundamente.

Um instante depois, minha mulher me chamou, de novo, dizendo-me

- Levantai-vos depressa, acendei a vela, chamam-me ainda, tenho medo.

Mas, eis aí onde o fenômeno se torna verdadeiramente extraordinário. Minha esposa, muito impressionada, passou o resto da noite em meu quarto e quis conservar, até de manhã, a vela acesa.

- Lembrai-vos - disse-me eia - que vamos saber da morte do Senhor Gautier, de Marselha; creia haver reconhecido, nos sucessivos chamados, o timbre de sua voz (27) .

No dia seguinte eu me achava, por acaso, diante de minha. porta a passagem do carteiro, que me entregou uma carta com envelope tarjado de luto. Fiquei estupefato ao ver, pelo carimbo postal, que essa carta era procedente de Marselha, mas a minha estupefação foi ao cúmulo quando,

só ler a carta, verifiquei que a Senhora Gautier comunicava à minha mulher que seu marido falecera no correr da noite e d mesma hora em que havia sido chamada por duas vezes em horas diferentes.

Repetidamente tenho contado esse fenômeno extraordinário e hoje me sinto feliz em fazer-vos a narração do mesmo, para que possais, em vossos trabalhos de pesquisas, nele encontrar uma indicação qualquer.

(Carta 275 .)

A . DEUPE Rua Cassini, 5. Nice

LXXVI. - A. Quando meu pai tinha uns 20 anos de Idade, achava-se na Córsega, na casa paterna, com três dos seus irmãos que contavam de 19 a 30 anos e de forma alguma nervosos.

Uma noite ouviram eles no andar superior, que lhes pertencia, mas na ocasião inabitado, como que passos de alguém que passeia. Quando se dizia: Ouvis? parecia que batiam com o salto repetidamente . Subiram ao andar superior, procuraram por toda parte: nada, e, quando desciam, o passeio recomeçava. Durou isso uma hora.

Algum tempo depois, soube-se que uma tia, residente na América, morrera na mesma noite e à hora exata em que foram ouvidos esses rumores insólitos.

B. Em Julho de 1877, meu pai faleceu em Constantina. Um de seus irmãos, a quem ele era particularmente afeiçoado, achava-se então na Córsega e balançava-se em uma rede. Estava ele, nesse momento, sozinho na casa paterna; não havia em casa nem pessoas nem animais. De repente, durante um momento, ouviu saltos desordenados no

andar superior. Meu tio pos a refletir em qual seria a causa de tais saltos, quando (recordando-se subitamente do que já sucedera durante sua juventude), disse: Compreendo, compreendo, ele morreu. Ele, era meu pai.

Algumas horas mais tarde, sabe-se por telegrama que meu pai falecera a hora em que meu tio ouvira aqueles saltos.

(Carta 284 .)

E. RAFAELLI, NICE

LXXVII. - E' meu pai um homem bastante instruído, de espírito positivo e jamais se ocupou com Espiritismo, nem com outras práticas desse gênero. Ora, em 1860, meu pai e minha mãe, ambos dormindo, foram despertados ao mesmo tempo por um rumor de passos de homem calçado com pesados sapatos . Os passos encaminharam-se para o leito e chegaram até sobre o tapete. Nesse instante meu pai acendeu a vela, mas não viu nada e o silêncio continuou completamente .

Ora, alguns dias depois, uma carta do ministério da Marinha deu a noticia da morte de um de meus tios, que servia na Marinha em Toulon. Amava ele muito minha mãe. Morreu no mesmo dia em que os rumores de passos foram ouvidos no quarto, mas meu pai jamais pode saber a hora exata da morte. Nem meu pai, nem minha mãe haviam pensado, na ocasião, em atribuir a menor importância aos rumores ouvidos; é pois incompleto o fenômeno; mas suponho que não ai deve desprezar nada em um estudo deste gênero.

(Carta 288.)

DR. LAMARCQ-DROMOY
Medico dos Hospitais, Rua Ravez n° 1 Bordeus

LXXVIII. - Não tenho para referir-vos uma aparição, mas dois fatos ocorridos no próprio dia da morte de um oficial em Tonkin.

Produziram-se esses fatos: 1° à tarde, por três pancadas bem distintas dadas na porta da cozinha e ouvidas por minha cozinheira e por seu filho. Este disse a sua mãe:

- A senhora está batendo. E a cozinheira respondeu:

- A senhora saiu, mas percorramos o apartamento. Aí não havia absolutamente ninguém.

A noite que sucedeu a este primeiro fato, ouvi passos, rumores no quarto vizinho do meu, como se caminhassem.

No dia seguinte conto à criada os meus temores noturnos, Pr por sua parte ela me faz a narração do que ouvira na véspera. Doze dias depois, vim a saber da morte de meu caro F; filho adotivo, verificada no mesmo dia.

Passou-se isso a 1.a de Agosto de 1895.

(Carta 287 .)

Por minha tia, Sra. Violet,
C. CLARTÉ
Arrabalde Stanislau, 12 bis, Nancy .

LXXIX. - Deixara eu Paris havia meses e, regressando à mesma capital, pensava nas pessoas que ia tornar a ver e das quais nenhuma noticia tivera desde a minha partida. Passavam todas elas diante dos meus olhos com sua

fisionomia habitual, exceto um senhor de perto de cinquenta anos, que se apresentava pálido e desfigurado. Eu dizia de mim para mim: Provavelmente não o tornarei a ver, ele deve estar morto ou moribundo. Não tinha nenhuma simpatia por esse senhor e não era por afeição que meu pensamento ia até ele.

No dia seguinte, achando-me em uma roda de amigos, perguntei!!

- A propósito, como vai Fulano de tal?

- Mas - responderam-me - o seu enterro é amanhã; ele morreu ontem, às 3 horas .

Era precisamente a hora em que eu o tinha visto, com os traços decompostos.

Isso que vos relato não tem, sem dúvida, importância alguma; mas eu quis responder ao vosso apelo.

(Carta 290.)

L. HERVIEUX
Montivilliers (Sena–Inferior)

LXXX - Quando o célebre tribuno Barbas estava na prisão central de Nimes, via-se constantemente rodeado pelos seus guardas e tinham-se para com ele todas as atenções que se pode conceder a um prisioneiro político. Um dia, estando em um pátio com diversas pessoas, diz-lhes ele de súbito: Sucedeu alguma coisa de mal a meu irmão . Soube-se no dia seguinte que o irmão de Barbès morrera em Paris de uma queda de cavalo, no momento exato da impressão recebida por seu irmão.

(Carta 295.)

MARGUERIT
Passeio da busca 14, Tolosa

LXXXI. - Minha mãe, residente em Bourgogne (Côte-d'Or) - estava-se em 1871 ou 1872, a data lhe escapa, mas poderia ser determinada - ouviu, em uma terça-feira pela manhã, entre 9 e 10 horas, abrir-se e fechar-se violentamente, batendo, a porta do quarto de dormir onde ela se encontrava. Ao mesmo tempo ouviu por duas vezes chamarem-na: Lúcia! Lúcia!

Quinta-feira seguinte veio ela a saber que um seu tio, Clementino, que a teve sempre em grande estima, havia morrido na terça-feira, precisamente entre 9 e 10 horas da manhã. Esse tio residia em Uzerche (Corrèze) .

No momento desse rumor e desse chamado, estava meu pai ausente de casa. A sua volta, pelo meio-dia de terça-feira, bem entendido, contou-lhe minha mãe o fato, mas sem pensar em seu tio.

Em definitiva, porta aberta e fechada bruscamente e dois chamados: Lúcia! Lúcia!

Minha mãe e meu pai estão vivos, moram comigo em Bourges e desde muito que esse fato vem-me sendo contado. Garanto-vos a sua perfeita autenticidade.

Se o fato vos parecer tão interessante que deva ser publicado, agradecer-vos-ia se não mencionásseis mais do que as iniciais do meu nome, pois aqui ninguém goza de independência, todo o mundo é, pelo contrário, burguês.

(Carta 303.)

P.D. (BOURGUES)

LXXXII. - Em 1856, tinha eu 9 anos e meu irmão, 8; morávamos em casa de nossos pais, em Besançon. Estes eram naturais do Wurtemberg, e nossas duas avós residiam, uma em Ulm, outra em Stuttgard. Jamais viramos essas pessoas; muito vagamente eu, como primogênita, dava-me conta do que fosse uma avó; meu irmão, com mais forte razão nem fazia uma idéia a respeito. Tudo o que sabíamos delas e que, todos os anos, pelo Natal, uma e outra escreviam aos nossos pais que, a seu turno, abraçando-nos, diziam-nos que nossa avó fazia votos para que seus netinhos se tornassem ajuizados e corretos, e que ela nos enviava sua bênção. Era pouco para crianças e eu creio que a menor boneca, o pois pequenino polichinelo, nessa época, teriam sido muito méis negócio para nós.

Entretanto, eis o que sucedeu: Uma quinta-feira do mês de Fevereiro de 1856, mandou-nos nossa mãe descer ao jardim para desfrutar um bom sol. Tomei meu irmão pela mão desci com ele ao jardim; mas lá, em lugar de brincar comigo, como eu o convidava, assentou-se tristemente em um canto, depois, de repente, sem que lhe sucedesse coisa alguma, caiu em soluços e, correndo para casa, gritava

- Quero ver minha avó, minha pobre avó que não tenho visto mais! Quero vê-la!

Nossa mãe, supondo ter-se dado algum acidente, correu depressa para o seu Benjamin, mas a todas as suas perguntasse a todas as suas carícias, ele replicava sempre que desejava ver sua avó. A muito custo o consolaram, prometendo-lhe que, se ficasse quieto, iria para junto de sua avó. No domingo seguinte, meu pai entrou em nossa casa, trazendo na mão uma carta com um grande sinete preto. - Minha pobre mulher - o disse à mamãe, chorando e

tomando-a nos braços - o nosso Edmundo tinha razão de chamar sua avó, porquanto ela morria exatamente no dia e na hora em que ele pedia com tantas lágrimas para vê-la!

(CARTA 314)

EMILIE SEITZ, PARIS

LXXXIII - Quando eu contava 22 ou 23 anos de idade, uma parentazinha, a quem dedicava muita afeição, estava no seu sétimo ano de existência. Um dos seus prazeres era vir a nossa casa, bater à porta e rir ao lhe respondermos: - Pode entrar.

Nessa época ela caiu doente e eu não a havia abandonado um momento durante os dois dias em que esteve agonizante. Entretanto, minha mãe, receando da minha parte excesso de fadiga, manifestou a vontade de levar-me. 11 horas da noite. O tio desta criança, chegado no o dia de Paris, disse-nos que o esperássemos um instante, pois ia buscar seu chapéu para levar-nos. Achavamos-nos, então, na cozinha, muito perto da porta de entrada, quando ouvimos baterem nesta porta, como o fazia aquela criança, muito distintamente, à porta de nossa casa. Minha mãe responde:

- Pode entrar.

Dizendo-lhe eu, ao mesmo tempo em que ia abrir a porta:

- Ninguém pode vir a esta hora.

- Talvez as religiosas

- a respondem.

Mas não, ninguém tinha vindo bater ao fundo daquele pátio .

Acabávamos de chegara nossa casa, após um percurso de menos de dez minutos, quando a criada dos pais da menina

chegou a seu turno, para nos comunicar que a pequena Maria acabava de expirar.

(Carta 322.)

A. LAURENÇOT
Agente dos Correios (Alto Saona)

LXXXIV . - Permito-me relatar-vos um fato sucedido em minha família e que se relaciona às aparições de moribundos.

Meu pai, que há dezessete anos achava-se desavindo com seu filho, cuja residência ignorava, apareceu-lhe duas horas antes de morrer.

Saindo meu irmão, às 7 horas da manhã, de seu quarto, vêem meu pai dois passos dele e pergunta-lhe

- Que vens fazer em minha casa?

Responde-lhe meu pai

- Procurar-te - e logo desaparece.

A esposa de meu irmão, do quarto contíguo ao corredor, onde se passou o que acaba de ser descrito, ouviu as vozes, tanto que percebeu imediatamente com quem seu marido acabava de falar.

Passou-se isso a 3 de Dezembro de 1889; nessa ocasião eu estava junto do leito de meu pai que dormitava: às 9 horas ele expirou, sem ter antes recuperado os sentidos.

(Carta 325 .)

EMMA LUTZ
Estrasburgo

LXXXV. - A Senhora Carvalho, diretora de um pensionato de moças, em Lisboa, tinha, há cinco ou seis

anos, entre suas alunas, uma menina de dez anos, cuja mãe era uma atriz em tournée, pelo Brasil. Certa noite, a criança acorda, chorando e gritando:

- Mamãe, mamãe! estou muito aflita por causa de mamãe!

Não disse a criança se viu sua mãe; mas nessa noite morria-lhe a mãe, de febre amarela, no Rio de Janeiro .

(Carta 331.)

SRA . J . LEIPOLD
C. da Glória, 21, Lisboa.

LXXXVI. - Eis o que sucedeu a meu pai, capitão reformado da Marinha. Estava ele em alto mar e acabava de entrar de quarto à meia-noite passeava no passadiço quando viu, de súbito, passar diante dos seus olhos um menino vestido de branco que parecia voar.

- Não viste nada?

- perguntou, no mesmo instante, só marinheiro que estava de quarto cola ele.

- Não

- respondeu-lhe o outro.

Contou-lhe, então, meu pai o que acabava de ver e acrescentou:

- Posso afirmar que aconteceu qualquer desgraça em minha casa.

Tomou nota da hora e do dia e, chegando em casa, soube que nessa data morrera uma de suas pequenas sobrinhas. Meu pai relatou-me muitas vezes esse caso e ele me repetiu ainda recentemente ao ler o que tendes escrito.

(CARTA 341)

M.CHEILLAU, ARZEM

LXXXVII. - Permitir-me-ei narrar-vos um fato autêntico, sucedido à minha tia (a irmã de minha mãe), que reside na Alemanha, e que ela mesma contou-me.

Uma bela manhã, pelas 8 horas, estava minha tia ocupada em pentear sua filha, quando, repentinamente, ela vê na parede desenhar-se um fantasma do qual se distinguia perfeitamente a cabeça, mas os traços pareciam de tal modo desfeitos por qualquer doença, que minha tia não pôde reconhecer esse rosto de moribundo.

Tão impressionada ficou, devido a essa visão, que se pôs a gritar. Seu marido e sua filha acorreram e Lhes mostrou ela, chorando, o fantasma que não havia ainda desaparecido e meu tio e minhas duas primas, entretanto, nada vendo, pôs-se a caçoar dela.

Dois dias mais tarde, participa da morte de minha mãe, vítima do tifo em Atenas, entre 4 e 16 de Janeiro de 1896, pelas 7 horas da manhã. Minha tia, que nem mesmo tivera tido tempo de saber da doença de sua irmã, havia, entretanto, retido bem a data, por isso que o dia da aparição do fantasma, era o do aniversário de sua filha.

(Carta 343 .)

CONDESSA CAROLINA METAXA

Dresde

LXXXVIIIZ. - Meu tio-avô, hoje morto, era chefe de fundição em uma das grandes forjas do Ariège. Uma tarde em que se dirigia ele ao trabalho, como de costume,

chegando, ao cair da noite, a alguma distancia da forja sentiu subitamente sua casquete levantar-se e seus cabelos eriçarem-se-lhe na cabeça, e isso por duas vezes, sem que pudesse ele saber a que atribuir a causa do incidente.

Chegado à, forja, de que separava apenas pequena distancia, como eu o disse, seus operários, muito inquietos, participa a súbita desapareição de um deles: em vão o procuraram. Note-se que o desaparecido era um amigo de meu tio .

Acharam-no alguns momentos depois, morto, em uma cava no sub-solo onde provavelmente teria caído.

Eis si o fato. O espírito muito frio de meu tio, sua coragem e sua lealdade, de que todos em minha família conservam a lembrança, não me permiti duvidar um so instante da sua narrativa.

(Carta 356 .)

R. PEYRON

Estudante de medicina em Tolosa

LXXXIX - A Sra . A . , mãe da pessoa que me fez esta narrativa, tivera durante anos ao seu serviço uma criada a quem muito se afeiçoara. Esta mulher casou-se e foi residir em uma herdade bastante afastada da cidadezinha em que vivia a Sra . A . Uma noite acorda-se ela em sobressalto e diz ao marido

- Ouviste, ouviste?

A senhora chama-me.

Tudo, porém, estava calmo e silencioso, procurando seu marido tranquilizá-la. Ao fim de alguns minutos, a pobre mulher, cada vez mais agitada, diz:

- E preciso que eu vá à casa da patroa, ela está me chamando; estou certa de que devo ir.

Continuando seu marido a supor que se tratava de um mau sonho, pos a motejar da esposa, e ao fim de certo tempo ela acabou por se acalmar.

No dia seguinte pela manhã, esse homem, indo à cidade, soube que a Sra. A., tomada, na véspera, à tarde, de súbita indisposição, morrera à noite e durante a agonia não cessara de chamar sua antiga criada, no momento mesmo em que esta ouvira a voz de sua patroa.

(Carta 362.)

SUZANNE A., Paris.

XC. - A. M. Passa, hoje falecido, mas que foi pastor em Versalhes, durante longos anos, contou-me o seguinte fato:

Estando, certo dia, perfeitamente desperto e consciente (era ele então, se não me falha a memória, estudante em Estrasburgo), viu seu irmão, oficial de turcos na África, deitado ao fundo de um silo, com a cabeça partida. Ainda que muito impressionado por essa visão, não lhe passou um só instante pela mente que pudesse ela representar uma realidade, e disso não cogitou senão mais tarde ao receber pelo correio da Alemanha a notícia de que, no mesmo dia em que lhe apareceu o irmão, fora este atacado por um dos seus homens que, após haver-lhe aberto o crânio atirara-o em um silo.

B. Certa moça, muito ligada à minha família e cujo pai residia em Constantinopla (deixo de citar seu nome por discricção, pois não estou autorizado a divulgá-lo), estava

passando uns tempos em casa de uma de suas tias, em Gênova. Tendo ido, certa noite, ao baile, muito alegre, como de costume, ela deteve-se, de súbito, no meio de uma contradança e, banhada em lágrimas, gritou

- Meu pai morreu, eu o vi!

Com grande custo conseguiram acalmá-la, e alguns dias depois se soube que seu pai (que ela nem mesmo sabia estar doente) sucumbira, de fato, no mesmo instante em que se dava o fenômeno de sua aparição (28) .

(Carta 363 .)

A. E. MONOD.
Marselha

XCII – Estando eu de morada em Zurich por alguns meses, vi, um belo dia, às 3 horas da tarde, passar na rua, diante da minha janela, uma pessoa que eu sabia achar-se na Itália. Experimentei com isso uma impressão tão forte, que fiquei perturbada todo o resto do dia, e contei o fato a uma das minhas primas. (Pratiquei o erro de não assinalar exatamente o dia e a hora). Alguns dias depois soube que a pessoa que eu tinha visto passar (um doutor que me tratara e a quem muito me afeiçoei) acabava de morrer subitamente, devido à. ruptura de um aneurisma, na Itália.

Creio poder afirmar que não decorreram mais de vinte e quatro horas entre a hora da aparição e a morte do aludido doutor, verificada a 25 de Dezembro de 1897.

(Carta 366.)

Lucie, Mulhouse

XLIII. - Há cerca de três anos, os pais de minha esposa residiam em Marselha, na praça Sebastópol, n. 5, 2.º andar; sua filha mais velha morava em Béziers, onde se achava - gravemente enferma. O Senhor e a Senhora Jaume deixaram seu apartamento de Marselha para ficarem ao pé de sua filha, entregando seu apartamento aos bons cuidados dos seus amigos, locatários do 1º andar .

Após um mês, mais ou menos, de ausência, passamos pela dor de perder minha cunhada, sua primogênita . Ora, na mesma noite de sua morte e na mesma hora (11 da noite), os locatários do 1º andar, em Marselha, ficaram muito surpreendidos com o ouvirem que alguém subia ao 2º andar, abria as portas e percorria o apartamento em todos os sentidos. Nem um só instante duvidaram de que fosse a família Jaume que tivesse voltado de Béziers. Já estando deitados, não julgaram a propósito levantar-se para ir apresentar as boas vindas aos seus amigos; mas no dia seguinte, bem cedo, subiram para fazer-lhes uma visita. Qual não foi seu espanto ao encontrar intacto o apartamento! Nenhuma porta havia sido aberta, nenhum sinal de passagem de quem quer que fosse!

(Carta 367.)

CH. SOULAIROL
(Herault)

XLIV . - Venho, em resposta à vossa solicitação relativa ao latim de ordem psíquica, assinalar-vos o seguinte caso, de que meu pai, o Senhor Fleurant, professor jubilado mãe, professora, domiciliados em Thenay (Indre) vos garantirão, agora mesmo, a autenticidade.

Era em 1887, no mês de Fevereiro. Minha mãe tinha nessa época em Evreux seu único irmão, ao qual votava uma grande afeição e que, a seu turno, muito lhe queria.

Infelizmente meu tio estava sofrendo de um mal que devia conduzi-lo ao túmulo, a despeito da Ciência e dos bons Cuidados da família.

No fim do ano precedente, tendo minha mãe ido ver seu irmão, pudera constatar por si mesma a gravidade do mal e tivera, da parte do médico, a certeza de um fim mais ou menos próximo.

A 11 do mês supra indicado, pelas 6 horas da tarde, estando minha mãe no porão de sua escola, daí regressou tomada de uma emoção indescritível: ouvira, no intervalo de alguns segundos, três gritos dilacerantes dirigidos a ela, parecendo vir pelo respiradouro do aludido porão, situado ao forte .

- Meu irmão - a disse a meu pai - está em agonia; acabo de ouvir os seus chamados.

Dois dias depois, recebia ela uma carta, datada de 12, em que se noticiava a morte de meu tio Ernesto Barthélemy. A Srta. Branca de Louvigny, autora dessa carta, e que assistira ao enfermo até o seu último instante, nela dizia que não cessara ele de chamar minha mãe.

Minha mãe repetia sempre esses detalhes e ela continua ainda convencida, sem que possa explicar o fenômeno, de que esteve efetivamente, durante alguns instantes, em comunicação pelo pensamento com seu irmão.

Por minha vez transmito-vos o fato, desejando que vos possa ser útil na pesquisa das causas que produzem tais efeitos .

(Carta 390.)

A. FLEURANT
(Indre)

Os abaixo assinados certificam que as informações dadas por sua filha, . na presente carta, são da mais rigorosa exatidão .

XCV . - Há cerca de dois anos, o jovem casal que tenho atualmente ao meu serviço, regressava, entre 9 e 10 horas da noite, à casa de seus pais que residiam em uma propriedade a 3 quilômetros da cidade.

O marido levava pela rédea o cavalo da herdade, que não ia muito depressa. De um ponto da estrada, ainda bem distante da fazenda, é bem fácil distinguir as casas da mesma. Subitamente viu o condutor, a alguns minutos de intervalo, elevarem-se três chamas acima dos tetos, como três grandes fogos fátuos. Supondo tratar-se de um incêndio, apressou ele o seu cavalo. A jovem esposa nada tinha visto, mas entrando no pátio ouviu distintamente, assim como seu marido, repetidas pancadas em um portão do jardim, semelhantes a um rufar de tambor.

Entrando em casa, encontraram sua mãe profundamente emocionada. Por três vezes diferentes, correspondendo às três chamas vistas por seu filho, ouvira ela um barulho de cadeiras arrastadas na sala. Por três vez descera à mesma sala e nada pudera ver. Levantaram os criados para percorrer as cavalariças : nada viram eles nem ouviram de anormal .

Somente os rendeiros foram impressionados pelo fato e mesmo quando todos, um pouco mais sossegados, sé dirigiram aos seus respectivos cômodos, o fragor das cadeiras arrastadas recomeçou. De novo todos se reuniram,

e, como no interior de nosso país as puras tradições de piedade não estão completamente perdidas, a mãe e seus filhos uniram suas preces em favor da pobre alma angustiada que os viera visitar, sem saberem de que pessoa de seu conhecimento poderia tratar-se.

Ora, no dia seguinte, soube-se que uma jovem prima, que se afeiçoara a essa família, tinha sido enterrada precisamente no dia em que se deram tais jatos. Por um acaso inexplicável, ninguém da fazenda tinha sido prevenido a respeito da morte, nem do enterramento.

Cinco pessoas experimentaram, pois, mais ou menos, tais sensações: o pai, de índole incrédula, a mãe, o filho, a nora e uma mocinha. Os criados moram em um outro corpo do edifício; não se lhes pode, portanto, atribuir, de qualquer forma, uma parte nesses ruídos insólitos. Dormiam eles profundamente quando as pancadas foram dadas no portão do jardim, e a visita às estrebarias provou que tudo estava perfeitamente calmo.

(Caso 399)

M. PASQUEL
Rua da Fonte, 2 (Nievre)

XCVI. - Minha mãe estava à cabeceira de sua mãe, indisposta e muito inquieta por não poder visitar sua vizinha e amiga que se achava agonizante (o que, de resto, se lhe ocultava.) De repente, estando as portas e as janelas fechadas, vê-se, não o cortinado, mas as duas guarnições, dispostas em torno da armação do docel, agitarem-se em sentido inverso, isto é, separando-se e reunindo-se como em forte abraço. E minha avó em seguida a dizer:

- Vês, minha filha, Josefina diz-me adeus.
Minha mãe desceu imediatamente. A vizinha acabava de expirar.

(CARTA 402)

MARIA OLIVIER (Var)

XCVII. - Estava minha mãe ocupada, certo dia, em sua casa, quando ouviu muito distintamente a voz de seu irmão, que residia distante uns 800 quilômetros, chamá-la por seu prenome, duas vezes. Vindo onde se achava meu pai, disse-lhe

- E curioso, acabo de ouvir meu irmão chamar-me; sinto-me emocionada; não sei o que está acontecendo.

Dois dias depois, recebeu ela uma carta anunciando-lhe ao seu irmão falecera no mesmo dia em que ela escutou sua VOZ .

(CARTA 405)

PELTIER (Marselha)

XCVIII. - Eis aqui um fato cuja veracidade posso garantir. Quando eu era soldado, estando licenciado na minha casa, em Annot (Baixos-Alpes), minha mãe, levantando-se no dia 30 de Dezembro de 1890, disse-me:

- Creio que se deu uma morte em nossa família. Esta noite às 2 horas, fui acordada por batidos freqüentes, dados parede, junto ã cabeceira da minha cama. Achava-me desperta e tive imediatamente a idéia de uma morte sobrevinda a alguns dos nossos.

Não dei nenhum crédito a essas apreensões . Mas, eis que, cerca de 10 horas da manhã, recebemos um telegrama de Digue, comunicando achar-se gravemente enferma minha tia, irmã Santa Ângela, superiora dos órfãos de São Maninho de Digue . Minha mãe disse

- A este telegrama seguir-se-á um outro comunicando a morte.

De fato, à noite chegava outro telegrama comunicando o falecimento. Seguiu uma carta, a 31 de Dezembro, esclarecendo que minha tia, após uma doença de vários dias, falecera a 30 de Dezembro, às 2 horas da manhã, hora na qual minha mãe ouvira aquelas batidas dados perto de seu ouvido. Minha mãe ignorava que minha tia estivesse enferma.

(Carta 409.)

ANNOT (Baixo Alpes)

XCIX. - Passou-se o fato em Contes (Alpes Marítimos), em 1881. Era um domingo, achava-me à igreja com todos os meus camaradas de classe, que o professor, nesse tempo, era encarregado de levar à missa cantada de domingo. Em dado momento, quando nos achávamos de pé, e portanto bem acordados, tiveram perfeitamente a impressão de uma voz a dizer-me: Tua irmã morreu. Com efeito, regressando a casa, encontrei minha irmã, que se achava doente há algum tempo, mas sem jamais guardar o leito, em agonia, morrendo três ou quatro horas depois. Esse fato está e sempre estará presente em minha memória, como no dia em que ele se produziu .

(Carta 414 .)

PENCENAT, NICE

C. - Minha mãe, Senhora Molitor, de Arlon, encarregame de vos transmitir sua resposta.

Em Novembro de 1891, certa manhã, pelas 5 horas, estava minha mãe, acordada, na cama. Pela porta aberta do quarto viu entrar seu irmão, tenente, em serviço no matadouro militar de Mons (Hainaut) . Estava em pequeno uniforme e tal qual o tinha visto alguns anos antes, por ocasião de uma licença que passara em sua casa. Ele a contemplou, sorrindo-lhe, depois saiu, fazendo com a mão um gesto afetuoso.

Às 11 horas da manhã do mesmo dia, o telegrama anunciando a morte desse irmão chegava à casa de minha mãe.

(Carta 430.)

C. MOLITOR

Empregado do Cadastro em Arion (Bélgica)

CL - A . Há cerca de uns quarenta anos, uma de minhas parentas consangüíneas, então moça, passeava no campo Com sua mãe, quando se sentiu roçar por um sopro. E gretou - X. acaba de morrer!

Era verdade. X. era um homem que a amava e que se gientia morrer do peito. Ela o sabia muito doente.

B .Eis um fato que fiz a nossa criada contar-me de novo, ontem à noite, a fim de vê-lo descrever com todos os detalhes. Essa criada é uma honesta rapariga, muito inteligente, que há, sete anos está ao nosso serviço.

Em 1884 estava ela empregada em casa de uma velha senhora que, na ocasião da cólera, levou-a para o campo, pão muito distante de Toulon. Uma noite ela é despertada por leves batidos na janela; põe o ouvido à escuta, não ouve nada mais, supõe que tenha sido sonho e procura novamente dormir.

Novos batidos na janela. Muito assustada, ela se levanta. Batem pela terceira vez, depois ela vê passar por duas vezes, do lado de fora, como que um fantasma branco.

Seu quarto era situado no primeiro andar e dava para lira telhado. Mas a casa era isolada, e se alguém estivesse nadando no telhado, tê-lo-ia certamente ouvido, pois que possuía muito aguçado esse sentido.

Pela manhã ela relatou a aparição à sua patroa que se riu dela, dizendo-lhe que havia sonhado. Dois meses depois veio a saber da morte, verificada dois meses antes, de uma irmã sua que ela amava como a uma irmã. Sabendo a afeição que ela dedicava a essa prima, ocultara-lhe a família falecimento súbito, pois a cólera a havia levado em algumas horas.

(Carta 432 .)

L. FIERRINGER

Capitão de navio, reformado,
em Toulon .

CIII. - Há alguns anos, o Senhor e a Sra. H. W. visitavam um velho doente chamado Saint Aubin, que, ao quanto parecia, era muito Instruído e assaz original. No correr da conversação, o velho, esperando sua morte próxima,

prometeu ao Sr. W. que no momento de morrer o avisaria. O Sr. W. tinha-lhe também prometido isso.

Passou-se o verão sem que fossem visitar o enfermo. Uma noite de inverno, à hora de cear, o Sr. W. lia seu jornal, quando de repente levantou involuntariamente a cabeça. e disse à sua mulher:

- Morreu Saint-Aubin.

A Sra. W. não podia acreditar nisso e perguntou de quem tivera ela a notícia.

- Ninguém jamais me falou de Saint-Aubin

- respondeu ele

- mas recebi na fronte uma diminuta pancada que, ao mesmo tempo, fez pensar na morte de Saint-Aubin.

Na manhã seguinte a Sra. W. ouvia falar na igreja da morte de Saint-Aubin, que ele exalara o último suspiro na véspera, à noite.

O Sr. W. (meu tio), de quem ouvi esta narrativa, disse-me que lhe é impossível determinar a natureza da pancada recebida; jamais o experimentou coisa análoga. Não é crédulo, nem supersticioso esse meu tio. Até pelo contrário.

(Carta 433 .)

GUSSIE VAN DER HAEGE

CIV. - A. A Senhora Mercader, minha madrasta, casada em Vernet-les-Bains (Pirineus Orientais), mas cuja família residia em Elne (Pirineus Orientais), mandou uma tarde sua enteada, Srta. Ursula Mercader, então com a idade de 16 anos, fechar a porta da rua, que estava aberta. A moça voltou muito assustada, afirmando que tinha visto um carro fúnebre diante da casa. Ninguém quis acreditar e puseram a rir dela.

Ora, na manhã do dia seguinte, chegou um expresso de Elne (pois ainda não havia telégrafo nessa época), dizendo que o pai de minha madrastra morrera na véspera, à noite, justamente à hora em que a Srta. Mercader fora fechar a porta e vira o carro fúnebre.

B. - Minha. mulher não tinha então mais do que 15 anos, mas recorda-se perfeitamente. Seus pais dirigiam um estabelecimento termal em Vernet-les-Bains e os empregados tinham seus quartos no mesmo corpo do edifício, dando para um só corredor. Ora, um cozinheiro, chamado Guiraud, caiu gravemente enfermo e certa noite morreu. Todos os criados chegaram ao mesmo tempo ao quarto mortuário imediatamente após o falecimento, sem que ninguém os fosse prevenir.

Cada um deles disse que tinha sido acordado por uma forte pancada vibrada aos pés de suas camas.

Creio satisfazer o vosso desejo, relatando-vos esses fatos que são autênticos.

(Carta 437.)

Dr H Massina, Vernet-Les-bain

CVI. - A Sra. S., muito instruída, inteligente, poetisa, entusiasta, destituída de bens de fortuna, aliás, inventora incorrigível, participou em 1851 da exposição de Londres, onde obteve um prêmio de 100.000 francos por certas cordoalhas ou velas de navios aperfeiçoadas.

Sua má estrela fez encontrar lá um árabe, grande senhor no seu gênero, belo como um deus e que a entusiasmou tão fortemente que lhe deu ela em casamento sua filha e como dote os 100.000 francos, reservando para si apenas os

proventos futuros de sua invenção, a qual enriqueceu um bom inglês, deixando-a sem um vintém.

Essa moça, bela, delicada, boa, perfeitamente educada e instruída, produto parisiense em todo seu valor e refinamento, foi imediatamente levada para a África por seu marido, verdadeiro bárbaro, civilizado somente para a ocasião - e uma horrível e miserável existência começou para ela. Vida nômade, sob a tenda, em promiscuidade com três ou quatro outras esposas tão brutas e tão selvagens como seus senhores.

Quatro ou cinco anos mais tarde a Sra. S., em Paris, ouviu, certa noite, ao lado do seu fogão, bem perto dela, a voz de sua filha, gritando-lhe:

- Mamãe, mamãe!

Supôs, em começo, enganar-se. Pouco depois, o mesmo chamado, porém muito mais forte e pronunciado como em ;goma. Levantou-se, percorreu o compartimento, olhou para a rua. Tudo inutilmente. Ela não sabia que pensar nem que fazer, quando, pela terceira vez, a voz repetiu

- Mamãe, vem, vem, eu te peço, vem depressa!

Então ela não hesitou mais. Desde o albor do dia se pos a caminho para Marselha.

Quanto tempo durou a viagem ?

Existiam, nesse tempo, estradas de ferro ? Havia-lhe dito a voz: Vem a Marselha? Nada sei de tudo isso.

O que é certo é que, em Marselha, ela encontrou, reduzida a última extremidade, sua desgraçada filha, que parece tê-la apenas esperado para morrer em seus braços.

(Carta 440.)

S.BABINET RENCOGNE

CVII. - A .Meu avô materno, homem grave, calmo e rígido o mais que se pode ser, passeava um dia no quarteirão mais populoso de Londres, absorto em suas reflexões. Em dado momento, viu ele abrir-se uma passagem no meio da multidão e dirigir-se para o seu lado um dos seus mais caros amigos de infância, coronel comandante de um regimento das índias e que devia estar, segundo as informações dos jornais, ocupado precisamente nesse instante, em submeter os Cipayos revoltados. Meu avô, no cúmulo da surpresa, estendeu a mão ao seu amigo e ia fazer-lhe uma pergunta, quando bruscamente, como tinha vindo, desapareceu .

Regressando a casa, informou-se meu avô se o coronel fora visitá-lo e, diante da resposta negativa do pessoal de serviço, saiu um tanto preocupado, para ir ao seu clube. Também lá ninguém tinha visto o coronel. Passaram-se as semanas: nessa época as comunicações eram lentas. Um dia, percorrendo as colunas de um jornal hebdomadário em circulação nas índias, teve ele a dor de ver figurar na lista dos mortos, por traição dos Cipayos, o nome de seu próprio amigo e, confrontando as datas, tudo lhe fez presumir que a morte coincidia com a aparição nas ruas populosas de Londres, onde os dois amigos gostavam muito particularmente de ir estudar as fisionomias características do povo londrino.

B. - Um jovem pastor contou-me o fato seguinte: Perdi meu pai em minha tenra infância; meu irmão e eu fomos inteiramente educados pela melhor, mais doce e mais firme das mães, na austera cidade de Bolonha. Sem mostrar decidida preferência por qualquer de seus filhos, ela cercava, entretanto, de cuidados muito particulares o mais jovem

deles, rapazinho delicado, muito sensível e que herdara o temperamento inglês de sua mãe : firme e doce .

A idade de 20 anos, me fazia meus estudos em Bolonha, ao passo que meu irmão entrava para a Escola Militar de Modena. Seria impossível descrever o que ele sofria longe da Casa materna...

Uma noite, antes de se deitar, queixou-se minha mãe de uma leve indisposição, mostrando-se de certa forma inquieta com relação ao filho ausente. Mas, boa, resignada e doce, antes de tudo, retirou-se ela calmamente, como de costume. Eram contíguos os nossos dormitórios. Passei uma parte da noite ocupado em um trabalho difícil e, somente pela manhã, consegui adormecer.

De súbito, fui despertado por um ruído de vozes e, abrindo os olhos, fiquei surpreendido de ver em meu quarto meu próprio irmão, pálido, o semblante desfeito.

- Mamãe - o murmurou - mamãe, como vai ela? Dez minutos depois de meia-noite, eu a vi distintamente na cabeceira da minha cama, em Modena; ela sorria-me, com uma das mãos mostrava-me o céu, com a outra, abençoava-me. Depois desapareceu. Mas o que te digo é que mamãe morreu!

Corri ao quarto venerado de nossa mãe : ela estava morta, de fato, com um sorriso nos lábios... Mais tarde nos afirmou o médico que ela devia ter cessado de viver cerca de meia-noite .

(Carta 443.)

E. ASINELLI, Genova.

CIX. - Eu contava naquela época os meus doze anos. Havia um ano que fizera a minha primeira comunhão; e era ainda um pouco devoto. Interno em um liceu, fazia as minhas orações quase todas as noites em meu leito infantil. Ora, certa noite, eu orava com fervor; porquê? não o frei. Suplicava ardentemente, em minha prece, que me fosse Conservada a minha avó, a quem ternamente amava; fiz uma série de orações unicamente com esse objetivo. Depois !achei os olhos. Quase imediatamente, vi distintamente a cabeça de minha avó inclinar-se para mim. Surpreso, abri os olhos; mas tudo havia desaparecido. Não liguei importância alguma a essa impressão e depressa adormeci. Nessa idade não se tem cuidados.

No dia seguinte, às 9 horas, vieram buscar-me à escola, dizendo-me o provisor que tomasse o trem das 10 horas e fosse a casa de minha avó que pedia para mim dois dias de férias. Imaginai a minha alegria ao ouvir essas palavras! Visto-me depressa e parto, feliz como um rei . Quando cheguei à estação de desembarque, meu pai me esperava: disse-lhe, banhado em lágrimas, que minha avó estava mal. Mas quando entrei em casa, fizeram-me compreender que ela morrera. Alguns dias mais tarde, perguntei a que horas mor sara minha avó. Disseram-me que falecera na sexta-feira, à noite, às 9 horas menos 10 minutos .

Devo observar que minha avozinha somente caíra doente na quinta-feira, véspera de sua morte e que ninguém me informou a respeito.

Desde esse momento, como eu tivesse suplicado a Deus para conservar-me por muito tempo minha avo, não tendo sido atendido, cessei com razão de acreditar nele. Dizem que Deus atende as súplicas de todos os que recorrem a ele. Eis

si uma prova, e também da blague que é a Religião Católica. Ela é igual às outras, muito simplesmente (29) .

(Carta 448.)

A. FRINCIANTE, TORIGNY

CX. - Contou-me minha tia que estando, certa noite, deitada, mas perfeitamente acordada, produziu-se um rumor insólito na estrebaria dos cavalos. Enquanto seu pai ia ver o que se passava e acalmar os animais, minha tia avistou distintamente seu avô, de pé, diante do fogão. Tendo chamado sua mãe, para que ela o visse também, desapareceu a visão. No dia seguinte sabia-se da morte da avó, ocorrida, tanto quanto posso recordar-me, em um acidente que sofrera andando a cavalo.

Eu sustentava que tudo isso não era mais que o efeito de um sonho; mas minha tia afirmou-me que não dormira um só momento antes da aparição.

(Carta 452.)

HENRI PÉRÈS Rua da Capela, 166.
Paris.

CXI. - O Sr. Dr. Blanc, d'Aix-les-Bains, contou-me que foi testemunha, em sua juventude, de um fato curioso. Uma de suas tias achava-se doente e o filho dessa tia, um rapazinho de 6 anos, foi mandado a casa do Doutor Blanc, pai do atual doutor, creio que em Sallanches, para brincar com meu primo. Súbito, a criança detém-se em meio de seu brinquedo, com ar espantado e grita:

- Mamãe! Eu via mamãe!

O fato foi comunicado ao doutor, e este logo supôs achar-se doente a criança mas um pouco mais tarde se soube que a mãe morrera no instante em que o filho havia gritado.

LUIS NICOLE
LONDRES

(Carta 453.)

CXII. - Eu tinha em Malamour um parente de minha mãe, que residia em Varennes, distante 15 quilômetros e que ela amava muito, por causa de diversos serviços sue lhe havia prestado em momentos difíceis.

Este parente, que já não existe, sabia que minha mãe se achava doente. Assegurou-me ele que, tendo ouvido, na noite de seu falecimento, um grande barulho no celeiro, como se sacudissem violentamente sacos cheios de grãos, pôs-se a dizer:

- A prima Labbé morreu.

Foi-lhe isso confirmado quando lhe participei o falecimento. Minha mãe, com efeito, morreu na noite indicada por esse parente.

Tenho para mim que, se as manifestações telepáticas não são mais freqüentes, é que elas não se verificam senão de pessoas amigas a pessoas amigas, mas verdadeiramente amuos. Quantos estão neste caso?

Nada mais comum do que este nome. Nada mais raro do que um vero amigo.

(Carta 455.)

Labrre
Tabelião em Esnes

CXIII. - Ouvi muitas vezes contar em minha família o seguinte fato, sucedido a meu tio, membro ao Instituto, professor na Escola de Títulos e Documentos, muito há dezoito anos. Não vos posso infelizmente garanti-lo senão em suas grandes linhas e, por conseguinte, peço-vos, se o publicardes, não mencionar o nome de meu tio.

Este, muito católico, fora educado por uma de suas tias, de quem se lembrava sempre com reconhecimento e emoção. Ora, pela época de sua primeira comunhão (na véspera, suponho), afastado dessa tia por centenas de léguas, avistou-a diante de si e teve a certeza de que ela morreria e que viera dar-lhe as suas últimas bênçãos.

Poucos dias depois, soube-se, com efeito, que ela morreria à hora em que fora vista por essa criança.

(Carta 457.)

PAUL KITTEL
Professor do Liceu Cornélio

CXIV. - Por uma tarde de verão, às 3 horas pouco mais ou menos, passeava eu, lendo uma página de Alphonse Daudet, quando, bruscamente, me pareceu que um meu camarada, atualmente piloto da Marinha, caía chorando, na atitude clássica dos soldados feridos de morte, mão sobre o coração e queda de costas. Isso me intrigou bastante, a ponto de que, à noite, falei sobre o caso a minha família.

Quatro ou cinco dias depois, recebi uma carta de nosso ex-professor comum, dizendo-me: Vosso amigo Luiz está em extrema aflição. Há alguns dias, tendo ido à caça, feriu,

com um tiro desasado, seu irmão Carlos. Este acabava de bacharelar-se .

Ao receber esta carta, pensei na minha visão. Ela me enganara, pois Luiz não fora ferido. Realizou-se a minha visão, às 3 horas, verificando-se o acidente as 4 e meia. Entretanto, mais tarde, viras a saber que Luiz desmaiara, dizendo: Se Carlos morrer, mato-me.

Eis, na íntegra, o que se passou . Insisto sobre a certeza de ter tido conhecimento de uma desgraça uma hora antes do acidente que a provocou. Cito-vos os nomes por inteiro, mas não desejaria que os publicásseis integralmente, pelo que vos agradeceria se lhes mencionassem apenas os prenomes.

(Carta 458.)

J.P.(Drome)

CXV . - Em 1865 a cólera fazia devastações em La Seyne; para fugir ao flagelo, refugiou-se minha família em uma aldeia vizinha. Nessa aldeia residia um operário que, afrontando a epidemia reinante, ia todos os dias . La Seyne e regressava à tarde.

Uma manhã, sentindo-se fatigado, ele deixou de ir e seu filho, jovem de 15 anos, não supondo que seu pai estivesse tão gravemente indisposto, deixou-o para ir distrair-se pescando de sobre os rochedos da costa, a 8 quilômetros, esperando que seu pai se lhe fosse juntar no correr da manhã.

Às 11 horas, morria-lhe o pai, vitimado pela cólera; à mesma hora o filho estava certo de tê-lo visto sobre um rochedo próximo, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse.

Sendo a costa um pouco escarpada nesse lugar, fizera ele uma volta para alcançar o dito rochedo; mas, à sua chegada, tinha a visão desaparecido.

Desvairado, o mancebo domicílio, perguntando logo se seu pai havia voltado mostraram-lhe o seu cadáver...Foi então que ele nos fez o relato da alucinação.

Não tendo eu próprio assistido aos últimos instantes do pai, não posso dizer se ele pediu para ver seu filho, ao morrer, e limito-me a relatar-vos o que há de preciso em minhas recordações.

(Carta 459 .)

BALOSSY

Correto geral do fumo (Isere)

CXVI. - Transcorria o ano de 1850. Achavam-se recolhidas ao leito duas irmãs, quando uma delas de repente grita

- Ah! meu Deus, meu pai!

Crendo a genitora que se trata de uma alucinação ou de um sonho, procura dissuadir sua filha, daquela impressão, mas esta lhe responde:

- Estou certa de ter visto papai, e até chegou a tocar-me com suas mãos.

Cumpre dizer que seu pai estava em Tours já há algum tempo e construía casas de madeira para a localização das feiras de Tours.

No dia seguinte a família recebeu uma carta comunicando que ele morrera em consequência de uma

queda sofrida durante à tarde. Foi justamente no instante ele sua morte que a aparição se deu.

(Carta 462 .)

L. DELANONE
Rendeiro(Loches)

CXVII. - Residia eu, entre 1857 e 1858, em Paimbceuf, com minha mulher e meu filho, numa casa ocupada antes de nos por Mme. Leblanc que transferira sua residência para Nantes .

Uma noite da primavera de 1858 (não posso precisar a data, para o que seria preciso consultar o registro civil), minha mulher e eu fomos despertados em sobressalto por grande barulho; a ambos parecia-nos que uma pesada barra de ferro acabava de ser atirada violentamente sobre o assoalho do quarto e que a nossa cama fora fortemente sacudida. Levantando-nos incontinenti, acendemos a vela, corremos ao berço da criança e examinamos o quarto. Nada se achava aí fora de seus lugares.

No dia seguinte, ou dois dias depois, vieram dizer-nos que a Senhora Lebranc tinha morrido precisamente na noite em que fôramos despertados bruscamente, sem uma razão plausível e quase à mesma hora. Não mantínhamos relações freqüentes com essa senhora e ignorávamos estivesse ela doente.

Minha madrasta e minha cunhada, que ocupavam dois quartos por detrás do nosso, haviam-se levantado e vieram juntar. Creio recordar-me que elas tinham sido despertadas pelo barulho e pelas exclamações que fazíamos, minha mulher e eu e não por outra causa qualquer. Logo que

verificamos coincidir a morte da Senhora Leblanc com o acontecimento que tanto nos surpreendera, minha cunhada, muito piedosa, disse:

- As almas dos mortos, ao separarem-se do corpo, vem visitar a casa onde moraram.

(Carta 468.)

E.ORIEUX

Inspetor do departamento de estradas
Nantes

CXVIII. - Há alguns anos, em Mouzon (Ardennes), uma mulher, muito doente, mandou sua neta passar alguns dias em casa dos pais, em Sedan. Uma noite, a criança acorda, chora, chama por sua mãe, pede para vê-la, roga que a levem imediatamente para junto dela.

No dia seguinte vieram comunicar a morte da genitora, d hora exata em que sua filhinha a chamava e queria tanto que a levassem para perto dela.

Não me recordo nem dos nomes dessas pessoas, nem da data precisa do acontecimento, não tendo àquela época prestado grande atenção ao fato, mas posso garantir-vos essa correlação como perfeitamente autentica.

(Carta 472.)

G. GILLET

Rua Bournizet, 28 em Vouziers
(Ardennes)

CXIX - Meu irmão, guarda militar em Cayenna, quando esteve em Bollène, licenciado, contou-me o seguinte fato:

Ele dava-se muito com um outro guarda, o Senhor Renucci. Este último tinha uma filhinha que gostava muito de meu irmão e de minha cunhada. Essa menina caiu doente. Uma noite, meu irmão, acordando, viu no fundo do quarto a pequena Lídia que o olhava fixamente. Depois, sumiu-se. Surpreso, meu irmão acordou minha cunhada e lhe disse:

- Didi (Lídia) morreu, acabo realmente de vê-la.

Não puderam mais dormir. Ao dia seguinte, apressou-se meu irmão em ir à casa do Senhor Renucci. A menina, com efeito, morrera no correr da noite. A hora da aparição coincidia com a da morte.

(Carta 473.)

REGINA JULLIAN

Professora em Mornas (Vancluse)

CXX. - O que aconteceu comigo, parece ter analogia com os fatos a respeito dos quais vindes publicando tão interessantes estudos.

Meu pai achava-se enfermo e estava sendo tratado longe de nós. Apesar de o sabermos gravemente enfermo, tínhamos muita esperança em seu restabelecimento. Fôramos visitá-lo e o acháramos bem disposto, quando uma noite, acordando-me em sobressalto, pareceu-me que o retrato de meu pai, que estava colocado exatamente defronte do meu leito, fazia um grande movimento. Digo pareceu-me, porque suponho inadmissível que ele se tivesse movido. Em toda a casa, o meu primeiro olhar, levantando-me sobressaltada foi para esse retrato que acreditei ter visto mover-se. Ao mesmo tempo experimentei uma impressão de medo tal, que não

pude mais dormir. Verifiquei a hora: era precisamente 1 hora da manhã.

Pela manhã recebemos uma carta, chamando-nos para junto de meu pai, cujo estado agravara-se subitamente. Chegamos muito tarde. Meu pobre pai falecera à noite, a 1 hora da madrugada, portanto no momento exato em que eu fora despertada.

Este fato, no qual muitas vezes reflito, permanece naturalmente, em absoluto, incompreensível para mim .

(Carta 475.)

JULIETT THEVENETE
Monte Carlo

CXXI. - Havia oito anos que eu deixara a casa paterna, quando, na noite de 18 para 19 de Janeiro de 1890, ouvi chamarem-me três vezes pelo meu nome : Lucina, Lucina, Lucina!, ao que eu não estava acostumada, pois que em Breslau, onde eu era governanta, chamavam-me senhorita.

Esse chamado foi seguido de um ranger de porta que se fecha sobre gonzos enferrujados: reconheci esse ranger que há oito anos eu não ouvia; era o de uma porta muito velha da casa de meus pais, em Epanvillers (Suíça) . Reconhecera igualmente naquele chamado a voz de minha irmã. Passei a noite toda agitada por um triste pressentimento, e no dia seguinte recebia notícia da morte de minha irmã, ocorrida na noite de 18 para 19.

(Carta 478 .)

L. ROY
Mistea Moravia
(Áustria)

CXXII. - Eis aqui um fato que me diz muito particularmente respeito e que devo submeter aos vossos estudos de sábio, mas para o qual peço a vossa discrição absoluta, pois se trata de uma confissão que encerra muitas indicações suscetíveis de torná-la reconhecida ou adivinhada por algumas pessoas da minha localidade, mesmo pela família do defunto, de quem vou falar-vos (30) .

No dia da nossa primeira entrevista, tinha eu 20 anos; ele, 32: nossas relações mantiveram-se durante sete anos. Nós nos amávamos ternamente .

Um dia o meu amigo anunciou-me, não sem desgosto, que sua situação, sua pobreza, etc., etc., forçavam-no ao casamento e, no embaraço de suas explicações, eu sentia vago desejo de que as nossas relações não fossem de todo interrompidas .

Abreviei a penosa entrevista e, mal grado a minha imensa mágoa, não tornei a ver o meu amigo, não querendo, em meu amor único e absoluto, partilhar com uma outra, e de boa vontade, esse homem que eu tanto amava.

Vim a saber, mais tarde, indiretamente, que ele estava casado e tinha um filho.

Alguns anos depois desse casamento, em uma noite de Abril de 1893, vi entrar no meu quarto uma forma humana, cujo sexo tentei em vão descobrir: essa forma, de elevada estatura, estava envolta em um lençol branco que lhe encobria o rosto. Aterrorizada, eu a vi encaminhar-se para mim e sobre mim inclinar-se; depois senti uns lábios

colarem-se aos meus, mas que lábios! jamais esquecerei a impressão que eles me produziram; não experimentei nem pressão, nem movimento, nem calor, nada mais do que frio, o frio de uma boca sem vida!

Entretanto senti um descanso, um grande bem-estar durante esse longo beijo; mas em momento algum do meu sonho, nem o nome, nem a imagem do amigo que eu perdera, apresentaram-se ao meu espírito. Ao despertar, não pensei mais, ou pouco pensei neste sonho, até o momento em que, cerca de meio-dia, percorrendo o jornal de ***, li o que se segue:

Escrevem-nos, de X. que se realizaram ontem as exéquias de M. J. (Vinhem as qualidades do defunto); depois o artigo terminava atribuindo essa morte a uma febre tifóide causada pela surmenage conseqüente a encargos escrupulosamente desempenhados.

Caro amigo, pensava eu, desembaraçado das convenções mundanas vieste dizer-me que é a mim a quem amavas e ainda amas além da morte; eu te agradeço e amo-te sempre.

Tornarei a encontrá-lo? Minha alma sentir-se-á feliz em evadir-se de sua prisão para voar à sua procura.

(Carta 494 .)

SENHORITA Z.

CXXIII . - No ano de 1866, o Sr . Paulo de L . , professor de alemão em S . Petersburgo, achava-se com seu irmão em casa de sua mãe, na Prússia, a alguma distancia da aldeia em que residia sua irmã, então ligeiramente enferma .

Na manhã de 17 de Setembro, os dois irmãos passeavam em pleno campo . Em dado momento Paulo ouve uma voz, que, por duas vezes, o chamou por seu nome. Na terceira vez, o irmão do Sr . L . também ouviu a voz pronunciar, muito distintamente, o nome de Paulo. Tomado de sombrio pressentimento, pois que deserto era o campo, apressaram-se os dois irmãos em voltar para casa, onde encontraram um telegrama comunicando-lhes que o estado de sua irmã havia subitamente piorado, achando-se ela em agonia.

Paulo L. e sua mãe partiram pela diligência. Na estrada, cerca de 4 horas da tarde, o Sr. L. viu subitamente passar diante de si a forma de sua irmã, que lhe roçou o corpo quando o veículo atravessava esse ponto da estrada.

Nutriu ele, então, a firme convicção de que sua irmã tinha morrido, o que comunicou a sua mãe, ao mesmo tempo em que anotava exatamente a hora em que isso se passou. As chegadas, souberam que a irmã morreu à hora em que sua forma aparecera e que pela manhã ela o havia chamado muitas vezes em sua agonia.

Outros detalhes a notar: quando regressaram a casa, acharam o relógio parado na hora exata da morte; o retrato de sua irmã caíra no mesmo instante. (Esse retrato achava-se solidamente suspenso à parede e entretanto caiu sem arrancar o prego.)

O Sr. L., cujo endereço tenho à vossa disposição, pode atestar a exatidão de todos esses fatos.

São Petersburgo, 18/30 de Março de 1899.

(Carta 498 .)

V. MOURAVIEFF

CXXIV . - A . Estamos em Dezembro de 1875 . Meu pai acabava de recolher-se ao leito para morrer no dia seguinte. Desde muito se achava doente, mas procurava conservar-se de pé, na crença de conjurar a morte enquanto se pudesse furtar a ir para a cama. Achava-me sentado perto do seu leito e via com mágoa anunciarem-se as primeiras manifestações da agonia. Ninguém da família estava ainda prevenido.

De repente um dos meus tios entrou em trajos de trabalho. Com a voz entrecortada, ele me disse

- Meu irmão está muito doente?

- Julgai-o vós...

- Imagina tu que há pouquinho, voltando dos trabalhos da charrua, à noite, pareceu-me ver teu pai passeando como de costume e levando como sempre a mão ao coração, onde está o seu mal . Ele voltou-se para mim, dizendo-me : Acabou-se tudo, Cristóvão; chega a nossa casa... Aterrado, gritei para Júlia: meu tio, não vis o teu tio?... Estás sonhando, papai, aqui não está ninguém! Neste caso, repliquei, previne tua mãe de que não me espere; vou a D. a casa de meu irmão .

Eram 6 horas da tarde; no dia seguinte, às 5 horas, meu pai estava morto.

B. - O segundo fato passa-se em Agosto de 1889. Uma noite, minha mulher e eu ceávamos tristemente : eu acabava de perder minha mãe . Em dado momento entra um homem e disse a minha mulher que sua mãe estava bem doente e que era preciso partir imediatamente; havia uma carruagem.

No dia seguinte eu recebia a noticia de que minha sogra ia bem mal e que era necessário que eu fosse. Ia partir,

quando fui tomado subitamente de um terrível acesso de neurastenia; qualquer movimento me era impossível e avassalou-me uma espécie de sonolência. Eu não via nada, mas Sentia-me acolá, no meio da família em lágrimas, perto do leito da agonizante, e ouvia uma voz que dizia: Então ele não vem, Emilia? E depois uma outra voz - a da agonizante: - Ele não pode, está doente o pobre rapaz. E depois, também, para que?

Uma hora depois, recebia eu o fatal telegrama: Mamãe acaba de morrer .

(Carta 502 .)

DOUTOR E .CLEMENT
MONTREUX

CXXVI. - Meu cunhado, Jung, achava-se um dia com u pai, seu cunhado Gauzhirt e um amigo deste último, chamado Sohnlein, em um caramanchão de seu jardim. Jung tinha perto de 12 anos, Gauzhirt e Sohnlein, 22 a 24. Todos gozavam saúde. Sohnlein disse-lhes:

- Quando eu morrer, aparecer-vos-ei aqui mesmo. Alguns meses mais tarde meu cunhado Jung, estando ocupado em seus trabalhos escolares nesse caramanchão, ouviu um barulho como de uma árvore fortemente sacudida e viu frutos de uma ameixeira caírem a seu lado. Não vendo ninguém, sente-se tomado de medo, fecha seus livros e cadernos e entra em casa. Pouco depois lhe avisaram que o Sohnlein tinha morrido.

(Carta 504 .)

V. SCHAEFFER BLANCK
Huningue

CXXVII. - Não tenho experimentado pessoalmente impressão alguma do gênero das que fazem o objeto de vosso questionário. Mas uma pessoa da minha família foi impressionada nas condições e da maneira seguinte:

Seu pai residia em Bayonne. Ela achava-se em Concórdia, na América do Sul. No dia 5 de Março de 1889, às 7 horas da manhã, achando-se deitada, mas desperta, julgou ver seu pai encostado ao pé do seu leito e olhando-a com tristeza. Nesse mesmo instante, seu pai era acometido de paralisia cerebral. Vinte e seis dias depois, a 31, estavam mortos .

(Canta 505.)

BONNOME
Recebedor Chefe das Contribuições Diretas
Mostaganem

CXXVIII. - Seja-me permitido assinalar-vos um fato que me parece assaz curioso. Em primeiro lugar, decidi eu da minha vida; depois, as circunstâncias em que se verificou, são verdadeiramente pouco comuns.

Em 1867 (tinha eu, então, 25 anos), no dia 17 de Dezembro, acabava de deitar-me. Era perto de 11 horas e, enquanto me arrumava para dormir, pus-me a refletir. Pensava em uma jovem que eu conhecera, nas últimas férias, nos banhos de mar de Trouville. Minha família conhecia a

sua, muito intimamente e tomamo-nos, Marta e eu, de uma viva afeição. Nosso casamento seria em breve realizado, quando, por questões de interesses, nossas duas famílias ficaram estremecidas, sendo necessário romper as relações que entre as mesmas existiam.

Marta seguiu para Tolosa e eu voltei para Grenoble. Continuamos, entretanto, a amar-nos sempre, a tal ponto que a moça recusava qualquer outro partido que se lhe apresentasse.

Nessa noite de 17 de Dezembro de 1867, eu pensava, pois, em tudo isso e acabava de deitar-me, quando via porta do meu quarto se abrir docemente, quase sem ruído e Marta entrar. Estava vestida de branco, cabelos esparsos sobre as espáduas. Bateram, nesse momento, 11 horas. Isso, posso afirmá-lo, pois eu não dormia. A visão aproximou-se do meu leito, inclinou-se ligeiramente sobre mim e eu quis pegar a mão da jovem. Estava fria. Soltei um grito, o fantasma desapareceu, e, quando dei acordo de mim, tinha um copo d'água na mão, o que me provocara tal sensação de frio (31) . Mas, notei-o, eu não dormia e o copo d'água estava sobre a minha mesa de cabeceira, ao meu lado. Não pude dormir. No dia seguinte, de tarde, recebi a notícia da morte de Marta, às 11 horas da noite, na véspera, em Tolosa. Sua última palavra tinha sido: Jaques!

Eis aí a minha história. Posso acrescentar que não me casei. Estou velho, mas penso sempre em minha visão. Ela embala o meu sono.

(Carta 510.)

Jacques C. Grenoble

CXXIX. - Tinha eu uma amiga de infância, Helena, a quem amava enternecidamente. Seu pai, funcionário público, foi removido para Paris. Houve necessidade de separar-nos, o que nos causou infinita mágoa. Antes de partir, Helena veio trazer-me sua fotografia, ela mesma colocou-a um quadro, sobre pequena mesa do meu quarto e prometemos uma a outra corresponder-nos freqüentemente, o que efetivamente cumprimos.

O clima da capital foi nefasto à minha pobre Helena, de si mesmo tão delicada. Foi pouco a pouco enfraquecendo cada vez mais e dentro em breve eu soube que ficara tuberculosa. Desde esse instante e sem que ela o percebesse bem, eu acompanhava os progressos do seu mal. Um dia recebi de minha amiga uma carta alviçareira: ela estava bem melhor e esperava vir passar comigo a bela estação.

Esta melhora súbita amedrontou-me um pouco; acabei depois concordando que era bem possível, em todo caso, que Helena encontrasse a cura.

O dia seguinte, isto é, 15 de Abril de 1896, passei-o todo com o espírito inquieto. Não estava ainda nessa ocasião com os meus estudos concluídos. À noite, após o jantar, recolhida o meu quarto, achava-me ocupada em resolver um problema de Geometria, com dificuldade conseguindo fixar minha tenção. Estava perto de mim a fotografia da minha amiga, sempre no mesmo lugar e meus olhos eram invencivelmente traídos por essa imagem.

De repente vi o retrato mexer as pálpebras, abrindo a boca como se quisesse falar. Um ruído fez estremecer o meu relógio que batia 8 horas. Supondo haver sonhado, esfreguei os olhos e olhei de novo. Desta vez, vi distintamente o

retrato mexer com os lábios, abrir desmesuradamente os olhos, depois fechá-los em seguida lentamente, dando um suspiro (32) .

Não ousei mais olhar para a fotografia, tomei apressadamente a lâmpada, deitei-me imediatamente, embora fosse ainda muito cedo e procurei, porém em vão, adormecer.

Pelas 10 horas, ouvi baterem ruidosamente a porta da rua. Chamei imediatamente meus pais que estavam deitados. Era um telegrama, com estas palavras: Helena falecida esta noite às 8 horas.

O primeiro trem do dia seguinte levou-me a Paris, em companhia de meu pai. Propunha-me a assistir aos funerais de minha amiga e também a conhecer os detalhes dos seus últimos instantes. Soube que, no dia de sua morte, ela não cessara de falar em mim, tendo mesmo dito:

- Talvez que Valentine esteja agora olhando para o meu retrato. Ela supõe-me curada e eu sinto que vou morrer. Alguns momentos antes da hora suprema, recomendara que me avisassem logo e que me transmitissem o seu adeus. Sua última palavra fora o meu nome.

Expliquem este fato como quiserem; o que posso afirmar é que não fui vítima de uma ilusão. Jamais tive o espírito inclinado a aparições. Demais, achava-me absolutamente em meu estado normal.

(Carta 512.)

VALENTINE C. ROANNE

CXXX . - Uma de minhas amigas de estudo (eu sou doutora) tinha ido as Índias como médica missionária. Perdemos-nos de vista, como por vezes acontece, mas nos amávamos sempre.

Na manhã de 28 para 29 de Outubro (eu estava nessa ocasião em Lausanne), fui acordada antes das 6 horas por batidinhos dados em minha porta. Meu quarto de dormir dava para um corredor que terminava na escada do primeiro andar. Eu deixava a minha porta entreaberta para que um grande gato branco, que eu possuía, pudesse ir a caça durante a noite (a casa era um formigueiro de ratos) . Repetiram-se as pancadas. A campainha não soara e eu não sentira subirem a escada.

Por acaso meus olhos pousaram sobre o gato que ocupava seu lugar de costume ao pé da minha cama: estava ele sentado, com os pêlos eriçados, tremendos e rosnando. A porta agitou-se como impelida por um ligeiro golpe de vento e vi aparecer uma forma envolta em uma espécie de tecido vaporoso branco, como um véu sobre uma sombra escura. Não pude distinguir bem o rosto. Ela aproximou-se: senti um Sopro glacial passar por mim, ouvi o gato rosnar furiosamente. Instintivamente fechei os olhos e, quando os reabri, havia tudo desaparecido. O gato tremia por todo o corpo e estava banhado de suor (33).

Confesso que não pensei na amiga que se achava nas Índias, mas em uma outra pessoa. Cerca de 15 dias mais tarde, soube da morte de minha amiga, ocorrida na noite de 29 para 30 de Outubro de 1890, em Srinagar, Kashmir. Vim mais tarde a saber que sucumbira em consequência de uma peritonite .

(Carta 514.)

Maria de Thilo
Doutora em Medicina em Saint Jamien

CXXXI. - Achava-me, certa manhã, em minha sala de jantar, apenas com uma criada. Estávamos uma e outra ocupadas na arrumação da casa. A criada, voltada de costas para mim, espanava um consolo. Eu arrumava as coisas que achava sobre uma mesa que nos separava. Todas em casa dormiam ainda, porque era muito cedo; quer dizer que mais perfeito silencio reinava em torno de nós.

De repente ouvimos um ruído que nos deu a impressão da queda de um grande pássaro que tomba pesadamente, depois de haver várias vezes batido as asas. Parecia ter-se passado isso entre nós, no meio da sala. Ambas experimentam certa comoção. A criada voltou-se bruscamente, deixando cair o espanador que tinha em mãos e olhou-me com um aspecto de pavor. Eu estava imóvel, estupefata e sem poder falar. No fim de alguns segundos, voltando de meu espanto, precipitei-me de um salto à janela, examinei a parte de fora era um pátio no qual não vi nada que pudesse causar esse ruído . Querendo à viva força achar-lhe a explicação, abri duas portas: uma dava para um vestíbulo, outra para um quarto de dormir inabitado. Pesquisei, remexi por toda parte. Nada, sempre nada.

Então, sem fazer comentário algum, veio-me à idéia de mandar saber notícias de uma pessoa doente, pela qual eu me interessava e que deixara, na véspera, agonizante. Era a uma pequena distancia da casa. Quando a criada regressou, disse-me

- Ela morreu esta manhã, às 6 horas e meia.

Eram então 7 horas. Aquele estranho barulho produzira-se exatamente à hora em que a morte se verificou.

(Carta 519 .)

MME. B. NEVERS

CXXXII. - a) No inverno de 1870-1871, encontrei-me uma tarde a sós com minha mãe e minha avó que deixara Saint-Etienne desde alguns dias, para vir passar um mês perto de sua filha e de sua neta; deixara seu filho Pedro, então com a idade de 35 anos, ligeiramente indisposto, em consequência de um resfriado. De forma alguma estava ela inquieta a seu respeito e, tendo há muito decidido sua viagem, veio juntar-se-nos em Marselha.

Ora, uma noite, acabávamos apenas de nos deitar, nós no mesmo quarto que minha avó e mamãe em um outro cômodo, quando um violento toque de campainha nos pôs a todos sobressaltado; eram 11 horas da noite. Levanto-me e encontro minha mãe que vinha, por seu lado, saber quem batera; encontramos-nos ambas no vestíbulo e perguntamos diversas vezes : Quem está aí ? Sem obter resposta (e sem abrir a porta), voltamos cada uma para o seu quarto, onde nos tornamos a deitar. Minha avó permanecera em seu leito e eu a encontro sentada, um pouco sobressaltada por ver que não havíamos obtido resposta.

Apenas voltáramos a nós desse pequeno acontecimento, um novo toque de campainha, mais imperativo que o primeiro, arranca-nos de novo à nossa quietude.

Desta vez, por exemplo, saltei da cama com a vivacidade de uma criança de 14 anos que eu era a essa época e cheguei à porta muito antes de mamãe. Pergunto quem está ali. Ninguém responde; abrimos a porta, examinamos a escada, os andares superiores e inferior: sempre ninguém. Voltamos para nossos quartos, inquietos, presentindo um acontecimento imprevisto, com o coração amarrado e após uma noite quase indormida (salvo para mim que estava na idade em que se dorme, haja o que houver), recebemos, na manhã que se seguiu a essa noitada tão impressionante, o seguinte telegrama: Pedro morto ontem 11 noite, avisai mamãe, preparai-a para esta triste notícia.

b) - Em 1884, ano da cólera em Marselha, parto para Bagnères-de-Bigorre e Barèges, com meu marido e meus dois filhos. Estava eu aí há oito dias apenas, no Hotel da Europa. Uma noite sou despertada bruscamente sem causa direta; meu quarto, onde durmo sozinha, está completamente às escuras; vejo em pé, ao lado da minha cama, uma pessoa circundada de uma auréola luminosa; olho um pouco emocionada, como bem deveis compreender, e reconheço o cunhado de meu marido, um doutor, que me diz

- Preveni o Adolfo de que eu morri.

Chamo imediatamente meu marido, deitado no quarto próximo e lhe digo:

- Acabo de ver teu cunhado que veio anunciar-me sua morte .

No dia seguinte, um telegrama nos confirma a notícia: um ataque de cólera (quando tratava de doentes pobres) levava-o em algumas horas.

Não havia no mundo natureza mais devotada por seus doentes e mais simpática.

(Carta 522 .)

Rua do Paraíso 514, Marselha
H. Poucet

CXXXIV. - O Senhor Rigagnon, cura da Paróquia de São Marcial de Bordéus, estando em seu escritório, viu diante de dai um seu irmão que residia nas colônias e que lhe disse: adeus, eu morro.

Muito emocionado, o Senhor Rigagnon chamou os seus vigários e lhes contou o que acabava de ver. Esses senhores registraram a data e a hora da aparição, e algum tempo depois chegou à notícia da morte: esta concordava com o momento em que o Senhor Rigagnon tinha visto seu irmão diante de si . Este fato foi-me narrado por um dos vigários, que consignara o fato no momento em que o mesmo se produziu.

(Carta 524 .)

E. BEGOUIN
(Charente Inferior)

CXXXV. - Meu avô morava em um castelo absolutamente isolado no meio dos bosques; mas esse castelo, de construção assaz moderna, nada tinha em ai de misterioso: nem lendas, nem mesmo o fantasma indispensável ao renome de um autenticam castelo antigo . A irmã de meu avô desposara um médico de uma aldeia próxima.

No momento em que o fato de que vos falo se deu, meu avô estava ausente. Seu cunhado, o médico, achando-se gravemente enfermo, partira ele à tarde para vê-lo, recomendando minha avó a minha mãe, a três de minhas tias e aos meus dois tios, que não o esperassem, dizendo-lhes que, a menos de encontrar seu cunhado em mais satisfatório estado, não regressaria.

Mal grado a essa recomendação e pela razão de que um dos meus tios estava de volta (creio que da Cochinchina, cuja campanha havia feito), toda a família presente conservou-se na sala de jantar conversando. Escoara-se à noite assaz rapidamente, sem fadiga para ninguém, quando às 2 horas, todos que se achavam na sala de jantar (isto é, principalmente meus tios, dois soldados cépticos e corajosos) ouviram distintamente a porta do salão (o compartimento contíguo), fechar-se com uma violência que fez que todos saltassem em suas cadeiras. (Refiro-me à porta que separava o salão do corredor situado do lado oposto à sala de jantar.) Não havia possibilidade de erro, a porta que se fechava desse modo, ou pelo menos que minha família ouvira fechar-se, era uma porta vizinha. Fora bem o ruído de uma porta e de uma porta interior. Disse-me muitas vezes minha mãe

- Ouvimos a porta fechar-se como se uma formidável lufada de vento tivesse penetrado na casa e feito bater a porta violentamente.

Esta lufada de vento, absolutamente irreal, como ides ver, tinha, entretanto, de real o fato de haverem-na mais ou menos sentido os meus parentes passar em seu rosto e também o de que, ao passar, deixou-lhes uma espécie de suor gelado, como se sente, por exemplo, em um pesadelo .

A conversação foi suspensa. Esse ruído violento da porta parecia-lhes estranho e a todos causou uma espécie de mal-estar absolutamente inexplicável. Dai a pouco meu tio se pôs a rir, vendo os semblantes espantados de sua mãe e de suas irmãs. Organiza-se logo uma caçada divertida. Meu tio, como homem corajoso, toma a frente e é um desfilar cômico, da sala de jantar para o salão. Observam a porta do salão, aquela que, no conteúdo unânime dos presentes se tinha evidentemente fechado . Essa porta achava-se fechada à chave e aferrolho. Minha família, em fila indiana, continua esse passeio em toda a casa. Todas as portas se achavam fechadas, estando as exteriores barricadas; todas as janelas fechadas; não havia corrente de ar alguma na casa em nenhum dos andares: era impossível explicar o barulho, ao mesmo tempo tão próximo e tão estridente, de uma porta que se fecha, impelida por vento forte.

Meu avô regressa no dia seguinte, pela manhã, e participa a morte de seu cunhado.

- A que horas morreu ele ?

- Às 2 horas da manhã.

- Às 2 horas ?

- Precisamente às 2 horas.

O barulho da porta fora ouvido, por sete pessoas, precisamente às 2 horas da manhã.

(Carta 525.)

RENE GAITIER
Estudante de Ciência (Escola Real de São João)

CXXXVI. - Um de meus amigos, o Senhor Dubreuil, em que posso acreditar de um modo absoluto, contou-me o te fato:

Seu sogro, o Senhor Corbeau, engenheiro de Pontes e Calçalas, agregado ao Ministério da Marinha, fora enviado há algum tempo a Tonkin para dirigir certos serviços nessa região. esposa acompanhou-o nessa viagem. Um dia, à tarde, a esposa de meu amigo viu distintamente passar, entre ela berço do seu filho, que nesse momento repousava, a sombra de sua mãe, e a criança, despertada em sobressalto, chamou por sua avó, como se a tivesse visto em frente de seu leito.

Teve então a Senhora Dubreuil o pressentimento da morte de sua mãe, morte essa que efetivamente ocorrera nesse dia, bordo do paquete que a transportava a França. Foi enterrada em Singapura.

Posso, se o quiserdes, pedir a data exata do falecimento 1 o nome do navio em que se deu o óbito.

(Carta 527 .)

M. HANNAIS
Avenida Lagache 10
Villemomble(Sena)

CXXXVII. - Em Julho de 1887, com a idade de 19 anos, encontrava-me em Toulon, concluindo meu voluntariado de um ano, no 61° de Linha, acantonado em Jeu-de-Paume. Tinha eu um irmão ternamente amado, Gabriel, dez anos mais velho que eu, desenhista no Ministério da Guerra, gravemente enfermo em Vauvert onde ai encontrava, no gozo de licença, em casa de meus pais; eu o fora visitar nos

últimos dias de Junho, e ainda que seu estado fosse grave, não o julgava desesperador.

Na noite de 3 para 4 de Julho, cerca de 1 hora da madrugada, levantei-me em sobressalto, com o travesseiro húmido das minhas lágrimas, tendo a convicção absoluta de que meu pobre irmão estava morto . E essa convicção não provinha de um sonho, porquanto eu me recordaria desse sonho mais cedo ou mais tarde, o que jamais sucedeu .

Vivo ainda aquele doloroso momento, ao escrever estas linhas . Acordando-me, acendi a vela que estava ao meu lado, sobre uma caixa de juntar cisco, tendo eu o hábito de estudar na cama o Manual de Manobras Militares . Eu era então cabo, o que me dava o privilégio invejado de dispor desta rústica e mal cheirosa mesa de cabeceira. Desculpai-me estes detalhes, a que recorro apenas para dar à minha exposição a maior exatidão e para demonstrar-lhe a veracidade . Constatei então que era 1 hora da madrugada.

Não me foi mais possível dormir e as 5 e meia da manhã, indo aos exercícios, perguntei ao agente do Correio, sem refletir que, em Vauvert, o expediente do Telégrafo não estava aberto há essa hora matinal, se havia algum telegrama para mim . A mesma pergunta e resposta negativa ao voltar dos exercícios; e, no momento em que, de volta ao alojamento, eu desafivelava o cinturão, um homem da guarda me entregou o seguinte telegrama, enviado por meu pai: Gabriel falecido. Venha imediatamente. Coragem.

Graça à gentileza de meu capitão, pude tomar o trem às 2 h. e 18 m. e, chegando a Vauvert, soube que meu irmão havia morrido nessa noite, a 1 hora da madrugada.

O pesar ocasionou-me, alguns dias depois, uma comoção cerebral e desde então, há doze anos, fico todos os anos gravemente enfermos por essa mesma época .

(Carta 536 .)

CAMILO ORENGO
Perito junto aos tribunais em Nimes

CXXXVIII. - Ouvi o fato seguinte narrado por uma pessoa com a qual embarquei na Melpomene e de quem a narrativa inspira-me toda a confiança. (O Senhor Jochoud du Plessix, 1º tenente da Marinha.)

Há cerca de seis ou sete anos, ainda como 2º tenente, tendo sido designado para o Senegal, esse oficial foi, com alguns dias de licença, para casa de seus pais, domiciliados em uma vila nas proximidades de Nantes. Subindo a aleia principal do jardim que conduzia a vila, teve ele a visão clara e muito nítida de um ataúde que descia por esta afeia.

Nessa mesma noite sua mãe subitamente morria nessa vila, sem que coisa alguma denunciasse esse trágico fim.

(Carta 537.)

NORES
Comissário da Marinha a bordo da fragata Melpomene,
em Brest

CXXXIX. - A. Certa noite, à 1 hora da madrugada, tomos, Marta e eu, acordados por um barulho extraordinário

em nosso próprio quarto, barulho de ferragens, como se estivessem arrastando correntes pelo assoalho. Levantei-me e não constatei coisa alguma de insólito no apartamento.

Pela manhã, meus pais e uma outra pessoa, que dormiam no andar térreo, pediram-me a explicação do barulho produzido no andar superior. Tais rumores foram, portanto ouvidos por cinco pessoas.

No correr da manhã desse mesmo dia, veio-nos participar que uma nossa prima, tendo subitamente adoecido, morrera a noite .

B. - Há dois anos, estávamos ainda deitados pelas 5 horas da manhã, quando fomos despertados por três batidinhas dados discretamente em uma tabua encostada à parede ao longo da cama .

Depois de acordados, foram esses três batidos distintamente repetidos.

Tínhamos uma tia afetada de uma doença debilitante e o nosso primeiro pensamento foi que essa tia morrera. Um quarto de hora talvez após essa manifestação, bateu a porta para avisar-nos de que ela estava morrendo . Antes de chegarmos ao seu domicílio, cessara de viver.

Depois dessas comunicações de agonizantes, cito um caso telepático, de outra ordem, mas igualmente verdadeiro.

C . - Camilo estava no liceu de Chaumont . Pelas 5 horas da manhã sua mãe desperta, dizendo-me:

- Ouço Camilo chorar, ele chama-me .

Ao que respondo:

- Tu sonhas!

Mas ao dia seguinte recebemos uma carta participando que a criança havia passado a noite a chorar com dor de dentes.

Vosso primo afeiçoado

HABERT BOLLEE NOGENT (ALTO MARNE)

(Carta 538 .)

CXLII. - A. Achando-se na cozinha, a preparar o repasto da noite, minha mãe viu passar diversas vezes pela frente sua mãe, minha avó, que ela há muitos anos não via. No dia seguinte uma carta participava-lhe, não a morte, mas a agonia de sua mãe. Ela chegou justamente a tempo de fechar os olhos.

B. - Dando-me minha mãe o peito, à noite, por volta das 2 horas da madrugada, avistou meu avo paterno em um angulo do quarto, ao mesmo tempo em que ouvia um ruído semelhante ao que produz um corpo caindo na água.

Amedrontada, ela acordou meu pai que, nenhuma importância ligando a essa visão, tornou logo a dormir. Algumas horas depois, um telegrama comunicava que meu avo se tinha afogado ao, tentar subir, ou antes, ao descer de seu barco. Havia ele partido de sua casa um pouco antes das 2 horas da manhã.

(Carta 542.)

SIMON
Rua Muller, 40, Paris

CXLIV . - Em 1835 meus avós residiam em uma casa de campo em Saint-Maurice, perto de La Rochelle.

Meu pai, o primogênito da família, era 2º tenente na Argélia, onde passou dez anos em meio das fadigas e dos perigos dos primeiros tempos da conquista.

O entusiasmo do perigo, a vivacidade das narrativas contidas em suas cartas, deram a seu irmão Camilo o desejo de viver com ele. Desembarcou em Argel, como sub-oficial, em Abril de 1835 e não tardou a reunir-se a meu pai, em Oran, tomando parte em uma expedição contra Abd-el-Kader no fim de Junho.

Foram os franceses obrigados a bater em retirada para Arzem e perderam muitos homens na travessia dos pântanos de Maeta. Meu tio foi aí ferido com três tiros, sem gravidade. Mas no bivaque, um soldado francês, estando a limpar sua arma, sucedeu que esta detonasse, indo a bala ferir meu tio na coxa. Necessário foi submeter-se ele a operação. Quando terminou esta, uma crise espasmódica o fulminou. Nesse tempo não eram rápidas as comunicações e minha avó ignorava todos esses fatos.

Segundo um costume muito espalhado nessa época, minha avó possuía em seu quarto de hóspedes, no primeiro andar, um serviço para café, em porcelana, disposto como ornato sobre o fogão.

De repente, em pleno dia, um barulho espantoso produziu-se nesse quarto. Minha avó subiu precipitadamente, seguida de sua criada. Qual não foi a sua estupefação a vista do espetáculo que as esperava! Todas as peças do serviço de café jaziam em pedaços no assoalho, ao lado do fogão, como se tivessem sido varridas para o mesmo ponto. Minha avó sentiu-se aterrada e teve a impressão de que a atingira uma desgraça.

Foi passada uma inspeção minuciosa em todo o quarto mas nenhuma das hipóteses apresentadas a minha avó, para acalmar a sua emoção pareceu-lhe aceitável: uma violenta corrente de ar, a passagem de ratos ou de um gato inadvertidamente trancado no quarto, etc.. . O aposento, com efeito, estava absolutamente fechado; impossível, portanto, qualquer corrente de ar. Ratos, tanto quanto um gato, não teriam podido quebrar e reunir em um mesmo lugar todas as peças de porcelana dispostas ao longo do fogão.

Não havia em casa absolutamente ninguém mais do que meu avô, minha avó e sua criada.

O primeiro correio da África trouxe aos meus avós a notícia da morte de seu filho, ocorrida exatamente no dia em que se quebrara o aparelho de porcelana (34).

(Carta 549.)

J. MEYER, Niort.

CXLV . - Eis aqui um fato extraordinário e autentico que obtive de fonte absolutamente certa. Meus pais foram uns dias chamados para junto de um vizinho agonizante.

Eles para lá se dirigiram e tomaram lugar no meio de um circulo de vizinhos e amigos reunidos que em silêncio esperavam o triste desenlace . De súbito, em um relógio suspenso à parede, e que estava há muito ano parado, fez ouvir um rumor inusitado, um ruído surdo, semelhante a marteladas brandidas sobre uma bigorna. Os assistentes levantaram-se aterrados, uns aos outros perguntando o que significava aquele barulho:

- Bem o vedes - respondeu alguém, designando o moribundo .

Pouco depois este exalava o último suspiro .

(Carta 555.)

H.FABER
(Luxemburgo)

CXLVI. - Um senhor que eu aqui conhecia, contava-me, há algum tempo, as circunstancias que se relacionavam com a morte de sua mãe . Era um domingo, à hora do serviço religioso. Ela o deixa, para ir à igreja, parecendo tão bem disposta como de costume; uma hora depois ele sai para ir ver um de seus amigos, morador na mesma rua. Quando chegava perto da casa, viu no céu como que uma grande cruz de ouro e sentiu-se ao mesmo tempo penetrado de uma tal agonia, que não entrou em casa de seu amigo e voltou para trás.

Teria feito uma centena de passos, quando foi detido por uma senhora do seu conhecimento que lhe diz:

- Vistes vossa mãe? Espero que não seja mais do que um desmaio, mas foi preciso transportá-la da igreja.

Ele voltou correndo para casa: sua mãe estava morta.

(Carta 566.)

O LENGLET, MITAN
Courlande

CXLVII. - Meu pai, falecido no mês de Junho último, referiu-me várias vezes o seguinte fato que provocou, entre mim e ele, imensas discussões:

Sendo jovem e residindo em Champsecret, no Orne, estava ele empregado em uma fábrica de telhas onde havia sempre a noite dois homens de guarda. Certa noite em que ele substituiu um empregado doente, estando a conversar tranqüilamente com seu camarada de guarda, ouviu distintamente passos que, provindo diretamente da rua, pareciam seguir o atalho que ligava a rua à fábrica.

Ele e seu camarada entreolharam-se espantados, sem ousarem logo falar. Tiveram a impressão de que um homem viera tocá-los, depois os passos se fizeram ouvir de novo, mas desta vez afastando-se. Veio-lhes então a idéia de que seu camarada, cujos passos reconheceram, teria morrido. No dia seguinte souberam que o referido camarada morrera à noite, há uma hora que correspondia àquela em que ouviram o ruído de passos.

Minha mãe poderia certamente dizer-me os nomes do morto e do camarada de meu pai, caso isso vos interesse.

(Carta 590 .)

EUG. BONHOMME
Paris

CXLVIII. - Quando eu tinha cerca de 6 anos de idade, morava em uma casa do Jura suíço; já eu dormia há várias horas, quando fui despertado, assim como meu pai, minha mãe e minhas quatro irmãs, por uma voz que chamava meu pai Floriano, a principio muito forte, uma segunda vez

menos forte e uma terceira vez ainda mais fraca. Disse meu pai:

- E a voz de Renaud - (seu amigo residente em Paris), e, levantando-se, foi abrir a porta.

Ninguém! Sobre a neve nenhuma pegada. Pouco tempo depois, recebeu meu pai uma carta comunicando-lhe que seu amigo Renaud tinha sido esmagado por um ônibus e que antes de morrer pronunciara várias vezes seu nome.

(Carta 592.)

JH JUNOD
(Rússia)

CXLIX . - Meu avô materno, Francisco M. , nascido em Saint-O., falecido em A., no ano de 1882, na idade de 80 anos, estando na sua juventude em Paris, onde trabalhava, como oficial de alfaiate, na rua do Arrabalde Santo Honório, se não me falha a memória, foi acordada uma noite, às 11 horas, por três batidos muito distintamente dados na t porta de seu quarto. Admirado, ergue-se ele, acenda uma lâmpada, abre a porta, mas não avista ninguém. Supondo que um brincalhão de mau gosto fosse o autor desse logro, torna, ele a deitar-se praguejando, mas três outros batidos são dados ainda na porta.

Levanta-se então bruscamente, contando fazer pagar muito caro ao importuno sua brincadeira de mau gosto, mas, apesar de todas as buscas a que se aplica, quer no vestíbulo, quer na escada, verifica ser-lhe impossível saber de que lado desapareceu o burlão. Pela terceira vez, achando-se de novo na cama, foram dados novamente três batidos na porta. Desta

vez um pressentimento levou meu avô a supor que esse ruído inexplicável podia ser atribuído à alma de sua mãe, ainda que, pelas notícias anteriormente recebidas de sua família, nada o induzisse a fazer semelhante suposição. Cinco a seis dias depois dessa manifestação, chegou-lhe uma carta, procedente de seus pais, anunciando-lhe a morte de sua mãe, ocorrida precisamente à hora em que ele ouvira os batidos.

No instante da morte, sua mãe, que tinha uma afeição especial por ele, insistira para que se levasse ao seu leito um vestido que seu alfaiate de Paris lhe enviara de presente algum tempo antes.

(Carta 595.)

E. DESCHAUX, ABRET (Isere)

CL. - O pai de minha sogra contava entre os seus operários um mau sujeito que ele teve de dispensar, dizendo-lhe

- Tu acabarás na forca.

Um ano ou dois (a época exata não pôde ser fixada) , após sua partida, o avô de minha mulher achava-se, certa manhã, com sua família à mesa do almoço, quando se voltou bruscamente perguntando:

- Quem está aí, que querem de mim?

Surpresa com a pergunta e não sabendo o que ele queria dizer, pediu-lhe a família uma explicação. Ele respondeu: - Acabam, entretanto, de dizer-me em alta voz: Adeus, patrão!

Nenhuma das outras pessoas presentes ouvira, porém, o que quer que fosse. Cinco ou seis horas mais tarde, o avô de minha mulher soube que seu operário despedido tinha sido

encontrado enforcado em uma árvore da floresta próxima à cidade.

Eis o fato tal qual me foi contado. Minha sogra lembra-se dele ainda muito bem: posso garantir-voa a autenticidade do mesmo.

Suponho que no momento de passar no pescoço o nó correição, ter-se-ia lembrado o operário da predição de seu antigo patrão e enviar-lhe deixando a vida, um adeus, patrão, que foi ouvido por aquele a quem esse adeus era dirigido.

Passou-se o fato em Mtilhouse, na ,minha cidade natal, em 1854 ou 1855.

(Carta 609.)

EMILE STEFFAN
(Palinado)

CLI. - Tinha eu então 10 ou 11 anos (hoje tenho 34 anos e 4 meses), vivia com meu pai e minha mãe em casa de meu irmão mais velho, cura de uma pequena aldeia perto de Pont-Saint-Esprit (Gard). Nessa época eu tinha uma verdadeira paixão pelos pássaros .

Ora, uma noite, recolhendo-me após o jantar, disse à minha mãe que me segurava na mão:

- Escuta, mamãe, ouço o grito de um grande pássaro no porão; desçamos para apanhá-los. (Para ir aos quartos era necessário passar diante da porta da escada que levava á ao porão.)

- Estás enganado - respondeu minha mãe.

- Não, eu não me engano; trata-se de um grande pássaro. Mas não insisti.

No dia seguinte à noite e à mesma hora, indo deitara-me, o mesmo grito de ave, percebido pelos meus ouvidos de criança., a mesma negativa por parte de minha mãe.

Desta vez, impelido pelo meu amor aos pássaros, insisti, bati os pés e puxei minha mãe pela mão. Ela acabou, a contra. gosto, por ceder à minha obstinada vontade. Descemos,, minha mãe e eu (ela submissa ao meu capricho) ao porão ou antes aos porões que se estendiam sob o presbitério. Percorremo-los um após outro. O grito de um grande pássaro continuava distinto no mesmo lugar. Ora parecia sair de baixo dos feixes de lenha, ora de detrás dos barris, etc.

Deixei a mão de minha mãe e pus-me a perseguir... Esse grito; pois que absolutamente não via pássaro algum nem ouvia suas asas, nem o rumor de sua carreira. Minha mãe, sob a impressão do terror (ela era muito supersticiosa) tornou a agarrar-me pela mão e obrigou-me a subir a escada.

No correr do dia seguinte, recebia meu irmão uma carta anunciando-lhe a morte de um de nossos tios. Então minha Mãe logo exclamou:

- O grande pássaro que Luis ouvira ontem e anteontem devia ser a alma de teu tio que reclamava sua missa. - (Meu irmão tinha o hábito de dizer uma missa por qualquer de seus parentes de cuja morte fosse sabedor.)

Meu irmão e eu pusemo-nos a rir da explicação de minha pobre mãe. E desde esse tempo ninguém mais se lembrou do grande pássaro.

(Carta 610 .)

Luiz Talhaud
Cura de Colombiers.
(Gard)

CLII - Estava um de meus primos gravemente enfermo com febre tifóide; seus pais não deixavam a sua cabeceira, velando-o dia e noite. Uma noite, porém, achando-se todos dois exaustos, a enfermeira obrigou-os a ter um pauto de repouso, prometendo-lhes vir procurá-los ao menor alarme. Dormiam eles profundamente desde alguns instantes quando, de repente, são despertados, em sobressalto, devido à porta do quarto que se estava abrindo, porém docemente. Meu tio pergunta

- Quem está aí?

Minha tia, convencida de que vinham procurá-los, levanta-se precipitadamente, mas, apenas se senta na cama, sente que alguém a abraça fortemente, dizendo

- Sou eu, mamãe, que me vou, mas não chores. Adeus. E a porta fecha-se de novo muito docemente. Apenas refeita de sua emoção, corre minha tia ao quarto de seu filho, onde seu marido a precedera. Lá, verificou que meu primo acabava de dar o último suspiro, exatamente naquele instante.

(Carta 639 .)

M.ACKERET
Argel

CLIII. - Julgo-me no dever de citar-vos o caso de que fui testemunha em 1886. Era eu tenente em São Luis do Senegal. Uma noite, após algumas horas passadas em companhia de alguns intrépidos e alegres camaradas, deitei-me 11 horas pouco mais ou menos. Ao cabo de poucos instantes, adormeci . De repente, sinto como que uma forte pressão sobre o peito e me vejo bruscamente sacudido; ergo-me sobre um dos cotovelos, esfregando os olhos, pois que ali tenho, diante de mim, a minha avó. Contempla-me a excelente criatura com as pupilas quase extintas e escuto, sim, escuto sua voz débil dizer-me:

- Vim dizer-te adeus, meu querido menino, tu não me verás mais . . .

Eu estava estupefato e, para bem me assegurar de que não sonhava, fiz em alta voz esta reflexão: Vejamos! isto não é um sonho, e me levantei. Durara a aparição alguns segundos.

Por um dos correios seguintes soube, da parte de minha família, a quem escrevera relatando esse fenômeno de telepatia, que minha avó, na idade de 76 anos, morrera em Rochefort. Suas últimas palavras tinham sido para mim:

- Não o verei mais - repetia ela sem cessar. Sobreviera a morte às 11 horas e meia da noite em que eu a vira, e, se levarmos em conta a diferença de longitude foi esse precisamente o momento em que minha avó me desapareceu.

Sabia que vinha avó achava-se enfraquecida, pela idade e pela doença; não tinha, porém, grande desassossego a respeito de seu estado. Tal é o caso que posso garantir-vos rigorosamente exato.

(Carta 669 .)

JULIEN LAGARRUE
Capital da Infantaria da Marinha
Hanoi

CLIV. - Em Abril de 1892, estava eu empregado como chefe de obras na manufatura de vidros de Saint Gobain. Era pouco inclinado a crer no maravilhoso, e se por vezes ouvia alguma narrativa dessa natureza, atribuis a uma alucinação a impressão que lhe servia de causa. Foi preciso, portanto, que diversas pessoas, separadamente interrogadas, ativessem sido testemunhas do seguinte fato, para que eu lhe tenha podido dar importância .

Estava minha mulher assentada na soleira A de uma porta que punha o meu alojamento em comunicação com uma pequena terrasse, situada a um rés do chão, onde trabalhava por minha conta uma cardadeira de colchões (35)

Pelas 3 horas, todas duas ouviram três batidos muito distintos, dados na porta B de um gabinete, situado a um metro da soleira A. Muito surpresas com esse ruído que nada parecia justificar, porquanto ninguém se encontrava no apartamento, fizeram elas uma troca de observações sobre fatos semelhantes, de que tinham ouvido falar. Disse a cardadeira a minha mulher que um de nossos parentes estava muito mal e que seu espírito nos pedia socorro. No dia seguinte, à mesma hora, elas estavam no mesmo lugar, e a criada lavava roupa no terraço. O incidente da véspera fora esquecido. De súbito, essas três pessoas ouviram exatamente o ruído da véspera: três batidos dados na porta B do

gabinete. Sua surpresa tornou-se estupefação; durante muito tempo à criada não quis mais ficar sozinha em casa.

Soubemos no dia seguinte, por uma carta, que uma de minhas velhas tias, muito devota, Angélica Bertrand, morrera em Pertuis (Vaucluse) , há dois dias, em 5 de Abril de 1852 .

(Carta 705.)

ARLAND
(Marselha)

CLV. - Teria eu meus doze anos. Meu pai, um dos heróis de Sidi-Brahim, passara a noite e uma parte do dia à cabeceira de sua mãe, gravemente enferma. Depois voltara para casa. Pelas 4 horas da tarde, veio um de meus tios procurá-lo, dizendo-lhe que ela estava pior e que manifestava o desejo de ver seus dois netinhos. Meu pai quis levar-nos. Meu irmão mais moço dispôs-se a ir voluntariamente, mas eu me recusei de tal modo, que não houve o que pudesse abalar a minha resolução, tudo isso porque eu tinha um enorme pavor dos mortos .

Fiquei, pois, sozinho em casa com minha pobre mãe, que após a ceia me fez deitar, ao que eu não queria submeter-me, por causa do medo em que me encontrava. Decidiu-se ela, então, a fazer-me dormir em sua cama, prometendo vir em breve fazer-me companhia.

Pelas 7 horas e meia, recebi um sopapo de extraordinária violência. Pus-me a gritar; minha mãe acudiu imediatamente aos meus gritos, perguntando-me o que eu tinha. Respondi-lhe que fora esbofeteado, estando a face a doer-me;

constatou, de resto, minha mãe que estava com a face vermelha e inchada.

Inquieta com o que se acabava de passar, minha mãe impacientava-se pela volta de meu pai e de meu irmão. Não foi senão pelas 9 horas que meu pai entrou; imediatamente narrou-lhe minha mãe o que me havia sucedido e, quando lhe desse ela a hora, respondeu meu pai

- Foi precisamente há essa hora que sua avó exalou o último suspiro.

Conservei na face direita, durante mais de seis meses, a marca de uma mão direita que estava bem visível, sobre; tudo depois de haver brincado, quando o rosto é mais vermelho, constatação que foi feita por centenas de pessoas, senão branco o sinal da mão.

(Carta 714.)

A. MICHEL
Tintureiro da fabrica Valabre
(Vaucluse)

CLVI. - Em 31 de Maio de 1895, meu filho mais velho, engajado como voluntário há menos de seis meses no 1º de Hussards, em Valence, participava das manobras realizadas por seu regimento. Estando nos postos de vanguarda, marchava ele ao passo de seu cavalo, observando a região ocupada pelo suposto inimigo, quando de improviso, de uma emboscada situada à margem do estreito caminho percorrido, parte um tiro de fuzil que atingiu meu desgraçado filho em pleno peito. A morte foi quase fulminante.

O involuntário autor desse fatal acidente, vendo seu camarada abandonar as rédeas e inclinar-se sobre o pescoço de seu cavalo, correu para ele, a fim de sustentá-lo, e pode recolher as últimas palavras que o agonizante balbuciou em um último suspiro

- Fizeste-me bastante mal... mas eu te perdôo... Por Deus e pela Pátria, sempre... sempre... presente!

Depois expirou. Ora, nesse mesmo dia, 31 de Maio de 1895, pelas 9 horas e meia da manhã, enquanto minha mulher se ocupava nos cuidados da casa, nossa filhinha, então com a idade de 2 anos e meio, aproximando-se de sua mãe, disse-lhe em sua linguagem infantil

- Olha, mamãe, o padrinho; (meu filho mais velho era O padrinho de sua irmã) .

- Sim, minha querida, diverte-te - respondeu-lhe sua mãe, que naquele momento não ligou importância à palavra da criança.

Mas a pequena, diante da indiferença de sua mãe, redobrou de insistência e acrescentou:

- Mas mamãe, vem ver o padrinho.. . Olha, lá está ele. Oh! como está bem vestido!

Notou a minha mulher que, falando-lhe assim, estava a criança como que transfigurada. No momento sentiu-se ela emocionada, mas esqueceu logo esse incidente que durou apenas alguns minutos e não foi senão dois ou três dias depois que se recordou ela de todos os detalhes do ocorrido.

Um pouco antes do meio-dia recebemos um telegrama avisando-nos do terrível acidente que sucedera ao nosso filho bem-amado, e eu soube mais tarde que a morte sobreviera pelas 8 horas.

(Carta 715.)

ROUGE
Vila das Tílias
(Boca do Rodano)

CLVII. - Por volta das 9 horas de uma certa noite, achavam-se todos ainda levantados em nossa casa. Minha irmã, de 17 anos de idade, passando por um corredor, viu, sob um bico de gás aceso, uma bela e robusta menina que ela não conhecia, vestida como camponesa. A aparição aterrou-a e ela começou a gritar.

No dia seguinte, a cozinheira, moça de 25 anos, contou à minha mãe que na véspera, pelas 9 horas, quando acabava de deitar-se, vira diante de si uma de suas amigas, jovem camponesa, cujos traços correspondiam aos da aparição.

Soube-se logo depois que essa camponesa morreria precisamente no mencionado dia.

(Carta 751.)

CONDESSA AMELIA CARANDINE PARELLA
Itália

CLVIII . - Estudante na Universidade de Kieff, já então casado, fui passar o verão no campo, em casa de minha irmã, residente em uma localidade pouco distante de Pskom.

Regressando, via Moscou, minha adorada esposa caiu subitamente atacada de influenza e, mal grado sua extrema juventude, ficou rapidamente prostrada. Uma paralisia do coração levou-a de súbito, como fulminada por um raio.

Não tentarei descrever-vos minha dor e meu desespero mais o que suponho dever indicar ao vosso saber, problema cuja solução desejo ardentemente encontrar.

Residia meu pai em Poulkovo. Ignorava a doença de sua encantadora nora e sabia que se encontrava ela comigo em Moscou. Qual não foi sua surpresa vendo-a ao seu lado, ao sair ele de casa, acompanhando-o por um instante! Ela desapareceu subitamente. Tomado de espanto e de agonia, dirigiu-me ele na mesma hora um telegrama pedindo informações a respeito da saúde de minha querida companheira. Era o próprio dia de sua morte...

Ser-vos-ia reconhecido por toda a vida, se me pudésseis explicar esse fato extraordinário.

(Carta 787 .)

WENECIEN BILILOWSKY
Estudante de Medicina
(Kieff)

Eis ai narrativa seguramente muito numeroso e que parecem por vezes repetir-se, ainda que em realidade sejam elas muito variadas acrescentar aqui ainda algumas outras, cuja leitura não será menos interessante e instrutiva do que a das primeiras, para o nosso inquérito . Quer-nos parecer que, lendo-as, a instrução de cada leitor ir-se-á fazendo gradualmente e com segurança neste novo ramo de estudos.

A Sra. Adam escrevia recentemente, a 29 de Novembro de 1898 ao Senhor Gastou Méry, em resposta a uma enquêta que ele empreendera sobre o maravilhoso.

CLIX. - Eu fora educada por minha avó. Adorava-a. Conquanto estivesse gravemente enferma, ocultavam-me suas doenças, pela razão de que, estando eu no período de amamentação de minha filha, temia-se que me fosse prejudicial um pesar muito violento.

Certa noite, às 10 horas, apenas uma lamparina odor cava meu quarto. Já adormecida, mas despertada pelo choro de minha filha, vi minha avó ao pé de minha asma, e gritei:

- Que alegria, vovó, de te ver!

Ela não me respondeu e levou a mão à órbita de seus olhos. Vi dois grandes buracos vazios! Arrojei-me para fora da cama e corri para minha avó: no momento em que eu ia apertar em meus braços, o fantasma desapareceu.

Nesse mesmo dia, às 8 horas da noite, minha avó estava morta.

O Senhor Jules Claretie escrevia, a seu turno, em resposta, ao mesmo inquérito (1 ° de Dezembro de 1898):

CLX. - Tínhamos em Radevant, no Perigord, em casa de meu avô, um velho caseiro chamado Montpezat, que veio certa noite acordar meu avô, dizendo-lhe: A Senhora Pélissier morreu! Ela acaba de morrer! Eu a vi.

A Senhora Pélissier era irmã de meu avô, casada em Paris e, nesse tempo (ao tempo das diligencias), eram precisos quatro dias, creio, para que uma carta chegasse ao centro de Périgord. Não havia telégrafos, naturalmente. Ora, soube-se em Radevant que na mesma noite e na mesma hora em que Montpezat se levantara assombrado, após ter visto aparecer-lhe a Senhora Pélissier, minha avó morria em Paris, à rua do Senhor Príncipe.

B. - Outra tradição relacionada à minha avó materna:

Um de meus tios-avós era soldado, capitão da guarda. Sua mãe e seus irmãos residiam em Nantes. Quando ele vinha vê-los, tinha por hábito bater na vidraça do rés do chão, como que para dizer: eis aqui.

Uma noite, achando-se toda a família reunida, batem na vidraça. Minha bisavó levanta-se jubilosa:

- E ele! ele volta do Exército!

Correm à porta: ninguém. Ora, a essa mesma hora meu tio-avô era morto por um soldado de infantaria tirolés, em Wagram, num dos últimos tiros da refrega. Lá tenho eu sua cruz de honra, pequenina, para ele destacada do peito do Imperador que lha conferiu no campo de batalha, e a carta de seu coronel, que acompanhou essa distinção.

A hora em que, por não sei que alucinação do ouvido, partilhada pela mãe e por seus filhos, escutava-se em Nantes o bater de mãos invisíveis na vidraça, tombava o ausente e morria em Wagram.

A seguinte narrativa foi feita ao Senhor Henriquet, arquiteto, em, presença do Senhor Eymar La Peyre, redator-chefe do jornal O Independente, de Bergerac, pelo Senhor Montegout, sub-diretor da Colônia Penitenciária de Saint-Maurice-du-Maroni (Guiana. francesa), natural de Saint-Alvère (Dordogne) e camarada de infância do deputado La Mothe Pradelle:

CLXII. - A 4 de Fevereiro de 1888, o Senhor Montegout levantou-se pela manhã, para o seu giro de inspeção à colônia. Quando regressou, à hora do almoço, disse-lhe a esposa: - La Mothe Pradelle morreu.

Tomado, em começo, de surpresa por essa brusca noticia, depressa ele se tranqüilizou quando a Senhora Montegout lhe contou o que se segue:

Tendo-se levantado, no correr da noite, viu, ao abrir os olhos, diante de si o Senhor La Mothe Pradelle que lhe apertara a mão e dissera: Acabo de morrer, adeus

Ouvindo esta narrativa, o Senhor Montegout riu-se muito de sua mulher e lhe disse que ela sonhara com tudo isso. Esta, por seu lado, jurava que não dormia por ocasião da aparição. Um ou dois dias depois, há um jantar em casa do Senhor Montegout. Contou este último o fato aos seus convivas que se puseram a rir da Senhora Montegout. Mas o diretor da colônia declarou acreditar na realidade da aparição e, por conseguinte, na morte do deputado.

A discussão foi viva e terminou com a aposta de um jantar. Seis ou oito semanas mais tarde, chegou à colônia o número do Independente, de Bergerac, que noticiava haver o Senhor de La Mothe Pradelle, deputado da Dordogne, falecido na noite de 3 para 4 de Fevereiro de 1888 .

Tal a narrativa feita ao Senhor Henriquet pelo Sr. Montegout, narrativa confirmada, por outro lado, pela própria Sra. Montegout.

Este caso, não menos preciso e não menos seguro que os precedentes, foi extraído dos Anais de Ciências Psíquicas (1894, pág. 65) . Aqui está um outro, tirada da mesma publicação (1895, pág. 200), e cuja narrativa foi endereçada de Montélimar ao Doutor Dariex, pelo Sr. Riondel, advogado naquela cidade:

CLXIII - Tinha eu um irmão muito mais moço (morreu ele, aos 40 anos de idade, em 2 de Abril último) que era empregado das linhas telegráficas em Marselha, e agente da Companhia Messageries Maritimes .

Anemiado por um demasiado longo permanência nas colônias, meu pobre irmão contraíra as febres palustres, das

quais veio, alias, a sucumbir, sem que se pudesse prever um desfecho tão rápido e fulminante.

No domingo, 1 de Abril último, recebi carta dele, informando-me que seu estado de saúde era excelente. Na noite desse mesmo dia, isto é, de domingo para segunda-feira, fui subitamente despertado por um ruído insólito e violento, semelhante ao rolar de uma pedra sobre o assoalho do quarto apenas ocupado por mim e que é fechado à chave. Eram, ou antes, constatei que em meu relógio e em meu despertador eram 8 horas e um quarto. Inútil acrescentar que ao levantar-me procurei o objeto que me havia despertado, com um sentimento de terror de que não me pude livrar.

Às 8 horas da manhã, recebia de um intimo amigo de meu irmão, residente em um compartimento contíguo ao seu, no 2º andar do número 95, da rua da República, em Marselha, um telegrama informando-me de que meu irmão se achava gravemente enfermo, sendo-me necessário ir para junto dele pelo primeiro expresso.

Quando cheguei à casa de meu irmão, soube que ele falecera à noite, sem agonia, sem sofrimento, sem proferir uma única palavra.

Informei-me da hora exata da sua morte, com o amigo em cujos braços ele expirou. Fora precisamente às E horas menos um quarto, marcadas no relógio, que meu irmão rendera o espírito.

Outra casa não menos notável. O Senhor Ch. Beaugrand escrevia recentemente ao Doutor Dariex (36)

CLXIV. - M. G., oficial da Marinha Mercante, tem um irmão com o qual está em muito más relações . Chegaram mesmo a cortar por completo todas as relações . M . G . , que navega como imediato, regressa de Haiti ao Havre. No curso

da viagem, como ele adormecesse, uma noite, logo após a terminação do seu quarto, sente de súbito sua maca violentamente sacudida e ouve por duas vezes chamarem-no pelo seu prenome

- Emanuel! Emanuel!

Acorda em sobressalto, crendo, desde logo, tratar-se de uma brincadeira. Depois, mudando de parecer, recorda-se de que, a bordo, só o capitão conhece o seu prenome. Levanta-se, então, e vai procurar este último que lhe diz não o ter chamado, fazendo-lhe mesmo notar que não o designa jamais por seu prenome. O oficial volta para a sua maca, de novo adormece e ao cabo de alguns instantes a mesma audição se produz pela segunda vez, julgando ele reconhecer a voz de seu irmão. Então, senta-se no leito, decidido a não mais tornar a dormir. Pela terceira vez a mesma voz o chama. Levanta-se imediatamente e, para afastar esta obsessão, instala-se em sua mesa de trabalho, onde toma nota exatamente do dia e da hora em que se deu o fenômeno.

Alguns dias depois, chega o navio ao Havre. Um dos amigos do oficial, com o semblante consternado, sobe a bordo; avistando-o de longe, grita-lhe este:

- Não me digas nada! Sei o que me vens participar. Meu irmão faleceu em tal dia e há tal hora,!

Era rigorosamente exato. O irmão de M.G. morrera chamando-o e exprimindo seu pesar de não mais o tornar a ver.

M.G. é morto há muitos anos. Este fato me foi contado ultimamente, separadamente, - o que é uma garantia da veracidade da narração - por seus dois filhos. Um deles é um dos mais brilhantes advogadas do Foro do Havre; o outro tenente da Marinha, reformado. O que me contaram,

ouviram-no da própria boca de seu pai e o testemunho deles não poderia ser posto em dúvida.

Tais fenômenos de aparição à distância, no momento da morte, foram, há alguns anos, na Inglaterra, objeto de uma investigação independente, feita por sábios cômicos de que a negação jamais há servido, em coisa alguma, de prova.

O espírito científico do nosso século procura com razão libertar todos esses fatos dos nevoeiros enganadores do sobrenaturalismo, porquanto nada existe de sobrenatural, sendo que a Natureza, cujo reino é infinito, compreende tudo o que existe.

Organizou-se uma sociedade científica especialmente para o estudo desses fenômenos: a Society for Psychical Research ; tem ela à sua frente alguns dentre os mais ilustres sábios de além-Mancha e já tem fornecido importantes publicações. Rigorosas investigações foram feitas para controlar a autenticidade das suas provas. A sua variedade é considerável. Vamos um instante folhear o acervo dessas coleções e acrescentar ainda, aos documentos que precedem, outros não menos verdadeiros e alguns dos quais são talvez ainda mais notáveis. Em seguida, ocupamos em procurarlhes explicação.

Eis aqui alguns casos extraordinariamente curiosos, tomados à obra *Phantasms of the Living*, dos Srs. Gurney, Myers e Podmore, traduzida em francês pelo Senhor Marilier, sob o título de (*Alucinações Telepáticas*) .

O General Fytche, do Exército inglês, escreveu ., a 22 de Dezembro de 1883, a seguinte carta. ao Professor Sidgwick, diretor da Comissão Psíquica

CLXV . - Um incidente extraordinário, que em minha imaginação produziu impressão profunda, sucedeu-me em

Maulmain. Vi um fantasma, eu o vi com os meus próprios olhos, em plena luz do dia. Posso afirmá-los sob juramento. Vivera eu na mais estreita intimidade com um velho camarada de escola, que em seguida fora, meu amigo na Universidade; passaram-se anos, entretanto, sem que nós tornássemos a ver. Uma bela manhã, acabava eu de levantar-me e me vestia, quando, subitamente, o meu velho amigo entrou em meu quarto. Eu o acolhi calorosamente e o convidei para tomar uma taça de chá na varanda, prometendo-lhe que iria imediatamente para o seu lado. Vesti-me à pressa, dirigindo-me para a varanda, mas ninguém aí encontrou. Não podia crer em meus olhos. Perguntei à, sentinela postada em frente da casa, a qual respondeu não ter visto nenhum estranho essa manhã.

Declararam também os criados que ninguém entrara na casa. Eu estava certo de ter visto o meu amigo. Não pensava nele no momento e entretanto não fiquei surpreso ao vê-lo, porque chegavam constantemente vapores e outras embarcações a Maulmain.

Quinze dias depois vim a saber que ele morrera a seiscentas milhas dessa localidade, no mesmo instante, pouco mais ou menos, em que o vira em Mauimain.

CLXVI. - Em Odessa, a 17 de Janeiro de 1861, às 11 horas da noite, a Sra . Obalechef estava na cama, de perfeita saúde, e ainda não dormindo; ao lado dela, no chão, dormia sua empregada, outrora escrava. Ardia no quarto uma lâmpada, diante das santas imagens . Tendo ouvido seu filhinho chorar, pediu ela à criada para trazê-lo.

Levantando por acaso, disse ela, os olhos para a porta que tinha diante de mim, viram entrar lentamente meu cunhado, de chinelos e com um roupão de quadros com que

jamais o tinha visto. Aproximando-se da poltrona, sobre a qual se apoiou, passou por cima dos pés da criada, que se achava ali e docemente ai sentou na poltrona. Nesse instante o relógio bateu 11 horas. Bem certa de ver distintamente meu cunhado, dirigi-me à criada, fazendo a seguinte pergunta:

- Estás vendo Claudina?

Não citei, porém, o nome de meu cunhado. Lá de cima, o criado, tremendo de medo, respondeu-me imediatamente: - Vejo Nicolas Nilovitch! (O nome de meu cunhado.) A estas palavras, meu cunhado levantou-se de novo, passou por cima dos pés estendidos de Claudina e, voltando desapareceu por detrás da porta que conduzia ao salão.

A Senhora Obalechef acordou seu marido, que tomou uma vela e examinou todo o apartamento muito atentamente, sem nada encontrar de anormal. Teve então ela a convicção de que seu cunhado, residindo nessa época em Tver, acabava de morrer. Efetivamente acontecera isso exatamente a 17 de Janeiro de 1861, às 11 horas da noite.

Como confirmação da narrativa, temos o depoimento escrito da viúva do Senhor Nilovitch, certificando que as coisas se passaram como descrevemos, e que, além disso, o roupão descrito por sua irmã era idêntico ao que o Senhor Nilovitch mandara fazer alguns dias antes de seu falecimento e com o qual morreu .

CLXVII. - No mês de Setembro do ano de 1857, o Capitão Wheateroft, do 6º Regimento inglês dos Dragões da Guarda, partiu para as Índias, a fim de juntar-se ao corpo a que pertencia. Sua esposa ficou em Cambridge, na Inglaterra. Na noite de 14 para 15 de Novembro, pela madrugada, ela sonhou que via seu marido ansioso e doente,

depois do que imediatamente acordou com o espírito muito agitado. Fazia magnífico luar e, abrindo os olhos, viu de novo seu marido, de pé, ao lado de sua cama. Apareceu-lhe de uniforme, apertando o peito com as mãos; seus cabelos estavam em desordem e seu rosto pálido. Seus grandes olhos negros a contemplavam fixamente e sua boca estava contraída.

Ela o viu, com todas as particularidades de sua indumentária, tão distintamente como jamais o tinha visto durante toda a sua vida e lembra-se de haver notado, entre suas duas mãos, o branco da camisa, que, entretanto, não estava manchada de sangue. Seu corpo parecia inclinar-se para frente com um ar de sofrimento, fazendo ele esforço para falar; não se ouvia, porém, som algum. Durou cerca, de um minuto a aparição, depois, desvaneceu-se. A primeira idéia da Senhora Wheatcroft foi constatar que ela estava bem acordada. Limpou os olhos com o lenço. Estava em sua cama um pequenino, filho de seu sobrinho: inclinou-se sobre a criança adormecida e escutou sua respiração. Escusado acrescentar que ela não mais dormiu nessa noite.

No dia seguinte de manhã, contou tudo isso à sua mãe e exprimiu a convicção de que seu marido estava morto ou gravemente ferido, ainda que não tivesse visto mancha de sangue em suas vestes. Ficou de tal modo impressionada com esta aparição que recusou, a partir desse momento, todos os convites que lhe faziam. Uma jovem amiga quis obrigá-la, algum tempo depois, a ir com ela assistir a um concerto, fazendo-lhe ver que recebera de Malta, enviada por seu marido, uma belíssima toailete que ainda não tinha usado. Ela recusou de um modo absoluto, declarando que, não tendo plena certeza de que não era viúva ainda, deixaria de

freqüentar qualquer lugar de diversões até que recebesse cartas de seu marido de uma data posterior a 14 de Novembro.

No mês de Dezembro seguinte foi publicado em Londres o telegrama que dava a noticia da morte do capitão. Informava que o mesmo fora morto diante de Luknow, a 15 de Novembro.

Esta noticia, dada por um jornal de Londres, chamou a atenção de um solicitador, o Sr. Wilkinson, que estava encarregado dos negócios do capitão. Tendo-lhe a Sra. Wheatcroft afirmado que a aparição se realizara a 14 e não a 15, fez ele indagações no Ministério da Guerra, que confirmaram a data de 15. Mas, no mês de Março seguinte, um dos colegas do capitão, chegado a Londres, explicou mais detalhadamente os fatos, provando que o capitão fora morto ao seu lado; não a 15, mas a 14, à tarde, e que a cruz levantada em seu tumulo trazia bem nítida a data de 14.

Assim, dera esta aparição à data da morte com maior precisão do que a dos documentos oficiais os quais foram em seguida retificados.

CLXVIII - Começava eu a cear, à noite do domingo de Páscoa de 1874, sentindo-me muito fatigado do trabalho do dia, quando vi a porta se abrir atrás de mim. Estava eu de costas para a porta, mas podia vê-la por cima do ombro. Pode ser também que tenha escutado o cuido que ela fez ao abrir-se, mas não me seria possível precisar esse ponto. Voltei-me a meio, exatamente a tempo de ver a forma de um homem, de talhe elevado, arrojarse no quarto para atacar-me. Levantei-me instantaneamente, voltando-me, e atirei meu copo, que trazia à mão, na direção em que vira a figura; esta, porém, desaparecera enquanto me levantava, e tão

rapidamente que não tive tempo de deter o movimento iniciado. Compreendi então que vira uma aparição e pensei tratar-se de um de meus tios, que eu sabia achar-se seriamente enfermo, tanto mais que o talhe da personagem lembrava o de meu tio .

Um amigo meu, o Senhor Adcock, entrando na ocasião, achou-me muito enervado devido ao incidente. Contei-lhe o que sucedera . No dia seguinte chegou-me um telegrama participando que meu tio morreria naquele domingo. Meu pai foi chamado para junto do leito mortuário, no domingo à noite, quando estava a cear, e a morte deve ter coincidido com a aparição.

Ver. R. Marhkham Hill
Lincoln

Esta narrativa. foi confirmada no inquérito, pelo seguinte depoimento:

Fui visitar, na noite da Páscoa, o meu amigo, Reverendo Marhkham Hill, e o encontrei muito abatido, sentado em uma poltrona . Disse-me ele, antes que eu pudesse interrogá-lo, que tinha visto o vulto de seu tio, de pé, em sua frente, contra a parede, por detrás de um piano; que lançara mão de um copo de sobre a mesa e o arrojara contra esse vulto, tendo o mesmo nessa ocasião desaparecido. Não foi senão ao dia seguinte ou dois dias depois que me mostrou ele uma carta recebida gela manhã, que lhe informava da morte de seu tio, ocorrida no mesmo da aparição.

Rev. H. Adcock

CLXIX. - Pelo mês de Março de 1875, sucedeu-me, em Gibraltar, a aventura cujos detalhes a seguir menciono.

Refestelado em minha sala de visitas, por uma luminosa tarde ensolarada, eu lia um capítulo das Miscelâneas, de Kingsley, quando, de súbito, tive a sensação de que alguém esperava para falar-me. Levantei os olhos do livro e vi um homem que se mantinha de pé, ao lado de uma poltrona, a seis pés distante de mim. Olhava-me ele muito atentamente. A expressão de seus olhos era extraordinariamente grave, mas, quando me adiantei para falar-lhe, desapareceu.

A sala tinha cerca de dezoito pés de comprimento e, em sua extremidade oposta, eu via nosso criado Pearson que mantinha a porta aberta, como se houvesse introduzido uma visita. Perguntei-lhe se havia chegado alguém. Respondeu-me: Ninguém, senhora, e retirou-se.

Pus-me a refletir sobre esta visão. Conhecia perfeitamente aquele vulto, mas não podia dizer quem era. Seu traje intrigara-me : era exatamente igual a um terno que meu marido havia dado no ano precedente, a um criado de nome Ramsay. Era este homem um antigo soldado que eu encontrara quase à morte em Inverness e que, após ter deixado a enfermaria, entrara para o nosso serviço. Começou a portar-se mal e fui forçada a despedi-lo antes de nossa partida para Gibraltar (Fevereiro de 1875) . Como tivesse arranjado um lugar de copeiro no Inverness-Clube, não tinha eu razão de inquietar-me com ele; estava crente de que passava bem, conduzia-se bem e de que, aproveitando da experiência adquirida, saberia conservar sua nova situação.

Quando meu marido entrou, contei-lhe o que tinha visto; contei-o também à esposa do seu coronel comandante (presentemente Senhora Laffan) ; não tomei nota, porém, da data. Mas, no mínimo tempo que é preciso, creio, para que uma carta venha de Inverness, recebeu meu marido, de seu

antigo sargento, a noticia da morte de Ramsay. Nenhum detalhe se continha na carta. Meu marido respondeu que recebera com pesar a noticia que lhe era dada e que estimaria conhecer alguns detalhes sobre a doença e a morte do mesmo. Eis 4 que lhe foi respondido: Ramsay morreu no hospital, em delírio e chamando sem cessar a Senhora Bolland.

Devo acrescentar que meu estado de saúde fora mal durante alguns anos, mas, no momento da aparição, achava-me mais forte que nunca, convindo-me tanto o clima quente, que eu sentia em mim uma força que me encantava e que o simples prazer de viver, fazia-me da vida uma delicia.

KATE E. BOLLAND
Southampton

O seguinte relato é extraído de Church Quaterly Review (Abril de 1877)

CXX. - Na casa em que estas paginas foram escritas, uma larga janela, que ao Norte domina, aclara vivamente a escada e a entrada da sala principal, situada ao fundo de uma passagem que atravessa longitudinalmente a casa. Uma tarde, em pleno inverno, quem escreve estas linhas deixou seu gabinete que dá para essa passagem, para ir almoçar.

O dia estava brumoso, mas, conquanto não houvesse vapores muito densos, a porta do fim da passagem parecia coberta por um nevoeiro. À proporção que avançava, este nevoeiro - para chamá-lo assim - foi se concentrando em um só lugar, adensando-se e apresentou por fim o contorno de uma figura humana, cujas cabeças e espáduas se tornaram cada vez mais distintamente visíveis, só mesmo tempo que o resto do corpo parecia envolto em uma larga vestimenta de

gaze semelhante a um manto, com muitas dobras, que tocava o solo de maneira a esconder os pés. O manto repousava sobre o lagedo e o conjunto da figura afetava uma forma piramidal.

A luz da janela dava em cheio no mencionado conjunto, de natureza tão pouco consistente que a luz, refletindo-se sobre as almofadas de uma porta envernizada, era visível através da parte inferior do vestuário. A aparição não tinha cor, parecia uma estátua talhada no nevoeiro. O autor desta narrativa ficou de tal modo impressionado, que não sabe se moveu ou permaneceu imóvel. Estava mais admirado do que aterrorizado; entretanto, a sua primeira idéia foi a de que assistia a um efeito de luz e de sombra desconhecido. Não pensava em nada de sobrenatural, mas percebeu, olhando bem, que a cabeça voltava-se para ele, e então reconheceu os traços de um amigo muito caro: o semblante tinha uma expressão de paz, de repouso e de santidade; o ar de doçura e de bondade, que ele possuía na vida cotidiana, se amplificara ainda mais, concentrando-se como em um derradeiro olhar de profunda ternura. (E este sentimento, quem escreve estas linhas o tem experimentado depois, sempre que lhe volta à lembrança aquela visão.)

Em seguida tudo desapareceu num instante. Não se podia comparar a maneira pela qual tudo se desfez senão à de um jacto de vapor que se dissipa ao contacto do ar frio.

O correio, dois dias depois, trouxe-lhe a noticia de haver seu amigo deixado tranqüilamente este mundo, no mesmo instante em que o tinha visto. Cumpre acrescentar que se tratava de uma morte súbita, que a testemunha não ouvira falar, a várias semanas, de seu amigo e que de modo algum pensara nele no dia de sua morte.

A Senhora Allom residente em Batoum Gardens, 18, no West Kensington Park em Londres, escreve:

CLXXI. - Não vejo razão alguma para que deixe de contar como me apareceu minha mãe no momento de sua morte, ainda que seja esse um caso de que tenho falado raramente, porque se trata de um acontecimento que reputo sagrado e porque não desejaria que pusessem em dúvida a minha narrativa, ou que se prestasse ela a zombarias.

Entrei para uma escola, na Alsácia, no mês de Outubro de 1852; contava eu então 17 anos. Minha mãe ficou em Inglaterra; seu estado de saúde era delicado. Pelo Natal de 1853, catorze meses depois de minha partida de casa, soube que o estado de minha mãe havia piorado, mas eu não desconfiava que sua vida estivesse em perigo. No último domingo de Fevereiro de 1854, entre 1 e 2 horas da tarde, achava-me assentada, na escola, muito ocupada com os estudos. Eu lia, quando, subitamente, o vulto de minha mãe me apareceu no ponto mais afastado do quarto. Estava inclinada para trás, como deitada em seu leito e usava idos camisola de dormir. Seu rosto, sorrindo com doçura, estava para mim voltado e uma de suas mãos erguida para o céu.

A aparição passou lentamente através do quarto; foi pouco a pouco se elevando, à proporção que caminhava, até o instante em que desapareceu. O corpo e o rosto pareciam devastados pela doença, e jamais vi minha mãe assim durante sua vida; seus traços estavam velados por uma palidez mortal.

Desde o momento em que vi a aparição, convenci-me de que minha mãe estava morta. Achava-me de tal modo impressionada que me era impossível prestar atenção aos meus estudos, e era para mim um verdadeiro desgosto ver

minha irmã mais moça brincar e divertir-se com suas companheiras .

Dois ou três dias mais tarde, após as preces, minha professora chamou-me em seu quarto. Assim que aí entramos, eu lhe disse:

- Não tendes necessidade de dizer-me: eu sei que minha mãe é morta.

Ela me perguntou como eu pudera sabê-lo. Não lhe dei explicação alguma, mas lhe afirmei que o sabia já há três dias. Soube, mais tarde, que minha mãe falecera no domingo, d mesma hora em que a tinha visto, e que ela permanecera sem conhecimento durante um ou dois dias.

Não sou uma mulher de imaginação, não sou impressionável, e nem antes, nem depois, me aconteceu qualquer coisa semelhante.

IRABELLE ALLOM

O Capitão G. T. Roseli Colt, de Gartsherrie, Coatbridge, envia-me a seguinte narração

CLXXII. - Eu tinha um irmão que me era muito caro, meu irmão mais velho Olivier, 2.º tenente no 7º Regimento Real de Fuzileiros , Achava-se ele, nessa época, diante de Sebastopol. Entretinha eu correspondência constante com ele. Um dia, escreveu-me em um instante de abatimento, mostrando-se indisposto; respondi-lhe, concitando-o a recobrar sua coragem, mas que, se qualquer coisa o contrariava, devia trazê-lo ao meu conhecimento, aparecendo-me no quarto em que, ainda rapazes, estivemos tantas vezes sentados, à noite, fumando e tagarelando às escondidas.

Meu irmão recebeu esta carta (eu o soube mais tarde) na ocasião em que safa par ir receber a santa comunhão: assim me contou o clérigo que lha deu. Depois de haver comungado, dirigiu se às trincheiras. Não voltou mais. Algumas horas mais tarde, começou o assalto ao Entrincheiramento. Quando o capitão de sua Companhia foi posto fora de combate, meu irmão tomou o seu lugar e conduziu bravamente seus soldados. Ainda que já houvesse recebido vários ferimentos, fazia ele os seus soldados escalarem as muralhas, quando foi ferido por uma bala na fonte direita. Caiu entre as pilhas de outros soldados; foi encontrado como que na postura de quem está ajoelhado (sustido assim por outros cadáveres), trinta e seis horas mais tarde.

Deu-se a sua morte, ou antes, ele tombou, talvez sem ! morrer imediatamente, a 8 de Setembro de 1855.

Nessa mesma noite, levantei-me de um salto. Avistei diante da janela, perto de minha cama, meu irmão, de joelhos, circundado de tênue nevoeiro fosforescente. Procurei falar, mas não o pude conseguir. Escondi minha cabeça nas cobertas. Contudo, eu não estava com medo (fomos todos educados de forma a não acreditar nos Espíritos nem nas aparições) , mas queria simplesmente concatenar minhas idéias, pois que não havia pensado nele, nem sonhado com ele e esquecera o que lhe havia escrito quinze dias antes dessa noite . Disse eu, de mim para mim, que não podia ser s tirais que uma ilusão, um reflexo do luar sobre um guardanapo ou sobre qualquer outro objeto.

Alguns instantes depois, olhei de novo, ele ainda lá estava, fixando em mim um olhar penetrado de profunda tristeza. Esforcei-me ainda uma vez para falar-lhe, mas a

minha língua estava como que presa; não pude pronunciar sequer uma palavra.

Saltei da cama, olhei pela janela e verifiquei não haver luar: a noite estava negra e chovia a cântaros, a julgar pelo barulho que fazia nas vidraças. O pobre Olivier lá continuava sempre. Então me aproximei, caminhei através da aparição e cheguei à porta do quarto. Voltando o rosto antes de sair, olhei ainda uma vez para trás. A aparição virou lentamente a cabeça para mim e lançou-me ainda um olhar cheio de angústia e de amor. Pela primeira vez observei, então, na fonte direita uma ferida de onde corria um fiozinho vermelho. O rosto apresentava uma cor pálida como cera, mas transparente.

Deixei o quarto e dirigi-me ao de um amigo onde me estendi sobre o sofá, aí ficando o resto da noite; disse-lhe porque tinha vindo para junto dele.

Também falei a respeito da aparição a outras pessoas da casa, mas, quando contei isso a meu pai, ordenou-me este que não repetisse tal disparate e sobretudo que nada dissesse a minha mãe.

Na segunda-feira seguinte, recebeu ele uma nota de Sir Alexandre Milne, comunicando que o Entrincheiramento havia sido tomado de assalto, mas sem lhe dar detalhes. Pedi a meu amigo avisar-me caso visse antes de mim o nome de meu irmão entre os mortos ou feridos. Cerca de uma quinzena mais tarde, ele me veio contar o que ocorrera.

O coronel do Regimento e um ou dois oficiais que tinham visto o cadáver, referiram-me que o aspecto do corpo era exatamente o que eu havia descrito. O ferimento estava bem na região em que eu o tinha visto. Mas ninguém pôde dizer se ele morrera realmente no mesmo instante. Sua

aparição, neste caso, devia ter sido algumas horas depois de sua morte, porquanto eu o tinha visto um pouco depois das 2 horas da manhã. Alguns meses mais tarde, enviaram-me um pequeno livro de preces e a carta que eu lhe havia escrito. Foram esses dois objetos encontrados no bolso interior da túnica que ele trazia no momento de sua morte; conservo-os ainda comigo.

CLXXIII. - Na tarde de 14 de Novembro de 1867, assistia com meu marido a um concerto em Birmingham, Town Hall, quando senti um arrepio de frio. Quase no mesmo instante, vi muito distintamente, entre mim e a orquestra, meu tio, deitado em sua cama: parecia chamar-me. Não ouvira falar a seu respeito a muitos meses e nenhuma razão tinha de pensar que estivesse doente. A aparição não era nem transparente nem vaporosa, mas parecia tratar-se de um corpo verdadeiro; não obstante, eu podia ver a orquestra, não através desse corpo, mas por trás dele. Não procurei volver em torno os olhos para ver se a forma mudava, com eles, de lugar, mas fixei-a, como fascinada por ela, a tal ponto que meu marido me perguntou o que tinha. Respondi-lhe pedindo não me falar durante um minuto ou dois. Pouco a pouco a visão desapareceu e, depois do concerto, disse a meu marido o que tinha visto .

Pouco tempo depois, chegava-nos uma carta anunciando a morte de meu tio, verificada exatamente a hora da visão.

E. T. TAUNTON (38)

O Rev. T. Barker, antigo pároco de Cottenthan, em Cambridge, subscreve a seguinte narração:

CLXXIV . - A 6 de Dezembro de 1873, acabava eu de deitar-me cerca de 11 horas da noite, e não estava ainda

dormindo nem mesmo adormecido, quando vi minha mulher estremecer por haver eu dado um profundo gemido. Perguntando-me a razão disso, respondi-lhe:

- Acabo de ver minha tia; ela veio, postou-se ao meu lado e sorriu, com o seu bom e familiar sorriso, depois desapareceu.

Estava, nessa época, na ilha da Madeira, por motivo de saúde, uma tia a quem eu amava terreamente, irmã de minha mãe; sua sobrinha, minha prima, estavam com ela. Não tinha nenhuma razão para supor que ela estivesse, no momento, seriamente enferma; porém fora de tal modo profunda a impressão em mim deixada, que no dia seguinte disse a sua família (nesta compreendida minha mãe) o que tinha visto. Uma semana depois soubemos que ela morrera nessa mesma noite e, tendo em conta a diferença de longitude, gecase no momento em que a visão me aparecera.

Quando. minha prima, que permaneceu ao seu lado até o fim, ouviu falar do que eu vira, disse:

- Isso não me surpreende, porquanto ela vos chamava continuamente durante sua agonia.

Foi a única vez que experimentei qualquer coisa de semelhante.

FREDERICO BARKER

A data da morte é confirmada pelo necrológio do Times. A Senhora Barker confirmou, de sua parte, esse relato, nos seguintes termos:

Lembro-me bem dos fatos a propósito dos quais meu marido vos escreveu. Devia ser perto de 11 horas. Não tinha ainda meu esposo dormido pois acabava de falar quando se

pés a gemer profundamente. Perguntei-lhe o que tinha; disse-me então que sua tia, que estava na Madeira, acabava de aparecer-lhe, sorrindo-lhe com aquele seu bom sorriso, depois desaparecera. Disse-me também que tinha ela qualquer coisa de negro na cabeça, semelhante a uma renda. No dia seguinte ele repetiu sua narrativa a diversos de nossos parentes e aconteceu que sua tia morrera nessa mesma noite. Sua sobrinha, Srta. Garnett, disse-me que não se admirava de saber que meu marido vira sua tia, porquanto ela o havia chamado diversas vezes durante sua agonia. Ele fora quase um filho para ela .

A Srta. Garnett, que estava ao pé de sua tia, no momento da morte, confirmou as duas narrativas precedentes.

CLXXV. - Eis o relato da morte de nossa cara netinha, ocorrida em 17 de Maio de 1879. Devo dizer, antes de tudo, que o acontecimento está tão presente ao meu espírito como se tivesse ocorrido há apenas alguns dias.

Era uma risonha manhã e creio que o Sol tinha mais brilho do que em qualquer outra ocasião. Contava a criança quatro anos e cinco meses e era uma encantadora netinha.

Alguns minutos depois das 11 horas, ela entrou, correndo, na cozinha e me disse

- Mãe, posso ir brincar?

- Sim

- respondi.

Então ela saiu . Pouco depois de lhe haver falado, fui buscar um cântaro de água no quarto de dormir. Ao atravessar o corredor, a criança passou diante de mim como uma sombra luminosa. Estaquei de chofre, para observá-la, voltei à cabeça à direita e a vi desaparecer. Um instante

depois, o irmão de meu marido, que morava conosco, chamou-me gritando:

- Fanny acaba de ser esmagada!

Atravessei a casa como uma flecha, depois a estrada, onde a encontrei. Tinha sido atirada ao solo pelas patas de um cavalo, e a roda de um carro de padeiro esmagara-lhe o crânio perto da nuca. Dentro de alguns minutos expirou em meus braços . Foi exatamente assim que se verificou esse triste acidente .

ANNE E. WRIGHT. (39)

CLXXVI. - Minha mulher tinha um tio, capitão da Marinha Mercante, que a queria muito bem, quando ela era, criança, e muitas vezes, quando ele estava em casa, em Londres, fazia-a sentar em seus joelhos e acariciava-lhe o cabelo. Ela partiu com seus pais para Sidnei, e seu tio continuou em sua profissão por outras partes do mundo .

Cerca de três ou quatro anos mais tarde, estando em seu quarto a vestir-se para o jantar, desmanchara seus cabelos . De repente sentiu uma mão pousar sobre o alto de sua cabeça e acariciar rapidamente seus cabelos até as suas espáduas. Aterrada, ela voltou-se e gritou:

- Oh. mãe! porque me meter medo assim? - pois estava crente de que sua mãe quisera pregar uma peça. Não havia ninguém no quarto.

Quando ela contou, à mesa, o incidente, um amigo supersticioso aconselhou-a a tomar nota do dia e da hora. Assim se fez. Pouco mais tarde chegou a notícia de que seu tio William morrera nesse dia. Se se levar em conta à

diferença de longitude, foi, pouco mais ou menos, essa a hora em que ela sentiu a mão pousar em sua cabeça.

J.CHANTREY HARRIS
Proprietário do New Zealand
(Nova Islândia)

Eis o relato da própria Senhora Barris:

Corria o mês de Abril de 186Q . Eu era, há esse tempo, ainda jovem. De pé, diante do toucador, em meu quarto de dormir, compunha um detalhe qualquer de minha toalete.

Podiam ser 6 horas da tarde e, nessa época do ano, já era o crepúsculo, quando, de repente, senti uma mão pousar sobre a minha cabeça, descer ao longo dos meus cabelos e apoiar-se pesadamente sobre minha espádua esquerda. Aterrada com essa carícia inesperada, voltou-me vivamente para exprobrar à minha mãe o haver entrado sem ruído, mas, com a maior surpresa, não vi ninguém. No mesmo instante veio-me à idéia a Inglaterra, para onde partira meu pai no mês de Janeiro precedente e disse a mim mesma que sucedera alguma coisa, ainda que me fosse impossível defini-lo.

Desci e manifestei meus receios à minha família. No serão dessa noite, a Senhora e a Srta. W. estiveram em nossa casa e, como procurassem saber das causas da minha palidez, puseram-nas ao corrente do que se passara. Disse-me a Sra. W. imediatamente

- Tomai nota da data e aguardemos os acontecimentos.

Assim se fez e o incidente cessou de perturbar-nós, ainda que toda a família esperasse com certa inquietação a primeira carta de meu pai. A sua chegada à Inglaterra, encontrara seu irmão agonizante. Em sua infância era-lhe eu

a preferida e, por ocasião de sua morte, meu nome foi à última palavra que pronunciou.

CLXXVII. - Uma segunda-feira à noite, em meados de Agosto de 1849, fui, como o fazia freqüentemente, passar o verão com o Rev. Harrison e sua família, com a qual mantinha as mais íntimas relações . Como estivesse o tempo magnífico, fomos todos dar um passeio no jardim zoológico. Assinalo isso muito particularmente porque serve para provar que Harrison e sua família estavam incontestavelmente de boa saúde nesse dia, e que ninguém desconfiava do que ia suceder.

No dia seguinte fui visitar uns parentes em Hartfordshire. Residiam em uma casa chamada Flamatead Lodge, a vinte e seis milhas de Londres, a margem da estrada geral. Jantávamos habitualmente às 2 horas, e, na segunda-feira, logo depois do jantar, deixei dessa hora em diante as senhoras no salão e desci, passando a cerca, até a estrada geral. Notai bem que estávamos a meio de um belo dia de sol do mês de Agosto, em uma larga estrada por onde passava muita gente, a cem metros de uma estalagem. Eu mesmo me achava bem disposto, cheio de juventude e de vida e nada havia, em torno de mim, que pudesse fazer minha imaginação divagar. As pequenas distâncias estavam alguns camponeses. De repente um fantasma ai ergueu diante de mim, tão perto que, se fosse um ser humano, ter-me-ia tocado, impedindo-me, por um instante, de ver a paisagem e os objetos que se achavam em torno de mim.

Não distingui completamente os contornos do fantasma, mas vi os seus lábios moverem-se, murmurando qualquer coisa; seus olhos lhe fixavam e mergulhavam nos meus com uma expressão tão intensa, tão severa, que recuei hesitante.

Instintivamente e provavelmente em alta voz, disse eu : Justo Deus, é Harrisson!, ainda que eu absolutamente não pensasse nele nesse momento. Depois de vários segundos, que me pareceram uma eternidade, o espectro desapareceu: fiquei pregado naquele lugar durante alguns instantes, e a estranha sensação que experimentei faz que eu não possa duvidar da realidade da visão. Sentia o sangue gelar-se-me nas veias; calmos permaneciam meus nervos, mas experimentava uma sensação de frio mortal, que durou cerca de uma hora e que só me deixou pouco a pouco, à medida que a circulação se restabeleceu.

Jamais experimentei semelhante sensação, nem antes nem depois. Ao regressar para casa, nada disse, sobre o ocorrido, às senhoras, para não amedrontá-las e a desagradável impressão foi perdendo gradualmente sua intensidade.

Disse eu que a casa estava perto da estrada geral: situada no meio da propriedade, ao longo de um caminho que conduz à aldeia, a 200 ou 300 metros de qualquer outra casa, tinha ela uma grade de ferro de sete pés de altura diante da fachada para protegê-la contra os ladrões; fechavam-se sempre as portas ao cair da noite; uma aléia de trinta pés de comprimento, toda ensaibrada ou calçada, levava da porta de entrada ao atalho. Nesse dia, a noite estava bela,, muito pura e muito tranqüila. Ninguém teria podido aproximar-se da casa, no profundo silencio de uma noite de verão, sem de longe ser pressentido. Além disso, havia um grande cão de guarda à porta da entrada e, no interior da casa, um pequeno terrier que latia contra todo o mundo e ao menor barulho . Íamo-nos retirar para nossos quartos, achando-nos sentados na sala de visitas do rés do chão e tínhamos conosco o

pequeno terrier. Os criados tinham ido deitar-se em um quarto dos fundos, a sessenta pés de distancia.

Subitamente produziu-se, à porta da entrada, um rumor tão grande e tão repetido (a porta parecia agitar-se em sua estrutura e vibrar sob golpes formidáveis) que nos pusemos de pé em um instante, cheio de espanto, e os criados chegaram, seminus, descendo a correr de seus quartos para saber o que se passava.

Corremos a porta, mas não vimos e nem ouvimos nada. O terrier, contrariamente aos seus hábitos, escondeu-se, tremendo, sob o canapé (40) e não quis nem ficar na porta nem sair para a obscuridade. A porta não tinha aldrava, nada que pudesse cair, e seria impossível a quem quer que fosse, aproximar-se da casa ou deixá-la, em meio daquele grande silêncio, sem ser ouvido. Todos estavam aterrados e foi a muito custo que consegui fazer com que nossos hóspedes e nossos criados voltassem a deitar-se.

Eu era tão pouco impressionável que não relacionei esse fato à aparição do fantasma que vira à tarde e fui igualmente deitar-me, meditando sobre tudo isso e procurando a explicação.

Permaneci no campo até quarta-feira pela manhã, sem desconfiar do que pudesse ter acontecido durante a minha ausência. Nessa manhã, regresssei à cidade e me dirigi aos meus escritórios, em King's Road, 11, Gray's Inn. Meu empregado veio ao meu encontro e disse-me:

- Senhor, um cavalheiro já veio aqui duas ou três vezes; ele deseja ver-vos imediatamente.

Esse visitante era um Senhor Chadwick, amigo intimo da família Harrison. Disse-me ele então, com grande surpresa da minha parte:

- Houve uma terrível epidemia de cólera em Wandsworth Road; em casa do Senhor Harrison todos sucumbiram. A Senhora Rosco, sexta-feira, caiu doente e morreu; na mesma noite sua criada enfermou e morreu; A Senhora Harrison foi atingida no sábado de manhã e morreu. A criada de quarto caiu enferma no domingo e morreu. A cozinheira também foi acometida do mal; foi tirada para fora de casa e faltou pouco para que também não morresse. O pobre Reverendo foi acometido, domingo à noite; esteve muito mau segunda-feira e ontem; transportaram-no do lazareto de Wandsworth Road para Tack Straw's Castle, em Hampstead, a fim de mudar de ares. Implorou ele, aos que o rodeavam, na segunda-feira e ontem, a graça de vos mandarem chamar, mas ninguém sabia onde estáveis. Tomemos depressa um cabriolé e vinde comigo; do contrário não o tornareis a encontrar com vida .

Parti no mesmo instante com Chadwick; mas Harrison morrera antes que fôssemos chegados.

H . B . GAXR.INc Westbourne Gardens, 12, Folkstone .

Este caso é seguramente um dos mais notáveis, dos mais dramáticos e dos mais extraordinários, notadamente no que concerne à impressão produzida sobre várias pessoas e mesmo, sobre animais. Ao tratarmos da discussão geral das causas, voltaremos a falar deste caso. Eis aqui três outros, não menos curioso de sensações coletivas .

CLXXVIII. - Na noite de 24 de Agosto de 1869, entre 8 e 9 horas, estava eu sentada em meu quarto, na casa de minha mãe, em Devonport . Meu sobrinho, um rapaz de 7 anos, estava deitada no compartimento vizinho; fiquei surpresa de vê-lo entrar, de repente, correndo, em meu quarto; ele gritava com voz aterrada

- Oh! titia, acabo de ver meu pai dar voltas em torno de minha cama!

Respondi-lhe

- Que tolice! provavelmente sonhaste.

Ele replicou que absolutamente não sonhara e recusou-se a voltar para o seu quarto. Vendo que não podia persuadi-lo a isso, coloquei-o em minha cama. Entre 10 e 11 horas deitei-me. Cerca de uma hora depois, vi distintamente, do lado do fogão, a forma de meu irmão sentado em uma cadeira e o que me chamou particularmente a atenção foi à palidez mortal do seu rosto. Meu sobrinho, nesse instante, dormia a sono solto. Fiquei tão aterrada (meu irmão estava em Hong-Kong) que ocultei a cabeça nas cobertas. Pouco depois, ouvi nitidamente sua voz chamar-me por meu nome, o qual foi por três vezes repetido. Decidi-me então a olhar, mas ele havia desaparecido.

No dia seguinte, de manhã, contei à minha mãe e à minha irmã o que sucedera, e tomei nota do fato.

O correio seguinte, da China, trouxe-nos a triste notícia da morte de meu irmão; ela ocorrera a 21 de Agosto de 1869, no porto de Hong-Kong, subitamente, em consequência de insolação.

MINNIE COX

Sumer Hiel, Queenstown (Irlanda)

CLXXIX – Um amigo meu, oficial do Corpo de Highlanders, fora gravemente ferido no joelho, na batalha de Tel-el-Kebir. Sua mãe era uma de minhas grandes amigas, e quando o navio-hospital Cartago o transportou para Malta, enviou-me ela a bordo para vê-lo e tomar as disposições necessárias para o desembarque. Quando cheguei a bordo,

disseram-me que era ele um dos doentes em estado grave, sendo de tal ordem os seus ferimentos, que se considerava perigoso transportá-lo para o hospital militar. Depois de muitas instancia, obtivemos, sua mãe e eu, permissão para ir visitá-lo e para o tratar. O pobre amigo estava tão mal, que os médicos eram de opinião que ele morreria se fosse tentada uma operação e eles não queriam amputar-lhe a perna, operação que era a única esperança de salvamento. Sua perna gangrenava-se; certas partes destacavam-se e, como ele permanecesse, ora melhor, ora pior, começaram os médicos a pensar que talvez recobrasse um certo grau de saúde, ainda que tivesse que ficar coxo para o resto da vida e provavelmente morrer de consumpção.

Na noite de 4 de Janeiro de 1886, não se podendo prever nenhuma mudança brusca em seu estado, levou-me sua mãe a casa para que tivesse eu uma noite de repouso, pois achava muito abatida e não dispunha de bastante saúde para suportar tão longas fadigas caiu o enfermo, durante algumas horas, em uma espécie de letargia, e o médico havia dito que, achando-se ele sob a ação da morfina, dormiria provavelmente até a manhã do dia seguinte. Consenti em ir, propondo-me voltar ao romper do dia, a fim de que me pudesse ele achar ao seu lado quando despertasse.

Pelas 3 horas da manhã meu filho mais velho, que dormia em meu quarto, chamou-me gritando

- Mamãe, mamãe, eis ali o Sr. B.

Levantei-me precipitadamente : era absolutamente verdadeiro; a forma do Sr. B. flutuava no quarto, a meio pé sobre o assoalho (O,m15) e depois desapareceu através da janela, sorrindo-me. Estava em traje de noite; mas, coisa estranha, o pé doente, cujos artelhos haviam caído em

conseqüência da gangrena, estava, nesta aparição, exatamente como o outro pé. Tanto eu como meu filho, o notamos ao mesmo tempo.

Cerca de meia hora depois, veio um homem dizer-me que o Sr. B. morrera às 3 horas. Fui à casa de sua mãe e esta me deu informações a respeito do ocorrido. Disse-me que havia ele recuperado uma semi-consciência no momento da morte, que sentia a , minha mão na sua e que a apertava, ao mesmo tempo em que a da ordenança. que permanecera junto dele até o último instante. Jamais pude perdoar-me o ter ficado em minha casa nessa noite.

EUGENIA WICKHAM

O Senhor Wickham filha, que contava nove anos por ocasião da ocorrência, assinou a declaração seguinte:

Lembro-me bem que as coisas se passaram como ficou acima descrito. – Edmond Wickham.

O marido da Senhora Wickham tenente-coronel de Artilharia, escreveu certificando a exatidão da narrativa. Finalizaremos estas observações- telepáticas pela seguinte, que teve igualmente duas testemunhas (41)

CLXXX . - Durante o inverno de 1850-1851, eu, Charles Matthews, então com a idade de 25 anos, era mordomo em casa do General Morse, em Troston Hall, perto de Bury Saint-Edmunds. Minha mãe, Mary Anne Matthews, estava na mesma casa como cozinheira e despenseira; era uma mulher muito honesta e muito conscienciosa, querida de todos os domésticos, exceto da camareira, chamada Susana. Esta Susana tornava-se desagradável a todos por causa dos

seus mexericos, e das suas maldades; ela, porém, receava muito minha mãe, cuja firmeza de caráter se lhe impusera.

Susana teve a icterícia; no começo trataram-na durante alguns meses em Troston Hall, mas finalmente foi ela transportada para o hospital de Bury Saint-Edmunds, a expensas do General Morse e colocada no dormitório reservado aos domésticos. Aí morreu, uma semana após a sua admissão. O general enviava uma aldeã ao hospital, que ficava sete milhas distante, para informar-se do que ali ocorria, todas as vezes que a diligencia não ia a Bury Saint-Edmunds.

Um certo sábado a mulher para lá foi e só regressou domingo à noite; declarou então que encontrara Susana inconsciente e, como o seu fim se aproximasse, havia-lhe permitido ficar no dormitório até o desenlace da enferma.

Durante essa noite de sábado, produziram-se os fatos misteriosos que vou narrar, e que sempre me intrigaram. Estava eu dormindo. De repente fui despertado com ou por um súbito sentimento de terror. Olhei na obscuridade, mas não vi coisa alguma; senti-me presa de um terror anormal e ocultei-me debaixo das cobertas. A porta de meu quarto dava para um corredor estreito, que conduzia ao quarto de minha mãe, e todos que passavam quase tocava a minha porta. Não pude mais dormir, toda à noite. Pela manhã, encontrei minha mãe e notei que ela parecia doente, pálida e singularmente transtornada. Perguntei-lhe:

- Que é que tens, então ? Ela respondeu:

- Nada; não me perguntes nada.

Passaram-se uma ou duas horas, e eu bem via que ali havia qualquer coisa de extraordinário. Decidi-me a saber o

que era. De seu lado, minha mãe não queria falar. Afinal, perguntei

- Dar-se-á o caso que isso tenha relação com Susana,? Ela caiu em prantos e replicou:

- Porque esta pergunta?

Então lhe dei parte do meu terror noturno, e por sua vez ela me contou a horrível história que se segue

- Fui despertada pelo rumor que fez ao abrir-se a porta do meu quarto a vi, com o mais vivo terror, Susana, entrar em traje de dormir.

Veio direta a minha cama, levantou as cobertas e deitou ao meu lado. Senti um frio glacial correr ao longo do meu corpo, do lado em que ela parecia tocas-me. Verdadeiramente assombrada, é provável que eu tenha perdido os sentidos, pois não me lembro nada mais do que se passou. Quando recobrei os sentidos, ela não mais estava ao meu lado. Estou certa, porém, de uma coisa: é de que isso não foi um sonho

Soubemos pela camponesa, à sua volta, no domingo à tarde, que Susana morrera tarde da noite e que, em sua agonia, não falava noutra coisa senão em retornar a Troston Hall. Nem sequer sonhávamos com a sua morte. Supúnhamos que tivesse ela dado entrada no hospital, não por se achar em perigo, mas para submeter-se a um tratamento especial.

Eis os fatos tão bem expostos como posso fazê-lo. Eu não era supersticioso nem crédulo, mas ainda não pude satisfazer meu espírito no tocante ao como e ao porquê desse estranho incidente (42).

CHARLES MATTHEWS

Blandford Pluace, Clarence Gate, Regent's Park
(Londres).

IV

ADMISSÃO DOS FATOS

There are more thing in heaven and, earth, Horatio,
Than are dreamt of in your philosophy. Shakepeare,
Hamlet, act. I, sc V.

Eis aí 180 observações de manifestações de moribundos (tendo eu ainda outras tantas inéditas) . Será possível, após uma leitura conscienciosa e imparcial dessas observações, considerá-las apenas como invencionices, contos imaginários ou simples alucinações com fortuitas coincidências ?

Uma negação pura e simples não é aqui aceitável. Encontramo-nos indubitavelmente em face do extraordinário, do desconhecido, do inexplicado. Uma negação não é, porém, uma solução. Parece-nos mais sábio, mais científico procurar conhecer esses fenômenos do que negá-lo sem exame.

Explicar é mais difícil. Como dizíamos em começo, imperfeitos e enganadores são os nossos sentidos e talvez mesmo não possam revelar-nos jamais a verdadeira realidade, mais no caso em apreço do que em qualquer outro.

Essas narrativas foram escolhidas dentre outras, em número muito mais considerável ainda. Os leitores ansiosos de se darem conta da natureza e da diversidade dessas manifestações, as terão lido com interesse e compreendido que, se demos publicidade a um número tão grande das mesmas, foi precisamente para demonstrar que não são elas tão raras nem tão excepcionais como se pensa e porque seu valor aumenta exatamente na proporção desse maior número .

Notar-se-á que, em todos esses relatos, são os detalhes tão circunstanciados quanto possível e que não se trata de alucinações subjetivas, incertas, duvidosas e sobretudo anônimas. Tenho um horror indizível por tudo o que é anônimo e jamais pude compreender, nem compreenderei jamais que se deixe de ter a coragem de sua opinião e que, de posse de uma observação interessante que contribua, por pouco que seja, para o avanço de nossos conhecimentos, não se ouse subscrever o respectivo relato, pelo temor de se comprometer e desagradar os amigos influentes, pelo pavor do ridículo, por interesse, por prejuízo supersticioso, por outra qualquer razão, seja ela. qual for.

Novamente agradeço a todas as pessoas que me comunicaram suas observações, tendo tido, por outro lado, por mim mesmo, a cuidado de seguir, tão discretamente quanto possível, as suas indicações . Dissemos mais acima que há em média, em vinte pessoas, uma que, por si mesma, experimentou manifestações desta ordem, ou veio a ter delas ciência por algum dos seus conhecidos. Não se trata, pois, de uma quantidade que possa deixar de ser tomada em consideração. Em geral não se fazem narrativas desta natureza, sem prévia solicitação, e mesmo assim!...

A questão agora levantada é a seguinte : Qual o valor real dessas narrações? Isso, porque, evidentemente, não basta à quantidade: a qualidade é um coeficiente. Deve neste caso a análise ser tanto qualitativa como quantitativa. Que tenham sido elas inventadas em todos os seus detalhes, gata mistificar os parentes e amigos, aos quais foram transmitidas, é uma hipótese suscitada muito seriamente, mas que começaremos por, eliminar. Em certos casos há várias testemunhas. Noutros, o observador de tal modo ficou impressionado que isso o tornou enfermo. Os primeiros relatos, acima consignados, foram-me comunicados por pessoas, na sinceridade das quais deposito tanta confiança como em mim próprio. As cartas que vêm em seguida parecem de uma boa fé absoluta. Uma décima parte das mesmas consegui que fossem verificadas de diversos modos, e este controle concluiu sempre pela confirmação da veracidade dos relatos, salvo algumas variantes insignificantes.

Por outro lado, essas narrativas não diferem das que me foram feitas por pessoas minhas conhecidas há longo tempo. Se as primeiras são verídicas, não há razão para que estas não o sejam. A classe dos farsantes e dos chantagistas é muito rara nas narrações de mortes de um parente, de um pai, de uma mãe, de um esposo, de um filho. Esses são os lutos de que, em geral, ninguém ri a bandeiras despregadas. Não é costume brincar-se muito com coisas desta natureza. E depois, a sinceridade tem as suas características: O estilo é o homem, disse Buffon.

Para com esses correspondentes estou no mesmo caso que para com todos que me enviam constantemente, de todos

os pontos do globo, suas diversas observações em Astronomia e Meteorologia.

Quando alguém me escreve dizendo que observou um eclipse, uma ocultação, um bólido, estrelas cadentes, um cometa, uma variação sobre Júpiter ou Marte, uma aurora boreal, um tremor de terra., uma tempestade, um caso curioso de raio, um arco-íris lunar, etc . , desde logo o tenho na conta de pessoa de boa fé e sincera, o que não me impede de examinar sua comunicação e de julgá-la. Pode-se objetar que a situação não é identicamente a mesma, porquanto uma observação astronômica ou meteorológica pode ter sido feita ao mesmo tempo por outras pessoas, o que implica uma espécie de controle. Sem dúvida. Mas, relativamente à opinião que posso nutrir quanto à sinceridade do observador, é absolutamente a mesma: eu a admita condicionalmente e com todos os direitos do livre exame.

Nos casos de telepatia e outros, são as mesmas criaturas humanas que se acham em jogo, que dispõem de todas as suas faculdades intelectuais, que estão em estado de espírito perfeitamente normal e que o provam pelas suas próprias reflexões.

Não tenho, a priori, mais razão de desconfiar de um sábio, de um professor, de um magistrado, de um padre, de um pastor, de um industrial, de um agricultor, quando me fazem a exposição de um fato psíquico, do que quando me expõem uma observação física.

Entretanto, como esses fatos são mais raros e menos verossímeis, nossa faculdade de admissão é mais severa e, por minha parte, tenho começado pelo controle de grande número delas, colhendo informações, fazendo inquéritos,

que têm quase sempre conseguidos chegar à confirmação pura e simples das narrativas recebidas.

E' o que tem feito, também, de sua parte, a Sociedade Psíquica de Londres. Mal grado certas variações nas narrativas, certas obnubilações de memória, constata-se quase sempre que o fato primitivo é real e não inventado .

Mas, se os impostores são raros, os iludidos são numerosos. Constituem mesmo legião nesta ordem de coisas. Tivemos ocasião de apreciar, no capítulo II, a extensão da credulidade humana. Contudo, o estila dos crédulos e dos fanáticos é também muito característico. Uma segunda apreciação, mais defensável, é a de que, em geral, o fundo é verdadeiro, mas os fatos observados foram amplificados e dispostos, com o máximo de boa fé imaginável, de modo a se enquadrarem aos acontecimentos. Tratar-se-ia de alucinações, que foram postas em relevo somente nos casos em que se deu coincidência de morte, podendo mesmo dar-se a caso de ser esta coincidência apenas aproximada, para em seguida, após a conclusão, tornar-se evidente.

Examinei e discuti esta hipótese igualmente com a máxima atenção e conclui que de modo algum é ela suficiente. 1: - Nos casos em que pude controlar os fatos, constatei que se passaram eles pouco mais ou menos como as narrativas os tinham revelado; 2 - as pessoas que os descrevem tomam, em geral, o cuidado de demonstrar que se acham em um estado de saúde normal, que não são sujeitas as alucinações, que observaram, constataram os fatos com o maior sangue frio e que estão certas disso; 3 - afastei dessas narrativas tudo aquilo que foi experimentado em sonho e conservei somente os casos de observadores perfeitamente despertos ; 4.º - eliminei todos aqueles que parecem que

devem ser atribuídos à imaginação, à auto-sugestão ou às diversas espécies de alucinações.

Os fatos em apreço são variados; têm sido eles constatados por pessoas de toda idoneidade intelectual e moral, por homens como por mulheres, de toda idade; apresenta-se em todas as classes da sociedade, em todas as crenças, tanto aos indiferentes e aos cépticos, como aos crédulos e aos ideólogos, a.o Norte como ao Sul, na raça anglo-saxônia, como na raça latina, em todos os países e em todos os tempos. Não os pode a crítica mais severa considerar como nulos e não sucedidos; pelo contrário, deve tomar em consideração.

Impossível atribuímos a alucinações. Estas são hoje conhecidas: têm suas causas. (Mais adiante as discutiremos .) Os pacientes que as experimentam são mais ou menos a isso predispostos e as experimentaram por diversas vezes - por muitas vezes mesmo. Aqui, as testemunhas deixam de ser criaturas dessa, natureza; elas viram um fato psíquico, como teriam visto um fato físico, e o relatam.

Se fossem alucinações os fatos desta natureza, ou apenas ilusões, efeitos de imaginação, entre eles haveria um número consideravelmente maior sem coincidências de morte do que acompanhados dessa coincidência.

Ora, é o contrário que se verifica. Prova-o com evidência o meu inquérito: pedi que me fizessem o obséquio de enviar todos os casos, quer houvesse coincidência ou não. Não há mais de sete a oito casos, em cem, de aparições sem coincidência. Absolutamente o contrário deveria observar-se, se tratasse de alucinações.

Seria preciso igualmente admitir alucinações de várias pessoas ao mesmo tempo, separadas por centenas de quilômetros .

Pode-se replicar que, do mesmo modo, ai estão alucinações, porque só se notam aquelas que são acompanhadas de coincidências.

Não é sustentável a objeção, porquanto, se virdes aparecer, diante de vós, um ente querido : vossa mãe, vosso pai, vossa esposa, vosso marido, vosso filho; é impossível que o fato não impressione, mesmo quando não haja nenhuma coincidência de morte e que não vos recordeis de tal coincidência.

Todos os casos que vêm de ser relacionados, deram-se com pessoas acordadas, em seu estado normal, como vós e eu a estamos neste momento. Tomei todo cuidado no sentido de não mencionar exemplo algum de. manifestações ou de aparições observadas em sonho, e preocupei-me, desde a princípio, em estabelecer uma classificação metódica., clara e precisa dos fenômenos que nos propomos aqui estudar. Nosso estudo é essencialmente científico, como se tratássemos de Astronomia, de Física, ou de Química. Os sonhos, durante o sono, as visões, em sonambulismo ou em estado de hipnose, os pressentimentos ou previsões, os fenômenos de desdobramento, as evocações, por meio de médiuns, serão objeto de outros capítulos. Tomamos a resolução de começar pelos fatos mais seguramente constatados, mais fáceis de controlar e a discutir com toda liberdade de espírito.

No caso em apreço não se trata senão de manifestações de moribundos, por conseguinte de vivos. Ocupamos mais

tarde das aparições de mortos, cuja explicação não é a mesma.

Os últimos exemplos mencionados são extraídos da grande obra *Phantásms of the Living* (*Fantasma dos Vivos*) (43), publicada em Londres, em 1886, pelos Srs. Gurney, Myers e Podmore, obra em dois enormes volumes de 573 e 733 páginas, contendo os processos verbais dos rigorosos inquéritos feitos por esses três sábios em nome da *Society for Psychical Research*, -de que já falamos. E' impossível estudar essa compilação sem dela guardar a impressão de que todo aquele que persiste, hoje, em negar semelhantes fatos, assemelha-se muito a um cego que se compraz em negar o Sol. Há, nesse inquérito, as descrições de 600 casos da ordem desses a que nos referimos. E, quanto a mim, recebi-os em número superior a 1100, a respeito dos quais a autenticidade parece igualmente irrecusável.

Sem dúvida, não têm igual valor todas essas narrações, todos esses relatos. Para isso necessário seria controlar-lhes sempre a absoluta precisão. O acordo que nos impressiona entre as visões, as audições, as emoções recebidas e os sucessos narrados, pode ter sido completado mais tarde pela própria imaginação dos narradores, coordenados mais ou menos pelas necessidades da causa. Seria preciso que se possa fazer um inquérito minucioso sobre cada observação; tomar, em uma palavra, todas as precauções que temos o hábito de adotar em nossas observações astronômicas ou em nossas experiências de física e de química., e mesmo com mais rigor, pois que acresce aqui um coeficiente um no que está longe de ser suscetível de omissão .

Essas precauções nem sempre têm sido tomadas e nem o puderam ser, muitas vezes devido mesmo à natureza desses

fenômenos, associados a mortes, a amarguras e a lembranças que não podem ser tratadas com a mesma desenvoltura com que se trata uma experiência de laboratório.

Mas, porque certas narrativas ficam sujeitas a diversas incertezas de detalhe, tem-se nisso uma razão suficiente para se lhes não atribuir valor algum e para que se não as tenha em conta alguma?

Não pensamos assim.

Tais observações são bastante numerosas, para que não representem qualquer coisa de real. E depois, a tradição secular que associa esses fenômenos aos mortos, não deve ser destituída de fundamento.

O conjunto, sem dúvida, não teria grande valor se devesse cada fato ser considerado coma falsidade. Ainda mesmo reduzindo-os à sua mais simples pressão, resta sempre um substrato deles. Em última análise, eu os compararia de bom grado ao caráter cósmico da Via-Láctea. Cada uma das estrelas que compõem a Via-Láctea é inferior à sexta grandeza e invisível a olho nu: não impressiona a retina humana. Entretanto, o conjunto é perfeitamente visível a olho nu e constitui uma das admiráveis belezas do céu estrelado. E' o número desses fatos que nos força a não os podermos honestamente desdenhar.

Escrevia o grande filósofo Emmanuel Kant:

A Filosofia, que não receia comprometer-se no exame de toda sorte de questões fúteis, sente-se em geral muito embaraçada quando em seu caminho encontra certos fatos, de que não poderia impunemente duvidar e nos quais não poderia crer sem se tornar ridícula. E o caso dos contos de almas do outro mundo. Com efeito, não há censura a que a Filosofia seja mais sensível, que a de credulidade e de

adesão às vulgares superstições. Os que se ornaram; de barato, com o nome e o relevo de sábios, motejam de tudo quanto, inexplicável, quer para o sábio, quer para o ignorante, a ambos no mesmo nível coloca.. E isso que faz com que as histórias de almas do outro mundo sejam sempre escutadas e bem acolhidas na intimidade, mas impiedosamente desmentidas diante do público. Pode-se ficar certo de que jamais uma academia de ciências escolherá, para objeto de um concurso, semelhante matéria; não porque qualquer de seus membros esteja persuadido da futilidade e da mentira de todas essas narrativas, mas precisamente porque a lei da prudência põe sábios limites ao exame dessas questões . As histórias de almas do outro mundo encontrarão sempre crentes secretos e serão sempre objetos, em públicos, de uma incredulidade de bom tom.

Quanto a mim, a ignorância em que estou, a respeito da maneira pela qual o espírito humano entra neste mundo e dele sai, interdita-me de negar a verdade das diversas narrativas em curso. Por uma reserva, que pode parecer singular, permito-me pôr em dúvida cada caso em particular, sem deixar de crê-los, entretanto, verdadeiros em seu conjunto.

Há três partidos a adotar em face dos fatos expostos: seja a crença absoluta em tudo que é dito, relatado; seja a desconfiança absoluta que tudo rejeita; seja, em terceiro lugar, a aceitação dos fatos em seu conjunto, sem afirmar a exatidão rigorosa de todos os detalhes. E' a esta conclusão que acreditamos de nosso dever apegarmo-nos.

Tudo negar, seria um absurdo de primeira ordem . A menos que se deixe de dar crédito a todo humano testemunho, não parece possível duvidar-se das precedentes

narrativas: Não são muitos os fatos, históricos ou científicos, que sejam afirmados por um número tão grande de testemunhas.

Supor que todas essas pessoas houvessem ensandecido, estivessem alucinadas ou fossem enganadas pela sua imaginação, é uma, hipótese absolutamente insustentável, sobretudo quando se verificarem coincidências de mortes.

E o que, por outro lado, estabelece sua realidade, são os detalhes circunstanciais que quase sempre as caracterizam, independente mesmo das aparições completas, correspondendo exatamente: a um ferimento, a um tiro, a um lançamento, a uma cabeça partida, a um cadáver ao fundo de uma barroca, a um corpo estendido na praia., a um afogado, a um enforcado, a um timbre de voz reconhecido, a uma cabeleira, a um traje especial, a uma atitude, a uma data de morte, diferente da data anunciada, etc. Por outro lado, sei também perfeitamente que quase sempre se pode duvidar do testemunho humano; que, a alguns dias de intervalo, os mais claros acontecimentos são contados de modos diferentes; que a história das nações e dos homens é uma grande mentirosa. Mas, enfim, é preciso aceitar a Humanidade como é e, sem pretender o absoluto, admitir o provável e o relativo. E' difícil duvidar de que Luiz XIV tenha revogado o édito de Nantes e de que Napoleão repousa sob a cúpula dos Inválidos.

Para nós, os fatos de que nos temos ocupado são irrecusáveis, pelo menos em seu conjunto. Todo espírito, isento de prejuízos, não pode recusar-se a admitir .

A principal objeção, a única mesmo que possa restar sujeita a discussão, é a que os atribui ao acaso, a simples coincidências fortuitas. Ouve-se dizer: Muito bem,

perfeitamente; vimos ou ouvimos tal ou tal coisa; muito bem! pois não! um parente, um semelhante nosso morreu no mesmo instante : mas isso é um acaso .

Limitando-nos a uma coincidência de 12 horas antes ou depois da manifestação (em geral elas são muito mais precisas), assinalaremos que a média da mortalidade anual é de 22 para 1.000 pessoas. Para um período de 24 horas, é ela 365 vezes mais fraca, isto é, de 22 para 365.000 ou de 1 para 16.591. Há, portanto, 16.591 probabilidades contra uma para que a coincidência de um mesmo dia deixe de produzir-se. Ainda não se trata mais do que de um algarismo geral, único . Para pessoas jovens e no vigor da idade, a proporção se eleva a 18.000, 19.000, 20.000.

Ora, as aparições sem coincidências, não sendo vinte mil vezes, nem dez mil vezes, nem cinco mil vezes, nem mil vezes, nem cem vezes, nem mesmo dez vezes mais numerosas do que as aparições com coincidências, não sendo mesmo em igual número, não sendo mesmo da metade, nem de um quarto, nem talvez da décima parte das manifestações verídicas, concluimos disso que há si uma relação de causa e efeito.

Não negamos o acaso, as coincidências fortuitas . O que se chama acaso, isto é, o desconhecido das forças em ação, implica, por vezes, coincidências verdadeiramente extraordinárias. Assinalarei mesmo algumas das mais notáveis .

Ao tempo em que escrevia eu a minha grande obra sobre a Atmosfera, achava-me ocupado em redigir o capítulo sobre a força do vento e, a respeito, comparava exemplos curiosos, quando sucedeu o seguinte fato:

Meu gabinete de trabalho, em Paris, é iluminado por três janelas: uma a Leste, sobre a avenida do Observatório; a segunda a Sueste, sobre o Observatório; a terceira, ao Sul, sobre a rua Cassíni. Era em pleno verão. A primeira janela estava aberta, diante da floresta dos castanheiros da avenida . O céu anuvia-se, desencadeia-se o vento e, de súbito, a terceira janela, com certeza mal fechada, é violentamente aberta por uma rajada do sudoeste, que espalha todos os meus papéis e, arrebatando as folhas soltas que eu acabava de escrever, leva-as em turbilhão por cima das árvores. Um instante depois, cai à chuva, forte chuva de tempestade

Descer para procurar essas folhas pareceu-me trabalho perdido e isso me consternou profundamente.

Qual não foi a minha surpresa, ao receber, alguns dias após, da Tipografia Lahure, rua de Fleurus, situada a mais de um quilômetro, esse capítulo, impresso, sem que lhe faltasse uma folha!

Notai bem que se tratava precisamente de um capítulo sobre as curiosidades do vento!

Que se passou então?

Uma coisa simplíssima. O empregado da tipografia, que morava no quarteirão do Observatório, e que me levava às provas quando ia para almoçar, passou no local após o almoço e, vinda no chão, manchadas pela chuva, as folhas do meu manuscrito, supuseram que Fosse ele mesmo quem as tivesse perdido, pelo que se apressou em juntá-las com o maior cuidado, entregando-as ao impressor, sem vangloriar-se do que fizera.

Por um nada poderia acreditar-se que fora a próprio vento que as levara à tipografia!

Eis um outro exemplo não menos singular:

Prometera eu ao padre que abençoou meu casamento (em retribuição de uma dispensa com que ele me distinguiu, contrariamente, parece, a um costume assaz rigoroso), proporcionar-lhe uma ascensão em aeróstato. Cumpre dizer que em vez de tomar o trem para uma viagem de núpcias, havíamos decidido tomar o caminho dos ares. Uns dez dias após o casamento, partimos, com Jules Godard por aeronauta, depois de avisar o abade, o qual, por lamentável concurso de circunstâncias, deixara Paris, para passar alguns dias em pequena ermida, à margem do Marne, e não recebera meu bilhete que ficou em sua casa, em Paris. Não vendo o abade chegar à usina do gás, à hora da partida, esperava eu que a viagem, sendo em absoluto incógnita, passasse despercebida e que eu pudesse cumprir minha promessa em outra ocasião. Desejava sobretudo não lhe causar aborrecimento algum.

Para sair de Paris em balão, há uma infinidade de direções, Ora, o nosso esquife aéreo dirigiu-se juntamente para a região do Mame e precisamente sobre a propriedade do abade que estava então à mesa, em seu jardim e que, vendo o balão chegar lentamente por cima de sua cabeça, supôs viesse eu buscá-lo, chamou-me em retumbantes gritos, pedindo-me para descer e sentiu o mais violento desapontamento ao ver continuarmos o nosso caminho .

Fosse um demônio que nos conduzisse e melhor não poderia ele atingir o seu alvo. Entretanto, não havia nisso mais do que a coincidência fortuita da direção do vento.

Émile Deschamps, distinto poeta, hoje um tanto esquecido, co-autor do dramático libreto dos Huguenotes, narra curiosa série que se segue, de coincidências fortuitas:

Estando, em sua infância, em uma pensão, na cidade de Orleans, achou-se, por acaso, certo dia, à mesa com um Senhor de Fontgibu, emigrado que voltara recentemente da Inglaterra. Este senhor fez saborear um pedaço de plum-pudding, prato quase desconhecido em França nessa época.

A recordação desse regalo apagara-se de sua memória, quando, dez anos mais tarde, passando por um restaurante do bulevarde Poissonnière, descobriu, no interior, um plum-pudding de excelente aparência. Ele entra, pede que lhe sirvam um pedaço e é cientificado de que o bolo está adquirido por um cliente.

- Sr de Fontgibu

- exclama a empregada do balcão, vendo o ar contrariado do recém-vindo - poderíeis ter a bondade de partilhar o vosso plum-pudding com este senhor?

Deschamps teve alguma dificuldade em reconhecer o Senhor de Fontgibu em um homem de idade respeitável, de cabelos empoados, envergando o uniforme de coronel, que fazia sua refeição em uma mesa. próxima .

O oficial teve muita satisfação em oferecer-lhe parte do apetecido manjar.

Longos anos se passaram sem que ele falasse quer do pudding, quer do Senhor Fontgibu.

Um dia, Deschamps foi convidado para um jantar em que se devia comer um autêntico plum-pudding inglês. Ele aceitou, mas preveniu, a rir, a dona da casa, de que o Senhor de Fontgibu seria infalivelmente um dos convivas - e divertiu os presentes dando-lhes a conhecer o motivo dá sua previsão.

No dia aprazado, chega ele. Dez convidados ocupam os dez lugares preparados em torno da mesa onde os esperava

um magnífico pium-pudding. Começavam a gracejar com ele a propósito do seu Monsieur de Fontgibu, quando se abre a porta e um criado anuncia

- O Senhor de Fóntgibu.

Entra um velho, caminhando penosamente, amparado por um criado. Dá lentamente volta à mesa, parecendo procurar alguém e com um ar desorientado. Era uma visão? Tratava-se de um gracejo? Estava-se em pleno carnaval. Deschamps acreditou logo em um gracejo. Mas o velho, tendo-se aproximado, foi ele obrigado a reconhecer o Senhor de Fontgibu em pessoa!

- Meus cabelos eriçaram-se - escreve o poeta. - Don Juan, na obra-prima de Mozart, não estaria mais terrificado diante do seu conviva de pedra.

Tudo por fim se explicou: o Senhor de Fontgibu, convidado a jantar com uma pessoa que morava na mesma casa, enganou-se com a porta.

Há efetivamente, nesta história, uma série de coincidências que nos confundem, e compreende-se a exclamação do autor em face dessa recordação perturbadora:

- Três vezes em minha vida comi plum-pudding e três vezes, ao fazê-lo, estive às voltas com o Senhor de Fontgibu! Porque isso? Uma quarta vez, e sou capaz de tudo... ou não sou capaz de nada.

Outra combinação do acaso : em uma mesa de jogo de Monte Carlo, saiu cinco vezes em seguida um mesmo número da roleta (44) .

Também já se constatou, nesse mesmo jogo da roleta, a vermelha sair vinte e uma vezes seguidamente. Há, contudo, dois milhões de probabilidades contra uma!

Não se passam muitos anos, em Paris, sem que um vaso de flores, caindo do 5.º andar, mate literalmente uma pessoa que segue tranqüilamente pelo passeio na vertical da queda em apreço .

Não se pode, pois, negar que há coincidências surpreendentes em extremo .

Sim, o, deus Acesa produz, por vezes, resultados extraordinários; eu sou o primeiro a reconhecê-lo, mas reconheçamos também que nem tudo o acaso explica .

Adstringir-me-ei inteiramente aos seguintes raciocínios do professor Charles Richet, no que concerne ao acaso, analisado do ponto de vista da certeza matemática e da certeza moral (45).

O acaso pode ser expresso por um algarismo que é, como se diz, a probabilidade. Assim, se, tirando ao acaso uma carta de um baralho completo, retiro um 6 de copas, é o acaso que me dá esse 6 de copas, e somente o acaso, porque ignorarei sempre, uma vez que as cartas sejam idênticas e estejam bem embaralhadas, a razão pela, qual retirei o 6 de copas e não uma outra carta qualquer.

Logo, foi o acaso que me deu o 6 de copas; mas esse acaso pode ser calculado. Tinha eu, para tirar o 6 de copas, em um baralho de cinquenta e duas cartas, uma probabilidade sobre cinquenta e duas ; para retirar um 6 qualquer, uma probabilidade sobre treze; para retirar uma carta de copas, uma probabilidade sobre quatro e para retirar uma carta vermelha, uma probabilidade sobre duas. Enfim, eu dispunha de cinquenta e uma probabilidade sobre cinquenta e duas, para não retirar uma carta qualquer de antemão designada.

Assim, matematicamente, posso determinar para tal ou tal acontecimento uma probabilidade suscetível de ser calculada. Mas a dificuldade não reside no cálculo das diversas probabilidades matemáticas, ainda que já este seja, se o levarmos um pouco longe, um cálculo muito difícil, que pode embaraçar os maiores matemáticos; a verdadeira dificuldade está na aplicação dessas leis matemáticas aos acontecimentos reais .

Demonstra-se, em matemática, que o cálculo das probabilidades só é aplicável quando há um número infinito de casos - e só então é ele verdadeiro.

Assim, tenho diante de mim um baralho; não disponho mais do que de uma probabilidade sobre cinquenta e duas para tirar o 6 de copas e, todavia, pode suceder que seja essa a carta por mim retirada. Nada se opõe a isso e trata-se mesmo da extração de uma carta, em absoluto tão provável como a de tal ou tal outra carta dada. Longe está de ser considerada sem importância essa pequena probabilidade. Seria, portanto, desarrazoado concluir o que quer que seja de uma experiência na qual, designando de antemão o 6 de copas, retiro precisamente esta carta.

Se, tomando um outro baralho, depois de o haver embaralhado bem, tiro de novo um 6 de copas, a probabilidade torna-se pequena: ($52 \times 52 = 1$ por 2.704) Nenhuma impossibilidade, porém, se verifica. Pode-se observar isso; isso é observado, e a combinação de um 6 de copas seguido de um 6 de copas, é tão inteiramente provável como não importa que outra combinação qualquer de duas cartas consecutivas.

Toma-se um terceiro baralho, depois um quarto, depois um quinto, terei, para tirar sempre um 6 de copas,

probabilidades cada vez menores; pois que o número de combinações se torna fantástico. Mas, em caso algum chegaremos à impossibilidade . Será sempre possível que o acaso conduza a tal combinação dada, e ela. terá tantas probabilidades como tal outra dada combinação .

E' preciso chegar ao infinito para obter a impossibilidade. Em outros termos, a certeza de jamais retirar um 6 de copas, só advirá depois que eu tiver tirado um número infinito de canas. Jamais chegarei à certeza matemática, ou antes, a isso não chegarei senão quando me puderem proporcionar o recurso de tirar um número infinito de castas.

Se, pois, para concluir, tivéssemos necessidade da certeza matemática, jamais chegaríamos a concluir, porquanto jamais se chegarão a um número infinito de atos ou fatos quaisquer.

Felizmente pode-se concluir, porque a certeza matemática e a certeza moral têm exigências diferentes.

Suponhamos que se trate de jogar com a minha honra ou a minha existência, a honra e a existência dos meus, com tudo que me é mais caro no mundo. Certamente não terei a certeza matemática de que sobre cem extrações de cartas, o 6 de copas não sairá cem vezes seguidamente. Matematicamente e mesmo realmente, esta combinação é possível; entretanto, baseando-me nessa possibilidade, eu consentiria voluntariamente em jogar minha vida, minha honra, minha fortuna, minha pátria e tudo que amo, contra a probabilidade de que venha o 6 de copas a sair cem vezes seguidamente?...

Nem é mesmo necessário levar até cem o número das extrações. Se eu tirar dez vezes seguidamente o 6 de copas, em lugar de dizer: E' um acaso extraordinário, suporei outra

coisa, porquanto o acaso não dá esses assombrosos encadeamentos. Suporei que há uma causa qualquer, que desconheço e que me levou a tirar, dez vezes em seguida, a mesma carta . Ficarei mesmo a tal ponto convencido disso, que irei procurar essa causa observando se todas as cartas são bem semelhantes; se não se trata de um gracejo que um prestidigitador está a me fazer; ai, no baralho, há precisamente cinquenta e duas cartas diferentes ou se não é composto, cada baralho, unicamente de 6 de copas.

Tomemos mesmo uma probabilidade menor. Por exemplo, a probabilidade de ter duas vezes seguidamente uma mesma carta: é ainda uma probabilidade muito pequena, de 1 para 2.704. Se as apostas fossem proporcionais, poder-se-ia apostar 1 franco contra 2.704 francos que não se tirará duas vezes a mesma carta .

Em realidade, na vida cotidiana, o que dirige a nossa conduta, o que faz as nossas convicções, as nossas decisões, são probabilidades muitas menos fortes do 1 do que essa probabilidade de 2.704

Um homem de trinta e cinco anos, bem disposto e que de nenhum perigo particular se acha ameaçado, corre uma vez sobre cem o risco de morrer antes do fim do ano e uma vez sobre três mil o de morrer dentro de uma quinzena. Qual é esse, entretanto, que não considera como quase certo viver ainda duas semanas? Assemelhando as probabilidades de vida à extração de cartas de um baralho, vê-se que a probabilidade de retirar quatro vezes seguidamente uma mesma carta, é mais ou menos a de viver ainda uma hora para um homem de trinta e cinco anos, bem disposto e que não está exposto a nenhum perigo excepcional. Matematicamente, ninguém está seguro de viver ainda uma

hora, mas, moralmente, tem-se disso a certeza quase completa.

Assim, jamais somos guiados pela certeza matemática. E' sempre, mesmo nos casos mais certos, a certeza moral que nos guia. Basta-nos ela.

Trata-se, agora, de saber se estamos com a razão, quando nos contentamos com essas fortes probabilidades, ainda que bem distanciados da certeza.

Isso parece evidente. Não haveria meio de viver, se sempre nos devêssemos determinar apenas de acordo com certezas. Em parte alguma existe a certeza; por toda a parte o que constatamos é o mais ou menos e temos razão de assim proceder, pois a experiência justifica quase sempre as nossas presunções.

De minha parte, acrescenta, a este respeito, o Senhor Richet, tenho como impossível esta imensa ilusão, prolongando-se sem qualquer parcela de verdade. Não se tem o direito de exigir, para os fenômenos psíquicos, uma probabilidade mais forte do que para as outras ciências e, com probabilidades superiores a um milésimo, ter-se-á uma demonstração suficientemente rigorosa.

Depara-se-nos uma tal quantidade de fatos impossíveis de explicar de outro modo que não seja pela telepatia, que é imperioso admitir-se uma ação à distância.

Pouco importa a teoria! O fato parece-me provado e absolutamente provado .

Calculamos que, segundo o conjunto das observações telepáticas, a probabilidade eleva-se, para esses casos de manifestações de moribundos, a vários milhões, quando a coincidência é aproximada a menos de uma hora e quando se não tem razão alguma de supor a pessoa em perigo de morte

(46) . E uma proporção muito superior à que dirige todos os nossos raciocínios e todos os atos de nossa vida. E o que se chama certeza moral.

Conclusão : a teoria do acaso e da coincidência fortuita não explica os fatos observados e deve ser eliminada. Somos obrigados a admitir, entre o moribundo e o observador, uma relação de causa e efeito . E' esse o primeiro ponto que conviria. estabelecer em nosso exame científico.

Sim, o acaso, a coincidência fortuita, existe; mas esta explicação não é aplicável aqui uma relação de causa e efeito entre os moribundos e as impressões experimentadas. -

A propósito de um caso citado nos *Phantasms of the Living*, de que mais adiante falaremos, escrevia o Sr. Rafael Chandos (*Revue des Deux Mondes*, 188?, página 211)

Não se pode suspeitar nem da boa fé dos narradores, nem, numa certa medida, da precisão de suas observações. Mas isso é tudo? O Senhor Bard viu, perto do cemitério, o fantasma da Senhora de Fréville vagando diante dele precisamente no momento em que a Senhora de Fréville, que o Senhor Bard ignorava estivesse doente, acabava de morrer. Porque, dizem, o acaso, que dá lugar a tantos encontros extraordinários, não poderia ter suscitado esta imagem alucinatória?

Este argumenta, na verdade, parece-me detestável e muito mais fácil de combater que o argumento de um observador incompleta e insuficiente. Mas o que se verifica, entretanto, é que esta objeção fútil é a mais freqüentemente invocada. Ouve-se dizer: Aí está uma alucinação! Seja. Mas, se essa alucinação coincidiu com tal fato real, foi por uma coincidência fortuita e não porque exista entre o fato e a alucinação uma relação de causa e efeito.

O acaso é um deus muito cômodo e que pode ser invocado nos casos embaraçosos. Todavia, na espécie, nada tem ele que ver. Suponho, por exemplo, que o Senhor Bard tenha tido, nos sessenta anos de sua vida, uma e única alucinação, o que dá por dia $1/22.000$ de probabilidade para que se tenha uma alucinação. Admitindo-se que a coincidência entre a hora da morte da Senhora de Fréville e a hora da alucinação do Senhor Bard seja exata, daí resulta, à razão de quarenta e oito meias horas por dia, uma probabilidade de cerca de um milionésimo .

Mais não é tudo: o Senhor Bard pode ter tido, com efeito, outras alucinações, porque ele conhece cem pessoas além da Senhora de Fréville. A probabilidade de ver em tal dia, há tal hora, a Senhora de Fréville em vez de uma outra, é pois aproximadamente de $1/100000000$.

Se tomarmos quatro casos análogos, e se os reunirmos todos, a probabilidade de se darem essas quatro coincidências não é mais de um centésimo milionésimo, mas de uma fração cujo numerador será 1 e cujo denominador terá 36 zeros - número absurdo, que inteligência humana alguma pode compreender e que equivale à certeza absoluta.

Deixemos, portanto, de lado a hipótese do acaso . Em tais condições não existe acaso. Se insistissem, reproduziríamos a velha comparação das letras do alfabeto atiradas ao ar. Ninguém iria supor que as letras, caindo ao solo, pudessem formar a Ilíada toda inteirinha. Assim pois, nem a boa fé dos observadores, nem o acaso das coincidências fortuitas extraordinárias, podem ser invocados; é preciso admitir-se que se trata de fatos reais. Por muito inverossímil que a coisa pareça., essas alucinações verídicas

existem ; tomaram pé na Ciência e, por mais que se faça, elas aí permanecerão.

Os leitores que se deram ao trabalho de ler todas as cartas publicadas aciona, terão concluído, imediatamente, pela existência de um sem número de coisas que nós desconhecemos. O domínio da telepatia abre diante de nós todo um novo mundo a explorar.

Os fatos em seu conjunto são inegáveis.

Ao tempo da discussão geral que se estabeleceu, nos principais jornais do mundo inteiro, no mês de Julho último, a propósito da minha pretensa renúncia aos estudos psíquicos, constatei repetidas vezes a seguinte objeção apresentada contra os fatos telepáticos: Para que tais fatos pudessem ser admitidos cientificamente, seria necessário podermos à vontade reproduzi-los, pois é essa a característica dos fatos científicos.

Há nessa proposição um erro de raciocínio. Tais fatos não são do domínio da experiência, mas do da observação.

Semelhante raciocínio equivale a estouro: Eu só acreditarei nos efeitos do raio se os puder reproduzir; não admitirei uma aurora boreal senão quando fabricarem uma em minha presença; criem-me um cometa com sua cauda, produzam-me um eclipse amanhã, se querem que eu acredite em tais coisas : de outro modo, não lhes darei crédito .

Esta confusão entre a observação e a experiência é assaz freqüente.

Os fatos em questão, dizemos, pertencem à observação e não à experiência. Podemos constató-los, não produzi-los . Seu estudo é da mesma ordem que o da Astronomia e da Meteorologia, e não da Física ou da Química. Observar se um eclipse, um cometa, um aerólito, um relâmpago, uma

aurora boreal; experimenta-se uma combinação química, um fenômeno de óptica ou de acústica; os dois métodos são diferentes, não obstante serem ambos científicos e merecerem o título geral de experimentais, pois que é a experiência humana que julga e não teorias anteriores, idéias, crenças, princípios ou autoridades invocadas e comentadas. Não mais admitimos o magister dixit .

Vêm-se freqüentemente pessoas admiradas de que certos fatos, mais ou menos burlescos, inexplicáveis, incoerentes, se produzam, ao passo que outros, que parecem naturais e mais simples à sua educação infantil, não se produzam . Porque é que uma pesada e bem fechada porta, abre-se por si mesma? Porque se produz uma tempestade? Porque uma visão ? A Ciência, a observação dos fenômenos da Natureza ou da industria, convidam-nos, entretanto, a moderar a nossa admiração e a alargar o campo de nossas concepções.

Eis aqui, por exemplo, um tonel de dinamite, mil vezes mais terrível que a pólvora em seu poder destrutivo. Esta substância é de extrema sensibilidade e todos têm presentes à memória as catástrofes ocasionadas pelas menores imprudências. Com esse tonel de dinamite, podeis destruir uma cidade. Pois bem! tentai acender esta substância explosiva, não obtereis efeito algum. E' preciso que a espoleta detone para que o explosivo faça sentir seus efeitos fulminantes. Podeis acender impunemente um cartucho de dinamite, não provido de sua espoleta, sem que detonação alguma se produza: a dinamite queima até à extinção da substância . Mas uma simples martelada ocasionará uma detonação formidável.

Ao lado disso, ponde um fósforo inflamado sobre um barril de pólvora, acendei uma pequenina mecha, sentai-vos sobre o barril e ver-se-á o que acontece.

Não nos admiremos, pois, da singularidade dos fenômenos psíquicos.

Tem-se naturalmente disposição a negar o que parece inverossímil, o que se não conhece, o que se não compreende. Se lêssemos em Heródoto ou em Plínio que uma mulher tinha uma mama na coxa esquerda, com a qual amamentava seu filho, rir-nos-íamos a bom rir. Entretanto, esse fato foi determinado pela Academia de Ciências de Paris, em sessão de 25 de Junho de 1827. Se nos vierem falar de um homem que trazia, conforme o comprovou a autópsia, uma criança no interior de seu corpo; se nos disserem que essa criança era um irmão gêmeo encerrado em seu organismo, que esta criança envelhecera e adquirira barba, consideraremos a história como uma fábula. Entretanto, vimos com os nossos olhos, não há muito tempo, um nascido-morto de 56 anos. Diz tranqüilamente um tradutor de Heródoto, Larcher: Que Roxana tenha dado à luz uma criança sem cabeça, é um absurdo capaz, por si só, de desacreditar Ctésias. Ora, todos os dicionários de Medicina falam hoje de crianças acéfalas. Estes exemplos e outros convidam-nos à sabedoria e à prudência. Somente os ignorantes podem tudo negar imperturbavelmente.

Poderíamos facilmente desdobrar esses exemplos, o que certamente seria inútil para os nossos leitores. Limitemo-nos a concluir que os fatos narrados podem e devem ser admitidos pelo próprio método experimental. Detenhamo-nos agora um instante sobre as alucinações, cuja existência de todo não negamos, mas que não resolvem o nosso

problema, posto e afirmado pelas coincidências precisas e incontestáveis.

V

DAS ALUCINAÇÕES PRÓPRIAMENTE DITAS

Incidiriam no mais completo erro os que supusessem, tendo em vista os precedentes capítulos, que não admitimos as alucinações e que lhes não concedemos a par te que lhes pertence. Mas pensamos que há distinções e definições urgentes a estabelecer.

Existem alucinações reais, isto é, ilusões, erros, sensações falsas. Podem ser experimentadas por pessoas nervosas, fatigadas, doentes, loucas; outras por indivíduos perfeitamente sãos de corpo e de espírito. Outrora os médicos apenas admitiam as primeiras - o que era um erro grosseiro, produto da ignorância.

As alucinações são ilusões do cérebro e do pensamento, e importa não lhes dar outra significação e nem supor, por exemplo, como poderia fazê-lo pensar o título freqüentemente empregado de alucinações verídicas, que possam existir alucinações verdadeiras. Desde o momento que a impressão experimentada é considerada como real, como o resultado de uma causa exterior, agindo sobre o cérebro ou sobre o espírito, perde ela o seu caráter

alucinatório e entra na categoria dos fatos. Não é mais uma alucinação . Esta distinção é, no caso, de capital importância . A dificuldade para nós está, precisamente em distinguir a parte que constitui ilusão, erro, da que é realidade, no detalhe assaz confuso destes fenômenos .

O Dicionário da Academia define a alucinação como erro, ilusão de uma pessoa cujas percepções deixam de ser conformes com a realidade. É vago e confuso, sendo que essa definição se aplica a outras coisas que não somente às alucinações. Não se pode admitir semelhante definição. Littré diz: Percepção de sensações sem objeto algum exterior que as origine . É um pouco mais claro e mais preciso . Em uma memória sobre a alucinação visual, escreve o Dr. Max Simon: A alucinação consiste em uma percepção sensível sem objeto exterior que lhe sirva de origem.. Esta definição, como a de Littré, é precisamente a que corresponde à idéia geral, e nós a adotaremos. O essencial é estar de acordo em um ponto, isto é, que- a alucinação é uma sensação essencialmente subjetiva e errônea, uma percepção falsa.

Brierre de Boismont escreveu sobre as alucinações (47) uma das mais interessantes obras, tornada clássica, na qual o médico alienista desempenha ainda o mais importante papel, mas onde ele já toma o cuidado, contudo, de constatar que nem todas as alucinações são vizinhas da loucura, fazendo notar que, de um lado, a história do Cristianismo está cheia de casos análogos, sobretudo em seus primeiros tempos e que, por outro lado, mais de umas alucinações correspondem a um estado perfeitamente sã do cérebro. Esse livro pode ser considerado como um dos primeiros esforços do pensamento científico independente contra a teoria patológica clássica, e para estabelecer que, em certos casos, a

alucinação pode ser considerada como um fenômeno puramente fisiológico. O autor, aliás, como partidário declarado do princípio da dualidade humana, rejeita a opinião que outra coisa não quer ver na loucura mais do que uma nevrose; e na razão, mais do que o produto de um ato fisiológico material. As idéias e as sensações são de ordens diferentes. Não podem os fatos psicológicos ser posto sobre a mesma linha dos fatos sensíveis. O cérebro limita-se a ser a sede das operações intelectuais, e não o seu criador. Brierre de Boismont pode ser considerado como o precursor das pesquisas atuais sobre os problemas psíquicos, ainda que a palavra alucinação tenha conservado, depois do aparecimento desse grande tratado, o seu aspecto patológico e médico.

Cumpra dar aqui alguns exemplos das diversas espécies de alucinações.

A alucinação é um sonho acordado. Os sonhos também produzem alucinações que por vezes oferecem todos os caracteres da vida real.

As alucinações da loucura, as excentricidades da alienação mental, são tão numerosas, tão variadas e tão conhecidas que seria supérfluo fazer-lhes referências.

As obras de Medicina, sobre as doenças mentais, estão cheias dessas referências, todos podendo facilmente conhecê-las. Depois, nada elas têm de comum com os fatos de que nos ocupamos. Procuremos antes alguns casos bem observados e bem descritos pelos próprios pacientes. Tomaremos o segundo a obra do Doutor Ferriar, de Manchester, que o soube do escritor Nicolai, de Berlim (48). É caso muito antigo, mas bem típico.

Durante os últimos dez meses do ano de 1790, conta este acadêmico, passara eu por sofrimentos que me afetaram profundamente. O Doutor Delle, que costumava tirar-me o sangue duas vezes por ano, julgara conveniente não praticar desta vez mais do que uma sangria. A 24 de Fevereiro de 1791, em seguida a uma viva altercação, percebi de repente, na distância de dez passos, um semblante de morto; perguntei a minha mulher se ela não o percebia; minha pergunta alarmou-a muito e ela apressou-se em mandar chamar um médico: a aparição durou oito minutos. Às quatro horas da tarde, reproduziu-se a mesma visão, estando eu, então, a sós. Atormentado por este acidente; dirigi-me ao apartamento de minha mulher para. onde a visão me acompanhou. Às dez horas, distingui diversos vultos que não tinham relação com o primeiro .

Passada a primeira emoção, contemplei os fantasmas, tomando-os pelo que eles eram realmente: as conseqüências de uma indisposição. Penetrado desta idéia, observei-os com o maior cuidado, procurando saber por que associação de idéias se apresentava estas formas à minha imaginação; não lhes pude, entretanto, achar ligação com as minhas ocupações, meus pensamentos, meus trabalhos . No dia seguinte o vulto do morto desapareceu, mas foi substituído por grande número de outros vultos, algumas vezes representando amigos, mais comumente, porém, estranhos. As pessoas de minha convivência não faziam parte dessas aparições, quase exclusivamente compostas de indivíduos que residiam distante mais ou menos algumas léguas . Experimentei reproduzir à vontade as pessoas do meu conhecimento por uma objetividade intensa de suas fisionomias, mas ainda que visse distintamente em meu

espírito duas ou três dentre elas, não pude conseguir tornar exterior a imagem interior, mesmo que antes eu as tivesse visto involuntariamente desta maneira. Minha disposição de espírito era de molde a permitir-me não confundir essas falsas percepções com a realidade.

Tais visões eram tão claras e tão distintas na solidão, como me achando eu acompanhado, quer de dia quer à noite ; tanta na rua como em casa . Quando eu fechava os olhos, elas desapareciam algumas vezes, ainda que em certos casos se conservassem visíveis ; mas, desde que os abrisse, reapareciam imediatamente . Em geral esses vultos, que pertenciam aos dois sexos, pareciam ligar mui pouca atenção uns aos outros e andavam com um ar atarefado, como se estivessem num mercado; em certos momentos, entretanto, dir-se-ia que executavam juntos seus afazeres. Por diversas vezes, vi pessoas a cavalo, cães, pássaros. Nada havia de particular em seus olhos, em seus talhes, em suas vestes; esses vultos apenas pareciam um pouco mais pálidos que no estado natural .

Cerca de quatro semanas após, o número dessas aparições aumentou; comecei a ouvi-las falar. Algumas vezes dirigiam-me a palavra; os seus discursos eram curtos e geralmente agradáveis. Em diferentes épocas, tomei-os por amigos ternos e sensíveis que procuravam amenizar meus padecimentos.

Ainda que meu espírito e meu corpo estivessem, nessa época, em estado assaz bom e que esses espectros se me tivessem tornado tão familiares que não me causavam mais inquietação, procurava, contudo, desembaraçar-me deles pelos meios convenientes . Ficou decidido fazer uma aplicação de sanguessugas, o que efetivamente se praticou

em 20 de Abril de 1791, às onze horas da manhã. O cirurgião estava a sós comigo; durante a operação enche-se meu quarto de figuras humanas de toda espécie. Continuou esta alucinação ininterruptamente até às quatro horas e meia, em que começava a minha digestão. Percebi que os movimentos desses fantasmas se tornavam mais lentos. Pouco depois, começaram a empalidecer, e às sete horas haviam adquirido uma cor branca; seus movimentos eram muito pouco rápidos, ainda que suas formas fossem tão distintas como dantes. Pouco a pouco se tornaram mais vaporosos e pareceu confundir-se com o ar. Às oito horas, o quarto estava completamente desembaraçado desses visitantes fantásticos.

Depois dessa época, pareceu-me por duas ou três vezes que as citadas visões iam mostrar-se; nada, porém, de semelhante aconteceu.

Eis aí um caso de alucinação real e incontestável. O autor analisou perfeitamente suas sensações e teve o cuidado de fazer notar que essa estupenda desordem de espírito se explicava pela influência dos pesares e pelas perturbações da circulação cerebral, que lhe eram conseqüentes.

Conta Walter Scott, em sua Demonologia, que um doente do eminente Doutor Grégory, tenda mandado chamar esse médico, descreveu-lhe nos seguintes termos seus singulares sofrimentos:

Tenho por hábito, diz ele, jantar às cinco horas e, quando chegam precisamente às seis horas, estou sujeito a uma visita fantástica. A porta do quarto, mesmo quando eu tenha tido a precaução de aferrolhá-la, abre-se de repente; uma velha feiticeira, semelhante a uma daquelas que assombravam as charneças de Fores, entra com um ar ameaçador e irritante, aproxima-se de mim com as demonstrações de despeito e de

indignação próprias para caracterizar as feiticeiras que visitavam Abdula nos contos orientais. Atira-se sobre mim bruscamente, que não posso evitá-la, e então me dá um golpe violento com a sua muleta; caio de minha cadeira sem sentidos e assim permaneço mais ou menos tempo. Todos os dias me vejo sob o poder dessa aparição. Tal o motivo surpreendente das minhas queixas.

O doutor imediatamente lhe perguntou se ele convidara alguém para jantar em sua companhia, a fim de ser testemunha de semelhante visita. Respondeu que não. A natureza do mal de que se queixava, era tão particular tão naturalmente imputá-la a um desarranjo mental, que lhe havia sempre repugnado falar a respeito a quem quer que fosse.

- Então, diz o doutor, se o permitis, jantarei hoje convosco na intimidade, e veremos se a maldita mulher vem perturbar o nosso colóquio.

O doente, que esperava ser objeto de zombaria, em lugar de despertar compaixão, aceitou a proposta com alegria e gratidão. Jantaram os dois, e o Doutor Grégory, que desconfiava tratar-se de alguma enfermidade nervosa, empregou o encanto de sua conversação, uma das mais variadas e brilhantes, em cativar a atenção do seu hóspede e impedi-lo de pensar na aproximação da hora fatal. Conseguiu-o de um modo superior à sua expectativa.

Chegaram às seis horas sem que se desse por isso. Mas, apenas haviam decorrido alguns minutos, e o monomaníaco gritou com voz transtornada:

- Lá está a feiticeira!

E, virando-se para trás em sua cadeira, perdeu os sentidos.

Este fantasma de muletas parece-se um tanto com o que a gente experimenta nos pesadelos; uma opressão, uma sufocação produzem por vezes imagens análogas no cérebro. Todo ruído súbito ouvido por quem dorme e que não é por ele imediatamente despertado, toda sensação análoga do tato é assimilada ao sonho, e adaptada de maneira a ligar-se a ele e a entrar na corrente da idéia do sonho, qualquer que seja ela - e nada é mais notável do que essa rapidez com que a imaginação provê a explicação completa de tal interrupção, de acordo com a marcha das idéias expressa no sonho, mesmo nos casos em que lhe seja apenas concedido um momento para esta operação. Se, por exemplo, se sonha com um duelo, os sons que chegam são, em um abrir e fechar dos olhos, os da detonação das pistolas; trata-se no sonho de um orador pronunciando seu discurso, os sons se mudam em aplausos do auditório; se o que dorme percorre, por exemplo, ruínas, transformam-se os ruídos nos que produz a queda de uma porção de argamassa: em uma palavra, é adotado, durante o sono, um sistema explicativo com tal rapidez que, supondo ter sido o ruído imprevisto e brusco que despertou a pessoa que dormia, um chamado em alta voz, a explicação desse ruído é dada pela mesma pessoa, de um modo completo e perfeito à sua inteligência, antes que um segundo esforço da pessoa que procurava acordá-la, tenha-a chamado ao mundo e às suas realidades.

A sucessão das nossas idéias no sono, é tão rápida e tão intuitiva, que ela nos explica a visão de Maomé que teve tempo de subir ao sétimo céu antes que a jarra de água, caída no começo do êxtase, estivesse inteiramente esvaziada quando recuperou os sentidos.

Não tratemos, porém, aqui do sono e dos sonhos, que farão objeto de próximo capítulo especial. Ocupemo-nos, simplesmente, com as alucinações .

Existe um fenômeno, experimentado por grande número de pessoas e ao qual Alfredo Maury, com quem tenho diversas vezes conversado sobre o assunto, estava muito sujeito, que projeta grande claridade sobre o modo de produção dos sonhos: são as alucinações de que é precedido o sono ou acompanhado o despertar.

Tais imagens, tais sensações fantásticas se produzem no momento em que o sono nos empolga, ou quando ainda estamos imperfeitamente acordados. Constitui elas um gênero à parte de alucinações, às quais convém o epíteto de hipnagógicas, palavra derivada do grego *soco*, que transporta,, condutor, cuja reunião indica o momento em que a alucinação de ordinário se manifesta.

As pessoas que mais freqüentemente experimentam essas alucinações hipnagógicas, são de uma constituição fascinante excitável e geralmente predispostas à hipertrofia do coração, à pericardite e às afecções cerebrais. Foi o que Alfredo Maury pôde confirmar por sua própria experiência (49) .

Minhas alucinações, o escrevem, são mais numerosas, quando tenho - o que se passa comigo freqüentemente - uma disposição à congestão cerebral. Desde que eu esteja atacado de cefalalgia, desde que experimente dores nervosas nos olhos, nos ouvidos, no nariz, desde que sinta mal-estar no cérebro, assaltam-me as alucinações, apenas se me cerrem as pálpebras . Desse modo me explico porque também tenho estado sempre sujeito a essas alucinações quando viajo em diligência, após haver passado assim à noite, pois a falta de

sono, o sono imperfeito ocasionam-me freqüentemente dores de cabeça. Um de meus primos, Gustavo L., que experimentava as mesmas alucinações, teve ocasião de fazer no que lhe concernem, observações análogas.

Quando à noite, diz ele, me entrego a um trabalho intenso, as alucinações não faltam jamais. Tendo, há alguns anos, passado dois dias consecutivos a traduzir uma longa passagem grega assaz difícil, vi, apenas recolhido ao leito, imagens tão multiplicadas e que se sucediam com tanta rapidez, que, presa de verdadeiro pavor, ergui-me da cama para dissipá-las. No campo, ao contrário, quando tenho o espírito calmo, não constato senão raramente o fenômeno.

O café preto, o vinho de Champanha que, mesmo tomados em mui pequena quantidade, provocam em mim insônias e cefalalgia, dispõem-me fortemente às visões hipnagógicas. Nestes casos, porém, não sobrevêm elas senão depois de longo tempo, quando o sono, vãmente procurado durante várias horas, vai acabar por apossar-se de mim.

Em apoio das observações que tendem a considera a congestão cerebral como uma das causas características das alucinações, direi que todos os que as experimentam, como eu, e que tenho encontrado, asseguram-me estarem igualmente muito sujeitas às dores de cabeça, ao passo que várias pessoas, entre as quais citarei minha mãe, e às quais a cefalalgia é quase desconhecida, declararam-me não terem jamais visto essas imagens fantásticas .

Mostra-nos esta observação que o fenômeno deve ligar-se a uma superexcitação do sistema nervoso e a uma tendência congestiva do cérebro.

A alucinação hipnagógica é um índice de que, durante o sono que se prepara, a atividade sensorial e cerebral será

notavelmente enfraquecida. Com efeito, quando essas alucinações têm início, deixa o espírito de estar atento ; não prossegue mais na ardem lógica e voluntária de suas idéias, de suas reflexões; abandona a si mesma sua imaginação e torna-se a testemunha passiva das criações que esta faz nascer e desaparecer incessantemente. Esta condição de não-atenção, de não tensão intelectual é, no começo, necessária para a produção do fenômeno; explica, também como este é um pródromo do sono . Isso porque, para que possamos entregar-nos a ele, é preciso que a inteligência, de alguma sorte, se retire, distenda as suas molas e se mantenha em um semi-estado de torpor. Ora, o começo desse estado é precisamente a condição necessária para o aparecimento desta espécie de alucinações. A ausência da atenção pode ser o efeito quer da fadiga dos órgãos do pensamento, de sua falta de hábito de agir e de funcionar por muito tempo, , quer da fadiga dos sentidos que se embotam momentaneamente, não conduzem mais as sensações ao cérebro e desde esse instante não fornecem mais ao espírito elementos, motivos de atividade. E da primeira destas causas que resulta o sono, aa qual nos conduziu o devaneio que o precedeu. Cessando o espírito de estar atento, foi o sono gradualmente chegando. Tal a razão por que certas pessoas, pouco habituadas à meditação ou à atenção puramente mental, adormecem logo que procuram meditar ou apenas ler. Eis porque um discurso ou um livro fastidiosos provoca o sono: não estando a atenção suficientemente excitada pelo orador ou pelo interesse do livro, ela se retira e o sono não tarda a apoderar-se de nós.

Nesse estado de não-atenção, os sentidos não se acham ainda adormentados : o ouvido escuta, os membros sentem o

que está em contacto com eles, o olfato percebe os odores; entretanto sua aptidão para transmitir a sensação não é tão viva, tão nítida como em estado de vigília.

Quanto ao espírito, cessa ele de ter uma consciência clara do eu, torna-se de alguma sorte passivo, se fixa inteiramente nos objetos que o impressionam; percebe, vê, ouve, mas sem saber que percebe, vê, escuta. Há nisso um mecanismo mental de natureza muito particular e em tudo semelhante ao do devaneio.

Mas desde que torna o espírito a brilhar, desde que a atenção se restabelece, retomam a consciência os seus direitos. Pode-se, pois, dizer com razão, que, no estado intermediário entre a vigília e o sono, torna-se o espírito joguete das imagens evocadas pela imaginação, que estas o avassalam inteiramente, conduzem-no para onde vão, arrebatam-no como que para fora de si mesmo, sem lhe permitirem no momento refletir sobre o que faz, ainda que em seguida, voltando a si, possa perfeitamente recordar-se do que experimentou.

Certa vez, sob o império de uma fome devida à dieta que se impôs por motivo de saúde, viu o Sr. Maury, no estado intermediário entre a vigília e o sono, um prato de comida sustido por uma mão armada de garfo. Adormecido, alguns minutos depois, encontrou-se ele em uma mesa bem servida, e ouviu, em sonho, o ruído dos talheres dos convivas.

Não há mais do que imagens mais ou menos estranhas, sons, sensações de gosto, de odor, de tato que nos assaltam no momento em que somos vencidos pelo sono; por vezes surgem de repente no cérebro palavras, frases, quando adormecemos - e isso sem que sejam de modo algum provocadas. São verdadeiras alucinações do pensamento,

pois as palavras soam ao ouvido interno como se estranha voz as articulasse.

Do mesmo modo se produz, portanto, o fenômeno, quer se trate de um som, quer de uma idéia. O cérebro é impressionado fortemente por uma sensação, por uma idéia; esta impressão reproduz-se mais tarde espontaneamente, por uma como ressonância da ação cerebral, que dá origem quer a uma alucinação hipnagógica., quer a um sonho. Estas repercussões das idéias, esta reaparição de imagens anteriormente percebidas pelo espírito, são freqüentemente independentes das últimas preocupações deste . Elas resultam nesse caso de movimentos interiores do cérebro, correlatos aos do resto do organismo, onde se produzem por efeito de encadeamento com outras imagens que superexcitaram o espírito, do mesmo modo que isso se produz com relação às nossas idéias logo que nos abandonamos aos braços do sonho, que deixamos nossa imaginação divagar.

Certas aparições, vistas em sonho, podem igualmente não ser mais do que alucinações causadas pela revivescência de uma lembrança esvaecida, latente na memória .

Pode servir de exemplo a seguinte observação de Alfredo Maury (50)

Passei os meus primeiros anos em Meaux, e freqüentemente me dirigia a uma aldeia próxima, chamada Trilport, situada sobre o Marne, onde meu pai construía uma ponte . Certas noites, vêm-me em sonho transportado aos dias da minha infância e brincando nessa aldeia de Trilport; avisto, envergando uma espécie de uniforme, um homem ao qual me dirijo, perguntando-lhe o nome. Informa-me que se

chama C., que é o guarda do porto, desaparece depois para dar lugar a outras personagens.

Desperto em sobressalto, com o nome de C. na cabeça. Era isso uma pura imaginação, ou havia mesmo em Trilport um guarda do portão com o nome de C. ? Eu o ignorava, não tendo nenhuma lembrança de semelhante nome. Interrogo, algum tempo depois, uma velha empregada, outrora ao serviço de meu pai e que muitas vezes me levava a Trilport. Pergunto-lhe se ela se lembra de um indivíduo com o nome de C. e ela me responde logo que era um guarda do porto do Marne quando meu pai construía sua ponte. Com toda a certeza eu o teria visto como a empregada, mas a recordação dele desvanecera-se. O sonho, evocando-o, tinha-me como que revelado o que eu ignorava.

E' ainda esse um tipo perfeito de alucinação propriamente dita. Precisamos estar em guarda contra as imagens latentes, as recordações riscadas da memória e o inconsciente. Há mais de uma impressão deste gênero nas narrativas que me foram endereçadas (51) . Publicá-las aqui seria inútil.

Não será, entretanto, destituída de interesse a menção dos quatro casos seguintes:

Há cerca de um ano, achando-me nesse estado intermediário que se segue imediatamente ao despertar e no qual não te tem ainda recuperado completamente os sentidos, vi muito nitidamente, e isso na obscuridade quase completa (eram cinco horas da manhã), uma forma humana que se conservava imóvel à distância de um metro diante de mim.

Durou o fenômeno alguns segundos, depois a imagem se desvaneceu, para reaparecer após um momento, com os mesmos traços apresentados da primeira vez. Não reconheci

pessoa alguma nessa forma humana e essa talvez seja a razão pela qual não constatei coincidência com uma morte.

Há alguns meses, nas mesmas circunstâncias, apareceu-me uma nova figura, igualmente para mim desconhecida.

Devo acrescentar que, anteriormente a estas manifestações, tive ocasião de assegurar-me de que, sendo-se acordado subitamente em meio de um sonho, pode-se continuar a ver, em estado de vigília, durante um rápido instante, os objetos que se acabou de ver durante o sono.

Mas, nos dois casos que precedem, a visão começou a produzir-se posteriormente ao despertar e não foi, como neste último caso, a continuação de uma impressão experimentada durante o sonho.

Logo, há provavelmente aí uma distinção a estabelecer entre esses dois gêneros de fenômenos.

(Carta 388.)

CH. TOUSCHE

Vice-Secretário da Sociedade Científica Flammarion, de Marselha, membro da Sociedade Astronômica de França. e da Sociedade dos Altos Estudos Psíquicos de Marselha.

Está provavelmente aí uma alucinação hipnagógica.

Tinha eu doze anos. Uma manhã, cerca das sete horas (não me lembro da época do ano, mas já estava claro há essa hora), achava-me eu na cama e a sós em casa; um tio, que dormia no mesmo apartamento, levantara-se pelo menos uma hora antes, para trabalhar (era ele ferrador). Perto do leito achava-se uma mesa redonda que tocava a alcova; sobre a mesa, alguns objetos, notadamente as minhas roupas.

No momento em que, despertando, abri os olhos, vi, perto da mesa e fazendo-me frente, um homem que parecia estar dando o laço na gravata.

Tornei imediatamente a fechar os olhos, retendo a respiração; depois, alguns instantes após - talvez meio minuto - sendo a curiosidade mais forte que o medo, reabri os olhos e vi o mesmo homem que contornava a mesa gata passar entre ela e a alcova. De novo fechei os olhos e, quando os reabre, não vi mais nada.

Esse homem passava entre a mesa e a alcova e, entretanto, a mesa tocava a alcova. Não ouvi, de resto, ruído algum (nem de passos, nem outro qualquer, mesmo ligeiro.) Ele parecia não reparar em mim.

Não me recordo dos traços de seu rosto, que me eram desconhecidos. Esta aparição não coincidiu com a morte de pessoa alguma, conhecida minha.

(Carta 327 .)

G. LAMY

Rua Richelandière, 98, em Saint Etienne (Loire) . ,,

Sem dúvida, um caso análogo.

Há cerca de dois meses, estando há algum instante deitado e não ainda adormecido, experimentei de repente a sensação de um pesado corpo caindo sobre as minhas pernas.

Retirei a cabeça de sob as cobertas e distingui muito nitidamente uma criança enfaixada que me olhava sorrindo. Aterrado por esta aparição, suspendo vivamente meu braço e o arrojo brutalmente em sua direção. A criança salta abaixo do leito e desaparece. Eu estava perfeitamente acordado.

iluminando a Lua suficientemente o meu quarto para se poderem distinguir os objetos, percebi perfeitamente a visão.

Demais, achando-se o meu apartamento bem fechado, nenhum animal poderia ai penetrar para saltar sobre o meu leito. E em seguida me certifiquei, pela manhã, que estava tudo em ordem. Acrescento, como informação complementar, que meu espírito foi conduzido instintivamente para meu pequeno sobrinho, então com a idade de três meses, e que, graças a Deus, passa maravilhosamente bem.

(Carta 393.)

J. M. (Manasque) .

São esses ainda aspectos alucinatórios.

Não há mais de quinze dias, tive, à noite, estando em minha cama perfeitamente acordado e com os olhos bem abertos, a impressão de ver um ser humano. Durou essa impressão mais de um minuto; fez ela o efeito de um medalhão representando um busto de mulher tão grande quanto o natural, deslocando-se como o faria uma projeção luminosa, diminuindo de intensidade, mudando de forma.

Durante esse minuto, tive tempo de reviver as minhas recordações, pensando em ser útil às vossas pesquisas. Essa figura não despertou em mim lembrança alguma e pareceu-me totalmente desconhecida; não posso, por isso, saber se a aparição coincide com uma morte. Em todo caso esta não seria a de algum dos meus parentes.

Não acreditei em uma aparição, mas antes em uma aberração do sentido da vista.

Devo dizer que a obscuridade era completa no meu quarto e que distingui perfeitamente bem os traços da aparição.

(Carta 473 .)

Henriot
Veterinário em Chavanges (Aube).

Deu-se no caso em apreço, sem dúvida alguns, igualmente uma espécie de semi-sonho alucinatório.

Os precedentes exemplos podem ser explicados pela teoria das alucinações . Muitos deles não deixam a menor dúvida. Somos tentados a colocar no mesmo plano todos os fatos de que nos ocupamos aqui - e é isso em geral o que se acredita. Um grande número de objeções, porém, opõe-se a esse modo de ver, desde que não nos contentemos com uma vista d'olhos superficial e nos queiramos dar ao trabalho de analisar a fundo os fatos observados.

Alguns exemplos, parecem-nos, poderiam ser classificados na categoria precedente . Assim, o caso de M . V . de Kerkhove (pág. 72) que, estando no Texas, a fumar tranqüilamente em seu cachimbo, após o jantar, à hora do pôr do Sol, vê seu avô, que ficara na Bélgica, aparecer-lhe no vão de uma porta. O autor cochilava docemente após um bom jantar, e achava-se nas condições de uma alucinação hipnagógica. Poder-se-ia admitir aí esse gênero de alucinações, se o seu avo não houvesse morrido justamente àquela hora. Porque uma alucinação nesse momento exato? Replicar-se-á que precisamente esta coincidência é que lhe dá notoriedade. Mas não. O autor jamais teve outra, e o mesmo acontecem, em geral, em todas as narrativas. E muito

raro que uma mesma pessoa tenha visto diversas aparições: geralmente não tem visto mais que uma, coincidindo com uma morte. O caso não é de forma alguma idêntico ao dos pressentimentos mais ou menos vagos, dos quais um, realizando-se por acaso, é mais notado que os outros.

E o Senhor de Kerkhove não estava mais preocupado com a saúde de seu avô, do que a Senhora Block quando viu, em Roma, seu sobrinho de 14 anos, que morria em Paris e que ela deixara bem disposto (pág. 73), nem do que a Senhora Berget, ouvindo, em Schlestadt, sua amiga, a religiosa, cantar no momento em que morria em um ,convento de Strasburgo (pág. 82), ou do que a senhorita que, durante um jantar bastante divertido, vê aparecer sua mãe (pág. 116), ou do que o Senhor Garling, encontrando, em pleno dia, numa estrada, o duplo de seu amigo Hárrisson que morria de cólera (pág. 211) .

Os nossos 181 casos estão perfeitamente fora dessas explicações fisiológicas. Neles não há nenhuma das condições e associações de idéias comuns aos sonhos hipnagógicos .

Outra objeção: as datas precisas de morte conhecidas pelas aparições e por vezes em contradição com os documentos, como, por exemplo, no caso da Senhora Wheatcroft vendo seu marido, o capitão, morto a 14 de Novembro, ao passo que mais tarde os papéis do Ministério da Guerra traziam, por erro, a data de 15, que foi ulteriormente retificada (pág. 199) . A explicação pela alucinação é de insuficiência notória. Ainda que, a respeito dos numerosos casos assinalados, possam existir algumas coincidências fortuitas, o conjunto não se explica por essa hipótese. Sem contradita, há alucinações reais e também

coincidências meramente fortuitas; mas nem umas nem outras impedem que haja também manifestações telepáticas de moribundos.

Os três casos estão representados na série dos meus documentos .

Dentro em pouco, haveremos de constatar, além disso, que a ação psíquica de um espírito sobre outro, à distância, é um fato irrecusável.

Brierre de Boismont cita a história seguinte, que Ferriar, Hibbert e Abercrombie encaravam sob pontos de vista diferentes:

Um oficial do Exército inglês, ligado à minha família, diz Ferriar, foi enviado, em serviço de guarnição, no meado do século passado, para lugar próximo da residência de um gentil-homem escocês, que dizia ser dotado da vista dupla. Um dia em que o oficial, que fizera conhecimento com ele, lia, para as senhoras presentes, uma comédia, o dono da casa, que passeava no apartamento, deteve-se de súbito e tomou o olhar de um inspirado. Tocou a campainha e ordenou a um criado que selasse um cavalo para ir imediatamente a um castelo vizinho a fim de informar-se da saúde da senhora desse castelo, e, se a resposta fosse favorável, dirigir-se a um outro castelo para saber notícias de uma outra senhora, cujo nome citou.

O oficial fechou o livro e pediu ao seu hospedeiro que fizesse o favor de lhe dar uma explicação dessas ordens instantâneas. Este exitou, mas acabou por confessar que lhe pareceu ter-se aberto a porta e vira-o entrar uma mulherzinha parecida com a\$ duas senhoras designadas; esta aparição, o acrescentou, era indício da morte súbita de qualquer pessoa de seu conhecimento.

Algumas horas depois, voltou o criado com a notícia de que uma das senhoras morrera de apoplexia no momento em que se verificou a aparição.

Em uma outra circunstância aconteceu que, tendo sido o mesmo senhor obrigado a guardar o leito, lia-lhe o oficial um livro qualquer, por uma noite de tempestade. Achava-se então no mar o barco de pesca. O velho gentleman, depois de haver demonstrado repetidamente muita inquietação a respeito dos tripulantes, gritou de repente:

- O barco está, perdido!

- Como o sabeis? - perguntou-lhe o coronel.

- Vejo - respondeu o enfermo - dois tripulantes que transportam um terceiro afogado; escore-lhes a água pelo corpo e o colocam perto de vossa cadeira.

No correr da noite voltaram os pescadores com o corpo de um dos marujos.

Ferriar, acrescenta B. de Boismont, atribui com razão esta visão às alucinações. Segunda Abercrombie, seria ela a reminiscência de um sonho esquecido. Pensamos que deve sobretudo ser relacionada às alucinações que se manifestam durante o êxtases. Seria mais simples confessar que a coisa é inexplicável.

Não estamos autorizados a levar à conta das alucinações todas os fatos inexplicadas, este, entre mil outros:

Conta Cardan que durante sua estada em Pávia, observando por acaso suas mãos, ficou muito alarmado de perceber sobre o seu índice direito um ponto vermelho. A tarde recebeu ele uma carta de seu genro, em que lhe noticiava o aprisionamento de seu filho, e o desejo ardente que ele tinha de vê-lo em Milão, onde fora condenado à morte. Durante cinquenta, e três dias continuou a marca, a

estender-se, até que atingiu a extremidade do dedo: era então vermelha como sangue. Tendo seu filho sido executado, a mancha logo diminuiu; no dia seguinte ao de sua morte ela havia desaparecido quase totalmente e dois dias depois não restava mais traço algum de tal mancha (52) .

Esse fato singular é igualmente classificado por Brierre de Boismont em o número das alucinações (observação 44) . Por que razão? Uma ilusão da vista que duram 53 dias! E a coincidência? Ainda se pode, neste caso, negligenciá-la? O filho, condenado à morte, não agiu. fisicamente sobre seu pai, por uma influência que não cessou a não ser por ocasião da morte?

Em sua excelente obra sobre o cérebro (53), Gratiolet inclui

- também sem razão, segundo o nosso ver - as três observações seguintes na classe das alucinações:

O eminente químico, Senhor Chevreul, meditava um dia, sentado e curvado perto do fogão. Era em 1814, alguns dias antes da ocupação de Paris pelos aliados. Reinava uma inquietação universal. Em certo momento, ele se ergue, volta-se e vê, entre as delas janelas da sacada do seu gabinete, uma forma pálida e branca, semelhante a um cone fortemente alongado que estivesse posto sobre uma esfera. Esta forma, assaz mal definida, aliás, estava imóvel, e enquanto o Senhor Chevreul a observava, sentia-se ele em um estado muito particular de agonia. Não experimentava nenhum terror moral, e entretanto um grande tremor avassalava-o; em um dado instante voltou os olhos e cessou então de ver o fantasma; depois, volvendo-os para o mesmo lugar, aí o encontrou na mesma atitude. Esta prova foi repetida com o mesmo resultado. Fatigado por esta visão

persistente, o sábio decidiu-se se retirar para o seu quarto de dormir. Durante este movimento que o obrigava a passar por diante do fantasma, este se desvaneceu.

Cerca de três meses após, o Senhor Chevreul soube, muito tardiamente, da morte de um velho amigo que lhe legava, como recordação, sua biblioteca; essa triste notícia fora singularmente retardada pela dificuldade de comunicações nessa desgraçada época e, confrontando as datas, constatou ele, entre a visão e a hora da morte de seu amigo, uma espécie de coincidência.

- Se eu fosse supersticioso - dizia-me o Senhor Chevreul - teria podido crer em uma aparição real (54) . Essa é precisamente a questão.

Houve aparição ou alucinação ?

Chevreul assinalou igualmente a Gratiolet o caso seguinte:

Um dos anatomistas, que ilustraram o fim do décimo oitavo século, X., estava cortando o cabelo. De súbito, volta-se e diz ao seu cabeleireiro:

- Porque me apertais o braço?

Este se desculpa e nega. Um momento depois, repete-se a mesma observação e a mesma resposta. O cabeleireiro acaba afinal seu trabalho, renova ,suas negativas do modo mais formal e retira-se.

No dia seguinte, X. soube da morte de um de seus amigos . No momento exato em que ele sentiu que lhe apertavam o braço, esse infeliz se afogava. X. ficou abalado para o resto de sua vida por essa coincidência e tornou-se vítima, desde essa época, de terrores infantis, tanto que à noite se fazia acompanhar em seu quarto, onde ficava alguém perto dele até que adormecesse (55).

No presente caso não fica, do mesmo modo, demonstrada a alucinação.

O terceiro fato de que fala Gratiolet, foi-lhe igualmente contado por Chevreul:

Era ela ainda criança, e jogava bolas em um quarto onde, algum mês antes, morrera uma de suas tias. Uma das bolas escapa-lhe e rola pela alcova; a criança precipita-se, mas, no momento em que se abaixa para apanhá-la, sente grassar por sua cabeça um ligeiro sopro e um beijo é dado em sua face; ouve ele ao mesmo tempo murmurarem ao seu ouvido esta palavra: Adeus!

Gratiolet acrescenta: E bem evidente que, neste caso, a alucinação desenvolveu-se sob a influência do princípio de associação de idéias.

Mas, não; de modo algum é evidente.

Eis um exemplo ainda muito notável, extraído das Alucinações, de B. de Boismont (Obs. 87)

A Srta. R., dotada de ótimo entendimento, religiosa sem carolice, morava, antes de ser casada, em casa de seu tio, médico célebre, membro do Instituto . Estava, então, separada .de sua mãe, acometida, na província, de uma enfermidade bastante grave.

Certa, noite essa jovem sonhou que a distinguiu, em sua frente, pálida, desfigurada, preste a soltar o último suspiro, e demonstrando sobretudo uma viva mágoa de não estar rodeada de seus filhos, um dos quais, cura de uma das paróquias de Paris, emigrara para a Espanha, estando outro em Paris . No mesmo instante ouviu chamarem-na diversas vezes por seu nome de batismo ; viu, em seu sonho, as pessoas que rodeavam sua mãe, parecendo-lhe que ela chamava sua neta, do mesmo nome que o seu e a quem

foram procurar no quarto vizinho; um sinal da doente fez ver que não se tratava da neta, mas de sua filha que morava em Paris e que ela desejava ver. O vulto exprimia a dor que experimentava por causa de sua ausência; de repente, seus traços se descompuseram, cobriram-se da palidez da morte; ela tombou sem vida no seu leito .

No dia seguinte a Sita . R . , aproveitando-se da ausência de seu tio, para pôr em ordem os papéis deste, nos quais, como muitos outros sábios, ele não gostava que se tocasse, encontrou uma carta que tinha sido atirada a um canto. Qual não foi a sua surpresa ao ler, nessa carta, todas as particularidades do seu sonho, que seu tio conservara em silêncio, por não querer produzir emoção muito forte sobre um espírito já tão vivamente impressionado .

Estas informações, acrescentam o autor, foram-nos dadas pela própria pessoa de quem se trata, na qual depositamos a maior confiança (56) .

Para honra de seu julgamento científico independente e esclarecido, Brière de Boismont, ele próprio faz neste ponto as seguintes reflexões:

E conveniente, sem dúvida, mantermos aqui uma prudente reserva, e a explicação do sonho do ministro, de que fala Abercrombie, poderia, a rigor, ser invocada neste caso; diremos, porém, francamente que essas explicações estão longe de satisfazer-nos e que este assunto, de que nós nos temos muito ocupado, diz respeito aos mais profundos mistérios de nosso ser; se quiséssemos citar todos os nomes de personagens conhecidas, que ocupam alta posição na Ciência e dispõem de excelente discernimento, de conhecimentos muito extensos, as quais tiveram advertências

como essas e análogos pressentimentos, haveria aí matéria para mais de uma reflexão .

Assim os fisiologistas já estavam prestes, há meio século, a incluir o desconhecido na teoria das alucinações. O leitor agora está inteirado do quadro e dos limites dessa teoria fisiológica e patológica . A alucinação não explica os fatos. E nosso dever agora procurar essa explicação.

FIM

NOTAS DE RODAPE

(1) Pode-se ler mais adiante, pág. 490, o Relatório Oficial escrito a respeito desta memorável operação cirúrgica. Foi ela realizada em 12 de Abril de 1829.

(2) Assisti, com a idade de seis anos, à construção da linha do caminho de ferro Paris-Lião-Mediterrâneo, na secção de Tonnérre a Dijon e, com a idade de 12 anos, à de Paria a Mulhouse, na secção de Chaumont e Chalindrey, e me lembro, como se fosse ontem, das conversações que se entabulavam em torno de mim. Ninguém tinha uma intuição dos desenvolvimentos que as redes deviam tomar em menos de meio século e, longe de pensarem em ter as ao seu

alcance, todos estavam dispostos a afastar o mais possível, pelo menos em Langres, onde comecei meus estudos e na minha aldeia de Montigny-le Roi. Notadamente nestes dois pontos, as gares aí acham tão isoladas e tão afastada quanto possível dos centros comerciais de cada região.

(3) Raios luminosos, caloríficos e químicos, espectro do Infra-vermelho ao ultra-violeta.

(4) A descarga de uma garrafa de Leyde através de uma bobina de fios muito finos e longos, dá origem a vibrações eletro-magnético, cujos períodos determinados por Helmholtz (1869) e após ele por muitos outros observadores, podem ser compreendidos entre 1.000 e 10.000 por segundos para os aparelhos usuais. Em 1888, Hertz conseguiu reproduzir vibrações da mesma natureza, de 100.000 por segundo, bem como lhes estudar o modo de propagação. Propagando-se essas vibrações no vácuo (éter), o que as distingue das vibrações sonoras que só se propagam na matéria ordinária: ar, água, madeira, etc., é racional considerar como de natureza análoga às vibrações do calor radiante, de acordo com as idéias emitidas por Maxwell desde 1867. Vide sir W. Thomson, Conferências, pág. 189.

(5) Boletim da Sociedade Astronômica de França, ano de 1895, pág. 110. V. também o do ano de 1897, pág. 307.

(6) V. Lamiere, Paris 1868, tomo I, pág. 131.

(7) Permito-me sobre este ponto, remeter o leitor à minha obra Deus na Natureza.

(8) Eis como se pronunciou o sacristão, resposta essa que Flammarion traduz em francês traduzível (N. do Tradutor.)

(9) Tais exemplos mais ou menos bizarros de credulidade, encontram-se em todos os países, associados às crenças religiosas mais diversas. Quando regressei da minha

viagem de observação do eclipse total do Sol, na Espanha, visitando Toledo, em 1º de Junho de 1900, mostraram-me em uma rua muito pitoresca a capelinha da "Virgem dos Alfinetes", na qual vão as moças desejosas de se casarem, atirar alfinetes. Ai contei trinta e um desses alfinetes, e eram apenas quatro horas da tarde: retiram-nos todos os dias.

(10) V. Paul Parfait - O Arsenal da Devoção e o Dossier das Peregrinações. Este repositório das superstições poderia ser continuado. Santo Antonio de Pádua parece estar muito em devoção na atualidade. Lê-se no jornal La Croix de 7 de Setembro de 1899: 385 cartas foram depositadas esta semana no medalheiro de Santo Antonio, à rua Francisco I, n. 8. Anunciavam elas ou recomendavam- 72 curas, 104 graças espirituais, 227 graças temporais, 81 conversões, 59 empregos, 317 ações de graças, 12 vocações, 15 casamentos, 302 graças particulares, 53 escolas, 47 casas religiosas, 109 casas de comércio, 8 objetos perdidos, 14 exames, 96 famílias, 56 defuntos, 15 processos, 106 jovens, 8 paróquias. Um pobre operário, pai de oito filhos, prometeu 5 francos a Santo Antonio de Pádua e, vendo-se um pouco melhor, enviava a soma e rogava-lhe que não mais o deixasse recair nas mesmas dores - Loir-et Cher: Remeto-vos 1 fr. 50, soma pela qual nos comprometemos todos os meses pelas nossas culturas e pelo nosso comércio. Etc. - lê, no Petit Tempe de 26 de Janeiro de 1901, que o orçamento de Santo Antonio produziu 120.000 francos em Bordéus no ano de 189, 50.000 francos em Toulon, etc.

Desde alguns anos, São Expedito faz uma grande concorrência no que diz respeito soa exames para o bacharelato, outro tanto acontecendo com São José de Cupertino.

(11) A fantasia religiosa não tem verdadeiramente limites. Abre um jornal, meus olhos caem sobre o relatório de um processo feito a uma irmã do convento do Bom-Pastor d'Angers, Que se chama Irmã Circuncisão!

(12) Lourdes da anualmente a renda de um milhão

(13) A palavra telestesia seria, entretanto, preferível, mais justa porque sua raiz significa antes um estado mórbido, um estado de doença, que não é o de que aqui se trata, ao passo que a raiz de telepatia significa sensibilidade. Não são casos patológicos os de que se trata.

(14) O Senhor Parmentier é general de divisão de engenharia, presidente da Aliança Francesa para a propagação da língua Francesa no estrangeiro, vice-presidente da Sociedade Astronômica de França e da Sociedade de Geografia.

(15) Os recantos obscuros da Natureza ou Fantasma e Videntes, por Mistress Crome. - Paris, 1900.

(16) Assim classificadas: ns. 1 a 700 provenientes dos leitores dos Annales: 701 a 748, do Petit Marsellais, 749 a 786 da Revue des Revues. Chegaram novas cartas durante a impressão deste volume.

(17) A relacionar com o caso n. III.

(18) Relacionar com o caso n. XV.

(19) Em correlato com os casos de n° I, II, XIV

(20) O Sr Victorien Sardou a contou que observou fato idêntico

(21) Assinalemos a impressão pelo nervo ótico, muito vibrátil em um ferreiro que bate constantemente o ferro em brasa sobre a bigorna.

(22) Recordemos que, para nós, trata-se de impressões cerebrais - aparte exceções que discutiremos.

(23) Duas testemunhas, longe uma da outra, impressionar separadamente

(24) E' este um caso tão notável como o antecedente.

(25) Chamamentos ouvidos: casos XVI, XXII, XXV, XXVII XXXIII .

(26) Em correlação com o n. XLVI.

(27) V. a nota da pág. 122.

(28) Relacionar com os casos ns. XLIV e LXXI.

(29) A cada um deixamos suas opiniões e sua linguagem. Vimos externados sentimentos muito contrários, nos casa XXXVIII, XCV, etc.

(30) suprimi, por conseguinte, os nomes, as cidades e certos detalhes íntimos.

(31) Um exame superficial poderia querer ver aí uma alucinação hipnagógica. Mas uma ação telepática é infinitamente provável. Relacionar com o caso do n. CXXII.

(32) Recordemos, uma vez mais, que tudo isso é fictício, impressão produzida sobre o cérebro pelo moribundo. V. também os casos XLIX e CXX

(33) Esta observação feita sobre os animais não é única (vide os casos XXIX e CLXXVII); ela é digna de atenção.

(34) Nem tudo é subjetivo, nem Impressão cerebral nestes fatos.

(35) A este relato achava-se anexo um plano; é supérflua reproduzi-lo, pois que o relato é perfeitamente explícito.

(36) Anais de Ciência Psíquica, 1897, pág. 328.

(37) A mãe do Senhor Allon era a Senhora Carrik esposa do Sr. Thomas Carrile, o pintor miniaturista, bastante conhecido.

(38) A assinatura do marido do Senhor Taunton estava junta à de sua esposa.

(39) A Senhora Wright é esposa de um inspetor da Great Northrn Raliway. Mora em Taylors Cottage, 4, London Road, Nottingham.

(40) Haveria estudos a fazer sobre os cães. Porque, por exemplo anunciam eles a morte por meio de seus uivos sinistros?

(41) Nossos exemplos de impressões coletivas são numerosos: I, II, XV, XXXV, XL, XLVII, XLVIII, LV, LVII, LXIX, LXXVI, LXXVIII, LXXXIII.

(42) Recebemos a carta seguinte:

Sydenham, 19 de Novembro de 1900.

Lendo vossa obra O Desconhecido, fiquei a pensar no relato assinado por Ch. Mstthews. Tenho por dever informar que minha mãe, então moça, achava-se em casa de seu tio, o general Mose, em Troston Hall, quando essa historia ocorreu, e que os fatos se passaram em absoluto conforme esta narrativa.

(43) Esta obra apareceu em excelente tradução francesa abreviada, publicada em 1891, pelo Sr. L. Marllíer, mestre de conferencia na Escola dos Altos Estudos, sob o titulo inexato e desnaturado de Alucinações Telepáticas, que não tem absolutamente significação alguma. Parece que o erudito e cuidadoso tradutor foi muito mal inspirado nesta mudança de título. Uma alucinação é essencialmente uma percepção falsa, uma ilusão

(44) Esta saída do número apontado, dá no primeiro turno 35 Luises por um luís, ou sejam 700 francos, e, na segunda saída do número sobre o qual foi àquela soma deixada, 24.500 francos. Deixando sempre o ganho, uma terceira saída do número, daria 857.500 francos. Mas as

regras da banca se optem a lesão e fixam o Máximo da jogada em 9 luises. Toleram, contudo o ganho até 120.000 francos.

(45) Narração de diversas experiências sobre A transmissão metal, etc. Proceeding of the Society for Psychical Junho de 1888.

(46) O inquérito conduzido pela Sociedade Psíquica de Londres.

(47) As Alucinações ou Histórias racionais das aparições, das visões, dos sonhos, do êxtase, do magnetismo e do sonambulismo Paris 1852

48) V. Walter Scott - A demonologia, carta I. Briéri de Boismont - Boismont – Das alucinações.

(49) O Sono e os Sonhos, pág. 57.

(50) O Sono e os Sonhos, pág. 92.

(51) Ver a este respeito Suggestion et du Somnambulisme. pág. 312.

(52) Cardam - De Vita própria.

(53) Tomo II da Anatomia comparada do sistema nervoso considerado em suas relações com a inteligência, por Leuret e Gratiolet (1839-1857). Minha atenção foi solicitada para esta obra pelo meu sábio amigo, o Sr. Edmond Perrier, diretor do Museu, membro do Instituto, e eu lhe somos, por isso, particularmente reconhecido.

(54) Anatomia Comparée du Systeme Nerveux tomo II, pág. 534.

(55) Anatomia Oomprée du Systeme Nerveux, págs. 379 e 524.

(56) Este fato merece, assim como os dois casos do oficial inglês, narrados por Ferriar e os dois primeiros de Chevreul, ser inscrito no número dos casos de telepatia. Dar-lhe-emos, portanto, os ns. CLXXXII, CLXXXIII,

CLXXXIV, CLXXXV e CLXXXVI de nossa série. O terceiro de Chevreul poderia ser reportado ao exame crítico das manifestações de mortos. Ainda não chegamos nessa parte de nossos estudos.